CLEUSA KAZUE SAKAMOTO

**A CRIATIVIDADE SOB A LUZ DA EXPERIÊNCIA:
A BUSCA DE UMA VISÃO INTEGRADORA DO FENÔMENO CRIATIVO**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte
dos requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Psicologia.*

**São Paulo
1999**

CLEUSA KAZUE SAKAMOTO

**A CRIATIVIDADE SOB A LUZ DA EXPERIÊNCIA:
A BUSCA DE UMA VISÃO INTEGRADORA DO FENÔMENO CRIATIVO**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte
dos requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Psicologia.*

Área de concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Edda Bomtempo

**São Paulo
1999**

**A CRIATIVIDADE SOB A LUZ DA EXPERIÊNCIA:
A BUSCA DE UMA VISÃO INTEGRADORA DO FENÔMENO CRIATIVO**

CLEUSA KAZUE SAKAMOTO

Banca Examinadora:

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: ____/____/____

**Ao futuro das crianças de hoje,
em especial à Susana.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço com carinho, a todos aqueles que compartilharam comigo alguma experiência de vida e me permitiram conhecer e reconhecer os importantes conteúdos humanos que envolvem a nossa vida. À meus pacientes, meus alunos, meus professores e meus amigos.

Agradeço à todos de minha família, pelo encorajamento e, com muito carinho, à meu pai que é o amigo mais antigo que tenho e à meus sobrinhos Pedro, Flávio, Victor, Gabriel e Lucas, que sempre se interessaram pelo que eu estava fazendo, perguntando-me se eu já terminara de escrever o “livro”, quando eu iria terminá-lo, como se chamaria, etc.

Agradeço à minha mãe, da qual tenho muita saudade, que me motivou a ingressar no doutorado, me conduzindo uma vez mais, à crescer com a experiência.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Edda Bomtempo, pessoa muito querida, que com sua atitude de amizade que lhe é própria, me auxiliou muitíssimo no encaminhamento e conclusão deste trabalho.

Agradeço à meu afilhado Luiz Fernando Panigassi e meu amigo Felipe Gouveia Rocha, que com tanta boa vontade e velocidade, me auxiliaram na apresentação estética deste trabalho.

Agradeço aos amigos Neli Teresa Alves Person e seu esposo Valmir, pelo auxílio nas traduções do Resumo e à amiga Aparecida Donizeti Osti, pelas boas conversas que durante o processo de redação deste trabalho, me ajudaram a fazer uma pausa revigoradora.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que concedeu incentivo financeiro durante um período de meu curso de pós-graduação.

Agradeço aos Professores Dr. José Fernando Bittencourt Lomônaco, Dra. Maria Luiza Sandoval Schmidt, Dra. Maria Regina Maluf e Dra. Yolanda Cintrão Forghieri, pelas colaborações ao longo do meu curso de pós-graduação.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca, do Setor de Pós-graduação e da Secretaria do Departamento de Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pelo pronto atendimento às exigências existentes dos assuntos burocráticos e de estudo e pesquisa.

Agradeço à Deus, pela beleza da vida e pelo frescor das manhãs em cada ciclo que se conclui.

“A vida é como uma corrente de experiências subjetivas. Seja lá o que for a vida, a única evidência de sua existência, o único dado direto que temos acesso é a sucessão de eventos na consciência. A qualidade dessas experiências determina até que ponto a vida valeu ou não à pena.”

Csiksentmihalyi, 1982

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
RESUME	12
APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	19
1.1. O Que é Criatividade	20
1.2. A Experiência Criativa	27
1.3. O Guia Teórico	29
A Criatividade segundo Winnicott	
1.3.1. O Potencial Criativo	33
1.3.2. A Experiência Criativa	36
1.3.3. O Clima da Criatividade	40
1.4. As Pesquisas Com a Experiência Criativa	45
2. METODOLOGIA	52
2.1. Participantes	56
2.2. Instrumento	55
2.3. Procedimento	57
3. RESULTADOS	60
4. DISCUSSÃO	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
ANEXOS	110

A.	Entrevistas realizadas _____	111
B.	Indicadores de análise _____	259
C.	Questionário da Pesquisa com escritores e artistas _____	289

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	292
----------------------------------	-----

RESUMO

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. *A Criatividade sob a luz da Experiência: A busca de uma visão integradora do fenômeno criativo*, São Paulo, 1999. 296p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Busca uma visão mais global do fenômeno criativo e para tanto, elege como objeto de estudo – a experiência criativa, já que os estudos habituais da criatividade se destinam à apreensão de seus aspectos de manifestação, a saber: a pessoa, o processo, o produto ou as circunstâncias ambientais envolvidas no acontecimento criador. O estudo baseia-se em entrevistas com pessoas de diferentes áreas profissionais, que relatam suas experiências com a criatividade e, utiliza como guia teórico, a teoria do desenvolvimento emocional de D.W.Winnicott, principalmente em virtude desta proposta teórica representar uma abordagem original do fenômeno criativo. Os relatos das entrevistas apresentam muitos dos temas presentes na teoria de Winnicott, como por exemplo, o Potencial Criativo, a Função da Criatividade e o Fator Facilitador da Afetividade. Os resultados da pesquisa mostram três novos elementos de compreensão da criatividade: a presença de um sentimento de apropriação que indica um compromisso com o processo criativo, a existência de uma ordem interna que rege as ações relacionadas à experiência e a existência de um *espaço* e um *tempo* próprios à atividade criadora. A partir da reflexão mais profunda dos resultados, o estudo ressalta a importância da relação entre a criatividade e o desenvolvimento das qualidades afetivas dos seres humanos, uma vez que ambos se encontram nas bases da evolução humana.

ABSTRACT

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. *Creativity under the light of Experience: The search of an integrating vision of the creative phenomenon*, São Paulo, 1999. 296p..Thesis (PhD). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Search for a global vision of the creative phenomenon and for that selects as object of study – the creative experience, once that usually such studies of creativity are addressed to the apprehension of its aspects of manifestation, as follows: the person, the process, the product or the ambient circumstances involved in the creating event. The study is based on interviews with people from different professional areas, reporting their experience with the creativity and, utilises as theoretical guide, the theory of the emotional development by D. W. Winnicott, mainly due to the fact that this theoretical proposal represents a original approach of the creative phenomenon. The reports from the interviews show many of existing themes at Winnicott's theory, such as, the Creative Potential, the Function of Creativity and the Facilitator Factor of the Affectiveness. The survey's result shows three new elements of comprehension of the creativity: the presence of a feeling of appropriation that indicates a compromise with the creative process, the existence of a internal order that guide the actions related to the experience and the existence of a *space* and a *time* pertaining to the creating activity. From a deeper reflection of the results, the study distinguishes the importance of the relationship between the creativity and the development of the human beings affective qualities, once that both them are met in the basis of the human evolution.

RESUME

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. *La créativité à la lumière de l'expérience: á recherche d'une vision intégrant le phénomène créatif*. São Paulo, 1999, 296p. Thèse pour Doctorat. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Recherche d'une vision global du phénomène créatif ayant pour objet d'étude l'expérience créative, alors que les études habituelles sur la créativité sont réalisées sur l'appréhension de ses aspects de manifestation, soit: la personne, le procès, le produit ou les circonstances d'environnement liés au fait créatif. L'étude s'appuie sur des interviews de personnes de différentes professions qui racontent leurs expériences sur la créativité, en utilisant leurs guide théorique la théorie du développement émotionnel du D. W. Winnicott, surtout en raison du fait que cette théorie propose un abordage originel du phénomène créatif. Le compte rendu des interviews fait ressortir la majeure partie des thèmes traités dans la théorie de Winnicott, comme, par exemple, le Potentiel Créatif, la Fonction de la Créativité et le Facteur Facilitant l'Affectivité. Les résultats de la recherche mettent en évidence trois nouveaux éléments de la compréhension de la Créativité: la présence d'un sens d'appropriation indiquant un engagement avec le créatif, l'existence d'un ordre interne gouvernant les actions liées à l'expérience et à l'existence d'un *espace* et d'un *temps* propres à l'activité créative. A partir de la réflexion plus profonde des résultats, l'étude souligne l'importance de la relation entre la créativité et le développement des qualités affectives des êtres humains, une fois que celles-ci se trouvent à la base de l'évolution humaine.

APRESENTAÇÃO

Meu estudo sobre o tema da criatividade já dura quase quinze anos e teve início com o meu ingresso no curso de pós-graduação, no nível do mestrado em 1985. Desde esta data, tenho estado bastante envolvida com o assunto e acredito, tenho tido uma inigualável oportunidade de refletir sobre questões desafiadoras ao saber humano, presentes na compreensão do potencial criativo.

Considero que aprendi muitas lições neste período e que a mais importante dentre todas, advém do fato de ter procurado insistir na formulação de minhas indagações, perseguindo incansavelmente compreender meus pensamentos e minhas dúvidas, pois a partir desta atitude, além de obter uma boa quantidade de informações e articulações teóricas a respeito da criatividade, pude resgatar uma parcela da memória de minha vida e desfrutar o entendimento de algumas intuições sobre o tema em estudo.

A minha escolha pelo tema desde o mestrado, surgiu nos preparativos para o exame de seleção para o ingresso no curso de pós-graduação, com a idéia de estudar a possível relação existente entre criatividade e sofrimento emocional. Esta proposta de estudo, em parte estava vinculada à minha prática profissional, que até aquele momento estava quase que exclusivamente voltada para a área clínica. No entanto, durante a elaboração deste trabalho, pude verificar que o meu interesse na formulação daquele problema científico, era apenas o ponto de partida da busca de esclarecimentos para atender uma curiosidade de quando eu era criança.

Certo dia, ao rascunhar a introdução do projeto de pesquisa a ser apresentado no exame de qualificação, me percebi escrevendo a respeito da forte tendência existente na época em que eu cursei a graduação em psicologia, de supervalorizar o conhecimento da psicopatologia e negligenciar as dimensões de saúde do ser humano. Nesta ocasião, pude

então, reconhecer um dos prováveis fatores que me levaram à escolha do tema: a criatividade vinha de encontro à minha necessidade de complementar a visão do ser humano, incluindo também a sua dimensão de saúde e desenvolvimento. Ter podido recordar este fato característico de minha formação em psicologia, teve um efeito multiplicador sobre minha memória. A partir desta recordação, se sucederam duas outras, que puderam finalmente, satisfazer o entendimento sobre a minha curiosidade científica acerca da criatividade humana. Com a recuperação das lembranças, pude constatar quanto a minha curiosidade sobre o tema da criatividade é antiga e traz à memória, fatos de minha infância. A criatividade está associada essencialmente à idéia da possibilidade da ocorrência de transformações, ou melhor, da possibilidade que temos de operarmos mudanças e transformações no processo de nossas vidas.

As lembranças evocadas podem ser resumidas em duas imagens, que resistem ao tempo. Uma delas é a de uma experiência que vivenciei algumas vezes, na casa de minha avó materna, por volta dos meus seis anos de idade. Minha avó, costumava fabricar um sabão de consumo da casa e este feito acontecia no quintal, que era bastante amplo e repleto de árvores. À sombra de um enorme abacateiro que existia perto da porta de entrada da cozinha, havia um fogão de lenha rústico, no qual ela cozia a massa do sabão. Era fascinante participar deste acontecimento por dois motivos. Porque nós crianças, podíamos acompanhar o cozimento da massa do sabão, já que o fogão construído a partir do nível do chão, nos permitia termos esta visão e também, porque ao lado de seus afazeres, minha avó nos autorizava também uma brincadeira com o fogão – podíamos cozinhar folhas e flores numa “panelinha” ao lado da sua. Tudo nesta situação me agradava: a busca do que eu iria colher para colocar para cozer, todo aquele movimento de todas as crianças com o mesmo intuito, o admirar a massa do sabão que borbulhava e produzia fumaça, o admirar a transformação que se sucedia a cada flor ou folha que era depositada na água que fervia na “nossa panelinha”. Hoje sei que

os efeitos inacreditáveis das mudanças de coloração que presenciei, são resultados da combinação dos pigmentos coloridos, mas naquele momento este acontecimento era para mim, surpreendentemente mágico e exercia o poder de me deixar intrigada e muito curiosa. “Como era possível que a mesma flor vermelha, ao ser introduzida no “nosso cozimento”, ora tomava uma coloração lilás, ora marrom?” – eu perplexa, admirava e sem dúvida, acompanhava atentamente cada instante daquela maravilhosa experiência.

A segunda imagem que guardo na lembrança, está relacionada à idade de oito ou nove anos e ao ambiente escolar. Nesta lembrança, eu assistia uma aula de ciências, na qual a professora explicava uma matéria e utilizava um livro didático que apresentava uma figura de um laboratório químico, onde uma pessoa manipulava frascos para associar substâncias numa experiência. Recordo-me que na mistura dos elementos químicos, também havia ebulição e gases se despreendendo dos frascos, como na situação da fabricação do sabão de minha avó. Penso que, esta segunda lembrança, apenas veio ressaltar a intensa impressão que o fato das mudanças de coloração me causaram na brincadeira do cozimento, provocando uma inesquecível necessidade de compreender como se sucedem esses processos nos quais a interação de alguns elementos, resultam em outros imprevisíveis. Eu diria então, que buscar o entendimento da criatividade humana, traz à minha consciência, a saudosa lembrança de uma infância feliz, a lembrança de uma experiência escolar bastante interessante e a possibilidade de descobrir sempre, novos caminhos para saciar a minha eterna vontade de aprender. De outra maneira, poderia dizer, que a recordação destas experiências ligadas pelo fio do tempo, me permite entender que a escolha pelo tema da criatividade está relacionada à importância de valorizar a espontaneidade e à necessidade de integrar a dimensão potencial na compreensão do ser humano. Neste sentido, este trabalho representa para mim em primeira instância, uma oportunidade de aprofundar o

conhecimento da natureza humana sob o prisma de seu potencial de desenvolvimento, na busca de uma visão mais integral do ser humano.

A necessidade de alcançar uma visão integradora, contudo, não se limitou apenas à escolha do tema em estudo, mas também, na maneira com a qual senti necessidade de abordar o problema. Tendo em vista que a criatividade vem sendo estudada habitualmente, a partir de aspectos de sua manifestação, me deparei com a dificuldade de estabelecer uma noção de unidade do fenômeno criativo. Muitas vezes, a ausência de uma visão do conjunto de suas manifestações, nos impede de reunirmos teorias e informações acerca da criatividade, apresentadas de acordo com suas especificidades.

O presente estudo elegeu portanto, a experiência criativa, para procurar transpor esta dificuldade e lacuna e buscar apreender o fenômeno criador, numa perspectiva mais integradora. A experiência reúne, naturalmente, os seguintes aspectos da criatividade: a pessoa, o processo, o produto e as circunstâncias ambientais e culturais envolvidas no acontecimento criador. Por outro lado, a investigação da experiência criativa me pareceu também, acolher melhor a compreensão da criatividade do ponto de vista de sua natureza enquanto uma “atividade” humana. Contudo, a busca de tentar sanar uma lacuna existente no campo de estudo da criatividade, sem dúvida também apresentou suas próprias dificuldades. A escolha do referencial teórico, ou mesmo a utilização de uma metodologia adequada aos propósitos estabelecidos, são seus bons exemplos.

Utilizei neste trabalho, uma abordagem de investigação qualitativa, acreditando que ela pudesse enriquecer a investigação a partir da possibilidade de introduzir novos horizontes temáticos e adotei como guia teórico, a teoria do desenvolvimento emocional proposto por D.W.

Winnicott, já que ela inclui a compreensão do potencial criativo relacionado à dimensão do desenvolvimento humano.

É importante dizer, que este trabalho gerou muitas preocupações em relação à busca e manutenção de uma coerência interna, que pudesse levar à termo os objetivos propostos. Vivenciei períodos de grande tensão, que me levaram a rever inúmeras vezes os passos dados em direção aos objetivos estabelecidos. Por fim, acredito que com o cuidado que tive, me foi possível alcançar a elaboração de algumas considerações e experienciar um sentimento de satisfação diante da possibilidade de oferecer uma contribuição, embora pequena, ao campo de estudo da criatividade humana. Espero que num futuro bastante próximo, possamos realizar os avanços tão necessários na compreensão do fenômeno criativo, uma vez que a criatividade humana, também move o nosso mundo.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O que é Criatividade

Hoje, qualquer pessoa que venha a se interessar pelo estudo da criatividade, irá encontrar uma ampla e diversa quantidade de material teórico e de pesquisa, que vem sendo acumulado desde as décadas de cinquenta e sessenta. Pertencem a este período, as primeiras publicações de conhecidos autores, tais como Osborn (1953), Guilford (1960), Mackinnon (1961), Torrance (1962), Taylor (1964) e Kneller (1965). Em Wechsler (1993), encontramos uma apresentação das variadas abordagens atualmente existentes, que além das teorias psicológicas (psicanalíticas, humanistas, etc.), inclui teorias biológicas, sociológicas, entre outras.

No extenso material de estudo da criatividade, podemos observar que a quase totalidade dos autores consagrados, apresenta consenso sobre a existência de um potencial e de aspectos de manifestação relacionados ao fenômeno criativo. Além disso, mostram a tendência comum, de abordarem o fenômeno a partir de um de seus aspectos de expressão. Sendo assim, observamos em geral, quatro aspectos mais frequentemente estudados do fenômeno criativo. São eles:

1. do ponto de vista da pessoa que cria, em termos de sua personalidade, valores pessoais, hábitos, atitudes e comportamentos;
2. do ponto de vista dos processos mentais, em termos da participação da imaginação, da motivação, da percepção, do aprendizado, do pensamento, dos hemisférios cerebrais e da comunicação. Nestes estudos, encontramos inúmeras sugestões sobre a definição de fases do processo criativo;
3. do ponto de vista da influência ambiental e cultural, em termos dos estímulos que facilitam a emergência e desenvolvimento do potencial criativo;

4. do ponto de vista dos produtos criativos, em termos da novidade e relevância social de teorias, invenções e obras artísticas.

À título de ilustração, devo dizer que podemos encontrar referências ao processo criativo nos estudos de Kneller (1965), de Novaes (1975) ou em Alencar (1986), para citar alguns dos autores; encontramos referências acerca do produto criativo apresentadas por exemplo por Mackinnon (1964) e por Kneller (1965); referências sobre o ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade como as citadas por Wechsler (1993); e encontramos inúmeras listagens de características de personalidade sobre a pessoa criativa, por exemplo como as apresentadas por Taylor (1964), por Kneller (1965) e as citadas por Alencar (1986).

Entretanto, em paralelo a tão variada gama de produções científicas em torno do tema da criatividade, ainda constatamos grandes lacunas no seu conhecimento. Wechsler nos oferece uma noção bastante clara a este respeito, apresentando uma relação de necessidades apontada por estudiosos de todo mundo, apresentada na Conferência Internacional de Pesquisadores em Criatividade realizada na State College University at Buffalo – New York, em 1990 (1993, p.39 à 43). Nela encontramos:

- necessidade de “encorajar pesquisa básica sobre o processo criativo”, de investigar “níveis e tipos de processos criativos”, de investigar a “importância de fatores culturais” e de “aprimorar e desenvolver instrumental para estudo” do processo criativo;
- necessidade de realizar mais “pesquisas básicas sobre a produção criativa”, de investigar a avaliação de “diferentes tipos de produtos criativos (visíveis e não-visíveis)” e nos diferentes momentos “no processo de desenvolvimento do produto”, de desenvolver “critérios múltiplos”, “vários instrumentos” e “treinar pessoas para avaliar o produto criativo”;

- necessidade de identificar a pessoa e o comportamento criativo através de “uma visão multidisciplinar”, “mais naturalista e global” considerando o relacionamento do indivíduo criativo com o seu ambiente cultural, desenvolver “instrumentos que possam diferenciar qualitativamente, os níveis de criatividade”, identificar “capacidades criadoras” e “elementos que compõem os estilos criativos”, “criar um modelo para ajudar na predição do comportamento criativo”.

Esta relação de necessidades que ainda hoje continua atual, nos mostra o quanto existe por realizar na direção da pesquisa básica e nos ajuda a compreender algumas das peculiaridades do campo de estudo da criatividade. Observamos, por exemplo, um contraste entre uma enorme quantidade de trabalhos nos quais o fenômeno criativo é abordado do ponto de vista de suas manifestações, ao lado da ausência de estudos que procuram tomá-lo dentro de uma visão mais integral, que nos ofereça uma noção das partes num mesmo todo. Não encontramos também, discussões sobre a natureza do fenômeno criativo, aprofundamentos sobre a dimensão potencial a ele relacionado e tampouco, consenso sobre a própria *definição de criatividade*.

Temos é verdade, algumas citações introdutórias nestas direções, tais como uma referência de Wechsler (1993) sobre a representação simbólica de um brilhante, para ilustrar a existência das várias faces do fenômeno criativo e ainda, as constantes afirmações dos autores de que todo ser humano é dotado de um potencial criativo, que se manifesta em função de condições favoráveis de estimulação ambiental, como nos apresenta por exemplo Alencar (1992).

Podemos considerar no entanto, que estas colocações constituem apenas pontos de partida que necessitam avançar mais. Penso que necessitamos avançar, até mesmo no sentido de construirmos uma base teórica mais integradora, que nos permita um aproveitamento maior de

toda a gama de informações existentes sobre o assunto. E é neste sentido, que acredito que se apresenta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa básica mencionada.

Considero que o estabelecimento de parâmetros teóricos, ainda se mostra insuficiente e conseqüentemente, promove confusões elementares acerca do uso e do significado dos termos “*criatividade*”, “*fenômeno criativo*” e “*potencial criativo*”. É muito comum encontrarmos no mesmo texto, uma afirmação de que a criatividade é um potencial e em seguida, uma referência à ela como um processo de pensamento que apresenta fases com características distintas. Ainda que possamos entender, que na primeira afirmação a criatividade não esteja sendo considerada como manifestação, mas como potencialidade e na segunda afirmação, esteja sendo considerada como uma expressão deste potencial, em forma de pensamento, estas são colocações que solicitam um esforço de discriminação do leitor para o entendimento satisfatório das idéias desenvolvidas e é uma necessidade nem sempre percebida. Acredito neste sentido, que existem benefícios em distinguirmos a terminologia “potencial”, “fenômeno” e “criatividade”, uma vez que o termo “criatividade” é referido de maneira indiscriminada e também, porque ele próprio sugere na sua apresentação, sua natureza de *expressão* através da partícula “*atividade*” que o compõe. Se ao abordarmos a criatividade, nos referirmos a este termo, apenas nos casos em que ela se apresentar como *uma ‘manifestação’ do “potencial” ou da ‘capacidade’ criadora*, evitaremos inclusive, colocações estranhas como por exemplo – ‘*usar*’ a criatividade. Se a “criatividade” implica uma ação, nós não a usamos. Nós usamos o nosso “*potencial para*” ou a nossa ‘*capacidade de*’ criar, não a nossa ‘*atividade*’. Esta, nós podemos realizar. Penso que resgatar esta particularidade de ‘*realização*’ da “criatividade” é fundamental para que possamos ter em vista, o aspecto essencial do fenômeno humano criativo.

É interessante constatar, por outro lado, que a palavra *criatividade* é composta pela soma de um verbo e um substantivo e portanto, pode ser entendida como *uma ação que se materializa* ou *uma ação que gera ou se concretiza em seu processo*. Sendo assim, proponho um conceito um pouco mais abrangente do que as referências genéricas usuais, que poderia ser assim representado: ***Criatividade é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo.*** Neste enunciado podemos contar com a relação entre potencial, via e modo de manifestação e finalidade, num conjunto de elementos inter-relacionados e conceitualmente satisfatórios.

Contudo, esta concepção ainda mantém uma lacuna que diz respeito à dimensão de relacionamento humano ou o contexto existencial inerente à vida humana, na qual as ações criativas se manifestam. Por outro lado, penso que este contexto de relações pode estar sendo considerado implícito, dentro da visão de ser humano na abordagem da criatividade.

É importante lembrar ainda, que as ações humanas sem qualquer exceção, expressam a vida humana e que as ações criativas em especial, apresentam a propriedade singular de constituírem a existência humana, uma vez que cada ser humano através da atividade criativa expressa sua identidade única e apresenta seu modo de vida e relacionamento. Através da criatividade, podemos apreciar a construção das trajetórias individuais e coletivas da existência humana, através de toda a gama de realizações dos seres humanos e de seu processo histórico.

Inquestionavelmente, a ação humana criativa apresenta um papel diferenciado como manifestação expressiva da vida, pois nela vemos presentificado o potencial de individualidades que atualizam a consciência humana do existir e do viver na sua real diversidade. Se as ações humanas no contexto de relacionamento dos seres com o mundo,

guardam sentidos e significados muito próprios, as ações criativas manifestam e concretizam a possibilidade de construção e desenvolvimento pessoal de cada ser humano e a possibilidade de evolução social de um grupo. E sendo assim, o sentido que a criatividade pode adquirir no espaço de vida do ser humano, parece determinante para a descoberta de uma liberdade existencial que encaminha o desenvolvimento de valores humanos como a responsabilidade, a vontade, a fé e o amor, que levam à conquista de uma identidade verdadeira e à expressão de um modo genuíno de existir e de ser. É no exercício de seu potencial criador, que o ser humano experimenta o confronto das alternativas de escolha que possui e a expansão de sua consciência, desvendando a condição genuína de sua liberdade e a consequência inevitável de sua responsabilidade pessoal. Neste modo de existir, pode o ser humano, empreender aquilo que consiste um verdadeiro envolvimento afetivo consigo mesmo e com o outro, estabelecer seus valores como pessoa e edificar sua autonomia.

Com sua complexidade e importância para a vida humana, o estudo da atividade criadora não nos isenta de sentirmos uma incômoda angústia decorrente de nosso tão limitado conhecimento sobre o assunto, embora nos permita que sintamos uma espécie de fascínio com o desvelamento de nosso potencial de construção e evolução.

Sem dúvida, a busca de entendimento sobre a natureza do fenômeno criativo equivale à busca de conhecimento sobre a própria natureza do ser humano, pois a criatividade parece ser a manifestação mais representativa da constituição humana do homem. É através de suas possibilidades criadoras que os seres humanos realizam a construção de um destino próprio, alcançando uma consciência que se amplia a cada manifestação de sua potencialidade.

Criar *é o verbo por excelência do existir humano*, já que Criar é para o ser humano, o mesmo que existir e o mesmo que evoluir. É sempre construir e expressar para os seres humanos e, o mesmo que ampliar a consciência do ser, do sentir e do agir. É, penetrar o universo das infinitas possibilidades e a partir desta experiência, modelar parcelas de realidade, trazendo à luz da consciência, verdades humanas.

1.2. A Experiência Criativa

A escolha da experiência criativa como objeto de estudo, foi uma decorrência natural da dificuldade apresentada pelo estudo da criatividade fragmentada em seus aspectos de manifestação. Embora esta abordagem do fenômeno criativo represente contribuições importantes, elas ainda são insuficientes, na medida em que oferecem aprofundamentos muito particulares e não nos permite uma visão de unidade do fenômeno.

Considere, sendo assim, que investigar a ‘*experiência*’ criativa nos daria a possibilidade de transpor esta limitação, já que ela naturalmente reúne os quatro aspectos habitualmente estudados do fenômeno criador: a pessoa, o processo, o produto e as condições circunstanciais ou existenciais que ancoram o conjunto pessoa-processo-produto. Estudar a criatividade a partir da *experiência* criativa, também me pareceu acrescentar maior coerência a este trabalho, já que a experiência e a atividade humanas se entrelaçam na dimensão de relacionamento ou *interação* do ser humano com o mundo, uma vez que ‘*experimental*’ significa “viver, agir e sofrer as consequências de suas ações”, significa “por à prova, usar, sentir, conhecer”, isto é, descobrir a si próprio e ao mundo através da atividade.

Podemos considerar portanto, em última instância, que a atividade criativa é a experiência de conhecer e de construir, fruto da relação do indivíduo com o ambiente, em seu exercício de exploração e descobrimento. É uma experiência que pressupõe escolhas e responsabilidades por ações praticadas e que deriva via de regra, o despertar da consciência. Daí, o longo alcance que a criatividade apresenta na vida humana. A experiência criativa parece ser o universo, no qual gravita o sistema ordenado que permite que a vida criadora se manifeste.

Considero que o presente estudo pode representar uma contribuição interessante ao campo de investigação da criatividade, uma vez que vai de encontro à necessidade de apreendermos o fenômeno numa perspectiva mais integradora, que muito provavelmente irá nos mostrar novos caminhos de reflexão e pesquisa.

Se a atividade humana criadora é a principal geradora do desenvolvimento humano, é urgente que afastemos as possíveis confusões existentes no seu campo de estudo e nos orientemos na direção do preenchimento das lacunas essenciais à sua compreensão. Entendermos melhor a criatividade, talvez possa ser equivalente a respeitarmos melhor as necessidades humanas e a condição inigualável dos seres humanos de possuírem uma potencialidade de desenvolvimento irrestrito. Ter em mente esta realidade, pode modificar radicalmente o nosso posicionamento frente a dificuldades e limitações temporárias ou circunstanciais apresentadas pelo homem ao longo de sua vida, ou em sua época. E ainda, pode ampliar o horizonte da busca de mudanças em situações pessoais ou coletivas frente à privações, doenças, danos e outros acontecimentos que subjugam o desenvolvimento de nossa humanidade.

Penso que este estudo, no mínimo, poderá apresentar uma tentativa de trabalho necessário e estimular outras iniciativas futuras, que permitirão formarmos uma rede de conhecimento que virá sustentar uma consistente apreensão do fenômeno criador.

1.3. O Guia Teórico

Considerando que o estudo da experiência criativa, como anteriormente mencionei, ainda não possui uma base teórica e de pesquisa que constitua um marco histórico próprio, esta investigação também encontrou grandes desafios na busca de um referencial teórico.

Muito embora eu tenha encontrado perspectivas teóricas mais recentes sobre a criatividade, que mostram algumas ampliações das abordagens tradicionais, por exemplo como podemos apreciar em De La Torre (1997) que enfatiza o seu alcance social ou em relação a um enfoque multidisciplinar como podemos apreciar em Gardner (1993/1996), não encontrei suporte teórico que pudesse me servir de guia teórico para estudar a experiência criadora, exceto a teoria de desenvolvimento psicológico do psicanalista Donald Winnicott, que apresenta um paralelo entre o desenvolvimento emocional e o desenvolvimento do potencial criativo nos seres humanos.

De La Torre (1997) afirma que “a criatividade é um bem social” e em suas palavras argumenta: “Cada vez vejo com mais clareza que a criatividade, bem como a educação e a saúde, são bens e exigências sociais. São valores que terminam por ultrapassar as fronteiras do pessoal. Temos que colocar a criatividade em termos de desenvolvimento institucional ou das organizações, em termos da inovação, em termos de mudança social. A criatividade tem que comportar tanto a auto-realização pessoal como o desenvolvimento social. (...) A criatividade é fruto da interação sociocultural e só será plena quando promover melhoras sociais ou culturais.”(p.20). Contudo, o autor embora apresente uma visão pouco comum sobre o aspecto social da criatividade, mantém por outro lado, a abordagem usual do fenômeno criativo dentro dos habituais parâmetros relativos à pessoa, ao processo e às condições de sua ocorrência.

Por sua vez, Gardner (1993/1996) em seu livro “Mentes que Criam” propõe uma abordagem ampliada do Estudo de Caso e analisa as personalidades de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi, a partir da consideração de três vertentes que ele denominou como “temas organizadores”: a relação entre a Criança e o Adulto Criador, a relação entre o Criador e os Outros e a relação entre o Criador e Seu Trabalho. Afirma o autor, que “a análise da criatividade em todas as suas formas está além da competência de uma única disciplina” e “envolve a exploração de quatro níveis diferentes de análise”, ou seja, o “Subpessoal” que diz respeito às investigações “biologicamente orientadas” como “a genética e a neurobiologia dos indivíduos criativos”; o nível “Pessoal” que investiga os processos cognitivos e os “aspectos de personalidade, motivacionais, sociais e afetivos dos criadores”; o nível “Interpessoal” que investiga a área de “domínio” ou disciplina do indivíduo criativo realizada por “historiadores, filósofos, por aqueles que estudam a inteligência artificial, e, principalmente, por peritos do próprio domínio”; e finalmente, o nível “Multipessoal” que “examina a maneira pela qual os membros do campo” composto por “juizes, editores, agentes, profissionais da mídia”, etc., fazem julgamentos dos produtos criativos. É interessante mencionar que o autor em sua abordagem, substitui a pergunta “O que é a criatividade?” pela pergunta “Onde está a criatividade?”, sugerida por Csikszentmihalyi, que acredita que a criatividade pode ser “melhor compreendida como um processo dialético ou interativo, em que participam” três elementos: 1. “o talento individual ou a pessoa”, 2. “o domínio ou disciplina em que o indivíduo está trabalhando”, e 3. “o campo circundante que faz julgamentos acerca da qualidade dos indivíduos e produtos”(p.33).

Gardner (1993/1996) apresenta em suas conclusões, além das colocações dos casos estudados, um perfil hipotético do indivíduo criador que chamou de Criador Exemplar e dois “temas emergentes”,

que refere ter encontrado inesperadamente em seu trabalho de análise. Um destes temas menciona a existência de condições específicas que promovem a criatividade e no meu entendimento, válida a escolha feita pela teoria de Winnicott como o referencial interpretativo desta investigação. Ele refere que encontrou nas sete biografias, uma “matriz de apoio no momento da descoberta” que consistia na existência de um relacionamento especial com um “confidente” que cada um dos sujeitos mantinha. Este “confidente” tinha a função de oferecer um suporte afetivo “em que o criador é encorajado com um apoio incondicional”, e/ou um suporte cognitivo “em que o confidente busca entender a natureza da descoberta e apresentar um ‘feedback’ útil”(p.309).

O autor esclarece:

“Como eu os percebo, esses relacionamentos remontam a importantes associações no início da vida. Um modelo seriam as trocas que ocorrem entre a mãe e o bebê, conforme a mãe tenta ensinar à criança a linguagem e as regras da cultura em que ambas vivem. Graças aos constantes esforços de interpretação da mãe, o bebê passa de um estado de ignorância para um estado de conhecimento. Um outro modelo seriam as trocas que acontecem entre amigos íntimos – irmãos ou companheiros – conforme eles exploram juntos o mundo desconhecido e relatam um ao outro o que descobriram. (...) o momento de uma descoberta criativa é altamente carregado, tanto em termos afetivos quanto cognitivos. Nesse momento é necessário um apoio, mais do que qualquer outro momento da vida desde o período de bebê. O tipo de comunicação que ocorre é singular ... sendo mais semelhante à introdução de uma nova linguagem no início da vida”(p.310).

Devo dizer no entanto, que as contribuições de Winnicott não consistem a única possibilidade teórica que foi encontrada, mas é aquela

que apresenta muitos pontos de convergência, com uma apreensão da criatividade do ponto de vista da experiência. Esta teoria psicológica me pareceu também bastante adequada, na medida em que menciona o processo no qual se dá a vivência de conteúdos humanos e o envolvimento com aspectos ambientais que permitem a manifestação do potencial criador. De acordo com a visão do conjunto pessoa-processo-produto-ambiente, posso dizer que esta proposta teórica me pareceu ser indicada, segundo suas colocações.

Devo mencionar contudo, que o motivo central que me levou a destacar a psicologia de Winnicott na abordagem da criatividade, se deve principalmente ao fato que suas idéias introduzem uma mudança no ponto de vista habitual do fenômeno, que é entendido não apenas como um processo capaz de derivar produtos significativos para a vida humana, mas também como um elemento fundamental da própria constituição e desenvolvimento do ser humano. E devo acrescentar, que considero ter tido a felicidade de ter conhecido a obra de Winnicott, no momento em que me propus investigar a experiência criadora nos moldes em que a apresento.

Devido a extensão dos trabalhos de Winnicott, optei pela alternativa de apresentar uma síntese de seu pensamento, acerca de três aspectos de meu interesse: o potencial criativo, a experiência criativa e as condições afetivas para a ocorrência da criatividade, que ele denominou “clima”.

A Criatividade segundo Winnicott

1.3.1. O Potencial Criativo

Afirma Winnicott (1971/1975), que a criatividade é um potencial inato que se torna presente na “abordagem do indivíduo à realidade externa” e participa de importantes conquistas do desenvolvimento humano: a estruturação da identidade pessoal e o estabelecimento de uma relação “verdadeira” com o mundo pautada nos parâmetros de realidade. Para o autor, a criatividade está na base das relações do ser humano com o ambiente e ancora o processo de constituição do sentimento de “valor do viver” – o sentimento pessoal de que a vida é significativa e vale à pena ser vivida, que é despertado pelo “impulso espontâneo”.

Em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo (1945/1993), encontramos interessantes hipóteses sobre as origens da criatividade humana. Postula o autor, que a criatividade é uma consequência direta das experiências primordiais vividas pelo ser humano no início da vida, em termos do suprimento de suas necessidades básicas de cuidado e proteção. Denominando como “Ambiente Suficientemente Bom”, a adequação “qualitativa” e “quantitativa” das “provisões ambientais” oferecidas a um bebê, Winnicott atribui ao ambiente, uma função organizadora e promotora de desenvolvimento do potencial criativo nos seres humanos. Em sua teoria psicológica, o encaminhamento do potencial criativo ocorre em paralelo ao desenvolvimento emocional primitivo, no desenrolar dos processos fundamentais da integração básica da personalidade, da “personalização” ou desenvolvimento de uma noção de identidade pessoal e a constituição de uma visão realística do mundo. Isto significa que para Winnicott, a aquisição de uma noção de identidade pessoal que está vinculada à configuração de um mundo interno subjetivo, é o primeiro e fundamental produto humano criativo e

que toma parte do conjunto dos processos inerentes ao desenvolvimento emocional, no início da vida. Por outro lado, encontramos a sustentação de que não existem processos de desenvolvimento humano sem a participação do ambiente, sendo este, o agente responsável pelas condições próprias e indispensáveis para que um ser humano se sinta uma unidade coesa e possa dar seguimento a seu processo individual de desenvolvimento.

Segundo Winnicott, todo ser humano que no início da vida, conta com o suprimento de suas necessidades básicas oferecido por um Ambiente Suficientemente Bom, vivencia uma experiência primordial que se encontra na base da criatividade humana. Trata-se de uma experiência singular, na qual o adulto exerce a tarefa de trazer o mundo até o bebê e lhe oferece a possibilidade de encontrar no mundo externo, exatamente os objetos representantes de sua busca. Esta experiência primordial, que o autor denominou como “um momento de ilusão”, permite ao ser humano vivenciar “a ilusão de que aquilo que ele cria existe realmente” (1971/1975,p.30), ou ainda, “a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar”(1971/1975,p.27). De acordo com as palavras de Winnicott (1945/1993): “Para que esta ilusão se produza na mente do bebê é necessário que um ser humano se dê o trabalho de trazer o tempo todo o mundo até o bebê de forma compreensiva e de maneira limitada, adequada às necessidades do bebê” (p.281), “A mãe por ser madura e fisicamente capaz, ... é ela quem produz uma situação que pode resultar no primeiro laço feito pelo bebê com um objeto externo”(p.279). Refere o autor, que as conseqüências desta experiência são fundamentais para o desenvolvimento humano, pois a partir dela, o bebê estabelece o vínculo com os objetos externos e passa a incorporar as características reais do mundo externo. Com a incorporação dos aspectos de realidade do mundo externo, o bebê passa a utilizá-los em experiências posteriores e se

constitui o processo no qual o ser humano pode “construir objetividade ou uma atitude científica” (1971/1993,p.280).

A visão winnicottiana sobre a criatividade, está portanto associada ao desenvolvimento emocional e apoiada na relação indissociável entre o ser humano e o mundo ou entre o sujeito e o objeto. Por conseguinte, dispõe da possibilidade de responder a inquietante questão sobre o discernimento entre “o que é objetivamente percebido” e “o que é subjetivamente concebido”. Para Winnicott, o que existe é uma sobreposição entre aquilo que o mundo apresenta e aquilo que o ser humano concebe, tratando-se de um paradoxo, que não deve ser resolvido e apenas aceito (1971/1975).

Penso que este paradoxo é da maior importância. Para Winnicott, ele está presente em toda atividade humana criativa e possui raízes longínquas nas relações primordiais do ser humano com o ambiente. No meu entendimento, além disso, este paradoxo evidencia a presença fundamental do paradoxo no existir humano e a sua função no viver do ser humano no mundo.

1.3.2. A Experiência Criativa

Para Winnicott (1971/1975), a experiência criativa é “uma experiência na continuidade espaço-tempo, presente na abordagem do indivíduo à realidade externa” e manifesta “uma forma básica de viver” (p.75). Em sua teoria sobre o desenvolvimento emocional primitivo, o autor apresenta uma compreensão das bases de construção desta forma de viver.

A partir dos conceitos de Objetos Transicionais e de Espaço Potencial, Winnicott postula a existência de uma área intermediária de experimentação da vida do ser humano, na qual têm lugar o brincar da criança, as artes, a religião, o viver imaginativo e o trabalho científico criador, que expressam o viver criativo. Esta área de experiência segundo Winnicott, é uma área intermediária entre a realidade interna e a realidade externa e na qual participam tanto uma, quanto a outra.

Afirma Winnicott (1971/1975) que esta área intermediária de experiência é configurada pelo Espaço Potencial, que inicialmente é representado pelo relacionamento do bebê com sua mãe e é a área de experiência que “está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena”(p.29). Esta área, refere ainda, está relacionada às experiências que se localizam entre as experiências do “erotismo oral e a verdadeira relação de objeto”(p.14) ou entre a atividade criativa primária (relacionada à atividade alucinatória experimentada na ‘ilusão’) e “a percepção objetiva baseada no teste de realidade” (p.26).

Em suas palavras, menciona Winnicott que

“Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo. A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade

externa, usando-os à serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa. No brincar, a criança manipula fenômenos externos à serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimentos oníricos”(1971/1975,p.76).

A experiência do brincar, no sentido atribuído por Winnicott, é precedida portanto, pela ocorrência de fenômenos denominados “transicionais”, pois denotam a “transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado”. Os “fenômenos transicionais” expressam assim, uma certa conquista de autonomia pessoal em relação à dependência primordial dos cuidados infantis e a possibilidade de experimentar a posse e a manipulação de objetos caracterizados como “não-eu”. Nesta perspectiva, os Objetos Transicionais representam a “primeira posseção” ou “posseção original não-eu”, sendo identificados por inúmeros exemplos, tais como um brinquedo macio ou duro, “a ponta de um cobertor, uma palavra ou uma melodia ou um maneirismo”, que podem persistir por toda a infância. Afirma ainda Winnicott, que o Objeto Transicional nos permite compreender aquilo que “constitui a maior parte da experiência do bebê e, através da vida, é conservada” pelas experiências ligadas à produção artística, científica e cultural, à religiosidade e ao viver imaginativo (1971/1975,p.39); o Objeto Transicional guarda consigo a possibilidade concreta de ser o “não-eu” ao mesmo tempo em que verdadeiramente representa o “eu”. Neste sentido, para Winnicott existe uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e deste, para as experiências culturais.

Para Winnicott (1986/1989),

“A experiência cultural começa como um jogo e conduz ao domínio da herança humana, incluindo as artes, os mitos da história, a lenta marcha do pensamento filosófico e os mistérios da matemática, da administração de grupos e da religião. (...) em certas pessoas ansiosas e impacientes ela não tem praticamente representação, enquanto em outras ela é parte importante da existência humana, a parte que os animais não desenvolveram. Essa área não aparece apenas como atividade lúdica ou senso de humor; aparece também na forma de toda a cultura acumulada nos últimos cinco ou dez mil anos. O intelecto bem dotado pode operar nesta área. Ela é um subproduto da saúde”(p.28).

A experiência cultural, refere ainda Winnicott, “não é um sonho” mas “é dominada pelo sonho”, portanto não pode “ser situada na realidade psíquica interna” e “não se pode dizer que seja parte dos relacionamentos externos”, mas depende tanto da “vida no mundo, em que as relações interpessoais constituem a chave até mesmo para o uso do ambiente não-humano”, quanto da “vida da realidade psíquica pessoal”(p.28).

Para Winnicott (1986/1989), a experiência criativa é ainda entendida a partir do “fazer” “com propriedade” que se encontra ancorado no “sentimento de ser” e no “sentimento de existência”, que se originam no espaço de experiência do indivíduo no seu relacionamento com o mundo (p.31).

É indispensável considerar no entanto, que este sentimento de “ser”, que é desenvolvido antes do “fazer”, segundo Winnicott (1971/1975), pode ser continuamente ampliado através da “capacidade de usar um objeto”, isto é, da capacidade de interação que “implica que o objeto faça parte da realidade externa”. O “uso do objeto” que “é mais apurada que a

capacidade de relacionar-se a objetos”, uma vez que “o relacionamento pode dar-se com um objeto subjetivo”(p.131), supõe conceber os objetos respeitando-lhes as características reais a eles relativas e denota a possibilidade do sujeito experimentar autonomia e autenticidade, que são próprias de um viver criativo.

Em síntese, para Winnicott, a experiência criativa manifesta uma “forma básica de viver” que acompanha o processo de desenvolvimento emocional saudável. Está situada numa terceira área da experiência humana, intermediária entre a realidade psíquica interna e a realidade da vida compartilhada, na qual ambas participam, pois nela os objetos externos se encontram revestidos por conteúdos pessoais subjetivos ou há a busca e utilização de conteúdos da realidade externa, à serviço do sonho. Esta área de experimentação é denominada “Espaço Potencial” e comporta todas as atividades relacionadas ao viver criativo, no qual o ser humano exercita o seu sentimento de *existir* e *ser* através daquilo que se propõe *fazer*.

“A criatividade é portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo” (Winnicott, 1986/1989,p.32).

1.3.3. O Clima da Criatividade

Winnicott (1971/1975) em sua Teoria da Brincadeira, menciona um “clima” que envolve a experiência criativa, basicamente vinculado ao sentimento de confiança. Afirma que, o *brincar* e o processo que leva à maturidade do relacionamento humano, dependem de um “estado de confiança” desenvolvido pela criança, a partir das condições de relacionamento mantidas pela mãe para com ela. A pessoa da mãe e a relação por ela mantida, são experimentadas pela criança como “dignas de confiança” e originam um “espaço potencial” de experiências que “une mãe e bebê” e “onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, ... *experimenta* onipotência”, isto é, uma “ certa *experiência* de controle mágico” sobre os objetos externos. Esta “magia que se origina na intimidade” de um relacionamento confiável “motivado pelo amor da mãe”, progride para a possibilidade do bebê de “ficar sozinho na presença de alguém”, “com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida”. A partir desta experiência, a criança passa ao “estágio seguinte” no qual “ela introduz seu próprio brincar”, passando a “aceitar ou não a introdução de idéias que não lhes são próprias”. Daí em diante, “está preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento”(p.70 à 72).

Na concepção de Winnicott, a atividade humana criativa é genuinamente o *brincar* e decorre da experiência inicial da “ilusão” vivida pelo bebê em função de seu pensamento onipotente e depende de um percurso contínuo do relacionamento de confiança no outro, que origina a confiança que um ser humano vai adquirindo em si mesmo. Esta continuidade de processos intersubjetivos, que se encontram vinculados à sobreposição de áreas de experiências correspondentes à realidade psíquica interna e à realidade externa, possibilita paralelamente

o desenvolvimento das funções mentais que permitem a aquisição progressiva de autonomia da criança. Para Winnicott (1965/1980), a “mente é aliada da mãe e assume parte de sua função”(p.17), é ela que permite à criança tolerar a espera por exemplo da alimentação, relacionar causa e efeito e fazer “uso do tempo como medida”(p.18). Portanto, o desenvolvimento da autonomia pessoal, assim como o desenvolvimento do potencial criativo, parecem ter uma filiação legítima segundo Winnicott, tanto na afetividade quanto na inteligência.

É interessante considerar ainda, que o sentimento de confiança conforme nos apresenta Winnicott, está apoiado na segurança pessoal de utilizar a liberdade existencial e a fé nas possíveis propriedades de realização e construção, permitindo ao ser humano se lançar nas situações que o remetem de encontro ao desconhecido, mas dependem paradoxalmente, da permanência de elementos básicos conhecidos, oferecidos pelo ambiente no início da vida.

Winnicott (1971/1975) menciona também, o estado de “relaxamento” associado à experiência criativa, proveniente do “relacionamento de confiança” na experiência. Ele o postula como um elemento que depende da qualidade “não-intencional” da atividade praticada na experiência criativa. Afirma que, se a atividade criativa for “intencional”, isto é, se estiver à serviço de uma ansiedade ou se constituir como uma defesa psíquica, efetivamente excluirá a capacidade do indivíduo “de atingir o estado de repouso a partir do qual um alcance criativo pode acontecer” (p.82).

Para ilustrar esta situação, refere Winnicott:

“Se o artista através de qualquer forma de expressão está buscando o eu (self), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A

criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (self)”(p.81).

Devemos entender portanto, quando Winnicott menciona que a experiência criativa tem origem na “busca do eu”, que a experiência não deve estar à serviço desta busca, embora ela lhe permita realizá-la. Em outras palavras, isto quer dizer que a experiência criativa como um acontecimento genuíno do ser humano, sempre oferece o “encontro” com a sua realidade pessoal, embora esta “busca” não deva estar à priori, estabelecida como objetivo da experiência. O objetivo da experiência tem que ser o viver a experiência, de modo espontâneo, próprio e integral. Se assim acontecer, alcançará a possibilidade de superar o esperado, indo de encontro ao inesperado, ao novo e autêntico acontecimento, que revelará o Eu.

Neste sentido, Winnicott conclui o seu pensamento, apresentando “o fato de que somente no brincar é possível a comunicação” que cada um experimenta com o ser autêntico de sua individualidade pessoal. Nesta experiência, pode o ser humano sentir, com a execução de “um gesto criativo” que “a busca está terminada” (1971/1975. P.81).

Podemos entender portanto, que as circunstâncias específicas que conferem à experiência criadora uma atmosfera “afetiva”, estão vinculadas à existência de um estado interior de desprendimento em relação às preocupações egóicas ou a um estado de relaxamento fecundo, capaz de estabelecer a comunicação com a genuína fonte da organização do Eu.

Winnicott (1986/1989) refere que esta possibilidade está relacionada a um modo de ser do ser humano relacionado a “capacidade de se surpreender em suas experiências de vida”, com o “confiar em nossa inesperada originalidade”(p.140) e considerar a vida “excitante, no

sentido de que sempre há algo novo e inesperado no ar” (p.40). Porém, segundo ele, é importante considerar que esta *atitude pessoal* frente à vida, depende da possibilidade individual de tolerar o estado primordial de “não-integração” da personalidade, que antecede os processos básicos de integração situados no início da vida.

Segundo Winnicott (1986/1989), “é a partir do estado *não-integrado* que o impulso criativo aparece e reaparece” (p.23); então, caso a etapa inicial do desenvolvimento emocional não tenha sido satisfatória, o estado “não-integrado” não terá sido vivenciado com segurança promovendo o aparecimento do impulso criativo e haverá ao contrário, o temor da desintegração da personalidade. Refere o autor: “As defesas organizadas contra a desintegração roubam a pré-condição para o impulso criativo e impedem, portanto, uma vida criativa”(p.23), elas não permitem a confiança necessária para que o sujeito experimente o “repouso, o relaxamento e o sonho” (p.23).

Nesta linha de pensamento, a possibilidade do sujeito desfrutar de um estado de relaxamento no curso de sua experiência criativa, se deve ao sentimento de segurança básica “creditado” nas suas potencialidades humanas de construção, que também significa suportar inevitavelmente a existência do estado temporário de “não-integração” da personalidade de sua condição humana. Neste sentido, temos que considerar que a “realidade da experiência” não dispensa a aceitação da existência de aspectos não-integrados na personalidade ou a constatação da presença das dimensões ainda desconhecidas da realidade, além das habitualmente estabelecidas.

Sendo assim, devemos entender que na experiência criadora, é necessário que o indivíduo possa contar com um grau de segurança pessoal nas próprias capacidades, para poder se entregar a um estado temporário de regressão e vivenciar um momento de não-integração

psicológica, capaz de promover a criatividade. Esta condição facilitadora apresentada pelo sujeito na experiência, pode ser melhor compreendida através do conceito de Preocupação Materna Primária, apresentado por Winnicott (1945/1993). Segundo as idéias do autor, este conceito descreve a regressão temporária apresentada pela mãe, que decorre de um processo que tem início na gravidez e é responsável pela possibilidade da mãe identificar-se com seu filho, podendo “advinhar” suas necessidades e atendê-las. A mãe “suficientemente boa” desenvolve uma atitude de “devotamento” na qual se identifica com o filho, “temporária, mas completamente” (p.28), promovendo as condições necessárias nas quais a criatividade pode operar. Em analogia, de um modo geral para a experiência criativa, uma semelhante “(pre)ocupação primária” ou uma ocupação prévia e básica do sujeito em seu envolvimento na experiência, deve garantir que a manifestação da criatividade possa ocorrer.

Considero as idéias de Winnicott sobre as condições que permeiam a ocorrência da criatividade, de extrema importância, porque elas nos levam à compreensão da evolução das qualidades afetivas dos seres humanos, que estão envolvidas nas bases das dimensões potenciais e do desenvolvimento da vida humana. Impedido em seu desenvolvimento afetivo, o ser humano não pode experimentar seu potencial criador com o conjunto de fatores que o acompanham: o relaxamento, a liberdade, a espontaneidade e a novidade.

Em síntese, segundo as idéias de Winnicott, a ocorrência do fenômeno criativo depende inicialmente de condições ambientais específicas e afetivamente facilitadoras e ao longo da vida, depende da vivência de estados subjetivos nos quais existem um trânsito livre entre a realidade interna e o mundo externo e existe toda uma atmosfera afetiva peculiar que dá ambiência ou continência à manifestação do potencial criador.

1.4. As Pesquisas com a Experiência Criativa

Quando defini a *experiência criativa* como objeto de estudo, procurei realizar uma pesquisa bibliográfica para verificar os estudos existentes sobre a criatividade e especialmente sobre a experiência criativa, com o intuito de atualizar meus conhecimentos e delimitar o campo de ação do trabalho de pesquisa.

Encontrei nos últimos cinco anos, mais de dois mil trabalhos catalogados, que fazem referência ao tema da criatividade. Embora alguns destes trabalhos muitas vezes apenas cite o termo “criatividade”, sem apresentar uma discussão a seu respeito, podemos considerar um número substancial de produções.

Os estudos com a “experiência” criativa por sua vez, apresentam um grande contraste com o anteriormente encontrado: apenas oito trabalhos, o que representa no todo, menos de um por cento. Deste montante, dois trabalhos estão relacionados à nomenclatura pesquisada – “criatividade e experiência” e, seis deles estão relacionados à nomenclatura – “experiência criativa”. Os dois primeiros trabalhos citados, são de Fauteux e ambos do ano de 1995. São estudos teóricos e fazem referência à experiência religiosa, estabelecendo um paralelo entre a “inspiração” ou “iluminação” da experiência criativa e a experiência religiosa de comunhão com Deus. Os outros seis trabalhos são dois teóricos e quatro práticos. Os dois teóricos: um deles, de Fauteux (1995), discute a “natureza regressiva das três fases da experiência religiosa” em comparação com a criatividade e o segundo, de Treder-Wolff (1990), trata da terapia de música, onde se acredita que o processo criativo possa ajudar a mudança de hábitos. Os quatro trabalhos práticos são: dois com crianças, sendo um deles sobre o tratamento de crianças que testemunharam suas mães, vítimas de agressão doméstica, de autoria de Crockford, Kent e Stewart (1993) e, o outro sobre a utilização de crayon

e a atividade de colorir, como experiências criativas positivas com crianças do Jardim da Infância, de autoria de Gruber e McNinch (1994); o terceiro trabalho, de Goodwin (1992), é sobre um tratamento de “movimento autêntico” denominado AMT, que dirige a atenção para o corpo e o processo cinestésico ao invés de o voltar para a mente e a cognição, preconizando sua eficácia no incremento da expressão criativa; o último trabalho, de Shaw (1989), é uma investigação sobre a experiência de criação de um modelo matemático de um fenômeno natural, realizado com onze engenheiros do sexo masculino, onde foi utilizado um procedimento heurístico e apresentados no estudo as fases, bloqueios e a “retroalimentação criativa” do processo. Podemos observar que todos estes trabalhos, além de se mostrarem bastante específicos, limitando o campo da experiência criativa, também se dirigem à *experiência* no seu tradicional enfoque, no qual ela é entendida como “processo” e apreendida do ponto de vista cognitivo, como um acontecimento que possui certas características e/ou fases.

Em virtude de tão escasso número de trabalhos sobre a experiência criativa, ocorreu-me enriquecer a pesquisa bibliográfica, com a procura de estudos relacionados à teoria psicológica de Winnicott, uma vez que ela participa da investigação como o guia teórico escolhido. Com este procedimento encontrei nove trabalhos, sendo que neste grupo, apenas um deles é um trabalho de pesquisa, sendo os oito restantes, todos trabalhos teóricos. Um dos trabalhos, de Minsky (1994), diz respeito à constituição da identidade feminina e trata do “poder criador do útero”. Dois outros trabalhos, um brasileiro e outro estrangeiro, apresentam uma relação entre o fracasso profissional e a criatividade, sendo o primeiro, de Meyer (1994), sobre o fracasso da formação do psicanalista e o segundo, de Kuhns (1992), sobre o fracasso de escritores americanos do século dezenove. Existe um quarto trabalho, de Rosseel e Van-Engeland (1991), que aborda a relação da “patologia ego-destrutiva” e a criatividade e que comenta o trabalho dos poetas Fernando Pessoa e

R.M. Rilke. Existe um quinto trabalho, de autoria de Weisberg (1994), que apresenta uma revisão sobre a vida e a obra de Winnicott e que, portanto, inclui o tema da criatividade. Finalmente, temos dois trabalhos que versam sobre o conceito de “espaço potencial” e dois trabalhos que abordam a experiência criativa. Os trabalhos que tratam sobre o “espaço potencial”, são: um deles, estrangeiro, de autoria de Miller (1992), no qual a teoria de Winnicott é utilizada para examinar como um trabalho de ficção promove uma “área transitiva entre escritores e leitores”; o outro, é um trabalho brasileiro, teórico, no qual o autor Rogério Luz (1989), refere a “reestruturação do campo de problemas” da psicanálise, a partir dos conceitos de “objetos transicionais” e “espaço potencial” elaborados por Winnicott. Por último, os trabalhos que abordam a experiência, são: um deles, teórico, também de Rogério Luz (1990), que “ênfatiza a importância de estados de não-excitação” para a experiência artística e o segundo trabalho, é um trabalho prático que trata da experiência de escritores e artistas, de autoria de Marsh e Vollmer (1991).

O trabalho teórico sobre a experiência criativa (Luz, 1990), trata especificamente da experiência artística e apresenta inúmeras elaborações da teoria de Winnicott sobre a arte. Menciona que Winnicott não apresenta nenhuma “noção de arte” e tampouco de “imaginário”, mas fala de imaginação e do seu contraponto que é o devaneio. A imaginação “tem a ver com projetos que se podem realizar”, enquanto os devaneios são para Winnicott,

“fantasias puramente reativas, fugas à realidade interna e manipulação onipotente da realidade externa. O devaneio não pode ser a matriz de nenhuma produção criativa: nele, tudo acontece de maneira onipotente, isto é, nada acontece de fato, nada se faz, pois fazer implica em espaço e tempo” (p.187).

Refere ainda o autor:

“Creio que para ele (Winnicott) a arte exemplifica ... o movimento livre e auto-afirmativo da vida humana em seu início, movimento possível graças justamente à dependência diante de um ambiente facilitador, ao qual o indivíduo não necessita adaptar-se” (p.188) e a “obra (de arte) abre espaço de experiência que articula, paradoxal e constitutivamente, o sujeito e o mundo. Ora, a característica dessa ‘área intermediária de experiência’ é ser múltipla, variável, singularizada. (...) Sujeito e cultura são fenômenos ou processos ‘transicionais’ que se constituem através da *brincadeira* e que articulam dois pólos mutuamente irreduzíveis: a libido, com sua dupla raiz erótica e agressiva, e o ambiente, que oferece suporte e resistência ao gesto pulsional” (p.187).

Segundo as palavras do autor, a arte possibilita o

“contato com os núcleos primitivos do *self*, anteriores às sínteses egóicas unificadoras. A arte é uma função mais complexa da função do ambiente: a função de deixar sempre aberto o acesso a estados de não-integração, a partir dos quais o *self* usufrui de estados de repouso ao lado de estados de excitação ... A arte assemelha-se antes àquele estado de “psicose normal” que caracteriza o sonho em Freud”(p.182).

É interessante mencionar também, que o autor refere que na arte existe “um tipo especial de comunicação” que

“transitaria da solidude à comunicação através de signos ... que é um exemplo do tipo intermediário de comunicação, que não é concebido por Winnicott como uma suplência ‘imaginária’ frente às exigências necessariamente frustrantes ou castradoras da realidade. Matriz de

todo fenômeno cultural, é esse tipo de comunicação que, ao contrário, funda o sentimento de realidade mútua do sujeito e do mundo”. Este “tipo de comunicação que se dá na área intermediária entre o artista e o mundo da cultura”, conclui o autor: é constituída em função “do dilema entre criar a partir do isolamento, mantendo-se autônomo, não afetado invasivamente no núcleo de seu *self*, insubmisso às exigências de comunicação explícita, e querer ser encontrado ou comunicar no “bom momento”, quando as circunstâncias forem favoráveis” (p.183).

Finalmente, menciona o autor, que

“Winnicott privilegia o aspecto experiencial do processo de arte em relação à interpretação do que ele chama de simbolismo inconsciente, o qual toma forma na obra acabada. Ele acentua a importância dos estados de não-excitação (função do ambiente) como condição de possibilidade de um sujeito experimentar como suas as emoções e representações pulsionais, assim como de aceder criativamente à realidade exterior. A vida psíquica, diz Winnicott, pode ser entendida como uma gradual associação entre o estado de sono e o estado de vigília” (p.189).

A única pesquisa encontrada sobre a experiência criativa (Marsh e Vollmer, 1991), intitulada “O processo criativo polifônico – Experiências de artistas e escritores”, é da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. As autoras utilizaram um questionário para a investigação das concepções acerca do processo criativo, com vinte e cinco artistas e escritores, sendo onze pintores, sete poetas, três escritores de prosa, dois colagistas, um escultor e um calígrafo. Partindo da questão que as conceituações sobre o processo criativo são restritas e não apresentam sustentação teórica - afirmam as autoras, o estudo propõe a busca de um “conceito mais amplo e mais compreensivo do processo criativo” e a busca da validação de construtos teóricos que enunciam o

processo criativo, através da pesquisa de artistas profissionais e escritores, “à luz de suas próprias experiências”. O questionário oferecido aos participantes da pesquisa, apresentava quinze questões, sendo iniciado com a solicitação de uma descrição sobre o processo criativo de cada um, seguida de perguntas sobre as motivações, “necessidades psicológicas”, “marca de individualidade”, finalidade da criatividade, etc., que envolvem a experiência e finaliza com diversas questões que contém afirmações teóricas, como por exemplo a referência ao “ponto de vista de Freud ... que a criatividade é essencialmente ‘sublimação’”, nas quais são solicitados aos sujeitos suas opiniões a partir de suas experiências. A relação das questões apresentadas aos sujeitos pode ser melhor apreciada, conforme a apresento no Anexo C deste trabalho. As respostas foram categorizadas segundo referências que apresentavam sobre as realidades interna (“fantasias e sonhos”), externa (“dados sensórios, fatos e entidades demonstráveis”) e a área transicional, intermediária entre a realidade psíquica e a “realidade pública” ou compartilhada. O estudo conclui que os sujeitos referem as três áreas de experiência: a interna, a externa e a transicional, “Em contraste com a suposição de Winnicott que o locus da atividade criativa está dentro da esfera transicional”.

Os sujeitos

“descreveram uma amplitude de relações, necessidades, processos e satisfações incluindo cada uma das esferas ... dentro da esfera interna estão o seguinte: relações existenciais, identidade, necessidades emocionais, competência e realização. O fenômeno transicional inclui retraimento, jogo, devaneio, meditação e transcendência. Finalmente, a esfera externa inclui dimensões pessoais, dimensões interpessoais e dimensões universais”(p.108 e 109).

O estudo apresenta também, ilustrações de respostas de algumas das categorias estabelecidas na pesquisa.

Diante da realidade de um único trabalho de pesquisa com a *experiência criativa* propriamente dita, podemos constatar a grande carência que existe no campo de estudo da criatividade, sob a perspectiva da experiência. Sendo assim, devemos considerar uma dificuldade natural na abordagem da criatividade neste estudo, uma vez que ele não conta com o auxílio de trabalhos antecessores e considerar a responsabilidade de atender a exigência de procurar evitar discussões irrelevantes e conclusões precipitadas.

A elaboração deste trabalho de acordo com a situação atual do desenvolvimento científico da criatividade, é portanto, um exercício criador que impõe a existência do *novo* e com ela, a necessidade de encontrar uma nova proposta de compreensão do fenômeno humano criativo.

2- METODOLOGIA

“Se o aspecto mais importante da vida humana é a qualidade da experiência, então a meta da Psicologia como ciência deve ser ditar métodos apropriados para descrição e entendimento das experiências subjetivas.”

Csikszentmihalyi, 1982.

2.1. Participantes

Os participantes da pesquisa são cinco pessoas adultas, duas mulheres e três homens, de idades entre 32 e 54 anos, todos com escolaridade universitária que têm em comum uma ocupação que envolve atividades pedagógicas. Todos eles são pessoas de meu relacionamento profissional, de conhecimento há pelo menos um ano, na ocasião em que foram realizadas as entrevistas. Sendo assim, todos eles antes de meu convite para participarem da pesquisa, já sabiam de meu envolvimento com o tema da criatividade no meu curso de doutoramento.

São eles: -um arquiteto, de sexo masculino, com 54 anos, que trabalha como autônomo em arquitetura e dá cursos livres de Desenho de Observação, (identificado com o nome fictício de Rogério); -uma artista plástica, de sexo feminino, com 53 anos, que trabalha a técnica da pintura em aquarela e dá cursos livres desta técnica, em grupo quando contratada para este fim por alguma instituição ou individualmente em seu ateliê (identificada com o nome fictício de Inês); -um psicólogo, de sexo masculino, com 43 anos, que trabalha como psicoterapeuta em seu consultório particular, que trabalha com treinamento de grupos profissionais e é professor universitário (identificado com o nome fictício de Reinaldo); -uma pedagoga, de sexo feminino, com 34 anos, que trabalha numa pré-escola como professora alfabetizadora e como coordenadora pedagógica de português e matemática (identificada com o nome fictício de Joana); -um administrador de empresas, de sexo masculino, com 33 anos, que trabalha como autônomo em consultoria de Qualidade Total, junto a empresas que desejam obter certificação de qualidade para seus serviços, oferecendo treinamento a seus funcionários (identificado com o nome fictício de Juca).

2.2. Instrumento

Considerando que o nosso objetivo de pesquisa é investigar a experiência criativa, uma vez que ela permite uma visão global da atividade criadora e também envolve uma possível observação de elementos não habitualmente citados pelos estudiosos do assunto, escolhemos para a presente investigação, a utilização de uma abordagem qualitativa do fenômeno criativo e sendo assim, elegemos como instrumento de estudo, a *entrevista*.

A entrevista de pesquisa, referida por Minayo (1996, 99) como uma “conversa com finalidade”, é segundo esta autora, “a técnica mais usada no processo de trabalho de campo” nas ciências sociais, juntamente com a ‘observação participante’ (pág.107). Isto porque, é uma técnica de coleta de informações bastante fecunda, já que

“fornece dados secundários e primários, referentes, segundo Jahoda, a ‘fatos; idéias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos’ (Jahoda, 1951, apud Minayo, 1996, p.108)”.

Através da entrevista, procurei obter o relato de experiências dos entrevistados, colhendo subsídios para uma análise das possibilidades criadoras dos seres humanos.

Com o propósito de atender aos objetivos estabelecidos, procurei escolher uma modalidade de entrevista que em seu campo de interação e estudo, permitisse introduzir o tema da experiência, ao mesmo tempo em que oferecesse a possibilidade de emergência e a abordagem livre de outros elementos mais direta ou indiretamente relacionados à ela.

Escolhi portanto, para esta investigação, a utilização da entrevista *semi-estruturada* “que combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador” (Minayo, 1996, 108).

2.3. Procedimento

As entrevistas realizadas foram todas previamente marcadas com os entrevistados, de modo que a escolha das datas, horários e o lugares da realização, fossem os mais convenientes para os entrevistados.

Antes da realização das entrevistas, na ocasião do convite para a participação da pesquisa, falei a todos, sucintamente, sobre a importância de suas colaborações para o estudo e sobre as condições gerais da realização das entrevistas, tais como, o sigilo das identidades, sobre a minha necessidade de utilizar o recurso de gravação em áudio para obter as verbalizações fiéis de cada um e sobre a minha curiosidade sobre o objeto de estudo.

As entrevistas duraram em média uma hora e dez minutos cada uma, foram todas gravadas com a autorização dos entrevistados e num momento seguinte, foram transcritas integralmente.

Todas as entrevistas foram iniciadas a partir de uma proposição ampla, na qual a idéia central foi “fale-me sobre a sua experiência com a criatividade, da maneira que preferir”. Esta “abertura” da entrevista, segundo a proposta metodológica adotada da entrevista semi-estruturada, foi seguida de algumas poucas intervenções de melhor esclarecimento, tais como: Como assim?, Pode explicar melhor? Pode dar um exemplo?, etc., de acordo com o conteúdo que cada participante apresentava. A única questão mais definida introduzida por mim durante as entrevistas, foi em relação ao conceito dado à criatividade, uma vez que ele sempre aparecia de modo implícito e também, porque permeava todo o relato.

A transcrição de cada entrevista, foi submetida a uma preparação de análise ou “pré-análise”, como sugere Bardin (1995, 95-99), na qual o objetivo é o da organização dos dados coletados no estudo e compreende

basicamente três atividades: a “leitura “flutuante” ... por analogia com a atitude do psicanalista”, a formulação de hipóteses e a “elaboração de indicadores”. A “leitura flutuante” consiste na interação com o conteúdo da entrevista, “deixando-se invadir por impressões e orientações ... Pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos”. A “elaboração de indicadores” de análise, segundo a autora, consiste na busca de unidades significativas para análise, sendo um “indicador” aquele expoente que é estabelecido a partir de índices ou elementos que se destacam no texto, quer seja pela presença específica ou a partir de referências e repetições (1995, 99 e 100).

Lembra-nos ainda a mesma autora, que

“o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto, analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em idéias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis. (...) Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (1995, 105).

Seguindo a proposta de Laurence Bardin, após as transcrições das entrevistas, iniciei a organização dos conteúdos na “pré-análise”, a partir da “leitura flutuante”. Cada entrevista foi lida diversas vezes, no conjunto e em separado, para que eu pudesse *criar um envolvimento* cada vez mais profundo com cada uma delas. Nesta atividade de reler as entrevistas, cada participante com suas colocações, foi compondo a sua presença peculiar em minha percepção. Neste processo, o conteúdo de cada entrevista foi *criando contorno* a partir de partes que se destacavam

em temas e assim, o conteúdo dos relatos de cada um foi agrupado conforme as temáticas neles apresentados (vide Anexo B). Em seguida, estes agrupamentos foram associados num conjunto maior, reunindo os temas destacados apresentados pelos diferentes entrevistados, de acordo com as referências comuns. A apresentação dos temas, em geral, preserva a forma mencionada pelos entrevistados durante as entrevistas. Algumas vezes, foram introduzidas modificações na disposição das palavras e nas colocações das frases, para auxiliar a leitura e o entendimento do conteúdo. Também foram omitidos certos vícios de linguagem, tais como “tá”, “né” e similares. O último agrupamento, discriminado em temas, recebeu finalmente um enunciado titular e passou a configurar o corpo de resultados obtido neste trabalho. Assim dispostos, os temas constituem os “indicadores de análise” escolhidos, que serão posteriormente, submetidos ao tratamento e debate interpretativo.

3- RESULTADOS

Apresentarei a seguir, os temas pertinentes às entrevistas reunidos em títulos, conforme a organização e eleição dos “indicadores”.

Os “indicadores de análise” escolhidos são: o Conceito de Criatividade, o Potencial Criativo, a Função da Criatividade, a Origem da Criatividade, os Fatores Facilitadores da Criatividade, a Ação Criativa e as Condições Pessoais e Ambientais que influenciam a Criatividade.

O CONCEITO DE CRIATIVIDADE

A Criatividade é :

Apresentar o que existe de melhor

É : Você saber, a partir dos dados que estão na mesa de todo mundo, tirar proveito desses dados, isto é, você saber com os meios que você dispõe, conseguir os resultados melhores.

É : Um ato de mostrar o que se tem de melhor, que vai além do trivial, através do uso de todo o Eu, de todos os aspectos - sentimental, intelectual, motor.

É : Aperfeiçoamento, de algo que já existe no mercado capitalista hoje. Tem aquele ditado: “nada se cria tudo se copia”.

A Criatividade é :

Uma força motriz primordial do ser humano

É : Uma força motriz primordial do ser humano, da existência humana; é um elemento de sobrevivência, é possibilitadora do crescimento. A criatividade no sentido mais cognitivo, mais imaginativo do termo, quanto a criatividade no sentido biológico, ela é fundamental, para que a gente possa estar mantendo na relação com a vida, um parâmetro saudável.

A Criatividade é :

O principal recurso de adaptação ao adverso

É : Um instrumento; ela é o principal recurso necessário para que o indivíduo seja capaz de se adaptar ao adverso. A gente está sempre sendo solicitado a se adaptar às coisas que estão acontecendo a nossa volta e a principal força que a gente tem que evocar pra que haja efetivamente adaptação, é a criatividade. Você pode ter acomodações e conformismos que são absolutamente não criativos. Na adaptação você tem a criatividade como elemento que gerou a possibilidade de você superar aquele obstáculo sem sofrimento e muito provavelmente com aprendizado e com crescimento. A criatividade é o maestro da orquestra dos recursos adaptativos que temos; se cada um desses recursos funcionar isoladamente, muito provavelmente eles não vão ajudar esse indivíduo a superar o problema. A criatividade ela chega aí, rege a orquestra, afina tudo, faz o violino entrar na hora certa, ela possibilita você achar uma alternativa para uma coisa que está te ameaçando e que você nas suas condições normais não tem como enfrentar, porque estes recursos não são suficientes pra enfrentar o desafio ou a ameaça ou o problema que está aparecendo ali. A

gente tem um repertório que já é suficiente pra gente se virar, em noventa por cento das situações que o nosso dia a dia nos impõe, mas tem dez por cento que são coisas novas, que é o inusitado, é o inesperado, até aquilo que a gente busca de novo pra tornar a vida mais colorida. A criatividade é o elemento que entra pra que a gente busque a alternativa, frente ao adverso.

A Criatividade é :

A expressão do ser

É : Uma maneira de expressar o próprio ser, como por exemplo no caso de um pintor. Ele está expressando alguma coisa, não necessariamente a partir de uma situação adversa e ele não está buscando uma adaptação. Ou um escultor, por exemplo o Michelangelo, que falava que ele não esculpia, simplesmente ele tirava a pedra que existia em torno da imagem que ele enxergava. Essa imagem estava criada na cabeça dele. Você tem uma força criadora aí, que não está sendo mobilizada por uma situação adversa, mas sim, por uma outra necessidade.

É : Criar um mundo... Tem criança que é muito tímida, que não sabe expressar e dentro da sala de aula quando você passa um tema, ela simplesmente pega aquele modelo, uma coisa que ele viu e faz igual e tem criança que pega aquele mesmo material e cria, um quadro, cria um mundo e ela te conta o que ela criou. A criança que é criativa, pensa muito, raciocina, ela tem vontade de criar, nasce, vai nascendo coisas dela e tem criança que já pega a coisa pronta, ela pensa numa coisa que ela viu, então, ela não cria uma coisa dela. (...) Têm professores que o que eles querem é um modelo. É uma árvore? É um tronquinho marrom, com uma copa verde e pronto. Nem sempre uma árvore que é verde pra você, pra

criança é verde. Ela usa a criatividade dela. Nem sempre a nuvem dela vai ser azul ou o sol dela vai ser amarelo. Por exemplo, ela pode pintar o sol de preto para expressar um dia chuvoso, em que vemos uma nuvem carregada, passando na frente dele. A criança criativa, ela é aquela criança que ela trabalha no sentido de que tudo que ela faz, tem uma razão de ser. A criatividade é um ato de criar, tudo. É a forma de falar, de expressar e até mesmo nos sentimentos, a criança é criativa. É um desenvolvimento do Eu.

A Criatividade é :

Uma atitude, é uma postura

É : Uma atitude individual e coletiva, no sentido de pessoas que sempre conseguem dar um passo além, elas têm os cinco elementos e conseguem criar o sexto e não está obrigatoriamente ligada aos meios que você dispõe, está ligada a uma atitude. Você não deve imaginar porque você tem poucos recursos ou não tem todos os recursos, que isto significa que você seja menos criativo.

A criatividade está na sociedade e está no indivíduo e cada situação cultural, social, tal, ela é mais ou menos propícia pra que essa criatividade desabroche.

É : Uma postura, por isto a criatividade nunca é genuína. É claro que a pessoa pode colocar uma emoção em cima de uma pintura, ela elabora o seu trabalho, ela se encanta, ela joga toda a sua poesia, mas aquilo está baseado em cima de alguma coisa e essa alguma coisa, geralmente é isso, no mínimo é uma lembrança, de algo que já existe. Sem memória, certas posturas não podem ser designadas como sendo criatividade. Postura - o ato de você recriar. Você está criando entre aspas, alguma coisa que já existe, é uma postura sua. E o teu gesto, sabe como o teu gesto é ditado,

como o nosso gesto é ditado? Pela cultura que a gente tem: você não nasceu com ela, você foi adquirindo ao longo dos anos, então, conforme a educação que você recebeu ou a tua postura de vida, porque às vezes a educação não é nem do berço, é uma vontade própria, que a gente vai adquirindo através dos livros e através do convívio que você tem com as pessoas, então, você vai adquirindo uma cultura, tudo, que a gente não se dá conta, mas é da nossa maneira de viver. Por exemplo uma pessoa do campo, ela tem uma maneira de se colocar, tem um gesto peculiar pelo costume dele. As pessoas, sem perceberem, pela necessidade, se colocam atrás de uma máscara, que são gestos medidos, você vê isso no teu cotidiano, elas têm postura falsa. Então, muitas coisas que a gente faz, a gente usa, talvez não se encaixe a palavra criatividade... você começa criando o seu gestual, você cria, cria entre aspas, porque aquilo também é um maneirismo.

A Criatividade é :

Genuína no gesto espontâneo

É : O espontâneo. A criatividade está, está aí, um arranjo de flor, alguma coisa que você faça, aí você dá um toque, aí, isso daí é teu, é o seu toque, você está criando ou recriando em cima daquilo. Na pintura ... têm pessoas que num simples gesto sai alguma coisa. (...) o imprevisto ... só se tivesse com os olhos vendados, porque se você trabalhar com uma mancha, você molha o papel, prepara a sua tinta de aquarela, no caso, e trabalha com uma mancha, na hora que você for procurar cor, o teu olho foi procurar uma cor que você tem afinidade. O teu gestual está trabalhando junto com a água, que a água também leva, você tem metade do seu potencial jogado lá, a outra metade, é o imprevisto, porque a água não deixa você mandar muito nela, conforme a

quantidade de água que você coloca. Um pouco de responsabilidade é o que acontece no momento, porque a água está levando, é muito poético: a água levou o pigmento ou a água continuou o traço ... então, metade é o teu gesto, outra metade é o imprevisto. O gesto seria o seu trabalho espontâneo, é o seu ato espontâneo, é o seu genuíno. Do gesto, pode vir o imprevisto, através do elemento água. Porque se você coloca uma pincelada à óleo, você tem o seu gesto e acaba. Você tem que trabalhar outra vez, para que o seu gesto continue, porque se não estagnou.

A Criatividade é :

Uma somatória de lembranças

É : A somatória da vivência. Se a pessoa está elaborando algo inusitado, é muito, a somatória da vivência. Se a gente for lá pra trás, a invenção da cadeira, por exemplo, surgiu de uma necessidade. Pode ser uma criatividade genuína, pela força da necessidade: inventa o tronquinho, o banquinho, que é aquele pedaço de lenha, de madeira, e dali no passar dos anos, porque cada um só inventou um pouquinho ... a criatividade, ela vem de lembranças. A criatividade é uma somatória ... de lembranças, conscientes e inconscientes e tudo o que a gente recria é uma somatória: é uma somatória da vivência do indivíduo e uma somatória dos indivíduos, cultura pessoal e tradição. Neste sentido, a criatividade, ela tem pouco peso e não tem um trono pra sentar. Ela é necessária, porque ela dá continuidade à vida, mas ela é apenas, uma ferramenta de trabalho. Quando alguém diz: eu criei, você deve entender que a pessoa adaptou o que já existia, então, a palavra criatividade, você não precisa ter muito medo dela. Ela é tão importante como é importante o alimento. Sem

dúvida a criatividade é nobre, mas não precisa enaltecer tanto, é uma peça num encaixe, de um jogo. Ela é uma peça.

A Criatividade é :

Mais expressiva aos quatro anos de idade

É : Uma coisa nata, que aflora quando a criança tem quatro anos. Depende de você incentivar essa criatividade, ajudar a criança desenvolver, porque tem criança que ela é muito tímida e não sabe expressar. Até três anos, a criança, ela não tem ainda, a forma de expressão correta de falar e você muitas vezes não entende. Ela não tem a linguagem, ainda totalmente formada, os conceitos não estão totalmente formados, então, quando passa da fase de três para quatro anos, quando ela já sai da fase da garatuja, que são só rabiscos, tudo pra ela é um rabisco, se você perguntar, ela não tem uma noção ainda do que ela fez. Às vezes, você fala: “Olha que lindo, o que você fez?” Aí ela fala. Daí uma hora, você pergunta pra ela, ela fala outra coisa. Agora uma criança de quatro anos, não, você pergunta, dali a uma hora você já faz essa pergunta de novo, então ela fala de novo, ela tem facilidade de expressão pra mostrar a criatividade, sendo que com três anos ainda não.

A Criatividade é :

Uma habilidade

É : Uma habilidade. E, ninguém é criativo da mesma maneira, por exemplo, nem sempre a parte criativa desenvolvida de uma pessoa, é igual à de uma outra. Às vezes a habilidade criativa de uma é mais na parte motora, que ela vai passar

desenhando e às vezes, de uma outra, é na parte intelectual, então, ela vai passar o que? Conversando, então, esta última vai desenvolver a sua habilidade criativa, através do dom, do processo intelectual da fala e a primeira vai desenvolver isso numa parte motora.

A Criatividade é :

Uma imaginação pessoal

É : Uma imaginação pessoal e essa imaginação pessoal, acontece da seguinte maneira: às vezes, surge de uma hora para outra, mas às vezes, com um toque de alguém, com a palavra de alguém que toca o assunto, você desperta em cima daquilo e desenvolve até mais. O pessoal, quer dizer, é uma coisa que só aquela pessoa pensa daquele jeito aquela coisa. É uma coisa individualizada, muito própria da pessoa. Essa imaginação pessoal seria, por exemplo no caso que já existe algo numa empresa na parte de sistemas, aí, sem querer lendo uma revista, vem na cabeça o que tem que ser aperfeiçoado, vem aquela imaginação, em cima daquilo a gente começa a trabalhar à nível de aperfeiçoamento. Mas é lógico, nessa imaginação entram os conhecimentos que se tem, aqueles que a gente vê acontecer no mercado à nível de jornais, revistas, livros, literatura em geral. Essa imaginação é pessoal, mas sempre está voltado para uma necessidade, porque quando vem uma imaginação, já passou uma necessidade que se julga que a sociedade tenha, mas talvez nem perceba isso. A criatividade do ser humano está à nível da curiosidade dele, da necessidade dele, o ser humano busca esse desenvolvimento, principalmente a partir da necessidade. Tudo que nós temos hoje, é devido a nós termos tido uma necessidade.

A Criatividade é :

Inexplicável, quando é espontânea

É : Motivada tanto pelo interesse financeiro, pelo emotivo, pela curiosidade. Mas essa coisa que é espontânea, que surge de uma hora para outra, não tem explicação, porque às vezes, sem querer, pinta aquela luz, aquele negócio. Isso aí, vem do ser humano mesmo. Uma coisa espontânea que surge de uma hora para outra ... seria da natureza, mesmo, da natureza do ser humano.

É : Um produto que a gente não sabe explicar. O próprio Van Gogh só fazia estudos e o irmão falava: “Por que você só faz estudos, faça uma coisa sua!” Nos estudos ele estava copiando os mestres superiores a ele... Depois ele criou uma maneira de trabalhar, ele foi indo pra o gestual dele que é todo de tracinho, tudo compridinho, que é uma característica dele. Ele achou aquilo de uma maneira, no fazer, que a gente não sabe.

O POTENCIAL CRIATIVO

Todo mundo tem Potencial Criativo :

Que às vezes se manifesta, outras vezes não

Todo mundo tem criatividade, porém uma criatividade que uma pessoa acha que é uma coisa fenomenal, uma outra pessoa já não acha que é uma criatividade fenomenal. As pessoas têm níveis sociais e culturais diferentes e às vezes essa que é considerada com nível baixo, tem uma criatividade potencial, porém não teve oportunidade de desenvolver ou tem algum bloqueio em cima dela que a inibe. Às vezes você pode até tentar deixar uma pessoa à vontade, para que ela fique bem solta, para ver se sai alguma coisa, porém, ela não consegue. Às vezes ela coloca aquela criatividade para fora, porque ela já tinha aquilo e não expressava achando que era banal e a gente dá oportunidade e ela relata aquilo. Todo mundo tem um potencial que às vezes se manifesta e às vezes não. A criatividade pode existir em qualquer classe cultural, mas se for tratar uma criatividade voltada mais para um aperfeiçoamento, aqueles que têm conhecimentos científicos têm a probabilidade bem maior de manifestar, seria uma criatividade, mesmo, de uma coisa que não existe mesmo, que a gente pode chamar de original.

Todo mundo tem Potencial Criativo :

Mas alguns grupos valorizam a criatividade, outros não

Os artistas não são mais criativos que os médicos, mas existem grupos que valorizam mais a criatividade. A atividade por exemplo do arquiteto, eles valorizam, conversam, enfocam muito

a criatividade. O pessoal de publicidade é um outro exemplo, eles fazem questão de enfatizar, de valorizar o lado criativo. Talvez os médicos e isso vale como uma crítica aos médicos, têm um pouco daquela noção de que os conhecimentos técnicos bastam, quando na verdade, precisa ser criativo para desenvolver os conhecimentos técnicos. São grupos profissionais que não falam muito sobre o assunto, como se isso fosse uma questão que não permeasse o trabalho deles, o que não é verdade. Médico tem que ser criativo, o bom médico tem que ser, o bom médico é criativo, o bom advogado é criativo, o bom economista é criativo, o bom político é criativo. Porque o criativo o que é que é? É o cara que faz avançar, de novo aquela idéia de que é aquele que projeta, que avança, que faz as pessoas avançarem juntas.

Todo mundo tem Potencial Criativo :

Que sempre se desenvolve quando estimulado

A criatividade enquanto uma energia potencial do indivíduo, ela é igual pra todo mundo, porque ela vai ser mais ou menos estimulada, de acordo com aquilo que é apresentado para o indivíduo ao longo da vida e de acordo com aquilo que ele é afetivamente. Tem uma estória interessante do Portinari de quando ele era menino: ele era engraxate, lá em Brodósque e ele pintava nas paredes da casa que ele morava com a graxa de sapato e a mãe dele o reprimia muito, batia muito por isto; e um comerciante, um senhor que tinha um armazém ali, achou que ele pintava muito bem e começou providenciar papel e lápis pra ele, ou seja, se fosse pela mãe, provavelmente o Portinari seria uma outra coisa. Enquanto energia potencial, a criatividade está aí, pra ser acessada a qualquer momento. Muitos cientistas do Desenvolvimento, ainda preconizam, que o ser humano tem um processo de

desenvolvimento em forma de um “U” invertido, que você tem um crescimento, um apogeu e depois uma decadência. Mas o potencial humano tem uma perspectiva de desenvolvimento sempre crescente e dinâmica: a Cora Coralina é um bom exemplo disso, já que ela descobriu o seu potencial poético depois dos sessenta anos de idade. Muitos dos idosos estão condicionados a se considerarem não mais “entes criativos”, quer dizer, “eu já fiz o que eu tinha que fazer, daqui pra frente eu estou no lucro”, ou “eu não sou mais capaz de ter diversões novas, de ter interesses novos, de aprender, ensinar”, enfim, a cultura da gente meio que reforça isso mesmo; aquela idéia do “U” invertido, ela é vendida pra gente, até que a gente passa a acreditar nela e a defendê-la. O potencial que está aí, presente, ela não é nem maior, nem menor pra ninguém, mas o meio, as condições em que o indivíduo vai estar inserido, vão estar sendo mais ou menos estimuladores do potencial. Potencialmente todo mundo tem uma energia criativa, se ela é maior ou menor nesse ou naquele indivíduo, não dá pra dizer, agora, o que dá pra dizer, é que com certeza, se você estimula o indivíduo, se você dá pra ele recursos, isso flui muito mais facilmente e outras vezes, você pode até reprimir isso e impedir que estas manifestações aconteçam.

O Potencial Criativo expressa :

A singularidade de cada ser humano

A nossa configuração bio-psico-socio-espiritual nos dá potenciais. O ser humano é igual e diferente a todos os outros, é um paradoxo: somos singulares e somos genéricos ao mesmo tempo e isso faz com que a natureza humana tenha essa coisa tão rica e tão bonita. Então, naquilo que é genérico, se você perguntar assim: a criatividade genericamente falando, é inerente a todo ser

humano? A resposta será: sim, a todo ser humano. Agora, como cada um é diferente um do outro, embora seja igual, você pode ter um dom e a criatividade vazando determinados segmentos. Às vezes você pega uma pessoa que é absolutamente genial em atividades manuais, mas que posta numa outra situação, ela é um zero à esquerda, pra fazer uma conta, por exemplo ela é horrível, enquanto que você tem uma outra pessoa que é absolutamente fantástica, faz raiz cúbica de cabeça e é incapaz de segurar um copo de guaraná e não derramar. O primeiro é mais criativo que o segundo, o segundo é mais criativo que o primeiro? As coisas vazaram cada um para o seu lado e os geneticistas vão falar que é a composição genética de um é mais “sei lá”, o cromossomo quarenta e cinco, etc., os filósofos vão falar outra coisa, os psicólogos vão falar outra coisa, os sociólogos vão falar outra coisa, os espíritas vão falar outra, enfim, a natureza humana é assim, coletiva e singular ao mesmo tempo.

O Potencial Criativo expressa :

Mais as atividades do hemisfério direito do cérebro

A criatividade a gente sabe hoje, dentro da visão psicológica mais atual, que ela é uma atividade mais pertencente ao hemisfério direito do que ao hemisfério esquerdo do cérebro. Existem pessoas que possuem uma capacidade por motivos ainda não sabidos, de utilizar mais o hemisfério direito do que outras e isso não é só estimulação. A gente vive num meio que estimula muito mais potenciais do hemisfério esquerdo do que do hemisfério direito, mas você tem, talvez aquilo que possa ser chamado de Dom, que se manifesta mais em algumas pessoas e menos em outras, independente talvez até da questão do estímulo e de repente a gente se dá conta que tem uma criatividade, que jamais ela

imaginou que teria. Mesmo psicologicamente falando, talvez isso possa estar associada a essa questão da simetria funcional e desses dois cérebros, funcionarem de uma forma diferente, numa assimetria diferente. Hoje, você vê muitos trabalhos onde o pessoal desenvolve o treino para o hemisfério direito. Essa área, a mais subjetiva, mais artística, mais de imagens mentais, hoje, a gente sabe que ela pertence ao hemisfério direito.

A FUNÇÃO DA CRIATIVIDADE

A Criatividade promove :

A construção do próprio indivíduo e do mundo humano

Criatividade só tem uma função, gerar mudanças; é avançar ou individualmente ou coletivamente. A criatividade é parte fundamental desses mecanismos de mudança, quer dizer, sem o esforço físico, sem o esforço intelectual, sem gastar dinheiro, tempo, sem se preparar, você também não vai fazer as coisas avançarem mais, tem que fazer isso com muita criatividade. Esses avanços não são feitos só a partir de mecanismos lógicos, mas de mecanismos intuitivos que são importantíssimos. A criatividade tem relação com a construção do próprio indivíduo, da individualidade, da sua personalidade, em todos os sentidos e a criatividade permeia ou ela faz bem melhor o mundo, faz você se relacionar melhor com as coisas. Estar bem com a vida significa também ter que ter uma postura positiva e criativa.

A Criatividade promove :

A satisfação de necessidades e a realização de desejos

O desejo é uma coisa que também precisa muito da criatividade, como companheira, se ele não tem a criatividade como companheira, ele simplesmente não se realiza. Pode até ser que com a criatividade ele não consiga se realizar, mas sem ela com certeza não vai ser possível. A alma humana é inquieta por natureza e essa necessidade de ver o que tem fora da caverna, o que tem atrás da montanha, o que tem no fundo do mar, o que tem na lua, explicar as coisas, de entender as coisas, de experimentar

as coisas. Desde que você começa a ter vestígios do movimento humano no mundo, essa inquietação, essa necessidade, ela aparece e junto com ela, a criatividade, quer dizer, como a gente foi ao longo do tempo, desenvolvendo as coisas pra que essa inquietação, pra que esse desejo pudesse ser satisfeito, desde o desejo básico e de uma necessidade básica, como comer, nós acabamos criando, lanças, tacapes, machados e tal. Numa época mais primitiva, a maior parte do tempo a gente era presa e não caçador e a capacidade de criar objetos, instrumentos, utensílios e de transformar as coisas, é o que nos deu uma supremacia sobre o ambiente hostil. Para a busca da solução de uma necessidade e de uma forma mais sofisticada, a criatividade começa aparecer como a busca da realização dos desejos.

A ORIGEM DA CRIATIVIDADE

No ponto zero da Criatividade, encontramos :

Uma percepção que conduz à apropriação do objeto

O aprendizado do desenho colabora com as pessoas para que elas enxerguem, no mínimo, a realidade física que tem em volta delas. Pode colaborar no sentido de que as pessoas possam ver uma exposição do MASP – Museu de Arte de São Paulo, de uma maneira mais crítica e de maneira mais criativa também: olha, vê, critica, analisa, vê como é que você poderia refazer, como é que aquilo poderia também de repente ser utilizado em parte em alguma coisa que você está fazendo. Enxergar significa uma postura crítica, enxergar é você se aprofundar naquilo que você vê. Ver é um ato físico, só. A criatividade e a crítica estão muito ligadas, você só faz críticas das coisas, no sentido positivo delas, para ver como é que elas poderiam deixar de ser para ser de uma outra maneira. O sentido da crítica é esse. E você faz a crítica pra se apropriar daquele objeto criticado e transformar e retrabalhar, quer dizer, se apropriar dele, digerir e devolver de outra maneira, então, a postura crítica está ligada à postura criativa, são coisas interligadas.

No ponto zero da Criatividade, encontramos :

A intuição e o conhecimento instantâneo

Pode-se pensar, pensar, logicamente, durante muito tempo, mas a hora de fazer o projeto, é uma faísca instantânea: “É esse o caminho!” Não é possível saber porque é que é aquele o caminho, mas aquele é o caminho, que depois analisando aquele caminho ou

aquela idéia, se vai vendo que aquela idéia realmente é a solução. Portanto, o processo criativo não está ligado à lógicas exclusivamente, quer dizer, você tem que ter a quantidade de informações, mas você tem que saber trabalhar esses elementos, criar condições para que todo esse monte de informações e necessidades e situações, de repente, aflore num objeto criativo. Ele é criativo porque isso não vem de um processo lógico, dedutivo: esse tal que tem que ser assim, tal, tal, tal, portanto assim. Existe um livro que é muito interessante, que conta uma fábula, “o homem visconde, partido ao meio” – é o nome. Numa batalha da idade média o sujeito foi partido por uma espadada ao meio e ficou dividido em dois, então, uma hora ele é profundamente amável, maravilhoso, outra hora ele é um horror, isto é, ele é o lado direito e o lado esquerdo do cérebro, separado. É interessante imaginar como seria um sujeito absolutamente racional, só pensa logicamente, só tem a metade do corpo dele, quer dizer, é a própria idéia do desequilíbrio, só anda com uma perna e um braço. Impossível: um braço e uma perna; dois braços e duas pernas significam equilíbrio, equilíbrio do lado esquerdo e lado direito de você e a noção de equilíbrio é essencial. Avanços não são feitos só a partir de mecanismos lógicos, mas de mecanismos intuitivos, importantíssimos dentro da gente. São aqueles mecanismos que me fazem dar um salto, o “eureka”, a descoberta, o avanço instantâneo e que é importante porque pode até ser controlado, analisado, estudado, esmiuçado pelo teu lado lógico, racional, mas você não chega pelo teu lado lógico, racional. Então, é isso, uma coisa de um equilíbrio entre esses dois lados. Tem uma coisa ligada a essa coisa da intuição: intuição é um conhecimento fundamental, a intuição é uma forma de conhecimento instantâneo, a intuição é um conhecimento que não é ligado à sensibilidade, é ligado na verdade a todos estes processos. É um conhecimento instantâneo e que muitas vezes, a

gente desacredita nele, vai ver você usa o dia inteiro, pra gostar ou desgostar das pessoas, vai por aí, sentir que não é por aqui, que é por ali. De qualquer maneira estava guardado o conhecimento, que aflora de maneira não racional.

FATORES FACILITADORES DA CRIATIVIDADE

Para acontecer a Criatividade, tem que existir :

Uma coisa especial que é o afeto

Uma coisa especial, que é fundamental na criatividade, é o afeto. Sem afetividade, sem uma carga afetiva, é muito difícil que haja a expressão criativa. A criatividade é uma energia superior e acima da criatividade, como uma energia inclusive determinante da manifestação dela, está o afeto. O afeto talvez seja uma das energias mais poderosas de manutenção da vida e se a gente puder estabelecer cartesianamente uma hierarquia aqui de coisas tão subjetivas, acima da criatividade está a afetividade. A energia de vida é uma força de múltiplos vetores, a energia psíquica, ela é um vetor. Você tem vários vetores que determinam a manifestação da vida, desde o componente biológico, até aquilo que a gente chama “alma”. A criatividade é uma força de vida, uma energia de vida, que eu diria até um pouco diferente, que ela é uma energia, pra vida, ela é um “possibilitador” importante, pra vida com sentido, pra vida com qualidade, não pra subsistência, mas pra vida com “V” maiúsculo: com prazer, com crescimento, com aprendizado. Não se cria nada, se não se faz e quando se tem que fazer apenas coisas automáticas, normais, padronizadas, isso faz o ser humano meio que adoecer.

Para acontecer a Criatividade, tem que existir :

Uma liberdade de expressão

Pra acontecer a criatividade tem que ter uma liberdade de expressão. Por exemplo se existe um projeto onde você tem que

fazer uma peça de teatro, mas você não pode pular, você não pode picar nada, você não pode sujar o chão... Então, quer dizer, você está sendo limitada e se a tua criatividade não tem limite, então, a partir do momento que você está sendo limitada, você está tendo a tua criatividade sendo cortada. A mesma coisa, aconteceria para a professora de teatro se a direção da escola falasse: “Olha, quero que você faça um trabalho com as mãos, mas por favor, não se exalte, não fique dando pulinhos, não quero que dance, não quero que não sei que tem”; que criatividade que vai ter? Nenhuma. A criatividade é assim, você pode se tornar cada vez mais criativo, existem pessoas muito mais criativa hoje, do que quando eram pequenas, porque passaram a conviver com outras coisas, viram novos horizontes; outras vezes não, quando as pessoas viveram assim, sempre num habitat, onde as coisas foram sempre as mesmas e aí não tiveram tanta estimulação, elas não desenvolveram tanto.

A AÇÃO CRIATIVA

Podemos observar na Atividade Criativa :

Que ela não pode ser passiva e está ligada ao prazer

Não existe criatividade passiva e ninguém pode ser criativo sem prazer. Você tem que ter prazer naquilo que está fazendo, por isso você inventa, você aprofunda, você gasta sua cabeça ali. A criatividade está ligada à ação, se você não tem ação, você não tem resultado dessa ação, que poderia ser uma postura mais criativa, um desenvolvimento; essas duas coisas estão sempre ligadas, quer dizer, fazer com prazer, mas fazer.

Podemos observar na Atividade Criativa :

Que o grupo das mulheres se mostra mais criativo

Geralmente as mulheres têm uma postura mais aberta e isso é uma coisa da sociedade, mesmo, o homem é o lado esquerdo da sociedade - cabeça lógica, racional, não pode chorar, também não pode se dar o luxo de bobagens como desenhar, dançar. As mulheres se permitem mais, os homens ficam tentando permanecer à tona, sendo que a cabeça dele continua ainda sintonizada naquela idéia de chefe de família, que é uma postura não criativa, porque aí, é a manutenção do “status quo”, do sistema anterior. O homem, ele não se propôs a fazer nenhuma revolução, fizeram.

Podemos observar na Atividade Criativa :

Que a criança se mostra mais criativa que o adulto

A criança é bem mais criativa que o adulto, porque o adulto é mais encabulado, ele tem muito medo de errar, ele é mais crítico, ele é cheio de medos. Às vezes, você vai numa festa, todo mundo está dançando e você morre de vontade de ir lá no meio, mas o que que não deixa? O teu senso de ridículo. Você fala: “ah, não, eu não vou me expor ao ridículo!” Às vezes, não, às vezes você vai lá e vai dar um “show”, mas... A criança é muito mais criativa que o adulto, o adulto não deixa aflorar a criatividade dele; ele deixou de ser criança, ele acha que ele não tem que ser mais criativo.

Podemos observar na Atividade Criativa :

A fase mais criativa da criança

A fase que é a mais criativa da criança, é com quatro anos de idade, que é quando a criança sai da fase da garatuja e entra pra fase onde eles acham que sabem tudo, quando você vai ensinar as coisas e eles falam: “eu sei, eu já sei”. Nesta fase, eles não são criativos simplesmente no ato de fazer uma lição, eles são criativos em tudo. Você dá uma massinha pra criança, ela forma um mundo e ela dá vida àquele mundo. Tanto é assim, que na fase de quatro anos, a instrução pedagógica para as professoras, é escrever tudo que a criança fala. Outro dia, um menininho, ele desenhou vários círculos e a professora falou: “Nossa, que lindo, eu adorei ...”, mas não falou o que era. “Nossa, eu achei lindo o seu desenho, maravilhoso!” Ele falou: “Você viu? Este disco voador pousou sobre este, sobre este, sobre este, sobre este e este daqui de cima, tem um homem, lá, ele estava descobrindo o segredo de todos os outros discos voadores!” Na verdade, ele fez o

que? Ele fez assim, como se fosse um caracol e ela poderia ter falado: “Você fez um caracol?”, mas falou: “Nossa, que lindo!”.

Podemos observar na Atividade Criativa :

A relação entre a organização e a qualidade

A criatividade, ela surge geralmente para melhorar. Você pode até criar uma coisa que vai fazer mal para o ser humano, mas a idéia geralmente não foi essa, foi pensando na sua auto-defesa, mas sem pensar que ia machucar o outro. Mas a criatividade, sempre vem para sanar uma necessidade, alguma coisa que haja necessidade na sociedade. E a qualidade, vem para ajudar inteirar isso, para que faça aquilo melhor, para que atenda aquela necessidade. Se você tem um carro, hoje, que te leva até os lugares, você vai colocar um ar condicionado, vai colocar tudo que te leve a um maior conforto, mas vai chegar a um mesmo objetivo. A criatividade está dentro, estão juntas, a qualidade e a criatividade. A organização por outro lado, é necessária para ocorrer a qualidade, se não tiver organização, não dá pra você implantar uma qualidade. Se você vai fabricar esse carro com qualidade, se não tiver organização, ali, para que ele seja montado à nível do que foi planejado, não vai existir qualidade. Na criatividade, existe a imaginação que cria, mas quando se vai colocar isso em prática e vai constituir isso, é preciso uma organização, que automaticamente vai ter que entrar a qualidade.

Podemos observar na Atividade Criativa :*A competitividade e a urgência do tempo*

O tempo, é você atender aquela necessidade que a sociedade precisa, mais rápido que alguém, chegar na frente de alguém. Aquele que aperfeiçoar ou criar mais rápido... O tempo é importante no mundo capitalista, porque existe competitividade. O interesse, a ganância do ser humano leva a aperfeiçoar ou criar mais rápido alguma coisa. Devido a um interesse próprio, a um certo destaque pessoal, ou mesmo, grana. Você já faz pensando pra tirar um proveito. Na verdade vai atender a uma necessidade financeira pessoal e não àquilo que se está julgando ser, que é o invento. Por exemplo, o pessoal que descobre vacina. O Laboratório não está interessado em inventar aquilo porque quer pegar aquele conhecimento para se proteger, ele está mais interessado em ganhar dinheiro com aquilo.

AS CONDIÇÕES QUE FAVORECEM A CRIATIVIDADE

AS CONDIÇÕES PESSOAIS

Uma condição que favorece a Criatividade é :

Sentir que o tempo é próprio

Existem pessoas que não gostam de levantar cedo... Podem levantar cedo mas ficam zanzando, até esquentar os motores, pra depois começarem a trabalhar. Existem aquelas que só pintam da tarde para a noite e nem é pelo biorritmo, mas porque o dia representa o trabalho da casa e conforme vai terminando o dia, o tempo vai ficando mais próprio. E, quando o tempo vai ficando próprio, a pessoa vai podendo usar este tempo de uma maneira mais gostosa. Aí, é quando ela vai para o ateliê e pode se entregar ao trabalho. A gente não tem tempo ou não faz o tempo, pra gente fazer uso do potencial, da cabeça da gente. A gente não se dá tempo pra fazer uso da criatividade... sendo que ela está à nossa volta e a gente não sabe fazer uso dela, porque a gente não se motiva. Imagina se você pudesse ficar fazendo só aquilo que gosta ... não pode, não é, não pode. Muitas vezes, nem se pode ser você mesma. O tempo que facilita, ... não é o seu tempo, é o tempo verdadeiro, nosso mesmo. É mais um complemento, uma peça no seu jogo de encaixe. Se você não tem tempo, dizem que a gente tem o ateliê na cabeça... Mas você precisa de um tempo, ainda que seja para pensar e você não consegue pensar, estando ocupada com outras coisas. Você pode por exemplo, trabalhar com uma coisa mecânica e ao mesmo tempo pensar. Você pode, só que não é puro, não é teu. Você dividiu, você se dividiu e se você está dividida, não foi o seu tempo. Então, o tempo da gente, é o tempo que a gente se dedica a si mesma a se elaborar e aí, a criatividade é

a palavra que você usa pra mais uma peça de encaixe, daí, podem surgir coisas, ressurgir.

Uma condição que favorece a Criatividade é :

A curiosidade e a não acomodação

Existem aqueles que buscam aperfeiçoar aquilo que já existe dentro da empresa e têm outros que não - gerentes que estão no feijão com arroz e deixam ali o feijão com arroz e se acomodam; outros não, e geralmente, são profissionais mais novos. Os profissionais mais novos têm garra, a maioria busca a melhoria. Os mais antigos geralmente são mais acomodados e isso se vê quando se aplica treinamento nas empresas. O retorno com gerentes mais jovens é bem maior e mais rápido, no geral. Tem outros antigos que dão um resultado excelente, mas no geral, o pessoal mais jovem dá um retorno maior. Talvez à nível de curiosidade também, eles quererem mostrar, “bom, se isso daí dá, vou tentar trabalhar”. Todo mundo trabalha desse jeito, “vou tentar”, é curioso, gosta de estar mexendo e ver o que ele pode melhorar. Isso não quer dizer que o pessoal mais velho não tenha criatividade, mas como os jovens são mais curiosos, às vezes ajudam mais um aperfeiçoamento - que é criatividade também. No jovem, a curiosidade dele ajuda mais a busca do aperfeiçoamento.

AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS

Existem condições ambientais :

Que valorizam insuficientemente a Criatividade na Educação

Hoje, aos cinco anos de idade, já quase se exige uma pré-alfabetização, então, a parte criativa da criança fica de lado, isso quer dizer que se você tem quatro aulas num dia, às vezes tem uma atividade de Educação Física e três aulas são por exemplo de desenvolvimento da coordenação motora fina, ou seja, é instrução e deixa-se de lado a parte da criatividade. Dentro da Educação, a criatividade deveria ser muito valorizada porque através da criatividade você consegue fazer todas as outras coisas, todas. Você pode usar de atividades criativas pra ensinar conceitos, ensinar matemática, português, tudo, tudo você pode usar, mas se você for ver, isso não acontece. Os próprios professores, muitos até pós-graduados, não dão valor à criatividade. Inclusive existem aqueles que dizem que não acham a criatividade tão importante e que hoje em dia a vida é tão difícil, que você já tem que ensinar pra criança, você tem que começar pela alfabetização. Então, infelizmente hoje, os professores bloqueiam essa criatividade e em muitas escolas, existe a mentalidade da “escola que é fortíssima!”. O professor, ele é um mediador do desenvolvimento da criatividade, porque tem criança que é muito criativa, mas ela não sabe expressar essa criatividade. Em crianças que apresentam problemas, você vê que elas são criativas, mas elas têm tanto medo de errar; elas acham que são diferentes e têm mais medo de errar do que as outras.

Existem condições ambientais :

Nas quais os pais bloqueiam a Criatividade das crianças

Hoje em dia a gente questiona muito com os pais, porque infelizmente os pais hoje, eles se empolgam muito e eles querem, é ver nos filhos, o que eles não foram. Eles projetam todas as frustrações deles, no filho e é onde eles tiram dos filhos a parte criativa. Hoje em dia, a criança ... ela vai fazer uma bagunça, “Não pode! Você vai cair! E não sei o que que tem!”, então, muita coisa da criança deixa de ser desenvolvida por isso. Na escola, por exemplo, quando você está conversando com um pai que o filho é de outubro, novembro, ele fala: “Mas meu filho não vai atrasado pra escola”. Às vezes, ele não tem maturidade nenhuma, é uma criança super criativa que deveria ficar mais um ano, na sua idade correta, mas o pai fala: “Não, eu vou atrasar um ano na vida do meu filho?” Uma criança que não tem maturidade e ela é forçada a adquirir, é uma maturidade forçada, que a gente fala, dentro da alfabetização, o que que afeta? A parte criativa. Você pode ver, ele faz tudo o que tem que ser feito, só que ele não gosta mais de desenhar, ele não gosta mais de pintar, ele não gosta mais de trabalhos manuais, porque essa fase foi cortada, ele foi impedido.

Existem condições ambientais :

Onde épocas diferentes, mostram a Criatividade diferente

Há uns trinta anos atrás, as crianças eram criativas de maneira diferente, por exemplo pra brincar, elas não tinham brinquedos, então, o que é que elas faziam? Usavam a criatividade e inventavam brinquedos: confeccionavam vestidos, com folhas e bico de pato, aquele espinho e, faziam as fazendas pra fazerem as roupas. Hoje em dia, as crianças vão muito ao teatro, ao cinema,

passam em parques, então, o nível de criatividade deles é muito grande. Você vê quando dá um “Lego” pra uma criança, “Nossa!”, eles trabalham muito, muito, muito, muito.

Existem condições ambientais :

Nas quais o trabalho em grupo favorece a Criatividade

No trabalho em equipe, o tempo para chegar aos objetivos é mais rápido. Existe aquela idéia de três, de que duas cabeças pensando, são três. Têm pessoas que usam melhor o seu conhecimento se estão pensando com outra. No trabalho em equipe, é possível fazer os jogos de perguntas sobre os problemas de um e de outro e com esse jogo, até mesmo fazer uma análise ali, praticamente ao mesmo tempo com as pessoas que participam do problema, que foi jogado pra você. Às vezes nem existe um problema, mas as pessoas envolvidas acham que é problema.

4- DISCUSSÃO

Como era previsível, os resultados obtidos apresentam uma diversidade de conteúdos, mas o seu conjunto, apresenta uma surpreendente harmonia. Considero que não existe um enfoque sequer, dado pelos entrevistados, que possa ser considerado avesso, um ao outro, em relação ao conteúdo. Tenho em mente que isso talvez se explique, devido ao fato comum, de todos os participantes desenvolverem atividades profissionais relacionadas ao ensino. Embora este dado não tenha sido de meu conhecimento prévio e portanto, não tenha se constituído um critério para o convite dos participantes na pesquisa, ele provavelmente provocou uma certa homogeneidade ao corpo de resultados. Considero ainda, que este fator comum pode ter sido um componente que facilitou a comunicação de idéias, que me pareceram em geral muito cuidadosas, já que a atividade de ensino tende a estimular a elaboração do pensamento e a sua transmissão. Penso por outro lado, que a faixa etária dos participantes também pode ter favorecido a natureza das colocações apresentadas. Na medida em que todos possuem idades acima de trinta anos e dois deles, acima de cinquenta, todos já superaram a fase inicial de trabalho profissional e já conquistaram uma atitude mais reflexiva, própria da maturidade adulta.

Procedendo a análise dos “indicadores” escolhidos tendo em vista o conteúdo das entrevistas, pude verificar muitos pontos de convergência com o referencial teórico apresentado, muito embora naturalmente, também existam alguns “indicadores” que não lhe correspondam.

Os pontos comuns existentes entre os resultados desta pesquisa e a teoria de desenvolvimento de Winnicott, basicamente são: o Potencial Criativo, a Função da Criatividade, o Fator Facilitador da Afetividade na Criatividade, as Condições Ambientais ligadas à família e aos grupos que influenciam a manifestação da Criatividade e por último, o próprio Conceito de Criatividade como força motriz do desenvolvimento

humano, como uma postura de vida e finalmente, como a expressão genuína do ser humano.

Em relação ao Potencial Criativo, os entrevistados referiram que ele pertence a todo ser humano e que a sua manifestação e desenvolvimento dependem da valorização e estimulação de âmbito pessoal e social. Nesse sentido, complementam relatando que se existirem repressões e bloqueios, haverá impedimento ou inibição de sua expressão.

Para Winnicott (1945/1993, 1971/1975), como referido anteriormente, o Potencial Criativo depende de provisões ambientais recebidas no início da vida, que constituem o alicerce da construção de uma individualidade genuína, que valoriza o próprio viver e que é capaz de gestos espontâneos, isto é, de apresentar as manifestações nas quais o “impulso” criativo aparece. Para o autor, também temos uma inibição do desenvolvimento do Potencial Criativo, a partir da ausência de estimulação do ambiente. Como não poderia deixar de ser, a proposta teórica de um especialista, como é o caso de Winnicott, apresenta uma ampliação do pensamento encontrado nas colocações dos entrevistados, neste particular. Temos uma elaboração mais aprofundada acerca do Potencial Criativo, que nos oferece uma compreensão dos fatores que configuram o Potencial – a provisão das necessidades básicas iniciais e, ainda, nos remete às conseqüências últimas do desenvolvimento do potencial criador – a constituição de uma identidade pessoal saudável e criativa.

Em relação à Função da Criatividade, encontrei provavelmente o ponto de maior convergência entre os resultados obtidos e a teoria escolhida. Ambos mencionam *a construção do próprio indivíduo e do mundo humano*. Para Winnicott (1971/1975), através da criatividade o indivíduo constrói a sua individualidade e o próprio mundo humano. Ele refere inclusive os aspectos da construção da nossa realidade relacionada

às artes, à produção científica, à cultura e à religião, através da apresentação dos conceitos de Objetos e Fenômenos Transicionais. Nas entrevistas encontrei colocações que se sobrepõem à proposta teórica de Winnicott, como por exemplo no relato que se segue: “a criatividade tem relação com a construção do próprio indivíduo, da individualidade, da sua personalidade, em todos os sentidos e eu acho que a criatividade permeia ou ela faz bem melhor o mundo, faz você se relacionar melhor com as coisas. Estar bem com a vida significa também ter que ter uma postura positiva e criativa”; ou ainda: “A alma humana é inquieta por natureza ... desde que você começa a ter vestígios do movimento humano no mundo, essa inquietação, essa necessidade, ela aparece e junto com ela, a criatividade, quer dizer, como a gente foi ao longo do tempo, desenvolvendo as coisas pra que essa inquietação, pra que esse desejo pudesse ser satisfeito, desde o desejo básico e de uma necessidade básica, como comer, nós acabamos criando lanças, tacapes, machados ... Para a busca da solução de uma necessidade e de uma forma mais sofisticada, a criatividade começa aparecer como a busca da realização dos desejos.”

Os entrevistados apresentaram ainda, dois Fatores Facilitadores da Criatividade: a afetividade e a liberdade de expressão. Em sua teoria do desenvolvimento emocional, Winnicott também menciona ambos, embora dê ênfase à afetividade e coloque a liberdade pessoal como consequência direta de uma individualidade saudável e genuína.

Sobre a afetividade, considero interessante reproduzir o relato bastante expressivo, na qual ela é referida numa das entrevistas da pesquisa. Menciona o entrevistado: “Uma coisa especial que eu não falei, que é fundamental em tudo isso, é o afeto. Sem afetividade, sem uma carga afetiva, eu acho muito difícil que haja a expressão criativa. Ou falar de criatividade como uma energia superior, eu te diria que acima da criatividade, como uma energia inclusive determinante da

manifestação dela está o afeto. O afeto talvez seja uma das energias mais poderosas de manutenção da vida e se a gente puder estabelecer cartesianamente uma hierarquia aqui de coisas tão subjetivas, eu te diria isto.” Penso que este relato traz à luz, duas importantes colocações: a afetividade como uma “energia de manutenção da vida” e como “determinante da manifestação do potencial criativo”. Embora a *manifestação criativa* e a *manutenção da vida* sejam em última instância, uma única e mesma coisa, é interessante colocá-las de maneira distinta, para termos em vista o relacionamento essencial existente entre a criatividade e a afetividade.

Em relação a isto, temos em Winnicott (1971/1975), a afetividade como o elemento nuclear na teoria, que permeia todo o processo de desenvolvimento do potencial criativo. É a afetividade que assegura o “devotamento” materno capaz de gerar o sentimento de confiança que dá sustentação ao “clima” que envolve o acontecimento criador. Em outras palavras, é o afeto, que como condição magna da criatividade, alicerça os fundamentos da segurança e da liberdade pessoal, para que possa existir o estado de relaxamento e a espontaneidade que enunciam um *gesto criativo*.

Considerar que a afetividade constitui os fundamentos da atividade humana criativa, parece permitir compreender porque certos processos, certas pessoas e certos ambientes são potencialmente mais criativos que outros. A afetividade, muitas vezes envolvida de modo transparente nas situações, parece ser a senha que responde à muitas questões presentes sobre a ocorrência do fenômeno criador. Se a atividade criativa possui uma dependência direta da afetividade, condições emocionais mais amadurecidas podem ser a garantia de uma expressão mais plena do potencial criador nos seres humanos.

Outro “indicador de análise” que apresenta paralelo em Winnicott, é a existência de condições ambientais para a ocorrência da criatividade: a participação da família no caso de crianças e o trabalho em grupo, no caso de adultos. Winnicott (1965/1980, 1971/1975) enfatiza a participação do ambiente no desenvolvimento emocional e na estruturação das bases da capacidade criadora. O autor afirma inclusive, que não existem processos de desenvolvimento sem a participação do ambiente e confere à família, o papel estruturador da existência de uma individualidade, enquanto uma unidade pessoal saudável. Nos resultados desta pesquisa encontramos uma referência aos pais como agentes que “bloqueiam” o desenvolvimento do potencial criativo nas crianças, quando apressam a aquisição de conhecimento formal nas escolas, desprezando a necessidade e o valor das atividades mais expressivas da infância na pré-escola. Encontramos outra referência sobre o trabalho em grupo, que me pareceu até mesmo, possuir um paralelo com a criança, em relação à sua necessidade de manter um relacionamento de apoio para o seu amadurecimento. Na vida adulta, o trabalho quando faz uso da realização de atividades em grupo, pode apresentar o mesmo tipo de envolvimento afetivo de suporte e cumplicidade, que favorece a expressão da criatividade. Uma das entrevistas da pesquisa referiu que o trabalho em grupo favorece a manifestação da criatividade, relatando quão rica é esta situação de interação, que oferece frutos imediatos.

Finalmente, temos o Conceito de Criatividade dado pelos entrevistados, que encontra ressonância nas idéias de Winnicott. Os “indicadores” da pesquisa apontam a criatividade como uma *atitude* ou *postura* de vida, enquanto Winnicott a menciona como *uma forma básica de viver*. Todas as colocações confrontam a “postura”, a “atitude” ou a “forma de viver”, com o oposto do conformismo e da não veracidade ou falsidade no modo de vida e relacionamento. Empréstando as idéias de Winnicott (1971/1975), temos que através da criatividade vemos a manifestação do verdadeiro Eu ou Self e, na medida em que a

experiência criativa expressa *a abordagem do indivíduo à realidade*, ela sempre dá mostras de uma individualidade genuína quando diz respeito a pessoas saudáveis, ou mostra o contrário, isto é, um “falso” Eu que oculta tudo que o indivíduo possui de peculiar e próprio, quando diz respeito a pessoas que tiveram seus processos de desenvolvimento emocional comprometidos. Uma das entrevistas se deteve sobre esta questão, mencionando esta disposição pessoal não verdadeira das pessoas, através do uso de “máscaras”, nas situações e nos relacionamentos do cotidiano.

Considero que a definição da Criatividade como “força motriz primordial” ou segundo as palavras de Winnicott (1986/1989), como “a capacidade de criar o mundo”, resumem a importância que a criatividade possui dentro da vida humana. Penso que este conceito dado à criatividade resume sua profundidade e alcance, quanto a possibilidade evolutiva que é a criação humana.

Em suma, as colocações sobre a criatividade que apresentaram paralelo à teoria de Winnicott, reforçam a idéia de que o autor foi muito feliz nas proposições teóricas apresentadas e que foi genuinamente criativo na sua apresentação dos conceitos de Objetos e Fenômenos Transicionais. Neste sentido, os “indicadores” que mencionam a ausência de explicação para a manifestação da criatividade rara – aquela que quebra a regra do costume ou que introduz um modo totalmente novo que surge “instantaneamente”, podem estar assinalando o caminho na direção da compreensão dos Fenômenos Transicionais, conforme descreve Winnicott. Além destas colocações, não existem referências diretas à estes fenômenos, no conteúdo das entrevistas nesta pesquisa.

Temos por sua vez, os demais “indicadores de análise” que não apresentaram relacionamento com as idéias de Winnicott e isso deve estar relacionado ao fato de que eles apresentam principalmente,

particularidades em relação à manifestação da criatividade. Apresentarei abaixo, um a um para uma melhor observação.

- *A Criatividade é o principal recurso de adaptação ao adverso* : geralmente quando a criatividade é referida como *um recurso de adaptação*, ela é considerada dentro do contexto da *solução de problemas* e que, em geral, possui uma abordagem mais cognitiva que enfatiza o *pensamento* criativo.
- Por sua vez, a criatividade quando é referida como uma *habilidade*, em geral ela está sendo tomada dentro do contexto da psicologia educacional e na perspectiva de seu aspecto mais formal.
- Afirmar que a Criatividade *aflora aos quatro anos de idade*, me parece um pouco controvertido, uma vez que teoricamente, a criatividade diz respeito a todos os momentos de vida do ser humano. Contudo, se considerarmos a argumentação dada na entrevista sobre uma possível mudança que ocorre dos três aos quatro anos de idade em termos da capacidade de *expressão* da criança, podemos considerar que existe a possibilidade de afirmar que a idade de quatro anos mostra uma atividade criativa mais expressiva comparada à idade de três anos. Nestes termos, Winnicott (1965/1980) localiza este acontecimento num momento bem mais precoce, pois menciona que a criança manifesta inicialmente seu potencial criativo em torno dos seis meses de idade, quando parece ter alcançado uma noção de identidade pessoal ou no momento em que é capaz de usufruir da percepção de que ela é um ser distinto de sua mãe, que também possui uma interioridade e é um ser total.
- A menção aos *hemisférios cerebrais* constituem teorias e pesquisas mais recentes na abordagem da criatividade. De acordo com este referencial teórico, os hemisférios cerebrais têm uma participação distinta em relação ao *processo* criativo. Em síntese, o hemisfério direito, mais intuitivo ofereceria as diretrizes da criatividade,

enquanto o hemisfério esquerdo participaria com a organização no processamento da elaboração criadora.

- Finalmente os “indicadores” que mencionam a manifestação mais criativa de grupos, como as mulheres ou os arquitetos ou os publicitários, são colocações bastantes peculiares que mereceriam maiores detalhes para exame.

Considerando a análise comparativa entre os resultados deste estudo e a pesquisa existente sobre a experiência criativa com artistas e escritores, devo dizer que a vejo como muito pouco apropriada. Ainda que ambos tenham estabelecido o mesmo objeto de estudo, as abordagens são demasiadamente distintas e consequentemente, os resultados são díspares. Na pesquisa mencionada com artistas e escritores, as autoras procuraram aprofundar o conhecimento da experiência pessoal dos entrevistados nas suas produções artísticas e estabeleceram parâmetros claros de investigação, introduzindo afirmações teóricas sobre a criatividade que foram pesquisadas em relação à experiência de cada um. Neste estudo, minha proposta foi abordar a experiência com a criatividade não especificamente de produções artísticas e a direção da investigação foi imaginada num sentido diferente da pesquisa referida. Considerarei a necessidade de abordar a atividade criativa de um modo mais amplo e não específico, para buscar em primeira instância, um senso de unidade sobre o assunto. A pesquisa com artistas e escritores, embora proponha a investigação da experiência e portanto, apresente a possibilidade de uma visão mais integral do fenômeno criativo, ainda segue, na minha maneira de ver, os mesmos padrões existentes dos estudos da criatividade, quando utiliza um questionário e delimita o grupo da investigação – artistas e escritores. A minha maior preocupação para tentar alcançar uma visão mais global da criatividade, me manteve sempre atenta para não estabelecer critérios à priori que pudessem ser limitadores e para procurar dar oportunidade para que as manifestações espontâneas ocorressem, uma vez que elas poderiam me oferecer dados

inusitados. Considero válido comentar no entanto, o resultado da pesquisa com os artistas e escritores, que segundo as autoras, “contraria” a afirmação de Winnicott sobre a atividade artística estar situada na área da transicionalidade, já que os entrevistados relataram elementos pertinentes às realidades interna e externa, além da área transicional, presentes nas experiências. É necessário ter em vista, que segundo Winnicott (1971/1975), tanto o mundo interno quanto o mundo externo participam da experiência – o mundo externo sendo “revestido” por conteúdos pessoais e o mundo interno sendo externalizado e introduzido no espaço de experiência que é a área intermediária de vivências e experimentações. Esta dupla entrada dos acontecimentos na área da experiência criativa, torna compreensível e esperada a menção de elementos que estão ligados à realidade interna pessoal e daqueles que dizem respeito à realidade externa compartilhada, já que segundo as idéias de Winnicott, na área da transicionalidade participam tanto a realidade pessoal como a realidade externa, sendo ambas as responsáveis pela configuração desta *terceira área de experiência* ou *espaço potencial*.

Em relação ao trabalho teórico sobre a experiência artística, cabe também uma breve apreciação, na medida em que considero interessante refletir sobre a possibilidade de estender as idéias ali contidas em relação à arte, para todas as experiências criativas vivenciadas pelo ser humano. Quando o autor refere que a arte utiliza um *tipo especial de comunicação*, que se encontra situada num contínuo entre o isolamento da autonomia e o desejo de estar com o outro compartilhando algum conteúdo, podemos considerar que esta “linguagem” não seja de uso exclusivo de arte, mas seja um modo de comunicação próprio do *viver* criativo. Considero também importante enfatizar, que as colocações sobre os “estados de não-excitação como condição de possibilidade” criativa não são essenciais apenas na criação artística, mas se estendem à vida criativa, mediante as próprias sugestões de Winnicott (1971/1975).

Para finalizar, quero apresentar duas últimas observações. A primeira, é a de ter podido verificar nos relatos das entrevistas, nas quais o enfoque era a experiência, as referências naturais em relação à pessoa, ao processo, ao produto e às contingências ambientais da ocorrência do fenômeno, que confirmaram a hipótese inicial de que a experiência reuniria estes aspectos de manifestação da criatividade. A segunda observação, acredito, é uma consequência mais direta do enfoque dado à experiência e trata-se da emergência de novos elementos relacionados ao acontecimento criativo. São eles: “uma percepção que conduz à apropriação do objeto”, “a relação entre a organização e a qualidade”, “sentir que o tempo é próprio” e “o trabalho em grupo favorece a Criatividade”.

Penso que estas colocações podem ser consideradas idéias novas no campo de estudo da criatividade, pois desconheço referências similares nos registros da literatura do assunto, até o momento. Em Winnicott, podemos encontrar idéias aproximadas que nos auxiliam o encaminhamento de algumas reflexões.

É interessante considerar que todas as novas colocações encontradas nesta investigação, referem uma particularidade na ocorrência do fenômeno criativo – a maneira de *olhar* um objeto, a maneira de *conduzir* a atividade criativa, o *espaço* e o *tempo* apropriados à criatividade.

Em relação à “maneira de olhar” um objeto, um dos entrevistados mencionou que *a crítica é uma forma que nós temos de nos apropriarmos dos objetos, para poder modificá-los* e que portanto, a criatividade e a crítica coexistem, já que para a criação de um objeto, temos que criticar o objeto ou nos apossarmos dele, para introduzirmos alterações e rerepresentá-lo de uma nova maneira. Considero que este

modo de conceber o sentido da “crítica” é bastante original e preserva essencialmente a sua conotação construtiva. Embora Winnicott (1971/1975), não se refira à experiência criativa em termos da crítica envolvida, em sua teoria do desenvolvimento chega a mencionar uma idéia aproximada à “apropriação do objeto” quando aborda o conceito de Objeto Transicional, denominando-o como “primeira *possessão* não-eu”. Nesse sentido, podemos nos deixar levar pela idéia de que a criatividade parece incluir um sentimento de “apropriação” ou “possessão”, que torna o processo algo íntimo e próprio, para que uma nova integração seja manifesta, atualizando o potencial criativo. Se a “posse” ou o *sentimento* de que “algo me diz respeito” ou “é como se fosse meu”, é uma condição para que a experiência de construção seja criativa, podemos entender porque a criatividade é tão envolvente e porque o seu oposto – aqueles processos que não apresentam um suficiente compromisso, acabam por naufragar nos mares das intenções sem realizações.

Em relação à *maneira de conduzir* a criatividade, um dos entrevistados mencionou o relacionamento entre a qualidade e a organização na atividade criadora. Segundo ele, a qualidade de produtos é inerente ao processo criativo e a organização é fundamental para levar à conclusão iniciativas criadoras. Menciona que a partir daquilo que é imaginado ou criado na imaginação, é necessário existir uma realização que possua organização, ou então, não poderemos falar em produto ou resultado. É interessante pensar dentro desta idéia, que na atividade criativa não basta existirem ações, mas é fundamental que estas ações estejam sob um eixo de ordem através de uma dada organização, para levar à termo os propósitos criativos. Sendo assim, devemos considerar que na criatividade não é necessário apenas “fazer”, mas *fazer de um jeito ordenado* ou *fazer dentro de uma determinada perspectiva*. Novamente, nos reportando à Winnicott (1986/1989), encontramos a idéia do “fazer com propriedade” envolvido na criatividade, que segundo

o autor, segue as “diretrizes” de uma individualidade ou as peculiaridades de um Eu.

Em relação ao *espaço* e ao *tempo* próprios da criatividade, dois dos relatos dos entrevistados, mencionam o *trabalho em grupo* como um *espaço fecundo para a atividade criativa* e o *tempo pessoal* – *aquele destinado às elaborações de conteúdos pessoais* como aquele capaz de promover a criatividade. Penso que a referência ao “tempo pessoal” tem um sentido aproximado à idéia da “posse” apresentada anteriormente e sugere que a criatividade precisa de raízes, de um ponto de partida ou de emergência no indivíduo que a experimenta, para que possa ser processada e não pode estar no vazio ou acontecer do nada. Quanto ao “espaço” criativo, penso que o trabalho em grupo mencionado, é um exemplo concreto da situação de relacionamento produtivo referido na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott (1971/1975), sobre o *espaço potencial* que inicialmente é configurado pelo bebê e sua mãe e, ao longo da vida, é conservado pela área das experiências culturais.

Em síntese, os resultados da pesquisa enunciam elementos novos na compreensão da criatividade, que referem que a atividade criativa:

- . inclui um sentimento de apropriação que indica um suficiente compromisso com a realização criadora;
- . possui uma ordem interna que rege as ações relacionadas a um determinado processo criativo;
- . possui um “tempo” e um “espaço” próprios que assinalam a importância da dimensão pessoal e do relacionamento humano na ação criativa.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar um fechamento ao presente trabalho através de algumas considerações, é no meu entendimento, uma tarefa que requer bastante ponderação, já que o resultado maior desta pesquisa, foi abrir um horizonte de estudo e reflexão.

A partir desta investigação, posso dizer que a minha compreensão sobre a criatividade se tornou mais clara e aprofundada, assim como suas limitações e necessidades são hoje, reconhecíveis mais imediatamente. Posso dizer também, que todos estes anos de reflexão e pesquisa, me trouxeram a certeza da importância que a criatividade possui na vida humana, quer tenhamos ou não, consciência disso.

Considero que a busca de uma visão mais global do fenômeno criativo foi realmente válida e trouxe como ganho, além de uma noção de conjunto, a possibilidade de destacarmos novos elementos em relação àqueles habitualmente estudados.

Dentre todos os elementos enunciados neste estudo, existe particularmente um, que no meu modo de ver, é fundamental para a abordagem mais aprofundada da criatividade e deve ser apresentado com a finalidade de encaminhar uma proposta de aprofundamento. Trata-se do envolvimento da afetividade no processo criador, que é responsável pela existência de um “clima” pertinente à criatividade.

A escolha de abordar especialmente o “clima” da criatividade, se deve basicamente a dois motivos: o primeiro, está ligado ao fato de que encontramos nos estudos habituais da criatividade, muito mais ênfase no processo em si, na pessoa e no produto criativo, do que nos aspectos facilitadores da criatividade. Quando isto acontece, os estudos tendem a oferecer uma visão voltada para os elementos mais imediatos, quando não se detém aos fatores inibidores da criatividade. O segundo motivo, deriva das reflexões originadas no desenvolvimento deste estudo e está

relacionada à possibilidade de compreendermos o comprometimento da afetividade na experiência criativa, uma vez que ela abre uma perspectiva de nos lançarmos a novas investigações, através da identificação das raízes de sustentação da criatividade.

Embora seja bastante original a proposição de Winnicott (1971/1975), sobre o “ambiente suficientemente bom” que oferece suporte ao “clima” criativo, encontrei também em Shallcross (1981/1985), referências ao “clima” da criatividade no ambiente escolar, apresentadas sob bases semelhantes.

Segundo a autora, o “clima” ou “atmosfera” criativa possui três aspectos: o físico, o mental e o emocional (p.13).

Em relação ao “clima” físico, refere a autora que “A sala de aula requer um arranjo físico que dê suporte a toda espécie de atividades que o professor queira conduzir ou permitir”; ela não necessita estar equipada de modo sofisticado, embora tenha que comportar diferentes arranjos dos alunos que lhes permitam trabalhar em pares ou sozinhos, em pequenos ou em grandes grupos. Segundo Shallcross, é fundamental que o professor providencie “um enquadre que ofereça os tipos de espaços apropriados para diferenciar os tipos variados de propósitos” (p.14). Por outro lado, menciona a autora, que é importante também, que cada aluno tenha seu próprio espaço e que este seja “um lugar seguro para manter o material que estão trabalhando” pois um “lugar físico privativo do aluno ajuda a construir um suporte essencial para a produtividade criativa” (p.15). A sala de aula também precisa incluir locais de exposição de trabalhos e materiais diversificados tais como sucatas, papel jornal, cola, marcadores, mapas, atlas, enciclopédias, jogos, quebra-cabeças, etc., que constituem “outro fator do clima físico” (p.15).

Em relação ao clima mental, a autora refere que “Um clima mental desejável é aquele que desafia mas não domina” e portanto, sempre se deve apresentar ao aluno, desafios que vão aumentando o seu grau de dificuldade, já que o sucesso é um encorajamento importante para se seguir adiante (p.16). Para exemplificar o clima mental, a autora apresenta problemas de raciocínio que desafiam a busca de soluções.

Sobre o clima emocional, menciona Shallcross, que ele é baseado no sentimento de confiança estabelecido e mantido pelo professor, “independentemente da idade dos alunos” (p.19). Refere ainda, que o suporte criado pelo clima emocional “requer demonstrações e reforçamentos constantes” e oferece uma segurança pessoal ao aluno, frente aos estímulos físicos e mentais apresentados pelo professor. A segurança sentida – complementa a autora, é originada a partir da garantia de que “as regras estabelecidas não serão violadas”, do fornecimento de informações permanente sobre a agenda das aulas com os objetivos diários e ainda, pelo apoio honesto oferecido aos alunos, no qual a crítica é apresentada com muito tato (p.19 e 20). Conclui então a autora, que o clima emocional “deve propiciar condições para que os alunos experimentem um senso de auto-estima, de posse e um senso de poder pessoal”, para que “adquiram um sentimento de dignidade pessoal e de respeito pela dignidade dos outros” (p.20 e 21).

É interessante estabelecermos um paralelo entre as idéias apresentadas por Winnicott e por Shallcross, em relação ao “clima” que envolve a criatividade. Ambos mencionam fatores físicos, mentais e emocionais que configuram a atmosfera criativa e destacam a importância do sentimento de segurança pessoal, que possui suas bases nas atitudes de confiança oferecidas pelo ambiente. As colocações de Shallcross, inclusive podem ser entendidas como um exemplo prático das propostas teóricas de Winnicott aplicadas ao contexto educacional. Neste sentido, poderíamos considerar que as idéias de Shallcross sobre o

estabelecimento dos espaços diversificados na sala de aula para assinalar e delimitar as atividades diferenciadas nas situações da aprendizagem, sugerem a possibilidade e a importância de estabelecermos os parâmetros materiais que estabelecem as fronteiras das condições emocionais, que encaminham os processos criativos. É bastante útil podermos estabelecer quais os elementos diretos que, segundo as proposições de Winnicott (1971/1975), configuram o “espaço potencial” ou aquele “espaço” de *experiências*, que é intermediário entre o universo interno e o universo externo, no qual os conteúdos da vida imaginativa são apresentados para além dos limites do mundo interno pessoal e os fenômenos externos adquirem valores oníricos. É bastante interessante alcançarmos a possibilidade de identificarmos as bases desta “área de experiências” na qual ocorrem os “fenômenos transicionais” – aqueles que reúnem paradoxalmente a possibilidade concreta de não ser o Eu e a representação verdadeira do Eu.

Na medida em que este “espaço de experiências” é essencialmente emocional, embora esteja ancorado em elementos concretos da realidade objetiva, como por exemplo na pessoa da mãe no caso do bebê, ou na pessoa do professor, nos recursos materiais e nas disposições ambientais da sala de aula, no caso da aprendizagem escolar, podemos buscar identificar os diferentes suportes das mais variadas situações humanas criativas, para então, procurarmos mais conscientemente, viabilizar as realizações criadoras.

Por sua vez, refletir sobre os fundamentos dos *fenômenos transicionais*, tendo em vista a maneira com a qual a riqueza do mundo pessoal se apresenta no mundo das relações humanas, nos leva a considerar a importância que o desenvolvimento da afetividade detém na criatividade humana e que, ao longo do tempo, constrói um senso de liberdade pessoal no âmago de cada ser humano.

Penso que o sentimento de liberdade que autoriza a expressão genuína de nossa individualidade, é ao lado do sentimento de segurança ou confiança pessoal, um importante *catalizador* da criatividade. Sem o sentimento de confiança não há liberdade pessoal, da mesma forma que sem o sentimento de liberdade não podemos falar em confiança pessoal. Ambos, frutos diretos do processo de desenvolvimento emocional, são produtos legítimos do desenvolvimento da consciência e portanto, da evolução do potencial humano.

Penso que a criatividade nos permite visualizarmos o infindável ciclo do desenvolvimento humano, que associa a consciência à liberdade, ao mesmo tempo em que vincula a conquista de maior liberdade à ampliação da consciência, da mesma forma que a liberdade conduz a um sentimento de confiança nas próprias capacidades e a confiança leva a uma liberdade mais consciente e, assim, por diante.

Em sua complexidade, indiscutivelmente, a atividade criativa reúne inúmeros aspectos da vida humana, incluindo os diametralmente opostos. Ensina que não existem padrões rígidos que norteiam o mundo e o viver. Mostra a extrema importância que um ser humano possui na vida de seu semelhante. Atualiza a todo instante, a incomparável possibilidade do desenvolvimento humano e, nos oferece a dádiva da descoberta dos mais importantes bens e valores – o auto-conhecimento, o sentimento do amor, o sentimento da liberdade, a responsabilidade, a solidariedade e a dignidade humana.

Para finalizar, quero dizer que este estudo trouxe, para dentro do meu espaço de vida, uma nova consciência sobre a possibilidade real de vislumbrarmos um futuro, mesmo longínquo, com menos guerras e mais fraternidade, na medida em que me permitiu compreender mais profundamente a criatividade humana e me concedeu a *ilusão* de sentir que *verdadeiramente* podemos criar construtivamente o nosso mundo.

ANEXOS

ANEXO A

ENTREVISTAS REALIZADAS

Entrevista com Rogério

E: R., como você sabe, eu estou fazendo um trabalho com criatividade, né, então, eu estou ouvindo as pessoas, pedindo para elas contarem a sua experiência, o que é que elas pensam sobre a criatividade, como é que a criatividade entra na vida delas, e estou aqui para escutar você.

S: Da vida pessoal da pessoa, ou ...

E: Como queira.

S: Ou, no geral.

E: Como queira, é, como você, como você achar, aí, é com você, né.

S: Criatividade é um conceito que pode ser, um pouco abstrato demais, né, quer dizer, o que é que significa criatividade, né? Na minha opinião, tem uma expli, uma definição pra isso, ou uma interpretação pra isso. Eu acho que criatividade é você saber, a partir dos dados que estão na mesa de todo mundo, claro que você deve buscar quantos mais dados possível, tá certo, porque isso significa também, aprender, avançar, mas trabalhar esses dados e tirar muito mais proveito muitas vezes desses dados, do que outros tiram. Então, acho que um trabalho muito criativo, é quando você consegue pegar cinco ou seis elementos e de repente, você coloca esses cinco ou seis elementos pras mesmas dez pessoas e uma dessas pessoas, consegue com esses mesmos poucos elementos, criar uma coisa especial, melhor, uma interpretação mais profunda, etc, então, acho que a criatividade está ligada a essa idéia, quer dizer, à idéia de você saber com os meios que você dispõe, conseguir os resultados melhores, né? Por exemplo, se você pensa na área, de “design”, por exemplo, que é uma área, interessante, né, você vê algumas coisas com tecnologia extremamente desenvolvida e que, realmente não acrescenta muita coisa, de repente você vai lá, vê um, um artesão que pega um, uma latinha, um pouquinho de milho, envolve com um pouquinho de fita crepe, tal e de

repente, isso vira um chocalho com um som maravilhoso, que tecnologia nenhuma conseguiu, quer dizer, com aqueles poucos elementos ele consegue o máximo possível, né? E, esta é a história de muitos instrumentos musicais brasileiros, por exemplo, né, ou vários objetos, brinquedo, você já viu brinquedos de artesanato? Que têm no nordeste, cada coisa incrível que os caras fazem com uma latinha, o resto de uma lata ou então, você imaginar por exemplo, que tem um som na, no, num dos países da, nos vários países da, eu acho, lá no Caribe, eu não sei exatamente qual país, eu não me lembro qual país agora, em que os americanos durante a segunda guerra mundial esqueceram lá ou largaram lá, várias, vários tambores, né, esses tambores enormes de ...

E: Óleo?

S: De óleo e tal, e esses tambores que eram lixo, tá certo? Se transformaram no som, que é o som mais característico da, né, daqueles povos, aquela coisa de bater naquelas, pápápápápápá, aquele som fantástico, né, quer dizer, isso é criatividade que está nas, está na sociedade e está no indivíduo. Outra coisa também é a gente confundir criatividade com uma coisa, um trabalho, uma coisa só ligada à individualidade, né, quer dizer, o indivíduo criativo, muitas vezes tem sociedades que suprem, criativas, e com pouquíssimos recursos, enquanto você pode ter sociedades extremamente imbecilizadas, com recursos imensos, né. Eu acho que o que a gente vê, num certo sentido, uma das críticas que você pode fazer à sociedade de massa, é esta imbecilização coletiva, né. Você tem sociedades, você tem uma sociedade em que você tem indivíduos criando enormemente, né, e de repente, de um dia para o outro, você tem avanços tecnológicos, você tem, não é, como se fosse um grupo de ponta de, criando todas essas assim, informações novas, numa massa imensa de ignores, de ignorantes absorvendo aquilo sem nenhum controle, sem conseguir fazer daquilo nada mais do que, consumo, né? Acho que criatividade é mais ou menos isso.

E: Mas você vê alguma relação entre os poucos recursos e o grau maior de criatividade ou vice-versa?

S: Não, eu acho que não existe, quer dizer, é possível você ter uma sociedade que com muitos recursos consiga fazer mais ainda, né. Eu acho que você tem que ter uma estrutura que é difícil de estabelecer qual seria, eu acho que cada situação cultural, social, tal, ela é mais ou menos propícia, né, pra que essa criatividade desabroche. Vai depender da, num certo sentido, dos meios que você dispõe, mas o problema é que, eu quero dizer que às vezes as pessoas imaginam que se elas estiverem morando nos Estados Unidos elas são melhores, do que se elas estiverem morando no Brasil, né, ou na África. Não é verdade, tá certo? Elas poderão ser menos felizes eventualmente, como também poderão se souberem utilizar estes instrumentos, este poder, esta, né, estes elementos, fazerem, serem também mais criativos, quem sabe, mas o que eu quero dizer é que a criatividade não está obrigatoriamente ligada aos meios que você dispõe, está ligada à uma atitude, então, uma atitude individual e coletiva, não é, no sentido de pessoas que sempre conseguem dar um passo além, elas têm os cinco elementos e conseguem criar o sexto, né, e o outro que então, já tem seis, consegue criar o sétimo, mas tem pessoas que, ou sociedades que tendo seis, permanecerão sempre tendo seis, se não passar um certo tempo, elas vão ter cinco (risos), porque regride, porque não tem ... né, então, no fundo isso aí, vai deslocar para uma questão de um problema que eu acho importante que é o problema do qual eu lido, que é o problema de ensino, né? Muitas vezes, a gente tem ensinamentos absolutamente imbecilizantes, embora você possa estudar durante oito, dez, quinze anos, um estudo imbecil, de repente, você pode ter um estudo com menos tempo, ou de repente, você muito criativa, muito mais dinâmica e tal, você consegue desenvolver mais as pessoas, não é?

E: E o que é que você acredita que determina essa criatividade?

S: Vamos dizer, aí seria o que ... você está pensando em geneticamente, alguma coisa assim?

E: Não sei, queria saber a sua opinião, se você já pensou nisso, se ...

S: Eu acho que tem várias coisas, quer dizer, a primeira coisa é a que eu estou querendo colocar, eu acho que tem uma postura coletiva, que pode ser criativa ou não. Você pode ter um artista, você pode também treinar as pessoas para que elas tenham uma postura individual...mente ou coletivamente criativa, ou o que eu acho que acontece na média das pes..., do, do, do nosso mundo hoje em dia, é que você cria as pessoas, você desenvolve as pessoas, para serem falsamente criativas, mas você cria, desenvolve as pessoas para serem consumistas das mensagens que você emite. Então, se você imaginar bem, quer dizer, qual é a criatividade que pode ter, o mundo, meio, meio que tem sido montado neste sentido, grandes shows de rock, por exemplo, ou a televisão massacrante, tá certo? Meia dúzia fazendo o show, né, fazendo o show, criativamente ou não e o resto, todo mundo babando, de entusiasmo em torno da televisão, são todos consumidores da criatividade alheia. É, eu acho que tem então, às vezes, posturas da sociedade que favorecem a não criatividade e é nesse sentido que eu estou querendo dizer, que ela não é obrigatoriamente ligada aos meios que você dispõe, tá certo? Há sociedades riquíssimas que podem assistir shows de rock, com toda aquela parafernália ou então, com a parafernália eletrônica que significa televisão e seus subprodutos, video, games, etc, computadores e tal e de repente, você tem um bando de passivos consumidores e, dessas coisas todas e um grupinho só que são os criadores dessas coisas, né, que na verdade usufruem dos grandes privilégios ... ou uma estrutura social, na verdade, que é capaz de pegar essa meia dúzia e colocá-los sob seus domínios, né? Olha, mas isso é uma coisa mais complicada de colocar, eu, e agora, indivíduos, o que você estava perguntando, é o que é que determina, não é, a ...

E: Isto, se você ...

S: Eu acho que é uma, pode ser uma postura coletiva, pode ser uma sociedade que auxilie, você a ser mais criativo, ou te convoque a ser um passivo consumidor. Pode ser uma cidade como São Paulo, por exemplo,

em que as pessoas conseguem imaginar, às vezes, como lazer só ir ao shopping center, né? É o próprio lazer não, não criativo, né? Muito diferente das pessoas que pegam o seu, sei lá, o seu fim de semana e vão construir um, vão pintar, por exemplo, vão construir um barquinho, ou vão, em suma, são atividades que são criativas, que podem favorecer o desenvolvimento da criatividade e outras que são, passivas, né, que são ...

E: Então, me fala ...

S: Tipo recebê-las.

E: Esta postura criativa, né, como é que seria, como é que você definiria? Você está falando, está em oposição à atitude passiva? Como é que é?

S: Está em oposição, exatamente, quer dizer, todo, todo, eu acho que às vezes a gente tem uma noção, inclusive de lazer, eu estava pensando nisso hoje, heim, tem uma noção de lazer que é uma, está ligada ao ócio, não é? Você já pensou nisso? Eu não consigo ficar numa rede numa sombra mais do que quinze minutos, eu não consigo ficar na praia, parado, tomando sol como um lagarto, isso é um problema meu, né, decerto eu estou angustiado, você pode até imaginar isso, tá certo? Mas eu acho que tem pessoas que só fazem isso, tem aquela postura, imbecilizante, de ser um, de confundir lazer com ócio. Eu acho que lazer, é o sujeito que, por exemplo, faz um aviãozinho de uma pilhinha e vai soltar no Ibirapuera, sabe? É um lazer criativo, o sujeito está inventando uma coisa pra voar melhor, ou o menino que está soltando uma pipa, lá, tentando inventar como fazer aquela pipa melhor para ela subir mais, né? Então, eu acho que, você tem posturas, agora, se você me dissesse agora: o que é que determina que alguns façam isso, outros não façam, se você tiver todos submetidos ao mesmo tipo de sociedade que favoreça mais ou menos isso, mesmo que você é uma sociedade que favoreça a criatividade, que incentive a criatividade, você, portanto, né, incentive a ação, não existe criatividade passiva, ninguém se tornará

criativa assistindo um show dos, sei lá, dos Bananas Assassinas, qualquer coisa assim, tá certo?

E: Mamonas?

S: Eu falei de propósito! (Risos)

E: Ah, tá, tá, tá, tá. (Risos)

S: Sei lá, não é mesmo? Ou, pode dizer: qual que é, né? Qualquer coisa, não que isso, mas, pode dizer: e se eu assistir um show do, do Pavarotti, também não pode? Claro que pode, mas eu estou querendo dizer que as atividades de lazer não podem ser só essas, não pode ser só o lazer passivo, você tem que ter o lazer ativo, acho que essencialmente você tem que procurar perceber, primeiro procurar fazer do seu trabalho, uma atividade extremamente criativa, isso, criatividade está ligada à prazer, né, quer dizer, ninguém pode ser criativo sem prazer. Você tem que ter prazer naquilo que você está fazendo, por isso você inventa, você aprofunda, você gasta sua cabeça ali, tá certo? Você não faz nada burocraticamente, quando você tem prazer no que você está fazendo, por isso que às vezes, eu reclamo disso, tá certo? “Pô, isso é uma postura burocrática, estamos aqui, mas fica pensando lá, sabe, a cabeça não está no negócio integralmente, então, é uma postura que, pode dizer: “estou aqui para ganhar o meu dinheirinho, pronto, acabou a hora, acabou a hora”, me irrita, não irrita na pessoa isoladamente, me irrita na postura geral da outra pessoa. (Secretária interrompe)

E: Você estava falando da postura, que a criatividade nunca é, existe sem prazer...

S: Sem prazer e sem ação.

E: Isto, e sem ...

S: Sem prazer e sem ação. Então, eu acho que, por exemplo, vamos pensar um pouco como é que eu sempre procuro encaminhar aqui no curso, né? Primeiro, eu procuro fazer, criar sempre um clima super gostoso entre as pessoas, da minha relação com as pessoas, procuro sempre incentivar positivamente as pessoas, é, jamais ficar mostrando os aspectos negativos, os aspectos negativos ela sabe, naturalmente você

falando das coisas, das boas qualidades e até não tocando naquele aspecto, pessoa fala assim: eu não toquei porque ali não está cem por cento, mas, quer dizer, então, você faz uma crítica indiretamente ... vão dizer: ôô, você só fala bem dos trabalhos! Se o cara tiver um pouco de, perspicácia, vai ver que eu não estou falando bem de todos os trabalhos, nem de tudo de todos os trabalhos, mas também, a idéia é incentivar o positivo, mas o trabalho aqui, não é uma criatividade no vazio. O sujeito não faz a lição de casa, não era puxado pela orelha? Em grande intensidade, levava grandes broncas porque não fazia lição de casa? O que o trabalho, a criatividade está ligada à ação, se você não tem ação, você não tem resultado dessa ação, que poderia ser uma postura mais criativa, um desenvolvimento, algum tipo, então, essas duas coisas estão sempre ligadas, quer dizer, fazer com prazer, mas fazer, e, na medida em que você tem, você tem que ter um lado como se fosse ginástica, tá certo? Se você for à aula da ginástica, tem que fazer a aula da ginástica, não pode falar assim: ah, esse aí, eu não vou fazer, eu estou descansando aqui, enquanto vocês ficam pulando ... Não pode! Tem que tentar pular até onde você não aguente mais, até que você não consiga mais, ou então, pular mais devagar, mas se tem uma hora de aula de ginástica, você faz uma hora de aula e você sabe também que se você ficar faltando todas as aulas, uma aula vem, uma aula não vem, você não vai conseguir desenvolver, se desenvolver fisicamente, que é o objetivo da ginástica. Fisicamente, psicologicamente, sei lá, a gente pode imaginar outro tipo de, então pra mim, criatividade, que que é, quer dizer, é você saber com os recursos que você tem, conseguir o máximo de proveito e não imaginar, porque você tem poucos recursos ou, não tem todos os recursos, significa que você seja menos criativo. Por exemplo, as pessoas chegam aqui no curso, falam assim: eu quero aprender óleo, aquarela ... “oh, infelizmente não é aqui!” Porque, quer dizer, que não é aqui? Porque o sujeito confunde a quantidade, se so, se eu não tiver um monte de latas de tinta, ou um monte de papéis de cores diferentes ou um monte de pastéis ou um monte de não sei o quê, ou vou desenhar ou criar

melhor. É mentira, é ilusão, você não domina nada, se você não domina nada, quanto mais você tem na sua mão menos você faz. Então, o que é que acontece aqui, a gente usa no curso aquele lapizinho mais medíocre, aquele papelzinho que é feito, exatamente desse tamanho que é pra ninguém assustar, se desse o papel em dobro, o cara fica assustado, aí o cara: ah, isso daqui eu domino! “Eu vi a minha vida inteira, esse papelzinho ofício na minha frente, esse lapizinho, então ...” E aos poucos o sujeito vai percebendo que ele vai conseguindo com estes poucos recursos, quando chega no fim do curso, você diz assim: por que que o cara, o que é que ele usou? Usou lápis de cor que toda criança usa, lápis que toda criança usa, papel que toda criança usa e depois quando chega lá no aprofundamento, depois de um semestre, daí ele usa umas coisas um pouquinho mais sofisticadas, como o pastel oleoso, nanquim, um pouquinho, e tal, mas nada, nada, e aí, faz desenhos incríveis! Daí: mas pô, mas que coisa, aprendi tal ... Porque é que ele aprendeu? Porque ele teve, primeiro, ação, fez, fez coordenadamente, tá certo? Essa é a minha função, a função do professor é organizar atividade, né? Naquele tempo, naquele tempo, você sabe que você pode conseguir aprender a desenhar ou qualquer coisa no mundo, se você se dedicar sozinho, só que você vai gastar uma energia mil vezes maior, porque qual é o problema do autodidata? É que não tem ninguém para orientá-lo naquela atividade, ele tem que procurar tudo sozinho, tem que ter um, decifrar. Se eu quiser aprender como é que funciona esse rádio, como é que funciona internamente, tal, se eu começar a puxar livros e tal, ir à biblioteca, quem sabe passe uns trinta anos, quem sabe eu aprenda alguma coisa, mas se eu quiser aprender isso mais rápido eu arrumo um professor ou um curso que organize as experiências para que o aluno não perca, essa é a função só do professor, o conhecimento está ao nível, ao alcance de todos, então, a minha função é organizar isso, dentro daquelas condições que eu te falei, tá certo? Estabelecendo críticas positivas, animando as pessoas, elas têm muito medo da atividade, toda atividade nova todo mundo tem medo da novidade, ainda mais desenho, todo mundo acha que num, que

num, que é uma coisa de gênios, quando na verdade não é, é uma coisa ... o desenho que a gente faz no nosso caso aqui, é um desenho pra todos, quer dizer, é um sentido democrático que o desenho tem, quer dizer, o desenho, o desenho é uma atividade natural da pessoa. Desde que o homem é homem, ele desenha, desde que, você vai lá nas primeiras cavernas, estão lá os desenhos, etc e tal, faz parte da natureza humana desenhar, sabe? Desenhar, significa projetar, significa projetar-se para a frente, antever, como por exemplo, eu estava, eu fui lá em Barcelona, agora, eu viajei, né, eu te falei, né, então, eu fui ver uma exposição do Pi, lá no museu Picasso, que se chama, que está sendo feita, “Picasso, a fábrica, Picasso, la fábrica de dibujos”, quer dizer, a fábrica de desenhos, o cara é uma fábrica de desenhar, então, você vai lá, vê, o cara tinha dez, doze anos, desenhava o tempo inteiro, desenhava a vida inteira ele desenhava, incentivado pelo pai dele que era um professor de artes e tal. Pô, só podia ser o Picasso, tá certo? Quer dizer, quando a gente fala do Picasso, a gente imagina que o Picasso, fico pensando assim, quanta genialidade o Picasso, tá muito mais, você sabe que o Picasso foi um sujeito de uma atividade intensa, né, ele não parou um minuto, de desenhar, de fazer e produzir, então, muito dessa atividade, será que a genialidade dele vem em função dessa, dessa disponibilidade pra fazer, quer dizer, pra considerar o contrário, será que por ser genial é que ele fazia, quer dizer, aí é questão do ovo ou da galinha. Mas, uma coisa eu posso ter certeza, não é criativo quem não faz. Se você não tem vontade de fazer, meu amigo, ... tem que fazer, senão você não vai. Então, quer dizer, criatividade também, é uma postura. Agora, no caso do meu trabalho aqui, eu acho que eu sempre tento, acho que você sempre pode ser criativo, escrevendo, você pode ser criativo fazendo medicina, você pode ser criativo sendo dentista, qualquer coisa na atividade humana exige criatividade, mas essencialmente, hã, está ligada a essa idéia que aquilo que você tem, fazer o melhor, com aqueles elementos que tem, você colocar uma, uma energia, “o que que eu posso, com esses cinco elementos, que eu tenho agora, fazer o melhor possível”. Não ficar

imaginando: “pô, se eu tivesse mais uns trinta, acho que eu seria muito mais criativo”. É o caso do sujeito que, né, “ah, eu não sou muito bom, porque eu não sei me, eu não sei pintar à óleo”. Pô, não sabe ..., não sabe nem pegar no lápis, cara! Às vezes, até falta, né, às vezes as pessoas se escondem, às vezes tem um dado que pode ser uma falta de humildade, às vezes, né? Fala: Nossa, ... O cara esconde a realidade que ele não sabe as coisas comprando materiais e tal e acaba não fazendo nada com aquilo ou, ou às vezes na verdade, é uma ilusão mesmo, que a sociedade passa que se você consumir todas essas coisas, você vai ...

E: Vai progredir.

S: E também tem um outro lado que é uma visão falsa da sociedade, que é o seguinte: imaginar que, atrás de toda arte tem uma técnica, tá certo? Imaginar que a arte substitua a técnica, isto é, se eu dominar a técnica da pintura à óleo, seria um bom pintor à óleo! Coisa nenhuma, não tem nada a ver com isso. O desenho, por exemplo, é a base da, de qualquer pintura, se você não consegue desenhar, vai pintar? Até pode, mas o exemplo do, não sei como, mas eu, o caso do Picasso, por exemplo, né, é bem isso. Você vê quantos os desenhos ele fez na vida, daí, você olha aquela exposição, você fala: entendi! Entendi, porque que o Picasso é o Picasso, entendi como foi que ele tinha chegado nisso, né? Agora, é, puxa, eu falo pra cacete, né?

E: Eu estou achando ótimo!

S: Deixa eu falar mais uma coisinha que eu preparei pra você, daí o negócio do, eu me perco, esse meu lado direito do cérebro é uma droga, ele atrapalha o lado esquerdo. Falar, você sabe que tem uma sequência, uma sequência, lógica...

E: Mas dá pra entender ...

S: Estruturada ...

E: É, sim.

S: Bom, depois eu lembro, o que foi que eu falei.

E: É, eu acho que a coisa vai ...

S: Eu queria amarrar o, o, essa idéia que acabou escapando, né?

E: Você estava falando de postura, né? Que a criatividade é uma postura. Como assim? Você pode falar um pouco mais? Postura, de quê? Do indivíduo, postura de vida ...

S: Volto a dizer que, postura social e individual, as duas coisas são importantes. Se você for individualmente criativo numa sociedade que não previ, que não favorece a criatividade, você, é o chamado, sei lá, é o cego de um, né? Eu acho que é o, é o cego na terra do, é o, é o, é o ca ...

E: É o rei ...

S: É o rei, tá certo, é o calouro em terra de cego, tá certo?

E: Quem tem um olho ...

S: Às vezes, tem umas coisas, que você vê em arquitetura, existe o, é, alguém dizia o seguinte, que o Brasil, fazendo a história da arquitetura brasileira, na década de sessenta, então, eles comentavam, no fundo a história da arquitetura brasileira era a, que era a história da, não é verdade integralmente isso, mas é a história de uma grande novidade e alguns milagres. Dá pra comentar, por exemplo a criatividade de pessoas de expressão mundial, como é Oscar Neimayer, por exemplo, né, que os brasileiros não valorizam e deveriam valorizar, né? “Pô, imagina uma coisa importante como Oscar Neimayer”. Bom, mais, mais de qualquer maneira, é uma coisa impo, não sei dizer isso, a gente não pode comentar, pegar e dizer que um país não é criativo, dizer que o Brasil não é criativo, dizer que o Brasil é criativo. É criativo e não é criativo, eu acho que todas as sociedades muito grandes, muito complexas, elas têm universos, locais, momentos e tais, extremamente criativos e às vezes não, né? Mas temos que lutar para que todos os momentos, para que todos os espaços sejam ocupados de maneira criativa, então você toma o aspecto coletivo. Quando você, valoriza, através de uma, sei lá, da mídia, certas posturas ou certos consumismos, você está lutando contra um a postura criativa da sociedade. Quando você usa, não a mídia para fazer, para promover coisas interessantes, coletivas e tal, pode às vezes, pode até assistir coisas que te mexam com a cabeça e façam pensar e tal, você pode até estar colaborando para que a sociedade se torne mais criativa,

né, mais pensante, mais atuante e tal. Esse é no sentido coletivo, né, mas a tua pergunta era ...?

E: Como é que é você conceitua, define a criatividade em termos dessa postura, né, então, você dizia, tem ...

S: Então, individualmente, eu é o que eu falo pra você, tá certo? Quer dizer, pessoas, no fundo, tem um prazer de tirar a bunda da cadeira, às vezes em vez de ficar sentado assistindo a televisão o dia inteiro, ainda mais no, no SBT do Silvio Santos ou na, naquela igre, naquela dos padres, lá, daqueles protestantes, como é que chama aquilo lá? Pô, só se for um imbecil mesmo, ficar ouvindo um sujeito que fala o dia inteiro, que o mundo é mau, ou que o mundo é bom, que o diabo desceu em você e que você não tem que fazer nada e ficar rezando pra, as coisas dependem, não dependem mais de você, dependem de outras forças misteriosas, é o grande Jesus, óh, Senhor Jesus, ou então, é o diabo, pôxa, essa é uma postura, quer dizer, que se chama, imobilizante, o sujeito não pode fazer nada, só tem que rezar pra que o diabo não tome o corpo dele, porque depois ele vai rezar pra que Deus vá salvar o corpo dele, ele não pode fazer nada, ele num, certo?

E: Certo ...

S: É uma coisa assim, fico pensando, quer dizer, essas coisas são, são posturas da sociedade que favorecem o imobilismo, favorecem a, que as pessoas se tornem mais burras, mais dependentes, dependentes deles, né, porque o interesse deles é muito claro, né? Doe todo o dinheiro que eles puderem, tal, quer dizer, quanto mais burro, mais, mais fácil de serem imobilizadas e manipuladas essas massas, né? Então, quer dizer, não é uma sociedade que pode ter por exemplo, uma tv cultura, que às vezes é interessantíssima, você pode ter uma, né, umas coisas como essas, por exemplo, né? Você já tentou ligar a televisão, passar assim, pô, você vai passando de canal em canal, só tem aqueles caras falando as mesmas coisas ...

E: Sangue, tragédia ...

S: Então, aqueles coitados: “que eu era, agora eu estou feliz”. Pô, mas não é possível, como é que se pode aproveitar de um coitado, de um débil mental, desse jeito, o tempo todo! Seu nome é testemunho, aí Deus ... daí, eu encontrei o Senhor Jesus, pôxa, mas isso é uma coisa, que me faz um mal, não consigo passar por aquilo, entendeu? Quer dizer, as pessoas de certo, judiadas, então é uma coisa assusta, assustadora. Eu passo então, a imaginar, que esses caras têm um poder enorme no congresso, também fico mais assustado ainda. Vários deputados que eles pagam, que eles mantêm, “dureza”, né? O lobby das igrejas protestantes é poderosíssima, né, por isso que elas têm televisões, tal, tudo isso produz riqueza, dinheiro, tal. Mas então, isso coletivamente, você pode ter posturas que facilitem ou que favoreçam. Individualmente, eu acho que você é aquilo que eu falei pra você, você pode estar numa sociedade muito, que favoreça tua criatividade, agora, se você não fizer um certo esforço, demonstrar um certo interesse, você num, vai ficar por aí, né? Aí você tem um velhinho, que se aposentou e vai, sei lá, vai, vai pintar, vai praticar um artesanato, vai, e tem o velhinho que vai ficar meio na janela, olhando o mundo passar e bebendo pra esquecer que está, o, né? “Óh, me aposentaram, me abandonaram, me deixaram aqui”. Ele tem uma postura negativa e não criativa, e às, e às vezes, eu estou imaginando duas situações que os dois tenham boas condições de saúde, porque quem não tem saúde, também, é outra questão, então não vale! Não tem gente assim, que se aposenta e fica reclamando da vida e tal, não sei o quê, tá, tá, ... tem outro que, sai pra vida, né?

E: Certo ...

S: Geralmente, as mulheres são mais criativas que os homens, sabe?

E: Certo ...

S: Você já viu isso em mulherada? Fica viúva, se acha, né? (Risos) E vai lá pro Sesc dançar, vai no grupo do não sei quê, vai no curso do R., outras sabe? E os homens, esses panacas, vão ficando velhos, né, mais velhos, né, vão ficando aqueles bobos, daqui a pouco, daqui a pouco, vão encher a cara na esquina, vão na padaria e ó, né? Não tem esse lance? Eu

sou mais às mulheres do que aos homens, não por afeição, sexual, também, (risos), mas elas são o meu público, né? Eu me divirto muito mais com elas, me dou muito mais, melhor com elas, do que com os homens, embora, os homens que vêm para o meu curso sejam legais, né? E também, são pessoas criativas, mas na média, as mulheres são, têm uma postura mais aberta, né? Engraçado isso, né? Engraçado, não, né? Acho que isso é uma coisa da sociedade mesmo, né?

E: Você acha que é a sociedade que favorece isso? Determina?

S: Ah, favorece, né, porque o homem é o lado esquerdo da sociedade, né, cabeça lógica, racional, não pode chorar, também não pode se dar o luxo de bobagens como desenhar, dançar, tudo isso é frescura, coisa de viadinho, tal. Aliás, você, ... não produz nada, só bobeira e tal, depois eles ficam atirados ao, e as mulheres, são mais, se permitem mais, né? As mulheres passam uma, ah, bom, imaginar como os homens se vestem e como as mulheres se vestem, tá certo? Desde o, acho que sei lá, desde o começo do século, tá certo, os homens se vestem rigorosamente do mesmo jeito, né, aumenta um pouco, diminui um pouco a mesma gravata, paletó e tal, não é isso? Alarga, achata, amassa o negócio lá, mas é, mulher cada hora tem uma roupa, né? Então, a postura estética das mulheres é totalmente diferente, né? Mas nem sempre foi assim, né, “ah, mas se é o homem, não pode mudar”, não é verdade? Se você imaginar, no século XVII, por exemplo, os homens usavam perucas, saias, o século XVII foi outro dia, não faz muito tempo o século XVII!

E: Realmente ...

S: Foi outro dia, tá certo? O Luís XIV, por exemplo, Luís XV ... a revolução francesa foi no fim do século retrasado, um “X” que vai fazer duzentos anos, não é nada, historicamente, né?

E: É mesmo, né?

S: Mas é uma coisa engraçada, quer dizer, por que que de repente, acho que é por causa disso, o homem é o eixo da sociedade, daí, então mesmo pra, com a saída da mulher, primeiro que a mulher mandou este tipo de homem à m..., mas, é difícil a gente não gos, a gente deixar de pensar

um pouco assim, muitas vezes a mulher ainda se sente responsável pelo mundo, né, carrega uma carga, enorme e tal, essa carga é mesmo o machismo, né, que sobra para os dois lados, né? Hoje em dia eu acho a mulher menos, é claro que eu não estou levando para o lado do machismo, aquele machismo violento, tal, isso é uma coisa que evidentemente não entra na discussão, se formos considerar o afeto, tal, a solidão, os homens hoje, estão sofrendo mais do que as mulheres, por culpa do machismo, porque você fica meio perdido, né, quer dizer, e as mulheres saem pra luta, né? As mulheres têm o mundo inteiro pra conquistar, né, a mulher só pelo poder de tra, sair pra trabalhar com dignidade e não receber nenhum assédio sexual, ser respeitada no trabalho, é algo fantástico, pra elas, né? Que até pouco tempo eram todas donas de casa, hoje em dia uma mulher que fala que não trabalha, que é dona de casa fica meio envergonhada, que não estuda, que não fez nada, tem vergonha disso, né? Então, a pessoa tem o mundo inteiro a conquistar, né, os homens ficam tentando, permanecer à tona, né, porque não tem, é em todo lugar, mais pra frente, fazer o que, pessoa que virar gay, tem um algo novo, mas se não for, (risos) como é que faz, a cabeça dele continua ainda sintonizada naquela idéia de chefe de família, que é uma postura não criativa, né, porque aí, é, é, é, a manutenção do status quo, do sistema anterior, que está na cabeça dele, ele não quer mudar no fundo, né, ele não pen, na verdade, ele não se propôs a fazer nenhuma revolução, fizeram, (risos), então, esse é o detalhe, a mulher não, a mulher sai pro mundo, acho perfeito esse negócio, ...

E: Então ...

S: São posturas criativas diferentes, o sexo feminino é mais criativo, no momento, culturalmente falando, sociológica, socialmente falando, não sei, do que o homem.

E: Então, criatividade pra você, tem a ver com mudanças, inclusive ...

S: Criatividade, só tem uma função, gerar mudanças.

E: Ah, tá.

S: Essas mudanças que a criatividade gera, só tem essa função, podem ser individuais ou podem ser coletivas, se você é um grande gênio, não importa se você é um grande gênio, ou um Picasso ou um Oscar Neimayer, você faz uma obra que faz o mundo da arquitetura ou o mundo da pintura, ou o mundo inteiro mudar, quem sabe um ou será quantos passos, mas se você, no seu pequeno mundo, aprender a fazer o seu desenhinho ali, você avançou em relação a você, não sei quantos passos, portanto individualmente, talvez o seu trabalho como desenhista de uma coisa muito insignificante do ponto de vista do, da, da arte, da grande arte, é pra você, muito mais importante do que se, é, ter ido olhar, sem menosprezar isso, né, ter ido ver, ter ido assistir a última exposição do Monet, certo? Ao ver a exposição do Monet, você tem uma contribuição social, sem dúvida e tal, tanto que gera a vontade de fazer, a vontade de entender, a vontade, mas, ainda é um pouco a idéia de você consumir a arte, mas na hora que você senta lá para fazer o seu desenho, você está fazendo e você está avançando, criativa, através da ação, eu acho que tem, a criatividade é avançar ou individualmente ou coletivamente.

E: A gente pode falar ...

S: Só um aparte, só pra uma coisa, quer dizer, a idéia é colaborar com o avanço individual, isto é, eu não tenho nenhuma pretensão de criar artistas, que transformarão o mundo, que se tornarão “Van Goghs”, embora eu sinta muitas vezes, quanta gente vem, com aquela idéia: “quem sabe, eu não sou um artista e depois eu vou descobrir que eu sou um grande artista”, isso daí não existe, são bobagens, não é, quer dizer, depois eu posso pensar, nos meus tempos de estudante de arquitetura, lembra daquela peneira, que a gente passou no cursinho até agora, que a gente tem cinquenta e poucos anos, ou muitos, (risos), quantos se tornaram gênios, né, de arquitetura, nenhum! Só alguns, entendeu, mais competentes do que outros, etc, porque gênio é só o Oscar Neimayer, agora, se todo mundo fala: “eu quero ser o Oscar Neimayer”, não vai ter espaço pra todo mundo, já pensou? Então, é uma bobagem isso, alguns

conseguiram sobreviver, alguns conseguiram fazer alguns trabalhos interessantes, e permanecem fazendo e tal, mas todos, gente dentro desse nível, entre aspas, chamada normalidade, dentro da, das regras dessa, e aí, é, portanto, o meu trabalho está muito mais próximo dessa coisa de fazer, cada, colaborar com a pessoa, com o indivíduo, com algum ideal, nesse sentido criativo, do que no sentido de criar artistas para o, que transformarão o mundo, isso é uma bobagem, não há nenhuma pretensão nesse sentido. Quero colaborar com pessoas reais, gênio não precisa de mim, imagina! Me lembrei do, me lembro por exemplo do Paulo Caruso, Chico Caruso, Chico Caruso foi meu aluno, imagina se o Chico algum dia dependeu das aulas que ele teve comigo, não dependeu, quer dizer, a gente tem que ser franco, ele é muito mais próximo do que se chamaria de genialidade, do que a imensa maioria das pessoas que passaram, passaram por mim, mas e a colaboração? A minha colaboração é muito pequena, a minha colaboração é muito maior de repente com aquela dona de casa lá, que, de repente ela saiu de, fora de casa, da tutela do marido, da pentelhação dos filhos, ela sentou aqui, e começou a fazer uma coisa, que foi ela que fez e que toda a família dela olhou e falou: mas mãe, foi você que fez isso mesmo? Pô, é o máximo! Isso é que é incrível, né? Essa é que é a pessoa, isso que é, daí, sim, eu acho que tem um valor maior, né, um resultado concreto, né, maior.

E: Então, assim, seria um avanço pessoal?

S: Um avanço pessoal.

E: Um desenvolvimento.

S: Aquele desenho dela, não vai mudar em nada, a história da arte, mas a ela mudou muito e ela no relacionamento dela com as outras pessoas, evidentemente. Eventualmente, o marido vai respeitar mais, os filhos vão respeitar mais e assim vai, e se de repente, ela chega e diz: esses elementos, eu posso, desses cinco elementos eu fiz isso e se eu tiver mais um sexto, daí, põe mais um sexto na cestinha dela e ela faz uma coisa melhor ainda, daí, isso vai pra vida, vai crescendo, daqui a pouco ela vai,

“pô, pegar esse desenho, escrever um texto, juntar os dois e fazer um livrinho”, e vai, e “pô” e vai embora! É muito legal, isso que é o ...

E: Agora, isso que você fala de ir juntando os elementos, né, e formar algo mais, tem uma idéia assim, né, de formar algo mais, de acrescentar, de avançar, né? Você diria assim, que tem a ver com quê, com construir, com, com quê, né, tem a ver com que objetivo ou que mentalidade ou, sabe?

S: Tenho a impressão que com a construção do próprio indivíduo, né, da individualidade, da sua personalidade, em todos os sentidos, eu acho, né, eu acho que a criatividade permeia, né, ela faz bem melhor o mundo, faz se relacionar melhor com as coisas, você aprender a desenhar, eu posso falar como um pedaço, né, mas, eu tenho a impressão que a pessoa aprende a desenhar, passa a ver melhor as coisas, ou então, fala, né, tem bem aquela estória do sujeito que fala: pô, agora que você falou em ‘brenfas’, eu já fiz esse curso, esse começo de curso e tal, sabe que eu não vou, ... (- mil pessoas, me falam isso) ... agora eu olho pras coisas, só vejo ‘brenfas’!!! “Ah, penso eu, você está vendo melhor, agora!” Você nunca prestou atenção e que, que tinha essa maneira de você ver, né? É uma maneira nova de você ver, quando eu vejo uma ‘brenfa’ significa o que? Que eu posso desenhar essa ‘brenfa’ dentro do meio daquela árvore, tem um buraco lá, ó, e aquilo lá é um ‘geraldinho’, olha assim, olha assim pro meu lado, você vai ver um ‘geraldinho’, ... “poxa, pela primeira vez eu vi aquele buraquinho, no meio daquela árvore, como ele é mesmo!”, né? O dia em que você vê uma pessoa e diz: ó, engraçado, os olhos dela não são aqui (gesto), como eu desenhei no primeiro dia, olha, agora os olhos são realmente no meio, puxa vida! Esses, você passou a ver a pessoa, bom, primeiro que você, no mínimo, você passa a se relacionar visualmente melhor com o mundo, a não ser que apareça alguém que é bobagem e tal, tudo bem, mas eu não acredito nisso, o rapaz: não, sempre viu e tal. Vê você viu, mas não enxergou, então, eu estou falando de enxergar, não estou falando de ver, né? Ou o contrário, sei lá, não sei qual é a diferença entre enxergar e ver, eu tenho uma

definição pra isso, não sei se o Aurélio considera isso, mas eu acho que enxergar e ver são coisas diferentes, né? Enxergar é você se aprofundar naquilo que você vê, né? Ver é um ato físico, só, né? Eu vejo a paisagem, tudo bem, né, agora, eu enxergo a paisagem, aí, você diz: bom, mas, é outra a conversa. Na minha, na minha maneira de ver, eu acho que eu colaboro com as pessoas, para que elas enxerguem, no mínimo, a realidade física que tem em volta delas. Pois eu acho que eu ensino essas pessoas, à medida em que elas vêm, a se relacionarem com o mundo da arte, um pouco, de uma maneira um pouco menos pretensiosa, né? Porque as pessoas, ou então, assustadas, né, o sujeito que vai ver o Mondrian, o grande, ou o Monet, o grande, o grande acontecimento do Masp, vira aquela coisa que parece o, que está chegando ali o, um ator de rock, ou melhor, um ator, um cantor de rock, ou uma coisa meio parecida, um mega espetáculo, tal, que você tem um pouco de, não gosto muito disso, diz que o mundo hoje é dos grandes espetáculos, tudo bem mas, mas é só, uma postura meio, meio só pra fora, não aprofunda as coisas, mas tá bom, então eu acho que também posso colaborar no sentido de que as pessoas possam ver aquilo de uma maneira um pouco mais crítica, né e ... de maneira mais crítica, o sujeito pode ver de maneira mais criativa também, né, olha, vê, critica, analisa, vê como é que você poderia refazer, como é que aquilo poderia também de repente ser utilizado em parte em alguma coisa que você está fazendo, de repente aquilo começa a ficar um desenhinho mais simples, igual aquele que você estava fazendo em casa, nas cores, não sei o que, ou seja, te ensina a incorporar mais elementos encima daqueles cinco elementozinhos que originalmente eu coloquei, entendeu?

E: E como é que você relaciona isso com a criatividade, este enxergar, né? Tem qual, qual ligação, que você veria? Enxergar, não é, é meio determinado pela postura criativa, ou não, ou você nunca pensou nisso?

S: Ah, eu acho que é, mesmo que enxergar significa uma postura crítica e a criatividade e a crítica estão muito ligadas, né, você só faz críticas das coisas, no sentido positivo delas, pra ver como é que elas poderiam

deixar de ser para ser de uma outra maneira. O sentido da crítica é esse, né? E você faz a crítica pra se apropriar daquele, daquele objeto criticado e transfor ... e re, retrabalhar, quer dizer, se apropriar dele, digerir e devolver de outra maneira, então, a postura crítica está ligada à postura criativa, tem, são coisas integradas.

E: E na tua experiência, você percebe assim, quando você está criando, existe um certo fluxo, um certo processo que se repete, fatores que sempre estão presentes, como é que é, né?

S: É, quer dizer, aí, eu tenho que falar do meu lado, do meu lado como arquiteto, né, ou como criador de cursos, ou sei lá, né, o lado criativo, mas eu acho que é uma coisa engraçada, quer dizer, outro dia eu estava ouvindo, o problema é o seguinte, se eu estou sob muita pressão, trabalhando muito, eu não estou sendo criativo, eu sou mais criativo quando eu estou em férias, porque daí, eu vou, primeiro tem que fazer, acabaram as aulas e daí, entra, daí vou viajar, certo? Aí a minha cabeça está começando a, a funcionar super legal, não é porque eu fui viajar e tal, é porque eu descansei, então agora, toda aquela experiência que foi jogada encima de mim ou que eu trabalhei com ela, etc e tal, vai se acalmando, então, de repente eu estou lá, o tempo todo atrás de manutenção, então, eu sei que eu tenho prazos para resolver certas coisas, eu vou deixando meio que as coisas acontecerem, de repente, pá, eu escolho exatamente, pelo menos dentro do meu quadro, né, daquele momento, tal, qual é o melhor caminho pra escolher alguma coisa, quer dizer, não é o, em suma, quero dizer o seguinte, isso sempre se repete, em arquitetura também. Posso pensar, pensar, logicamente, durante muito tempo, mas a hora de fazer o projeto, é uma, quase que uma faísca instantânea, entendeu? Pô, é esse o caminho! Eu não sei porque que é, aquele, é o caminho, mas é o caminho e depois eu vou analisando aquele caminho, aquela idéia e tal e vou vendo que aquela idéia realmente (pausa). Então, eu estava falando, quer dizer, eu acho que portanto o processo criativo não está ligado à lógicas, exclusivamente, quer dizer, você tem que ter ou a quantidade de informações, é o que eu estou

falando desde o começo, tá certo, então, você saber, trabalhar esses elementos, o que você chamaria trabalhar, quer dizer? Criar condições para que eles, de repente, para que todo este monte de informações e necessidades e situações, de repente, aflore num objeto ou num, criativo, ele é criativo porque isso não vem de um processo lógico, dedutivo: esse tal tem que ser assim, tal, tal, tal, portanto assim. Portanto isso significa o seguinte, o mais criativo de todos seria, um matemático perfeito, né, que seria o sujeito mais criativo do mundo, porque ele logicamente deduziria tudo, né, o “Mr. Spok”. “Mr. Spok” é um horror, o “Mr. Spok” é o lado esquerdo do cérebro e só, né, como é que pode ser um sujeito que, quer dizer, é errado, tinham que fazer um “Mr. Spok” na televisão, tinham que fazer um homem dividido pelo meio, que não pode ter dois olhos, se ele tem dois olhos ele tem lado esquerdo e lado direito, metade do cérebro dele vai ser intuitivo, outra metade racional, então, sabe como é que é, ou tem que ser um homem dividido ao meio, como dizia o, o livro do, eu preciso achar esse livro porque, daqui uns dias eu vou aparecer na televisão, programa da, da Universidade do Mackenzie, vou falar exatamente desse negócio, criatividade, desenho e tal, não posso esquecer essa referência, eu não me lembro do nome do autor, mas é, é muito interessante, é uma fábula, né, em que ele, “o homem visconde, partido ao meio” – é o nome, e para o realismo fantástico, o sujeito numa batalha da idade média o sujeito foi partido por uma espadada ao meio, entendeu? Ficou dividido em dois, então, ele volta pra, pra aldeia dele, pro lugar dele, pro castelo dele pra região dele, tal, e voltam os dois, então, uma hora ele é profundamente amável, maravilhoso, tal, outra hora ele é um horror, é um demônio, tal, outra hora ele é, é, sei lá, ele é o lado direito e o lado esquerdo do cérebro, separado, né, e toda luta era para voltar a ser ao mesmo tempo bom e mau, tal, né, porque era sempre uma confusão, porque hoje ele era uma coisa maravilhosa, doce, amável e não sei o quê, outro dia ele era um monstro, empalador e sabe esta conversa, parece ficção científica, mas não sei como seria um sujeito absolutamente racional, só pensa logicamente, (risos) só tem a metade do

corpo dele, quer dizer, é a própria idéia do desequilíbrio, só anda com uma perna e com um braço, assim, impossível, um braço e uma perna, dois braços e duas pernas significam equilíbrio, equilíbrio do lado esquerdo e lado direito de você, toda socie, todo mundo é bipolar, né, é um lance que é uma coisa gozada, né, porque que você tem dois olhos, divide pelo meio, de um lado e do outro, tal, porque a noção de equilíbrio é essencial, você se organizou geneticamente, a parte, a idéia do equilíbrio.

E: Agora, você falou uma coisa, de condições, criar condições, não é, para a criatividade ... operar? Como é que é isso?

S: Aí acontece um monte de exemplos que eu posso te dar, por exemplo, o da rádio, televisão Cultura e a da TV dos bispos, ponto, dei um exemplo, né, é isso aí mesmo. Há milhares de possibilidades de, no meu curso e na minha cabeça, é uma maneira de organizar atividades criativas dentro de um determinado universo. Talvez alguém descubra amanhã, como fazer isso mais criativamente do que eu, tudo bem, ou que consiga mais resultados do que eu, tá certo? Mas eu tenho, a minha preocupação que este espaço seja assim, né? Se alguém conseguir melhorar, melhor ainda, tá certo? Mas são posturas criativas que, são posturas que favorecem a criatividade, o desenvolvimento.

E: Então, eu estava pensando assim, em te pedir para você dar nomes pras coisas, né, por exemplo, você usa música, né? Você acha que tem algumas coisas que favorecem estas condições, você utiliza isso?

S: (comentários sobre estado gripal) Mas, eu estava falando de?

E: Das condições que facilitam a criatividade ...

S: Se eu uso isso? Eu acho que eu uso, didaticamente eu procuro usar, eu procuro fazer um ambiente que seja claro, um ambiente que seja calmo, coloco as músicas que não têm nenhum objetivo que não seja criar um ambiente favorável, não gosto que as pessoas fiquem conversando excessivamente durante a aula, que eu acho que distrai a atenção de todos, aquele zum-zum, atrapalha e às vezes, eu exagero também, falando demais, contando piadas demais, porque o meu jeito é

muito efusivo, tal, eu tento me controlar, eu mando a C. lá dentro, “quando você vê que eu estou falando demais, então, você me dá um toque”, quer dizer, então, tem condições que você tenta, às vezes, eu estou um pouco ansioso, porque muito trabalho, entendeu, chega uma certa hora que você está meio, numa fria, entendeu, porque as coisas se repetem, a mesma pergunta duzentas vezes, a mesma questão duzentas vezes, às vezes cansa um pouco, né. Então, contra estas coisas que eu luto, né, não ficar irritado com pergunta nenhuma, tal, então são, são dificuldades que a gente tem, né. É fácil conversar com você uma vez, tá certo? Agora, se, se, depois que sair você, entrar uma outra, pergunta a mesma coisa, entrar uma outra, pergunta a mesma coisa, chega uma quinta, você: Poxa, não aguento mais! Capaz que saia uma resposta meio, né? Então, esse é um problema, um pouquinho, que a aula tem, né? Estou começando a fazer a aula relativamente livre para que eu possa me adaptar às pessoas, né? Para não sofrer um desgaste muito grande, se não eu fico muito desgastado e quando chega o fim do semestre, eu estou caindo pelas tabelas e não posso deixar as pessoas, perceberem. Por que? Porque isso vai prejudicar esse clima e essas condições que ajudam, condições, condições, se você puder dar melhores, porque você vai dar piores? Mas eu acho que mesmo em condições piores, você pode fazer coisas.

E: Seria um clima de tranquilidade ... como é que é que você daria o nome?

S: Não sei se daria nome pra isso, acho que é um, é um ambiente, né? Quer dizer, a gente se preocupa com o ambiente, né, com o espaço, né, poderia ter sido muito melhor, isso aqui é o que eu tinha, tá certo? Que eu fui aos poucos tentando melhorar e tal, mas são as profissões. Mas se eu pudesse ter uma sala, uma sala um pouco maior, eu poderia colocar as pessoas um pouco menos grudadas umas nas outras, mas por outro lado, será que se estivessem afastadas umas das outras, criaria aquela, aquele relacionamento legal, que elas, que elas criam? Será que se o espaço fosse maior eu não ficaria mais perdido num mar de espaço, com menos

facilidade de falar pras pessoas, tendo que berrar mais, tornaria a coisa menos, menos aconchegante, então são coisas que, são perguntas, né, que a gente fica se fazendo, sempre neste sentido, de tentar criar melhores condições para que aconteça estes trabalhos, estes desenvolvimentos, estas criatividades, esses avançares, né?

E: E na sua experiência mais individual, quando você, cria algo ou se dispõe a criar algo, você cuida de algumas coisas, em relação à estas condições, pra te ajudar no teu projeto ou no teu processo, ou não?

S: Acho que sim, né, acho que sim, não dá pra fazer um projeto, com criança pulando do seu lado, a mesma coisa que não dá pra ler um livro com um cara assistindo televisão alto, são coisas mínimas, normais. Tirando isso, não tem nada de especial.

E: Não?

S: Não preciso ter o último lápis da moda, o último computador, incrível, pra poder ...

E: Não tem nada assim, que você sinta que te ajuda e que você lança mão, que é especial?

S: Isso tem, mas isso, essas coisas, são complementos, mas não são essenciais, a gente tem, costuma pra projetar usando lápis e régua T e tal, instrumentos que super rudimentares, então eu faço isso melhor do que se eu tivesse qualquer computador, né? E nem sei se nesses projetos onde as pessoas utilizam o computador, são obrigatoriamente melhores do que outros, né, do que estes instrumentos mais, mais modestos, né, porque sejam mais rápidos, mais objetivos, mais competitivos ... nesse mundo do neo-liberalismo tudo tem que ser muito competitivo, tudo muito rapidinho, eu não sou assim, eu sou muito devagar ...

E: Vamos dizer assim, né, do que você está me contando, eu estou pensando aqui, talvez seja, o que você cuide mais, seja de ficar, que esteja presente esta postura, você fica ligado no como é que você se coloca ali, na situação, do que...

S: No caso da aula, você está falando no caso da aula?

E: Na tua experiência com a criatividade, né, ou pra promover a criatividade na aula ou pra desenvolver algum projeto, né? Não sei ...

S: Repete de novo.

E: Será que no teu caso com a tua experiência, né, você cuida mais é dessa postura, que você disse, mais do que qualquer outra coisa ...

S: Não, eu acho que não, é que no caso eu me preocupo mais em criar um ambiente agradável pras pessoas, se eu tivesse um ambiente menos agradável, eu ia tentar trabalhar com ele, mas evidentemente se eu posso ter o quanto mais agradável, melhor. Se você tiver aqui, um calor insuportável, eu estou pensando em colocar ar condicionado, poxa, alguns dias vai te incomodar ao invés de ser legal a aula, isso eu tento controlar mas isso é natural, né, não tem, isso qualquer um faz, né, está passando calor lá, né, põe um ar condicionado, não tem muito, por aí, não existe muito isso, agora, você está falando de condições, ... assim, externas, quer dizer, um sonzinho legal, a falta de ru, barulhos, não sei o que, isso é natural, acho que vale para todas as áreas, não tem nenhuma, ...

E: Deixa eu colocar de outra forma, a pergunta. A minha pergunta é assim: você acredita que tem algum fator, algum elemento, que facilita a criatividade? É isso.

S: Ahhh, entendi. Acho que tem, né, acho que tem, né, é meio essas coisas, quer dizer, condições, condições ambientais facilitam, o que eu quero dizer é que elas também não inibem, sei lá, o que eu estava querendo dizer pra você, é que você pega aquela lata, é inclusive, maior parte, qualquer ser humano, qualquer um de nós, os homens da civilização avançada, que assistem televisão maravilhosa, etc e tal, é capaz de deixar enferrujar no mar, está certo? E aqueles carinhas foram lá e pegaram e fizeram aquele som, então, de repente, muito pelo contrário, aparentemente eles tinham menos condições, não é? Eu estou imaginando esse, que, então, isso deu pra entender? Então, seria o contrário, mas se eu posso criar boas condições, não há porque não criá-las, porque elas ajudam, é um som agradável, um ambiente agradável,

isso vale não só pras pessoas, para os alunos, como pra mim também. Você fala: vai projetar lá em cima (refere-se à sala que existe em sua casa), nesse calor desgraçado que está, pô, não tem condição! Vai projetar naquele lugar, naquele cantinho da mesa do almoço, enquanto a gente janta, poxa, não dá, então, são coisas que, né, enquanto a gente conversa e bate um papo, dá pra você assistir televisão e me contar como é que foi a novela, enquanto você projeta, pô, essas coisas acho que são super naturais, né, em suma, existem coisas que favorecem, isso do ponto de vista das condições físicas, materiais, né, acho que do ponto de vista das condições psicológicas, também, né, porque na verdade essas condições físicas, materiais, favorecem também a musiquinha, que é agradável, você estar bem com a tua vida, se bem que, estar bem com a vida significa também ter que ter uma postura positiva, né, e criativa, né? Você está no enrosco, você tem que encontrar um jeito de sair, né, não está bom, tá, tem que tá, né, o tempo inteiro você tem uma obrigação só no mundo, né, que é ser feliz, né, se é que tem e é uma obrigação... mas, pelo menos me parece que é um desejo de todo mundo, né, tentar encontrar um jeito de, fazer o melhor possível, né, um jeito de ...

E: Você estava dizendo que você acredita que todos são criativos, né? Todos podem ser ...

S: Todos são, não. Todos tem potencial criativo.

E: Todos podem ser.

S: Sem dúvida, não confundir isso, bom, primeiro eles têm grau dessa potencialidade até chegar ao ponto do gênio, tá certo, existem graus, será que Alfredo e Joaquim são absoluta, tem o mesmo potencial criativo? Não é verdade, né? Pode ser até que eu tendo, eu tendo a acreditar que todas essas pessoas têm potenciais e que estes potenciais se manifestam ou nesta área ou naquela, ou naquela, ou naquela, ou em nenhuma delas, se não tiveram condições, coletivas e individuais pra procurar isso, tá certo? As condições coletivas, pode, pode, pode gerar, pode favorecer, etc., as individuais, não, né? Você sabe muito bem da estória de moleque que você põe na melhor escola, põe no sei que e tal e o cara não vai pra

frente, mas é filho do mesmo pai, da mesma mãe, irmão daquele que estudou aqui desde o começo do ..., estas coisas a gente sabe que existem, não é verdade, então, acho que, tal. Agora, quando a pessoa já vem para o meu curso, eu acho que ele já tem um potencial virado pra este caminho, se não nem procuraria, procuraria desenvolver outra atividade dela, por exemplo em outras áreas, “eu acho que vou fazer um curso de, de texto na USP, por exemplo”. Ô, pode uma, um troço legal, né? Pode te favorecer muito criativamente, né, dependendo, sei lá, do professor e tal. Ontem, ainda estava aqui o professor que veio me convidar pra fazer esse negócio, e o assunto é exatamente esse, quer dizer, a criação das linguagens, a criatividade e tal, e então ele dizia o seguinte: tem um professor nosso, que parece que está dando aula lá, também no Mackenzie, ex-professor nosso, quer dizer, um sujeito que deve ter uns sessenta anos, hoje em dia, que era um sujeito que quando a gente era moleque de doze anos, ele punha um na frente do outro e dizia: “vem cá você”, você não, senhor, um menino de doze anos, todos nós éramos meninos de doze anos, de terno e gravata, era obrigado, colégio do Estado, “senhor R., por favor venha a frente, à frente, senhor Tal, venha à frente, e agora, senhor R., o senhor é um, é um gato, e o senhor Fulano de Tal é um gato, então, eu quero que os senhores travem um diálogo como dois gatos”, não é? A primeira coisa que ia ocorrer na, é Miau, Miau, não é isso, entendeu? O que é que dois gatos conversariam, se soubessem falar? Bom, você quer uma coisa mais criativa que isso, se o moleque de doze, ia falar: pô, o que é que o gato falaria ... “será que você tem um pedaço de carne pra mim?”, “não, eu não tenho, mas, hã, hã, vamos então para aquela lata de lixo, tal”, então, de repente, estava criando um texto, um troço extremamente criativo, né, esse era um professor que favorecia a criatividade.

E: Certo ...

S: E outros não, né, só são capazes de ensinar gramática, né?

E: Certo ... Como é que você explica ou você entende, né, por exemplo um Oscar Neimayer, um ...

S: Como um, como um milagre. Alguns milagres existem, né? O Oscar Neimayer vai ser, como dizia o Darci Ribeiro, ele vai ser, daqui há mil anos, um dos dois únicos brasileiros das quais o mundo vai se lembrar, que viveram neste século, ele seria ele, neste século não, né, nesses tempos aqui, né, nesse século vin, quer dizer, nessa, nesse milênio, o Oscar Neimayer e o Aleijadinho, quer dizer, pô, um milagre, né, quer dizer, essas coisas, esses indivíduos existem, né, com os mesmos cinco botõezinhos, ele não fez, ele juntou esses cinco botõezinhos, fez uma outra coisa, né? Todo mundo tinha esses mesmos cinco botõezinhos, cinco dados, cinco situações assim, que ...

E: Certo ... elementos.

S: Elementos, né? Falo cinco, estou brincando, poderia ser ...

E: Seis, sete, entendi!

S: Então, é a, é uma coisa, é um milagre mesmo, daí a genialidade mesmo, essas coisas não se ensina, essas coisas não fazem parte do universo com o qual eu trabalho e, embora o trabalho do Oscar Neimayer, os trabalhos dos gênios me interesse muito, não tem nada a ver com o trabalho que eu faço e não tem a ver com a minha realidade e a realidade dos meus alunos, tal, eu trabalho com pessoas comuns, posso dizer a você que, que talvez o Chico Caruso tenha sido mais um dos, sei lá, fui professor do Chico Caruso, do Arrigo Barnabé, do, sei lá, do Guilherme Arantes, né? Talvez essas pessoas, tenham as pessoas mais próximas, do que, você chamaria de pessoas geniais, tá certo, mas mesmo assim, eu acho que eles ainda não conseguiram status como de um Oscar Neimayer ou de um Aleijadinho, então, essas coisas são, né, pra mim, o meu mundo é o seguinte, as pessoas mais geniais, que, que, com as quais eu tive contato, ainda vão ter que esperar o, o apoio da história, né, pra poder dizer se era mesmo, tal, agora, eu acredito que esses, especificamente, esses são, né, acho que daqui há cem anos, as pessoas vão olhar a, a análise social que as caricaturas que o Chico Caruso fizeram, né, a análise, fez, né, e vão achar que uma coisa genial, mesmo, quer dizer, mas a história vai ter que confirmar que realmente o

que eu acho é isso, é verdade. Tá cheio de poetas que no século dezenove eram os reis do, do mundo, e ninguém lembra mais deles no século vinte, outros que nem tal, vide o caso do Van Gogh por exemplo que, que vendeu um quadro só, aquela velha história que todo mundo sabe, enquanto que de repente, os pintores oficiais da época, né, não tiveram muita importância. Por acaso você se lembra de um poeta oficial que existia no Brasil chamado Guilherme, era o poeta da, como é que é, era o príncipe dos Poetas brasileiros, era o Guilherme ...

E: Guilherme de Almeida?

S: Guilherme de Almeida? Acho que era, Guilherme de Almeida, ninguém mais fala desse ...

E: Eu só lembro porque eu conheço uma escola com o nome dele.

S: Guilherme de Almeida, será que era isso, quer dizer, eu acho que é isso. Me lembro dele vivo falando na televisão, era o poeta, príncipe dos poetas brasileiros e tal e me parece que acabou, porque nunca vi nenhum livro, nenhum traba, nada dele ser indicado por exemplo pra o vestibular da USP, entendeu? Né?

E: Agora, deixa eu escarafrunchar um pouco mais, né, porque eu acho que é interessante isso, quando você fala que é um milagre, você pode falar um pouco mais, o que é que é um milagre pra você?

S: Milagre é aquela coisa que não está nas regras, né? Não está nas regras.

E: E como é que ...

S: E ao mesmo tempo está, é uma brincadeira, é um exagero, né?

E: E como é que existe?

S: Algumas pessoas nascem com as antenas mais afiadas, né, elas estão com as antenas mais aber, quem é que falava isso: que o artista é a antena da raça? O artista é a antena da raça, é o sujeito que está na frente, né? Não me lembro, é um pintor importante, né? E, é uma frase interessante, né, porque mostra isso, né, que algumas pessoas estão um pouco mais pra frente, né, e elas pegando aqueles mesmos cinco, dez elementos, trazem pra você: olha o que é que eu fiz com cinco

elementos, olha ... Pô, mas que coisa fantástica! Como é que eu não pensei nisso antes? É fantástico o trabalho do Oscar Neimayer ou do, do, do Picasso, em que qualquer pessoa fala: ahhh, mas isso, até eu faria! Ahhh, até você faria, mas por que você não fez? Porque ela é de uma tal clareza, de uma tal simplicidade, que o sujeito acha que é simples ...

E: Que é fácil.

S: Que é fácil. Que é fácil, mas você não fez, né, malandro!

E: É simples, mas não é fácil ...

S: É fácil, é simples mas não é fácil, é isso aí!

E: Eu ia te perguntar isso, se você acredita que tem grupos mais criativos que outros, você acha que os artistas são?

S: Não.

E: Não?!

S: Não, acho que não. Acho que os artistas não são mais criativos que os médicos, mas os artistas, existem grupos com, até profissionais, que valorizam mais a criatividade, então, por exemplo, os, os, a gente sabe muito bem que a atividade por exemplo do arquiteto, não é uma atividade só de criatividade. O sujeito tem que ser muito criativo, mas tem uns noventa por cento lá de transpiração, que não é mole! Mas eles valorizam, conversam, enfocam muito, aqueles dez por cento da criatividade, isso vale por exemplo, pros, pros, publicitários, por exemplo, pessoal de publicidade por exemplo, faz questão de enfatizar, de valorizar o lado criativo, etc., talvez, os médicos, por exemplo, isso é uma crítica aos médicos, tem um pouco aquela noção de que os conhecimentos técnicos, quando na verdade, precisa ser criativo para desenvolver os conhecimentos técnicos, não é verdade? Depois que você desenvolveu os conhecimentos técnicos, você pode até passar pros outros, quem vai pegar aquilo e aplicar, eventualmente não será tão criativo quanto aquele que inventou, mas também pode ser criativo na aplicação, mas eles não, são grupos profissionais que não falam muito sobre aquilo, como se isso fosse uma questão que não permeasse o trabalho deles, o que não é verdade. Médico tem que ser criativo, o bom

médico tem que ser, o bom médico é criativo, o bom advogado é criativo, o bom economista é criativo, o bom político é criativo, tá certo? O bom arquiteto, o bom, pô, é lógico, o bom tudo, porque o criativo o que que é? É o cara que faz avançar, de novo aquela idéia de, é o que projeta, que avança, que faz as pessoas avançarem juntas, é isso!

E: Então, você colocaria assim, em termos de palavras, de conceito, que a criatividade é a ação, usando tuas palavras, né, é a ação que faz avançar.

S: É isso daí.

E: Que leva ao desenvolvimento, ao progresso ...

S: A criatividade, claro que não é só isso, mas a criatividade é parte fundamental desses mecanismos de mudança, não é, quer dizer, sem a, o esforço físico, sem o esforço intelectual, sem gastar dinheiro, tempo, sem se preparar, sem, né, você também não vai fazer as coisas avançarem mais, tem que fazer isso com muita criatividade, tal. Portanto, criatividade neste sentido, é acreditar, é, ... que esses, é acreditar que esses avanços não estão, não são feitos só a partir de mecanismos lógicos, né, mas de mecanismos intuitivos, que estão, que são importantíssimos dentro da gente, né? Que são aqueles mecanismos que me fazem dar um salto, o “eureka”, o, a descoberta, o avanço instantâneo e tal, e que é importante, porque pode até ser controlado, analisado, estudado, esmiuçado pelo, pelo teu lado lógico, racional e tal, mas você não chega pelo teu lado lógico, racional. Então, é isso, quer dizer uma coisa de um equilíbrio entre esses dois lados, tanto a, né, do conhecimento, né?

E: Então, a criatividade usa os dois lados?

S: Ah, sem dúvida!

E: Agora, a intuição, você chama a intuição o lado ...

S: A intuição é um mecanismo do lado direito do cérebro, né?

E: Da sensibilidade?

S: É, hã, a intuição é uma forma de conhecimento instantânea, não é uma coisa, obrigatoriamente ligada à sensibilidade, é um conhecimento

instantâneo. Eu, olho pra uma pessoa, instantaneamente eu, eu, vou falar uma coisa... eu gosto ou não de uma determinada pessoa, ou eu simpatizo, acho que ela é legal ou não acho que ela é legal, até sem grandes, depois você vai, passa o tempo, tal, você vai descobrindo se ela era legal mesmo ou não, mas geralmente, você vai descobrir que vai bater aquilo que acontece, que você confirma depois. É isso dona Cleusa!

E: É isso aí. Você lembrou de algum fato que você acha legal contar nessa situação, ou você acrescentaria mais alguma coisa, do que a gente conversou...

S: Não, mas eu, uma coisa que eu estava pensando, naquele trabalho que eu ganhei um prêmio, tá vendo lá, ó, (aponta na parede), um projeto, né, concurso pra Brasília, tem uma coisa ligada a essa coisa da intuição que a gente estava falando agora, intuição é um conhecimento funda, intuição é um conhecimento que não é ligado à sensibilidade, é ligado, na verdade todos estes processos, se é que eles, pelos artistas que são às vezes pessoas tão brilhantes, que não têm muita sensibilidade pra outras coisas, por exemplo, pra se relacionar com uma criança, pra gostar da mulher ou sei lá, quer dizer, uma coisa muito diferente, são muito criativos, quer dizer, também a criatividade não é a, a mola, o, a salvação da lavoura eterna, acho que é uma postura, só, certo? Você tem que trabalhar pra que ela te, pra que ela, você desenvolvendo a criatividade, você desenvolve maneiras melhor, melhores de abordar o mundo, de se relacionar com o mundo e se avançar no mundo, é isso. Mas não é um, mas isso não, obrigatoriamente não é o que melhora, do ponto de vista da tua sensibili, do teu relacionamento com as outras pessoas, se é uma outra pess, não sei, aí já é uma outra questão que já entra pra psicologia e tal, não é o meu pedaço, né? Mas por exemplo, neste caso deste projeto, então era o seguinte, quer dizer, tinha um, um problema muito complexo, muita coisa ao mesmo tempo e era um concurso, então, eu fiquei pensando e desenhei e desenhei, estava naquelas fases que eu tinha, pouco trabalho no escritório, vai e tal, não saia nada, né, eu tinha convidado um rapaz pra fazer junto comigo, um ex-aluno e tal, eu me

lembro, num fim de semana eu fui pro Paraná, pra casa do meu tio, lá numa fazenda lá, fiquei lá, daí dormi, sem, falei, ó: “esse fim de semana não vou pensar em projeto, não, né? Fui dormir, quando dormi, pá, acordei, dormi e sonhei com a solução e, e daí, como isso já tinha me acontecido outras vezes, quando eu acordava eu esquecia o que eu tinha, “pô, mas eu me lembro, eu me lembrava era uma coisa tão real, como é que eu esqueci? Mas eu tinha a solução, eu acho que eu não tinha a solução e fim de papo!” Eu me prometi, quando sonhasse e acordasse, eu iria imediatamente anotar o, no papel, aquilo que eu tinha feito, né, pra não esquecer quando acordasse no dia seguinte de manhã, né? Foi o que eu fiz nesse dia, né, eu acordei, sonhei, “pô, é isso, tal”. Acordei, levantei, acendi a luz lá, fiz um croquizeiro, rapidinho, tal, marquei as, e fui dormir. Depois no dia seguinte, peguei de novo aquela idéia, falei: pô, é mesmo, tal. E fui desenvolvendo aquilo e realmente era a solução, tanto é que eu, fiquei em segundo lugar nesse concurso, né, infelizmente foi o segundo, do Brasil inteiro concorrer, então, valeu alguma coisa. Ganhei um prêmio, fui pra Brasília receber prêmio, tal, fiquei em hotel de graça, ganhei o prêmio em dinheiro, fui receber no Teatro Municipal de Brasília, quer dizer, valeu. Mas o, mas aí, o que que acontece nesse, nesse processo, é que quando você tá pensando logicamente o tempo todo e tal, você está com o teu lado esquerdo do cérebro, lógico, super ativado, então o lado direito está, está adormecido. Tem a ver com o processo que eu faço no meu curso o tempo todo. Daí quando eu fui dormir, o lado esquerdo relaxou e o lado direito explodiu e me deu uma idéia e esse conhecimento que ele fez, é instantâneo, por isso que é a intuição, ele intuitivamente: pum, é isso! É um conhecimento instantâneo e que muitas vezes, a gente desacredita nele, né, vai ver você usa o dia inteiro, pra gostar ou desgostar das pessoas, bom, vai por aí, sentir que não é por aqui, que é por ali, pô, quantas vezes eu faço isso, muitas vezes eu estava perdido pelos caminhos e eu fazia esse exercício de brincadeira. Perdido assim, naquelas ruas, nas vielas era um prazer porque você sempre se achava no fim, mas, aí

assim: “pô, eu acho”, chegava numa posição e, “eu acho que é por aqui”, vai, pum, dá a volta e quantas vezes é por aqui mesmo, ou porque eu já passei antes e me lembro, sei lá, né? Eu acho que passei por aqui, será que eu passei, será que eu não passei, mas de qualquer maneira estava guardado o conhecimento ali, né, que aflora de maneira não racional, isso que eu quero dizer.

E: Certo ...

S: E daí, nesse caso por exemplo, foi um exemplo muito legal pra mim, né. Todo o trabalho no curso qual que é? É fazer você, né, largar o seu lado esquerdo lá em casa, né, tentar deixar ele em paz, você não pode falar o tempo todo, porque se você está falando, você está agilizando o teu lado esquerdo, portanto ele vai permanecer absolutamente aceso e de repente o seu lado direito vai lá, tal, se não você não desenha, a hora que você desenha, você fica igual um louco se sai falando, né, se você está gostando do desenho, você não ouve o que as pessoas falam, em volta de você. Acho que é isso, né, isso é um bom caso pra lembrar desse último, fechamento desse assunto.

E: Então, tá!

S: Tem a ver com a criatividade, né, mesmo. Eu poderia gozar: ah, mas o projeto poderia ser uma porcaria ... Mas como ganhou um prêmio, quer dizer, dá pra comprovar que pelo menos alguém achou bom, né. (Risos) Ah, grande porcaria que fez um projeto que alguém sabe se é, isso era legal, viu? Vamos tomar nossa aguinha aqui?

E: Então, é isso?

S: É isso, garota.

E: Então, tá. Obrigada!

Entrevista com Inês

E: Então, I., como você sabe, eu estou fazendo uma pesquisa sobre criatividade e então, eu estou aqui para saber de você o que você acha do assunto, para você me contar a sua experiência ...

S: Olha que eu vou, como é que fala, também te perguntar alguma coisa.

E: Ah, tudo bem.

S: Porque criatividade foi um tema que você escolheu, baseado em algum motivo ...

E: Sim ...

S: E a criatividade, como é que fala, é uma coisa tua, que você quer pesquisar para como usar a sua criatividade, ou já é uma criatividade sua, inventar uma coisa dessa, né, inventar uma pesquisa. Não sei se são temas, porque cada um escolhe um tema, se a pessoa inventa um tema, forma um tema, né, porque a criatividade existe, né. E, você, eu acho assim, quando está defendendo a sua tese, veio ao longo do seu trabalho? Essa ... o tema?

E: Não, eu já escolhi, né ... de antemão ... é uma estória meio longa ... eu vou falar um pedacinho, pra não influenciar você, tá?

S: Ah, tá!

E: Então foi assim: eu sempre me interessei pelo potencial humano.

S: Ahhh ... sempre?

E: Sempre me interessei pelo desenvolvimento humano, então, desde a faculdade eu ficava ligada nisto. Aquilo que o ser humano tem que ele não desenvolve e isto me levou para o tema da criatividade.

S: Puxa, conseguiu resumir bem. Puxa! Porque realmente as pessoas não dão nem a décima parte do que podem dar ... não faz uso, né. É, eu tô pensando aqui, que pra mim é mais fácil ficar reclamando, né, que gostaria de fazer mais coisas e não vai à luta. Lembra que uma vez eu falei pra você, que de repente às vezes eu largo, se eu não sou uma ... me foge sempre a palavra, a palavra certa que se encaixe, se eu não sou um engano de mim mesma. Eu penso assim. É verdade!

E: Como assim?

S: Uma farsa. Uma farsa de mim mesma, eu penso muito isso, porque quando eu vou explicar alguma coisa, quando vou passar a minha experiência, eu sou muito sincera, Cleusa, como lá no curso, como em outros lugares, tudo o que eu sei eu passo. E faço assim, aos borbotões, sabe? As pessoas precisam mandar eu calar a boca, porque eu estou falando demais e muito rápido, muita coisa, né, eu sou assim mesmo, viu? Tenho esta necessidade de passar o que eu sei. Também não sei se eu quero que a pessoa saiba ou eu quero mostrar que eu sei. Estou sendo muito sincera com você. Por uma necessidade pra mim mesma, entendeu? Vamos dizer, por uma necessidade minha de dizer: viu, I., você já sabe isso, você já sabe aquilo. São coisas que a gente nunca tem tempo para parar para pensar ... e conforme a gente pára, como hoje aqui, vem né, na cabeça. E eu fico me questionando muito, viu Cleusa, muito mesmo. Quando vem as férias assim, eu falo: será que eu vou continuar, será que o que é que vai acontecer desta vez. Então, eu estou fazendo um curso com o Sérgio Lima, não sei se eu já falei pra você.

E: Falou.

S: Ele é legal. É ... tem muito pra dar, mas é o inverso meu. Você precisa dar e arrancar dele e ... a gente fica lá fazendo este curso e ele, agora no final, ele falou assim: vocês colocam no papel dez coisas que vocês gostariam de fazer para o ano, só dez coisas. Aí eu pensei assim, com uma coisa só, eu já estaria satisfeita, né. Menina, quando eu quis pensar em colocar no papel, não vinha nada na cabeça, nada, porque era difícil ... o que que eu quero fazer, porque se você vai colocar no papel, você tem que ter uma postura de dizer: bom, se você quer o que é que você vai fazer para que isso aconteça. Aí, de repente, você fala: bom, é a atitude que eu tenho que tomar e eu estou com muita preguiça de tomar uma atitude, você precisa muita coragem, pra qualquer coisa você precisa de muita coragem. Ontem mesmo eu falei aqui em casa: vocês precisam ir à luta, têm que ir trabalhar, têm que procurar, têm que procurar Fulana, por que que não está fazendo nada nas férias, quanto

menos a gente faz menos quer fazer, aí eu pensei: se eu não tivesse que cuidar da casa ... olha só, pensei isso, se eu não tivesse que cuidar da casa, eu já tava aí fazendo um monte de coisa. Fazendo um monte de coisa o quê? Que a casa não me permite. Então eu tô usando a casa como um pretexto, né. Ela existe, né, o obstáculo existe, né, mas não é um obstáculo cem por cento. Eu teria que controlar. Então é complicado, eu tô vendo se consigo entrar na criatividade pra você, mas teria que ter este antes, Cleusa. Eu realmente fico pensando, né, eu não gosto de levantar cedo, como falei pra você. Eu posso levantar cedo e eu vou ficar zanzando, até esquentar os motores, pra depois eu começar a trabalhar. Tanto é que, as minhas coisas eu vou pintando, da tarde para a noite.

E: Ah, é? É o seu horário?

S: É. Eu acho que não é nem pelo biorritmo, mas eu acho que é mais pelo, eu acho heim, tô achando isso agora, porque durante o dia representa o trabalho da casa, olha, isto está me surgindo agora na cabeça, que durante o dia é o trabalho da casa e conforme vai terminando o dia, o tempo vai ficando meu.

E: Ah, tá ...

S: E quando o tempo vai ficando meu, eu vou podendo usar este tempo de uma maneira mais gostosa. Aí, eu vou para o ateliê e quando eu vou eu me entrego ... o que é que eu vou, o que é que eu não vou fazer, o que é que eu vou pintar, as coisas não caem do céu. É muito complicado, você pode pintar aquilo que você tem de cabeça, de lembrança, de lembrança, aquilo que você já viu tanto e, se você pensar: ah, uma paisagem ou uma pessoa, você vai puxando, tentando trazer aquilo para o papel, mas você já viu. Inventar, eu não consigo, eu consigo fazer, a invenção deixar acontecer, porque na aquarela a gente pode deixar acontecer, isso é uma invenção de aproveitar o que está acontecendo no momento, e vai deixando, vai se deixando levar ou vai empurrando, também né, a água. Agora, não é esse trabalho (aponta um quadro pendurado), mas eu tenho um trabalho parecido em aquarela, que muitos dos meus trabalhos que eu vou trabalhando e vou ficando ansiosa,

trabalho de memória, que eu vou ficando angustiada com o que está acontecendo, que eu vou atropelando aquilo que já está feito e aí, eu vou desmanchando aquilo que está feito e vamos dizer, estragando entre aspas e às vezes do estrago, surge uma coisa muito melhor. Mas isso é, como se diz, não é dirigido, isso é uma coisa que acontece e a gente não poderia fazer uso só disso, entende? Hã, dizem que a técnica é, da pessoa, é usada a palavra assim, técnica é, a sua, expressão; a sua expressão que é a técnica, mas existe a técnica escolar, a didática, né, que então falam: mistura um pouquinho desta cor, com um pouquinho desta cor para conseguir uma terceira cor e por aí vai, né ... existem os recursos técnicos, externos, né, então eu me vi trabalhando muitas vezes, sem usar o pincel, usando a esponja, com essa coisa de apagar, a esponja do mar, com essa coisa de apagar o que eu fiz, eu me vi pintando com a esponja e gostei do resultado e muitas coisas que eu andei fazendo, eu falo: puxa, eu descobri isto. Mas depois eu falei assim, mas isto já existe, eu já vi ... bom, mas eu só descobri agora, eu não tinha visto ainda, certas coisas eu já vi, certas coisas eu não vi, então pra mim, fui eu que inventei, porque fui eu que descobri naquele momento, pode existir por aí já, né. Então, eu acho assim que, usando a palavra criatividade, é ... “Nossa!” Pode gerar tanta coisa difícil, Cleusa, porque criatividade é uma palavra quase que falsa ...

E: Hã, como assim ...

S: Porque eu acho que tudo que se cria, que se inventa, já existe, está aqui dentro de nós mesmos, faz parte da gente interno ou externamente. Quando um artista vai criar algum trabalho, ele fica tentando inventar o que não viu por aí, não consegue, Cleusa. Tudo o que você vê, que você já viu, que você vai ver um dia, não dá pra te assustar ou pra, porque se você for olhar direitinho, já tem, de uma maneira ou de outra, já tem, aquele traço ou aquele risco, já existe. As cores já existem, não dá pra inventar uma nova cor, não dá. Ah, o traço, você pode falar, isso aqui tem um jeito de Fulano, aquilo lá tem uma característica do outro, mas é tão da gente, eu não consigo ver, sabe? Eu não consigo ver e quase não

consigo separar pra você, a criatividade do artista com a criatividade da dona de casa. E vou te dizer mais, quando eu era menina eu sempre gostei de cores, de trabalhos manuais, tanto é que eu estou com um tricô lá, na época de férias, eu lidava muito com o fazer coisas, eu picava papel ... Minha avó dizia: pronto! Já vai destruir! Porque de tanto que eu picava, picava, querendo fazer formas, que eu ia acabando com nada do pano; eram roupinhas de boneca, essas coisas. Depois conforme eu fui crescendo, eu tinha mania, tudo que eu via, eu queria um de cada cor. Eu dizia pra minha mãe: tá tão bonito dessa cor e dessa cor ... eu não conseguia me separar das cores, mas eu não me atinava porque disso, isso está acontecendo de uns anos pra cá, lembrando que eu já fazia isso. Quando eu fiquei, quando eu já era casada, com filhos, não, antes de solteira era lã, os novelos de lã, tá. Eu ia pra comprar um novelo de lã pra fazer qualquer trabalhinho, eu comprava o que eu precisava e os outros que eu não precisava. Eu ficava empolgada com as cores. Depois eu casei e fui fazer um curso de manicure, já tinha filhos, tudo, eu queria, eu queria existir ... e eu achava que a pessoa só existe quando ela está sendo útil, fazendo alguma coisa para alguém, de alguma maneira, se possível melhor ainda, remunerada. Então, é ... a manicure ... ah, os esmaltes ... as cores, mil cores ... aí, entrei pra pintura, já tinha as três crianças quando fui fazer a faculdade, né. E aí, a pintura, imagina, fiquei com as cores mil. Eu tenho todas as cores, porque as pessoas compram um pouquinho ou aquilo que têm afinidade, eu compro até as que praticamente eu não uso, é uma necessidade. E aí, puxando mais atual, pra parte de dona de casa, eu me vejo na cozinha, criando com as cores na comida.

E: Ah, que legal.

S: Eu acho muito bacana se eu estou elaborando um prato, eu tenho uma necessidade que tenha o verde, que tenha o amarelo, sabe? Que tenha aquelas cores, que vai ficando bonito o prato, sabe? Se o prato não pede uma segunda cor ou uma terceira, eu vou inventar alguma coisa que enfeite em volta pra ter aquela outra cor e aí, eu fico pensando Nossa, I.,

isso aí, sem você perceber você está pintando, não é? Está cozinhando e está pintando ... e vem tão naturalmente, porque eu já incorporei, né? Não é que, só pelo fato que eu gosto de cozinhar, que eu gosto e por coincidência eu gosto, mas o fato é que a cor faz parte de mim. E quando eu estou pintando e que eu vou dormir, qualquer coisa que eu faça depois sem eu perceber eu continuo pintando. Eu estou fazendo outras coisas, totalmente diferentes, quando eu dou por mim, na minha cabeça, eu estou usando cores, às vezes eu nem vejo a mão, nem vejo o pincel, mas eu estou vendo as pinceladas que eu dei, ficou, ficou na cabeça, né? O tricô, ele vem muito devagarinho porque, por vários motivos, porque não tem tempo, porque o pouco tempo que resta eu fico voltada pra pintura ou pra uma leitura, né, então, quando eu arranjo como agora na época de férias ou por uma necessidade porque tem nenê que vai chegar na família, eu me ponho a fazer porque eu gosto muito, gosto muito. Só que é uma coisa engraçada, Cleusa, o que eu fazia por prazer, agora eu faço quase que escondido, de mim mesma ... porque fazer tricô hoje em dia, é feio, a mulher que faz tricô é uma pessoa que não está progredindo, ela parou no tempo ... ela, na minha cabeça, ela está lá no cantinho fazendo o tricô pra família, ela está ali, muito fechada. E isso está na minha cabeça, aí então, eu falo: puxa, que dirão os meus filhos e o meu marido, que estão me vendo aqui no canto fazendo tricô. Eu tenho o óculos pra perto ... então, eu ficava pondo o óculos pra fazer o direito do trabalho, que pedia os pontos ... quando eu ia para o avesso, imediatamente eu tirava o óculos, porque eu falava: o óculos era um agravante ainda para a minha imagem – fazia o tricô e ainda, de óculos!! Você vê, como é a cabeça da gente. Então, eu falo: puxa, eu gosto, eu ainda vou fazer, mas eu deveria fazer isso escondido, entende? Porque eu acho que o tempo está passando, eu pensei ontem à noite: puxa vida, já se passaram cinquenta e três anos, rapidinho e eu não sei quantos que tem pela frente, mas no máximo, é um terço a mais, mas no máximo um terço, né, pode ser um quarto ... e eu falo: o que que eu fiz e a trajetória, né? Não adianta as pessoas falarem: olha a sua trajetória, olha o que você já fez, é pouco

pra mim. É, leitura, leitura, eu lia muito romance, romanczinho e era gostoso, a hora que eu ia dormir era só minha e eu devorava, eu entrava num outro mundo, então, eu me realizava dentro daquele mundo, eu entrava dentro daquela estória, daquele conto e me realizava. Depois com o tempo, então, como eu fui estudar, imagina se hoje eu consigo ler um conto, um romance, né? Eu não consigo, eu acho muito bobo, eu acho muito bobo. Se eu tiver que ler, eu vou ler alguma coisa de arte, né? O Kandiski, é muito bom, você precisava levar este livro, o Kandiski é muito bom, A Necessidade da Arte, estou lendo As Cartas à Théo, pela segunda vez, do Van Gogh e o irmão ... é um pouquinho que eu leio, né, um pouquinho por noite ... Mas voltando à trajetória ... está começando o ano ... a gente podia, criar coragem e ir à luta pra fazer alguma coisa! Então, às vezes eu invejo de ver pessoas com, fazendo coisas, né, fazendo coisas, aí eu falo: puxa, o que é que eu podia fazer por mim. Eu fiz uma carta aberta pra mim mesma no fim do ano, tentando, tentando fazer essas dez coisas, né. Aí, eu comecei piegas: agradeço à Deus, agradeço à Deus pelos meus filhos saudáveis, pela minha boa vida, meu bom marido, minha casa, meu teto, as coisas que eu consegui. E aí, foi indo assim, devagando um pouco, nem entrei muito no sonho, mas eu, dizia assim: será que eu vou conseguir fazer um regime, que seria uma coisa ótima pra mim? Será que eu vou conseguir fazer algum exercício físico, que eu detesto, teria que fazer ... O que é que eu vou fazer por mim, que até agora eu não fiz porque não seria o momento de prazer pra mim, porque seria o momento de punição, tá? Ginástica e regime, é punição pra mim, então, é por isso que eu não consigo fazer. Mas eu acho, Cleusa, que a gente, todo mundo fala, né, as pessoas falam: que você trabalha e você trabalha e você trabalha e depois você tem que ter uma parte sua que te dê prazer, em algumas horas do dia, nem que seja uma meia hora, né. E a gente quase que não se dá conta, qual é o momento de prazer, né. Então, eu falei: o momento de prazer que eu consigo, seria à grosso modo falando, seria a hora da comida que não posso considerar cem por cento, por eu sei que eu estou fazendo uma

coisa errada e a hora que eu vou dormir, né, só que isso é muito pouco, porque isso os animais fazem também, e os animais tiram, eles correm, eles brincam entre eles, né, e a gente, não se dá conta, então, Cleusa, tentando, você vê que pouquíssimo a gente fala da criatividade, mas pode ser que isso esteja inserida ... voltando assim, para o devaneio ... Sábado eu fui para o sítio e estava me incomodando também ficar perto das pessoas que já não me crescem em nada e que hoje em dia, as pessoas não param para conversar ... elas não falam, elas não conversam, só estão juntas, parece que ali comem, bebem e não se falam ... aí, eu falei: basta! Eu dei uma descida, é o sítio do meu cunhado, eu dei uma descida, tem uma rampa assim, uns troncos de árvore baixinhos, aí eu sentei, eu tava encantada com as nuvens ... Deus, se naquela hora eu tivesse papel e pincel ... eram umas nuvens brancas assim, uns flocos de algodão maravilhosos ... aí veio uma sobrinha conversar um pouco comigo e a gente foi andar um pouquinho e aí, entrou um pouco em conversa de problemas familiares e coisa e tal e aí, a gente foi voltando e eu falei: mas olha aquela nuvem, começou umas nuvens avermelhadas em contraste com o azul do céu, depois um outro pedaço, umas nuvens laranjas por causa de estar, acho, mais próximo do sol ... era uma tarde encantadora, aí eu pensei: a gente não tem tempo ou não faz o tempo, pra gente fazer uso do potencial, da cabeça da gente. Porque se você está dentro dessa casa, porque dessa casa eu gosto, eu gosto mesmo, às vezes eu passo pelo quintal e falo: Nossa, o dia de hoje já está passando eu sei que o céu está azul, mas eu estou aqui, indo e vindo entre os meus afazeres e não dá pra ficar num doce deleite, sabe? Eu sei que da minha janela eu vejo uma árvore maravilhosa e não dá, precisaria um espaço mais aberto pra você largar o que tem do teu lado e atrás de você ficar tudo pra trás e você ver aquilo. Por isso é muito mais fácil você ir para o campo, mais ainda do que praia, pra você se emocionar e quando você se emociona, a tua criatividade aflora, facilita a criatividade, então, o silêncio às vezes, facilita, fazer uso da criatividade. É, a música, você se deixar levar pela música, talvez a música não deixe naquela hora,

expressar, né, você se expressar, mas vai fazendo um trabalho com você, né, vai fazendo aquela coisa que depois você vai. Eu ganhei a música dos anjos, é muito bonita, por isso que eu falei que eu preciso comprar um CD Player, pra me encantar um pouquinho ... o canto gregoriano é uma coisa muito bonita, é, eu passei em uma loja de discos no shopping, eu nunca entrei em loja de discos pra comprar nada, nem sei comprar, não conheço as músicas atuais, eu conheço as antigas que cantava muito, eu fiquei tão encantada com uma música, que eu entrei, entrei e falei assim pra moça: essa música é do Fantasma da Ópera? Ela falou: não, mas é a mesma cantora. Então, eu falei: Nossa, mas que lindo! Bom aí, pra encurtar a estória, não comprei aquele dia, comprei num outro lugar, Sara Briggmann, acho que é Sara Briggmann o nome dela. Menina, você ouve a música, aquilo te arrepia, depois entra um cantor fazendo um coro com ela, é uma coisa linda. Então, acho que a música tem que fazer parte da pessoa e o tipo de música que te encanta, né. Pra mim não é só música clássica ou um canto gregoriano, até esse tipo de música desse menino o Zezé Di Camargo e Luciano, eles cantam músicas que se eu estou bem, eu gosto de ouvir um pouquinho, sabe? Eu gosto, talvez não tão repetido porque aí, o tema é sempre o mesmo, é sempre a mulher e a cama, né, mas sempre, mas eu acho eles assim, jovens sadios, gostoso de ouvir, né ... Até por uma coincidência, foi uma aquarela minha, não sei se comentei com você, foi uma aquarela minha pra eles através de uma sobrinha, porque ela é muito fã deles e pediu uma fotografia de onde eles moravam na casa dos avós e ela trouxe a fotografia e pediu que eu fizesse a aquarela e ela levou pra eles e parece que ela ouviu, não sei se na televisão ou eles agradecerem, na hora ele até chorou o rapaz. Ele se encantou muito pela lembrança da casa que eles moravam, né, uma casinha assim, lá no mato, uma casinha bem no sítio, bem no interior. E hoje eles estão ricos, mas se eles têm essa paixão pela música, essa lembrança da infância vai ficar sempre pra eles, né, então, eu achei interessante, então, a música de um modo geral tem muitos tipos que eu gosto, né, Cleusa, mas tornando, voltando à criatividade que é o que

mais importa pra você e realmente que a gente não pára pra pensar é isso: a gente não se dá tempo para fazer uso dela. Eu acho que, olha, fazer uso dela, heim, nem inventar ... nem inventar, acho que a criatividade está, está aí, sei lá um arranjo de flor, alguma coisa que você faça, aí você dá um toque, né, você dá um toque, aí, isso daí é teu, é o seu toque, você está criando ou recriando em cima daquilo, né, um ikebana que a pessoa faz, um ikebana é poesia, né, é poesia, poesia é pintura ...

E: Quando você diz “a criatividade está”, me fala um pouquinho mais disso, como é que é isso “está”. “Está” aonde ... é, ...

S: É, eu acho que ela à nossa volta e a gente não sabe fazer uso dela, porque a gente não se motiva ou a gente ... porque uns mais outros menos, mas não sei porque alguns têm uma tendência, alguns falam – a vocação, eu não gosto da palavra ‘vocação’, talvez porque eu não me sinta tão vocacionada pra algumas coisas, né. Eu gosto da pintura, eu torno a falar pra você, eu gosto, às vezes saem coisas interessantes, aqueles quadros (aponta para a parede) eu gosto, sabe? Eu gosto, outras vezes, não saem, então, talvez tenham pessoas que num simples gesto sai alguma coisa, então, eu falo: mas é vocação ou é persistência ou é estudo, horas de trabalho que você dedica àquilo, né, Cleusa, porque se você se dedica muito, as coisas podem surgir até do desespero ... por coincidência, você é filha de oriental também, mas eles, as pessoas falam, eu já li, não sei te dizer a fonte, que os japoneses, eles conseguem as coisas pela persistência, tá, eu não sei, eu poderia estar dizendo até uma grande bobagem mas eu acho que, não sei a vivência deles, tenho sim algumas colegas, tá, que eu acho que isso se encaixa, se enquadra. Que pela persistência a pessoa evoluiu e eu dou a maior força, então, Nossa, hoje você vê tudo que é feito, pecinhas, os eletrônicos, o japonês faz, né, os carros, né, muita coisa vem do Japão, pelo número de pessoas que tem lá trabalhando, não é? É um número muito grande de pessoas trabalhando, então, um número grande de pessoas, também é uma quantidade de tempo trabalhado em cima de alguma coisa, né, então,

quase que vira persistência, né, então, eu falo: o Dom, né, vocação, que Deus é esse que dá vocação pra uns e não pra outros, então, esse Deus, nosso, que a gente não sabe que é, esse mistério, eu falo que Deus é uma força interior, o Deus não está lá em cima, na minha cabeça o Deus não está lá em cima, ele está dentro de cada um de nós, né. E esse Deus, o que eu não entendo é isso, né, que esse Deus daria pra você um Dom e pra outra pessoa outro Dom e pra mim outro Dom, porque cada um serve pra fazer alguma coisa ou teria que ter pessoas pra fazer todos os tipos de coisas no mundo, mas na hora que eu quero fazer alguma coisa, por que é que eu não tenho esse Dom, entendeu? Tudo bem que tenha o lixeiro ... mas, eu acredito que o lixeiro estava trabalhando porque ele não teve oportunidade de fazer outra coisa, ele não está fazendo com prazer, tendo que carregar, que lidar com esse tipo de trabalho, ele não está. Então, porque ele não estudou ou porque ele, pelas circunstâncias da vida ele não conseguiu fazer outra coisa, ele faz aquilo, como eu vejo na polícia, né, eu vejo tanta coisa que eu não entendo, né, eu vejo tanta coisa ruim, mesmo entre eles, eu fico pensando assim, que muita gente vem do norte e nordeste para cá e está colocada nessa posição, pelo mesmo motivo, além ainda, né, por não conseguir outras coisas e pra extravazar alguma coisa, o genio deles, pra extravazar uma força que ele quer exercer sobre as pessoas e não consegue, ele se encaminha pra esse lado, por causa disso, um dos motivos que eu acho que tem muita gente que não serve pra aquilo, então faz uso dessa pseudo autoridade pra conseguir fazer alguma coisa que não poderia fazer normalmente, eu pelo menos acho, né. Então, voltando, né, eu só fico triste com essa estória da vocação, por causa disso, né. Então, tem gente pra fazer tudo quanto é coisa diferente neste mundo, mas e aquela pessoa que quer fazer determinada coisa e aí, cada o Deus, o Deus dela, tão bom, zinho, de barbas longas encima de uma nuvem, que não dá pra ela esse Dom, né, então, aí, ela só vai conseguir por ela mesma, talvez pouco, talvez cinquenta por cento, talvez, sessenta, setenta, né. Agora, tem muitas pessoas na área de artes plásticas, é, ... os grandes, que começaram com a parte acadêmica, mas

que depois eles foram evoluindo, mas eles criaram uma receita, que o que eles fazem é bom, que eles passam a fazer uso daquilo, porque eles passam a serem conhecidos na mídia e tudo o que ele fizer, é bom, entendeu? O próprio Van Gogh que fazia muitos estudos e o irmão falava: por que você só faz estudos, faça uma coisa sua, né ... eu na época que eu lia, a primeira vez que eu li a vida dele, eu não sabia nem o que significavam os estudos, eu pensava que eram uns ensaios, uns esboços, mas não, os estudos ele estava copiando os mestres superiores a ele, tá? E, depois, ele criou uma maneira de trabalhar, tá? E ... tanto é que os colhedores de batata, os comedores de batata, é uma fase dele mais acadêmica que eu gosto muito, né, depois ele foi indo pra o gestual dele que é todo de tracinho, tudo compridinho, que é uma característica dele. Então, ele achou aquilo de uma maneira, no fazer, que a gente não sabe. Mas, ele também tinha muita porcaria, eu ousou dizer isso ... e que depois que ele se tornou famoso, em tudo, em todos os artistas acontece isso, quando morre, quando são famosos, quando vai fazer uma retrospectiva ou ainda que seja uma pequena exposição dele, vai tudo, eles pegam até os desenhos inacabados, as pinturas inacabadas, tudo, e a pessoa, o espectador fala, ele se deleita com tudo, até com um traço que foi lá mal feito, foi jogado, foi esquecido num canto, mas como hoje é importante, então, o trabalho vê tudo, né, aproveita tudo, né. Então, é por isso que eu falo hoje em dia, né, “gente, não joga o que pintaram ...” Eu já joguei muita coisa fora. Hoje eu aproveito, eu guardo, daqui uns tempos dá uma olhada, no mínimo vai mostrar a sua trajetória, vai mostrar o que você melhorou, ou no máximo, você vai achar que dá pra dar uma continuidade, ou ainda, que está bom como está, né, porque é um outro momento. A gente não pode ser muito impulsiva, né, então, Cleusa, é complicado a estória da criatividade, por isso, porque a sinceridade da criatividade, tá? Então, a criatividade abrange um leque muito grande, porque a sinceridade da criatividade é assim: uma pessoa trabalha, desenha uma pintura e ela trabalha encima de alguma coisa que ela viu, até de repente, de um outro artista, comigo já aconteceu isso, de

uma foto que ela tirou, isso eu faço muito, né, uma foto tal, e, tem o produto final. Desse produto final, ela expõe, ela se expõe e diz: esse é o meu trabalho. E as pessoas dizem: óh, que bonito, que interessante ... e a pessoa se alegra com aquilo ou se as pessoas não gostam, é um momento de recolhimento dela, mas eu acho que ela está usando a criatividade, duas vezes, uma, a primeira, quando ela está recriando de outro, trabalhando em cima e inventando uma nova coisa, transformando, e, a segunda parte, quando ela expõe os trabalhos e se expõe, ela está usando uma criatividade porque ela está tomando uma postura com uma máscara, porque ela não é aquilo que está ali. Ela recriou, ela inventou uma coisa que já existia. Tinha aquilo, ela transformou, fez uma terceira coisa, né, com aquilo, e, está assim, meio que escondida atrás de uma máscara, porque aquilo não é genuíno, não é autenticidade, ela recriou. Como se você fizesse uso das coisas que existem hoje no computador e criasse encima. Isso acontece muito, tá? Então, que ponto que a gente ia chegar, tirar patente de tudo o que você inventa, entre aspas, que eu não sei o que é que se inventa hoje em dia. É impossível, né? Um nome que você quer dar pra coisa, você fala: parece que já existe este nome, mas parece que tudo tem nome, não é? Eu acho muito difícil.

E: Então, você diz assim: tem o produto e a pessoa que se mostra através daquele produto, é isso?

S: Que já existe!

E: Então seriam os dois, como é que você chamou?

S: As duas partes. A criatividade pra mim nunca é genuína. É claro que ela pode por uma emoção encima de uma pintura, aquilo, pra mim isso, eu não estou ditando regras, não. Eu acho que a pessoa elabora o seu trabalho, ela se encanta, ela joga toda a sua poesia, mas aquilo está baseado em cima de alguma coisa e essa alguma coisa, geralmente é isso, no mínimo, no mínimo, é uma lembrança, de algo que já existe, porque uma emoção jogada numa mancha de aquarela, que é, que facilita, que a aquarela vai junto com a água, o pigmento vai junto, então, uma emoção jogada, ela tem atrás de si, uma lembrança. A não ser que

você colocasse uma venda nos olhos e colocasse várias tintas, várias cores perto de você e você, com os olhos vendados pegasse à esmo uma cor, jogasse no papel, brincasse com os olhos fechados, ãh, aquilo seria, sei lá, uma forma de criatividade muito entre aspas, que você está trabalhando com, com, como é a palavra, não é inusitado, com, o que acontece no momento, com o imprevisto. Você está trabalhando com o imprevisto, tá? Não sei se isso é criatividade ...

E: Sem memória ...

S: Sem memória, eu não sei se certas posturas se pode dizer que são criatividade, sabe ... Postura. O ato de você recriar, que eu falei anteriormente, você está criando entre aspas, alguma coisa que já existe, é uma postura sua, né, você está usando de uma artimanha, artimanha não sei se é criatividade, eu precisaria procurar no dicionário se artimanha é sinônimo de criatividade ou vice-versa, tá? Porque hoje em dia o ser humano usa muito de artimanhas pra montar um comercial na televisão. Você vê um comercial na televisão como é baseado em coisas que você já viu, eu vi ontem o garoto do Bombril, que hoje é o velhinho do Bombril, ele pegou, ele inventou, acho que inventaram pra ele, né, acho que a Wbrasil inventou um jingle encima do Tcham. Eu não gostei disso. Quer dizer, já existe a música do Tcham e ele pra usar a malícia da música, eles inventaram pra chamar a atenção do telespectador. Eles pegaram a música, botaram uma letra encima, fizeram os gestos como o dos meninos que tocam essa música, que dançam, pra recriar encima, isso é criatividade? Você vai dizer: é. Eu posso dizer: é criatividade porque, mas ele usou uma artimanha.

E: E aquilo que é inusitado, como você estava dizendo ...

S: O imprevisto.

E: Como é que é ... como você vê isto?

S: Bem, o imprevisto, como eu te falei, só se tivesse com os olhos vendados, jogando alguma coisa, porque se você trabalhar com uma mancha, você molha o papel, prepara a sua tinta de aquarela, no caso, e, trabalha com uma mancha, na hora que você for procurar cor, o teu olho

foi procurar uma cor que você tem afinidade, tá? Então, é um gosto, vamos supor você gosta daquela cor, então você joga. O teu gestual está trabalhando junto com a água, que a água também leva, você tem metade do seu potencial jogado lá, a outra metade, é o imprevisto, porque a água não deixa você mandar muito nela, conforme a quantidade de água que você coloca, então ela vai, por isso que muita gente gosta da aquarela, porque também é uma, como é que eu falo assim, a pessoa fala: bom, um pouco de responsabilidade é o que acontece no momento, porque a água está levando, é muito poético, porque é a água, é a água, em português de Portugal, é aguarela, que eles falam, eles não falam aquarela, é aguarela que eles falam, quer dizer, a água levou o meu pigmento ou a água continuou o meu traço, né, então, metade é o teu gesto, outra metade é o imprevisto, né. E o teu gesto, Cleusa, sabe como o teu gesto é ditado, como o nosso gesto é ditado? Pela cultura que a gente tem. É um barato isso que eu estou falando, porque eu estou falando isso agora pela primeira vez, tá? Porque eu estou me dando um tempo, porque eu estou te dando um tempo, pra gente poder falar sobre isso. A cultura, você não nasceu com ela, você foi adquirindo ao longo dos anos, então, conforme a educação que você recebeu ou a tua postura de vida, porque às vezes a educação não é nem do berço, é uma vontade própria, né, que a gente vai adquirindo através dos livros e através do convívio que você tem com as pessoas, né. Então, você vai adquirindo uma cultura, tudo, este gesto nosso de estar aqui, é uma postura, que a gente não se dá conta, mas é da nossa maneira de viver. Eu vejo muito isso quando assisto alguma coisa que mostra na televisão, a postura das pessoas. Então, quando você conversa com uma pessoa do campo, simplesinha, que tem a sua sabedoria genuína, tá? Ele tem uma maneira de se colocar, ... ele é puro, tá? Ele é puro, então, o gesto dele é puro, ele tem um gesto peculiar, pelo costume dele, então, se é uma pessoa que pita o pito, que ela agacha no chão, a pessoa lá que toca o violão lá no sertão, o índio, com as danças, então, se ele for conversar, eu acho que ele tem uma postura de corpo diferente, como se ele tivesse na dança dele, ou a dança boa ou a dança

guerreira, eu acho isso, tá? Se você está conversando com determinadas profissões, ou as pessoas adquiriram cultura e agem daquela maneira sem perceber, ou as pessoas pela necessidade, se colocam atrás de uma máscara, que são gestos medidos, você vê isso, você tem condições de ver isso no teu cotidiano tremendamente. Ela tem postura falsa, dependendo das circunstâncias, ela tem que se colocar de uma determinada maneira em tal lugar, é, não sei te dizer uma profissão, eu acho que a pessoa lá exercendo a profissão ela é de uma maneira, um alto executivo vamos dizer, né, ele tem um procedimento dentro da empresa dele, dentro do escritório com os funcionários, né, ao telefone com as pessoas, ele tem um gesto que até é desapercibido para ele, mas no momento que ele volta pra casa, ele é outro. No momento que ele bota um pijama pra dormir, ele é outro totalmente, né, na conversa com as pessoas. Então, muitas coisas que a gente faz, a gente usa, não sei se se encaixa a palavra criatividade, a gente está usando a criatividade, mas são gestos que, é, é, é, teatro. Você vê, numa peça de teatro, os atores têm que colocar uma empostação de voz, bastante alta, para que o público ouça, e se você ouve uma novela na televisão, hoje em dia não ouço, não vejo mais, já vi muito, eles falam num tom mais baixo, porque está conversando ali, né. Então, é criatividade, é postura? Então, criatividade, eu vou ter a curiosidade de depois procurar no dicionário, pra ver se ela, o que é que ela abrange, eu não tive ainda esta curiosidade, nem sei, mas devem ter alguns sinônimos ali, não é possível, né. Então, é isso, daqui pra frente eu vou pensar muito à respeito da criatividade.

E: Então, você está supondo assim: que tem um uso da criatividade, né, em primeiro lugar, um uso que se assemelha à artimanha, ...

S: Da recriatividade.

E: Isto, da recriação, da recriatividade, da falsidade ... e também, você está considerando uma criatividade que é uma coisa ...

S: Uma postura de circunstâncias, de farsa, entre aspas.

E: Você falou também do inusitado, do imprevisto, ...

S: Do imprevisto ...

E: E da criatividade que está aí, então ...

S: Mas se ele não é imprevisto, não é criativo.

E: Se ele não é imprevisto, não é criativo?

S: Se aconteceu, são circunstâncias alheias à sua vontade, como é que faz, não é? Se ele é imprevisto, ãh, o ato da mancha da aquarela, que eu ilustro assim melhor, cinquenta por cento foi o teu gestual, os outros cinquenta por cento a água levou, se deixou levar, aquilo é bonito, é uma recriação aquilo, você ainda pode continuar recriando acima do inusitado, do imprevisto. Você começa criando seu gestual, você cria, cria entre aspas, porque aquilo também é um maneirismo ... Você cria com uma mancha, você faz um sinal, você cria entre aspas, né, porque eu falei que é um gesto, o gesto é tão, de um maneirismo mesmo, né, então você cria, você está colocando um sinal, a água levou o teu sinal, então a água está criando um imprevisto. Encima daquele imprevisto, você fala assim: puxa, que interessante que ficou isso, vou aproveitar e vou continuar, isto está me levando a enxergar tais coisas e aí, você recria, então, isto seria o criar, depois o imprevisto, depois o recriar encima, recriar encima de si mesmo, não é?

E: Então, deixa eu ver se eu entendi ... interessante isto que você está falando ... quer dizer que o gesto, é uma coisa espontânea ...

S: Até entre aspas, eu diria, hoje em dia, porque isto está inserido dentro da gente ...

E: Isso, ... mas não é o falso.

S: Não é o falso.

E: Não é o mascarado, ...

S: O gesto seria o seu trabalho espontâneo, é o seu ato espontâneo.

E: A sua expressão ...

S: Pura, né, vamos dizer, o seu genuíno, né, seria, né.

E: Certo ... Então, do gesto e do que acontece ali, o imprevisto ...

S: Do gesto, pode vir o imprevisto, através do elemento água.

E: Tá.

S: Porque se você coloca vamos dizer, uma pincelada à óleo, você tem o seu gesto e acaba.

E: Ahhh ...

S: Você tem que trabalhar outra vez, para que o seu gesto continue, porque se não ... estagnou.

E: Então, a gente pode pensar, num certo sentido, que a aquarela é um recurso que ele, facilita muito mais a criação ou a recriação?

S: Completamente. É por isso que eu mesma tive uma aluna e a gente sabe de vários casos que os médicos, terapeutas, os psicólogos, recomendam pra alguns clientes o uso da, fazer aquarela para ajudar. Porque penso eu, não conheço de cátedra, porque a pessoa que faz a aquarela, ela pode se deixar levar pela água, não é muito responsabilidade dela, tá? E o que ela pode conseguir ali, é uma responsabilidade inconsciente porque ela vai fazer uso da cor e ela vai fazer uso da quantidade de água, que depende dela, mesmo que ela faça aleatório, ela vai ter um resultado pelo que ela fez. Pela quantidade de água que ela jogou, ela vai conseguir um resultado diferente, então, ela, só que ela não deve ter noção disso, talvez, não sei, não entendo. Então, ela, ela é responsável sim, por aquilo que ela fez, uma parte ela é, sempre a primeira parte é dela, sempre ela é responsável, depois a água leva. Então, talvez, ela não se dê conta, então, pra ela não é muito sofrido e também porque a aquarela é tão, tão de braços abertos pras pessoas que ela não agride muito, ela fala: eu tô aqui ... tô nadando na água ... Ela pode agredir e isso já aconteceu comigo várias vezes e vai continuar acontecendo, que eu sei, quando a gente está tão ansiosa, que a gente vai escurecendo, escurecendo, escurecendo o trabalho, aquilo fica, o resultado vem muito escuro, então você acaba perdendo a luminosidade, cadê os pontos de luz, tá me incomodando, então, coitada, ela responde assim, porque você colocou todo pigmento escuro ali, né? Então, não tem como fugir, ela tem um limite, a água tem um limite. Aliás, a água diz assim: se você não me usa, se você me usa com muita moderação, eu estou guardada num canto, eu não posso aparecer, né? A água, ela

poderia pensar, né? Então, o pigmento, a mesma coisa, o pigmento tá lá, se você fizer muito uso dele, ele fala: eu tô passando, eu tô passando, eu tô passando e tô aqui, tô aqui, tô aqui e estou aqui tantas vezes, que você vai dizer: não agüento mais ver você, não é? Eu acho que até com as pessoas acontece isso, né? Você dá muito mais valor para uma pessoa, quando ela vai e vem, do que se ela sempre está, não é? Isso acontece. Então ...

E: Tem uma outra coisa que você falou, que eu achei interessante, que é o tempo. Você falou bastante do tempo.

S: No começo, né?

E: É ... do tempo que é seu, depois você falou dos orientais, que se muitos trabalham juntos, é bastante tempo junto, como é que é essa idéia do tempo pra você?

S: É, o tempo, eu mostrei duas maneiras, que foi engraçado, até pra mim mesma, falar que muitos orientais funcionam como o tempo. Porque a quantidade de uso do trabalho, encima daquilo, pelo número de pessoas, sabe? Então, eu tenho este lado, que eles trabalham, os orientais, eles trabalham, eu falo : o japonês, porque é um não tão distante como outros, né? Mas olha, eu posso te dizer agora, outra coisa, tá entrando no Brasil o chinês e hoje em dia está entrando o indiano, né, então, eu estou observando e isso eu fiquei pensando outro dia: puxa, a gente está tendo acesso à tapetes baratos, de algodão, principalmente, porque tem tanta gente trabalhando encima dos tapetes, que barateou. Então, aquilo de você trabalhar, trabalhar, a pessoa trabalha muito encima daquilo e aí, consegue coisas maravilhosas. Então, pode ser uma pessoa trabalhando muito encima daquilo ou muitas pessoas trabalhando encima daquilo, então, é por isso que eu falei: de repente, é aquele slogan que a união faz a força, né. Então, é a força de trabalho, tem um resultado forte aí. E se não existe a união, existe a quantidade de trabalho pra existir um resultado. Eu não sei se sempre é satisfatório, se não for satisfatório, é, no mínimo vai ajudar a pessoa se alimentar, porque ela precisa daquilo, ela precisa de um tanto de trabalho pra ter um mínimo de alimento,

então, é uma maneira de satisfazer pelo menos as necessidades básicas, né, Cleusa? Então, eu percebi que pela quantidade de pessoas nos países é que está facilitando o trabalho. Vem vindo muito trabalho, muito trabalho, muito trabalho. Você olha tapetes, eles falam: tem não sei quantos mil nós por metro quadrado ... Eu falo: que tanto trabalho encima ... Aliás, nem sei se vem ao caso, mas eu falei pra você do filme Gabbeh, né?

E: Fui assistir.

S: Não é lindo? Ai, aquela cor, ele aponta a mão pra cima, aquela cor. No começo é aquela coisa, que eu acho que te avisei, tive vontade de sair do cinema, mas é uma postura deles, né. É uma, é a estória deles, né, você vê como que cada um, você viu o gesto, como que entra aí outra vez? Os símbolos, as tradições ... aquele cavaleiro lá encima, o moço no cavalo esperando a namorada, né, porque a namorada tendo que ficar mais um pouco porque a família sempre obrigando, exige, né? Aí, entra de novo o gesto, né. Você vê um italiano, ele conversa muito com as mãos, eu mesmo uso muito as mãos ... É, tudo isso está incutido na gente e a gente não se percebe. É cultura, isso. Cultura de tradição, de nascimento e cultura de formação. Porque cultura de formação, eu acho que, uma pessoa muito mais educada que a gente pode dizer, da gente mesmo, sei lá, vamos dizer, que a rainha da Inglaterra, não pode estar conversando assim, chacoalhando as mãos, né? Ela tem que ter uma postura, ainda que falsa, né? Esta postura, que você na sua casa é de uma maneira e fora dela é outra, né? E, e, ...

E: E o que é que é mais da pessoa, você acha?

S: O que é mais da pessoa?

E: É.

S: Eu acho que é muito pouco da pessoa. Eu acho que as pessoas não se colocam muito, honestamente, sabe? Eu, é uma pena que eu tenha que citar casos, que às vezes não teria que citar, mas para ilustrar, eu fui à um casamento, fui madrinha, sábado passado e do meu lado, tinha uma parente, que era irmã da noiva e no momento em que a noiva foi abraçar,

eram irmãs, então, a irmã estava segurando o buquê, estava segurando pra noiva, terminou o casamento e quando ela foi cumprimentar, a minha sobrinha falou assim pra noiva, beijou, né, e falou assim: não esquece de pegar o buquê. Então, eu falei em casa para o meu marido: que coisa, ela perdeu a oportunidade de dizer umas palavras de carinho e até de emoção para a irmã, que é um momento sublime, que é um momento legal, que é um momento ótimo, né? É um momento, especial. E eu tenho certeza que ela estava pensando muitas coisas gostosas e ela se escondeu atrás daquela frase. Tenho certeza absoluta! Que é postura de defesa, de defesa, então, eu falei: por que é que as pessoas não deixam aflorar o sentimento, que fosse um rio de choradeira, que fosse, sabe? Seria muito mais gostoso, né? As pessoas, guardam, elas não se abrem. No meu círculo, né, de amizades, da aquarela, antigamente as pessoas falavam assim: ai, a I. é uma cachoeira! Porque tudo que eu falava era motivo para eu chorar, eu me emocionava muito, eu acho que eu tinha muita pena de mim mesma, né? Depois chegou o momento que eu falei: eu não vou chorar mais, eu vou agüentar, né? Eu acho que não foi nem por segurar, por agüentar, eu acho que a gente vai ficando, fases, eu quero crer, uma fase assim, até de cansaço de ter pena ...

E: Estar saturada ...

S: Saturada de ter pena de si mesma, a pessoa acho que passa por esta fase, também porque não é muito bom ter pena, porque a pessoa tem que ir à luta, se não vai à luta, no mínimo fica meio que neutra, que é uma fase que eu estou enfrentando agora, não é muito boa, acho que a pessoa continua tendo coisas para dar e tem medo, e, está puxada de vários lados, né, Cleusa, acho que a vida puxa você de tantos lados, imagina se você pudesse ficar fazendo só aquilo que gosta ... não pode, né, não pode ... até esta conversa gostosa que a gente está tendo, está ótima, né, para você talvez seja um pouquinho diferente, pra você é um trabalho, pra mim é uma gostosura, né, porque eu estou podendo conversar com você, eu estou sendo eu mesma, sabe? Eu estou sendo eu, eu não sei se eu falasse com você há dez anos atrás, se teria condições, tá? Eu acho que

eu estaria sentindo a mesma coisa, mas por uma falta de elaboração, até, de trabalhar, eu não ia conseguir me expressar, tá? Porque é uma dificuldade que a gente tem, né, às vezes, eu, você vê que cada profissional tem um vocabulário próprio. Eu falo: iii, mas que coisa chata, né, mas é o vocabulário dele, que entre eles precisam daquele vocabulário para se fazerem entender ...

E: Têm os códigos, né.

S: Têm os códigos, vocês têm, na profissão de vocês tem, a gente percebe isto na televisão quando você ouve um terapeuta ou um psicólogo, eles têm palavras que são deles, palavras chaves, que são usadas nos estudos de vocês, que estão tão inseridos que vocês nem se dão conta.

E: É ... e muitas vezes fica até antipático, né.

S: É, não, outras eu até já entendo. Legal, né, mas tem certas coisas que a gente percebe, né, gestos, né, um dia, meu dentista falou assim: ôh, I., mas você é observadora, heim! O que é que eu vou fazer? Eu percebo, né, certas coisas, então, ele estava falando, não sei como é que foi que, foi assim: sim, você quer saber se eu estou bem, que você ficou olhando no meu pé. Nossa, I., você percebeu que eu estava olhando no seu pé? Eu falei: claro que eu percebi ... para ver a reação da outra pessoa que estava lá tratando, né, mas não é isso ... mas olha, Cleusa, eu gostaria assim, depois que você conseguir todo este seu trabalho, que você conseguisse, mesmo, ter muito êxito nisso tudo, gostaria depois de ouvir o resultado destas suas andanças, porque eu acho que vai ser muita coisa interessante, muita coisa que a gente nem imagina, né, eu acho que vai ser legal. Quem sabe se a gente vai, um dia ver o resultado disso tudo. Vai dar muitas fitas gravadas ... Uns falam mais, outros menos, né?

E: Ah, sim, eu acho que é um assunto da vida humana muito interessante, né?

S: Eu falo assim: vou largar, vou abandonar. Mas só de ter uma pessoa junto, basta uma, pra gente perceber, e, isso porque eu estou aqui falando pra você, né, não com você, né, praticamente. (Risos compartilhados)

Mas bastam duas pessoas pra gente saber que podem surgir tanta coisa, né, agora, imagina trabalhando com uma porção de pessoas, né. Também dizer: eu não vou fazer mais nada, vou ficar só em casa, de repente falo: eu não tenho coragem, que é que eu vou fazer depois? Eu ficaria tremendamente arrasada, então, aquelas dez coisas que o professor pediu, nada foi para o papel, nada, outubro, outubro não, fevereiro está chegando e eu, ... também não me preocupo, sabe? Porque se fosse há uns tempos atrás, eu seguia à risca tudo que me pediam e hoje, nisso eu melhorei. Eu falo: imagina, se não me veio, paciência, não faço, sabe? E aí, e olha, pra, se você quer, sei lá, finalizar, eu acho que a criatividade daqui pra frente, se eu tiver idéias, espontâneas, tá? Eu vou anotar pra você, tá?

E: Legal!!

S: Se eu tiver idéias espontâneas, porque, espontâneas, né, e guiadas, porque a gente vai ficar pensando sem querer, sem querer. E quando você está pensando, você está elaborando, né, então, mas é coisa que eu não estava me dando conta, tenho certeza que muita coisa que eu falei aqui, eu já esqueci, se eu tiver que falar de novo, eu não lembro, é coisa que eu descobri no momento e pode ser que depois eu tornando a matutar, a pensar, a pensar, eu falo: mas, então, tem tal coisa a criatividade. Eu não endeuo mais os artistas, tá? Tanto é que embora eu não queira ficar no acadêmico, eu prezo os trabalhos dos acadêmicos antigos, dos mestres porque eles elaboraram muito bem elaborados os trabalhos deles, eles trabalharam muito, sabe, Cleusa? Eles trabalhavam vinte e quatro horas por dia, encima daquilo. E acadêmicos, né, então, aprendendo, proporções, tudo direitinho e depois a beleza grega, eles fizeram, então, eles realmente aprenderam a representar o que eles queriam, representar o que já existe e depois com o impressionismo, eles queriam representar a cor, o, a impressão, mesmo, né. Então, foi um outro movimento. O fuvismo, já é uma emoção maior, eram as cores muito fortes, né, o fuvismo. E hoje em dia, muitas das pessoas querem pintar uma emoção, um sentimento. E isso, o artista, verdadeiro, o

ansioso, eu vou dizer, não o verdadeiro, que quer pintar um sentimento dele, e, o que está acontecendo na mídia é que eles têm que se dividir, eles têm que pintar alguma coisa que, comercial, ou que choca, que nem é comercial, mas que choca, porque é importante que falem de mim. É aquela estória, né, falem mal, mas falem de mim. Então, muita coisa que você vê por aí, você vê, eu acho que as pessoas ficam admirando por estar, por aquele quadro estar pendurado numa galeria de nome, então, a pessoa respeita, ou se cala, se não gosta, ou fica elogiando: que maravilha, que maravilha. Eu não acredito, eu não acredito nisso, sabe? Então, é a mesma coisa, se você vai maltrapilha numa casa, você é recebida de uma maneira, ou numa loja e se você vai muito bem vestida você é recebida de outra maneira. É isso que acontece, então, é, tudo um equívoco, é máscara, pessoas não tem coragem de dizer: eu não gostei desse trabalho. Não tem coragem de dizer.

E: Mas você acredita que tenha criatividade, digamos, verdadeira?

S: Tem.

E: Verdadeira?

S: Tem.

E: Genuína?

S: Não.

E: Não?

S: Não consigo enxergar ... daqui pra frente eu vou prestar mais atenção, Cleusa. Porque se a pessoa está elaborando algo inusitado, é muito, a somatória da vivência, sabe? Criar do Guto Lacaz, colocar todas aquelas cadeiras no lago do Ibirapuera, aquilo ficou marcado na minha cabeça, por uma coisa que me incomodou, mas não me incomodou pela aparência, mas me incomodou pelo fato de que, eu achar que ele queria chamar a atenção por uma coisa, né? Então, ele criou? A cadeira já existe, tá? Ele criou uma idéia de agrupar as cadeiras e jogar no lago? Então, pode ter uma pequena porção de criatividade nisso, no ato de agrupar as cadeiras e colocar no lago. Mas as cadeiras existem, o lago existe e a idéia de agrupar, ele somou, na idéia que você tem as cadeiras

agrupadas em volta de uma mesa, ou num canto ... e eu acho que a idéia básica dele foi chamar a atenção do público, que é o primordial do artista, que é chamar a atenção do artista, pelo belo ou pelo grotesco. E quando é pelo grotesco é para falar: eu estou aqui, eu sou Fulana de tal, eu posso.

E: Para se promover.

S: E se ele tem um nome, ele só vai subindo. Incrível, isso. Então, a gente tem que ter a coragem de dizer: não gosto, ou no mínimo de dizer: eu não entendi isso, tá? Que é uma postura educada, né? Eu não entendo isso, ou pra mim isso não quer dizer nada.

E: Mas, e a cadeira, I.? Quando ela foi inventada ... o que é que a gente pode entender?

S: Então, se a gente for lá pra trás, lá pra trás, surgiu de uma necessidade, né? Então, eu não sei, surgiu desde a pré-história, porque se era na época da pedra lascada, dizem que eles sentavam em pedras, né? Bom, se eles sentavam em pedras, vamos dizer, se usou a criatividade, se saiu já da pedra lascada, porque eu não sei se a madeira já entrou, porque na pedra lascada eles friccionaram as pedras e fizeram o fogo, né? Quer dizer, fizeram, não, o fogo existe, o fogo veio da fricção das pedras, né, então, o fogo também é um elemento da natureza e a pedra também. E se dali, ele veio a pensar: puxa, mas se eu estou sentado aqui ... eles agachavam, né? Mas eu acredito que eles não dormiam agachados, eu acho que o corpo mesmo, pela lei da natureza, queria se recostar. Mas dali, eu não sei, eu não estudei isso, mas dali, vou dizer, vamos aproveitar ... “Nossa, isso daqui é duro, se eu cortar um pedaço” ... pode ser uma criatividade genuína, pela força da necessidade, né? Então, inventa o tronquinho, o banquinho, que é aquele pedaço de lenha, de madeira, e dali, no passar dos anos, porque cada um só inventou um pouquinho. Você vai dizer: a criatividade, como é que inventaram ... a gente vai muito longe, o milho, como é que sabiam que o milho estourava e que era comestível? Parece que falaram, que caiu o grão de milho no fogo e estourou e eles falaram: será que isso daqui é bom? E

comeram. É da natureza, entendeu? Muita gente morreu, experimentando coisas, que eram venenosas, né? Até hoje acontece isso. Então, a criatividade, ela vem de lembranças. “Nossa!” Isso, “Nossa!” ... está vindo agora, Cleusa ... A criatividade é uma somatória, a criatividade é uma somatória ... de lembranças, conscientes ou inconscientes, isso é muito interessante, pra mim, tá? Porque foi você que puxou isso, porque a gente foi na pré-história e antes disso é muito difícil, porque a gente não sabe a origem do universo, né? As explosões ou se foi feito de explosões, não sei quê, então, a gente não sabe, então, tudo o que a gente recria é uma somatória. É uma somatória ...

E: Interessante esta sua idéia ... então tudo é uma somatória da vivência do indivíduo e uma somatória dos indivíduos ...

S: Cultura, né.

E: É o que você falou: cada um faz um pouquinho ...

S: Cultura, vamos dizer que ...

E: Pessoal e humana, né?

S: Pessoal e aquela cultura do teu, é, de onde você veio, né? De onde você veio, me foge a palavra ...

E: Você chamou isso de tradição.

S: É, a tradição, né? Com a cultura que você adquiriu, não é? ... Puxa vida! ... É ... você viu como a criatividade é uma palavra, vamos dizer, que a criatividade, ela tem pouco peso?

E: Como assim, I.?

S: Ela não é tão importante, ela não tem um trono pra você sentar, ela é, ela é, necessária, tá, ela é necessária, porque ela dá continuidade à vida, mas ela é apenas, uma ferramenta de trabalho.

E: Estou entendendo, você está querendo dizer daquela idéia mistificada da criação? É isso?

S: É. Porque, sabe, a palavra criatividade, você vai dizer: eu criei, ... Você adaptou o que já existia, né. Então, a palavra criatividade, você não precisa ter muito medo dela, ela não é uma coisa assim, tão letal, assim tão importante. Ela é tão importante como é importante o alimento, né. A

gente precisa do alimento, nem importa que alimento seja, né, tanto faz ser um copo de leite, como um outro coitado que não tem o leite e come dois grãos de feijão como eu li ... o suficiente pra manter a pessoa viva, né. Então, sendo um alimento, ele é nobre, então eu acho que a criatividade é nobre, mas não é, não precisa enaltecer tanto, é uma peça num encaixe, de um jogo, né? Ela é uma peça. ... Puxa vida ... Incrível, né, Cleusa. Então, não dá pra me falar o que é que eu falei lá no outro ... (refere-se a um comentário que fez durante um evento artístico, o qual me motivou convidá-la para participar da atual pesquisa).

E: Dá, dá, dá. Vamos encerrar, então?

S: Vamos, né, porque se não encerrarmos, teríamos toda uma vida e mais dez anos, né? E acho que depois, ela começa ... (gesto)

E: É isso: dar voltas ...

S: Mas, foi muito bom esse final da pré-história, viu, “Nossa!”, acho que completou, pra mim, heim.

E: Então, vamos colocar mais uma última idéia, que ainda está, presente pra mim, que é a questão do tempo. Você faz alguma ligação ... porque você falou alguma coisa assim: é meu, tempo meu. E aí, nesta hora ... é um tempo bom, que ...

S: Que facilita. Aliás, esta palavra veio muito espontânea e até me assombrei, porque ela se encaixou direitinho. Não é que ela, ela te proporciona, ela te facilita mesmo, não é que o tempo, o seu tempo, né, o tempo verdadeiro, nosso, mesmo, ele te proporciona, é mais uma, um complemento, uma peça no seu jogo de encaixe, tá. Se você não tem tempo, dizem que a gente tem o ateliê na cabeça, o nosso ateliê, mas você precisa de um tempo, ainda que seja para pensar. E você não consegue pensar, pelo menos pensar no sentido exato da palavra, estando com outras coisas. Posso por exemplo, trabalhar com uma coisa mecânica e ao mesmo tempo, pensar. Você pode, só que não é puro, não é teu. Você dividiu, você se dividiu, né? Você está fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Você consegue, é claro, dirigir e comer, comer, dirigindo e pensando, né? Você consegue fazer três coisas ao mesmo

tempo, né, incrível! Mas você está dividida, não foi o seu tempo. Então, o tempo da gente, é o tempo que a gente se dedica a si mesma a se elaborar e aí, a criatividade é a palavra que você usa pra mais uma peça de encaixe, podem surgir coisas ... ressurgir.

E: Tá jóia, I.! Obrigada!

Entrevista com Reinaldo

E: Então, R., ... como você sabe, então, eu estou estudando criatividade, né, então, eu estou pedindo para as pessoas me contarem a sua experiência, né, então, eu queria que você me falasse o que você acha, quais as suas idéias sobre criatividade, como é que a criatividade participa da sua vida, enfim, que você me falasse um pouco da tua experiência.

S: Bom, eu acho que, até por conta da minha formação, eu sou psicólogo, a criatividade eu considero como uma força motriz primordial do ser humano. (interrompe o que estava falando com a entrada da secretária) Bom, a criatividade é uma força motriz primordial da, da própria existência humana, não é, e dentro disso assim, eu acho que a utilização do potencial criativo no indivíduo, ela é um elemento que eu consideraria até como um elemento de sobrevivência e, de, possibilitadora do crescimento, né, então, ela acontece dentro da minha prática profissional, nos diversos seguimentos onde eu atuo, tudo, como um grande pano de fundo, que substrata uma série de ações, uma série de atividades e tal. Então, por exemplo, uma coisa que me surgiu agora, quando a gente começou a conversar sobre isso, né, é sobre a, a, uma das áreas que eu atuo tanto clinicamente, quanto na área de pesquisa, que é sobre o stress, a capacidade adaptativa do indivíduo, que é uma coisa que, hoje em dia, o percentual altíssimo de pessoas no mundo é tácito, há diversos níveis de stress e a, a possibilidade que o indivíduo tem de administrar o stress, stress se administra, né, e consequentemente sobreviver de uma forma mais saudável, em todas essas variáveis aí, que, que o assolam, faz através da criatividade ou daquilo que a gente chama de uma forma mais técnica de capacidade adaptativa, né. Eu considero que tanto a criatividade, no sentido mais cognitivo, mais imaginativo do termo, quanto a criatividade no sentido mais, até biológico, né, ela é fundamental, para que a gente possa estar mantendo, né, na relação com a vida, um parâmetro saudável, tá? Em relação por exemplo, ao stress e a

tudo isso que o stress gera, né, não sei se você sabe hoje, tecnicamente a gente considera, a gente, a Organização Mundial de Saúde considera o stress, o maior fator de morbidade e mortalidade no mundo, né? Ele é um desencadeador de uma série de patologias, um agravante de uma série de patologias, né, tanto físicas quanto psicológicas, e, o grande gancho que se tem no trabalho de prevenção, principalmente ao stress, é você poder desenvolver no indivíduo, a capacidade de, hã, criatividade. Quer dizer, é como ele vai gerar recursos dentro do seu potencial, dentro do seu repertório interno, né, para lidar com o adverso. Então, assim, nesse segmento por exemplo, é uma coisa que a gente usa muito, nós temos um projeto em andamento aí, chamado ARA, ‘ésse’ ...

E: ARA ??

S: ARA-S, Avaliação de Respostas Adaptativas à Situações de Stress Intermitente, é um projeto voltado à pessoas que têm no seu cotidiano de trabalho, a situação de stress como rotina, tá? Então, tem, hã, equipes de resgate, hã, corpo de bombeiro, pessoal, médico intensivista, médico de pronto-socorro, cirurgiões, pessoal que tem esse trabalho de alto-risco, que faz manutenção de linhas de força, é, pessoal que faz segurança, né? Segurança pessoal, né, hoje em dia está proliferando muito esta, este ramo de atividade, né? É, outros profissionais que por força da atividade em si, correm riscos altos, por exemplo, mergulhadores das plataformas de petróleo, tá, esse pessoal que faz levantamento de ... em selva, e aí, enfim, todas essas equipes que estão submetidas a isso, então por exemplo, os pesquisadores que vão pra Antártida, as equipes que se submetem à pesquisa de campo e selva, né, é um contingente enorme desde profissionais de altíssimo nível, como por exemplo, o pesquisador da Antártida, tá, até aquele coitadinho que leva o tripé do teodolito nas costas, né, no meio da mata, é, todos esses profissionais estão sendo submetidos intermitentemente à situações de stress, né, então, isso divide, para efeito da pesquisa, em quatro níveis: o psicológico, o biológico, o social e o ambiental, né. E este alvo, que dá determinados níveis do stress, por exemplo, se você vai falar de um stress biológico,

por exemplo a fadiga, né, pensasse de uma forma mais cognitiva na criatividade, vemos como ela pode ajudar, ela pode ajudar, na medida que o indivíduo sendo capaz de compreender os seus limites, sendo capaz de, em sabendo desses limites, né, criar alternativas para que a fadiga não o pegue à ponto de aniquilá-lo qualquer coisa assim, ele, ele consegue se virar melhor, ele consegue ter uma produtividade melhor dentro do exercício do trabalho dele. Hã, e em cima disso, a gente começou a desenvolver uma série de protocolos de avaliação de como eram essas respostas nos diferentes indivíduos e como as circunstâncias ‘stressoras’, vai, poderiam estar pegando essas pessoas, individualmente e coletivamente, tá, porque o stress pode ser, uma mesma situação ‘stressora’ ela é diferente para cada indivíduo, o que pode ser ‘stressante’ pra você pode não ser pra mim, tá, mas pode ser que nós dois submetidos a um stress teu, eu acabe me ‘stressando’ pelo teu stress, em função da convivência ou do tipo de dependência que a relação que a gente tem, vá estar impondo, né, então, encima disso a gente vem desenvolvendo um trabalho junto com, com um grupo de voluntários, aí, a maior parte do pessoal são pessoas que se tornaram muito amigas e tudo, é, são equipes que, por força do trabalho, eles têm que ficar durante muito tempo viajando juntos, em situações adversas, né? Um dos protocolos que a gente aplicou, eu fui inclusive sujeito, né, uns dos ‘preenchedores’ desse protocolo e tal, nós fizemos uma viagem de treze mil quilômetros pela Patagônia em dois jipes, tá, hã, um dos objetivos era realmente o levantamento de stress, outro foi um levantamento fotográfico, de um colega que, aí, outro projeto que depois a gente vai conversar à respeito, hã, e nessa viagem, a gente ficou levantando todas essas variáveis, então, assim, se tinha do ponto de vista biológico: fadiga, mudança climática, altitude, temperatura, é, é, clima desértico, né, umidade relativa do ar, esforço físico intenso, privação de sono, é, comprometimento alimentar em termos de pô, não ter o que comer, dietas absolutamente irregulares em termos de horário e quantidades de nutrientes e tal, né, socialmente a gente teve uma situação de mudança de países, né, e de hábitos e de

relações e de costumes, né, nas relações interpessoais também, as duplas, né, tinham que se submeter a um convívio, né, onde passavam horas à fio confinadas, num ambiente fechado que era o jipe, tá, ou passavam horas ou dias até, retidas num ambiente inóspito, tá, como aconteceu lá, com uma pessoa, nós ficamos três dias sem podermos nos comunicar por causa de nevascas e essa coisa toda e aí, você né, acirra um convívio mais intenso, encima de uma situação que é potencialmente ameaçando todo mundo, né, depois do ponto de vista psicológico, você tem a, a tensão de cada um, as expectativas de frustrações de cada um, em relação à viagem, aos parceiros, ao que estava se esperando e à tudo que está em volta, né, assim, desde a performance do carro e dos equipamentos que você está usando, até sei lá, o fax da autorização pra fotografar as baleias na Península Vaulez que, não chegou e na hora você está lá, você chegou pra fotografar e você viu as baleias lá, há quinhentos metros de distância de você, só um vulto assim, e não podia entrar porque o guarda não tinha a confirmação, aí a frustração e todo o movimento de revolta, ira, enfim, então, durante essa pesquisa, hã, tudo isso estava sendo mensurado e uma coisa muito importante era como é que tava o indivíduo, né, nas mais diversas situações, buscava alternativas criativas pra poder resolver o problema ou resolver a situação ‘stressante’ que ele estava enfrentando, ou o grupo estava enfrentando, né. Isso assim, desde você passar um macacão molhado, que era o único que você tinha e que foi molhado, passar com uma frigideira, põe uma frigideira de cabeça pra baixo num fogareiro e vai passando pra secar pra você ter uma roupa seca e quentinha pra vestir, né, até sabe, deixa eu ver uma outra coisa interessante que o pessoal desenvolveu lá, hãã, puxa, é tanta coisa que o pessoal vai criando no meio do caminho, né, mas até sei lá, arrumar uma forma de por exemplo, burlar a, a, a, as regras de utilização de uma determinada área pra poder fazer uma foto, né, então assim, bom, o ângulo pra foto por causa da, da hora do sol e do não sei o quê e tal, é um ângulo da área que não se poderia estar ali, mas você só poderia estar ali naquele momento e

naquele dia e depois não poderia estar mais e tal, então, vai distrair a pessoa que é encarregada, tal, que não pode, tal, pra poder o outro ir lá e fotografar, então, assim, todos esses jogos, né de, de, de adaptação e de criação de alternativas foi uma coisa assim, extremamente interessante, encima disso a gente está avaliando como é que cada um pode estar sendo, estimulado, né, no uso de seu potencial criativo pra enfrentar essas situações e pra poder ter uma relação mais otimizada com o desempenho da sua tarefa ou com o, a busca de atingir o objetivo que tenha, seja o lazer, seja pra cumprir uma função profissional e assim por diante. Então, esse projeto ele é meio, ele é interessante porque, a gente ao mesmo tempo que está trabalhando com uma coisa de gerenciamento, hã, preventivo de patologia, nós estamos trabalhando com a questão do potencial criativo, como o principal recurso para esse gerenciamento, tá. É óbvio que a pessoa vai aprender técnicas de relaxamento, técnicas de comunicação, tal, e que isso vai estar ajudando, mas o grande remédio nessa estória toda, é o indivíduo ser capaz de criar alternativas na hora em que ele está sendo pego de surpresa por uma situação absolutamente inesperada, tá? Então, essa, esse é um dos campos em que a questão da criatividade, pra gente é extremamente importante e, e se busca, né, melhorar e trabalhar isso em cada pessoa, né? Vários programas de treinamento que a gente faz isso de uma forma mais, hã, artificial, né. A gente cria situações pra pessoa poder descobrir que ela é capaz, né? De reagir ao adverso, né, de uma forma interessante, então encima disso tem um projeto, esse não é um projeto de pesquisa, é um projeto de trabalho, já em andamento, hã, é um treinamento vivencial, hã, onde a gente trabalha com pessoas que tem no seu cotidiano, uma carga muito grande de responsabilidades sobre pessoas, sobre equipamentos e essa coisa toda e que são submetidas a pressões muito grandes, né, de, de, de obter esse resultado, de obter essa produtividade e tudo aquilo que vem por trás disso, né, corta pessoal, corta custo, aumenta o lucro, não sei o quê e tal, então a gente trabalha na parte com o nível de encarregado até o nível de diretoria, com essas pessoas que têm esse cargo todo, lidando

com questões associadas à comunicação, liderança, é, relações interpessoais, né, o, o delegar, o ordenar, as formas do indivíduo lidar com a questão do ser, o que controla e o ser controlado, né, então, a relação de independência e dependência, né, e pra esse tipo de trabalho a gente desenvolveu uma coisa meio inusual, né, como são tradicionalmente os programas de treinamento. Esse pessoal é levado pra uma atividade de campo, né, em que eles vão, vou falar um dos, uma das atividades só pra ilustrar, então, esse pessoal é levado por exemplo pro ... pro Parque Estadual no alto do Ribeira onde tem as cavernas, tá? E eles vão passar dois dias, visitando cavernas, no meio do mato, não sei quê, capacete, carbureteira, 'parará', tal, biólogo, psicólogo, médico, não sei o quê, e dentro das cavernas são colocadas situações inesperadas, é um ambiente desconhecido, potencialmente hostil, rico em fantasias das mais diversas que você possa estar fazendo, dentro de uma caverna, né, hã, e lá dentro então, eles são submetidos a um série de situações-teste, né, como por exemplo, parar e falar: olha, daqui pra frente vocês voltam pra entrada da caverna ... ou dar uma tarefa pra dois grupos terem que desenvolver lá dentro, e assim, dentro disso a gente coloca 'cacos', né, como diz o pessoal do teatro, que são assim, situações adversas lá dentro, então, estar lidando com frustração, expectativa, com tensão, com competitividade, né, mas sempre no clima da exploração da caverna e da exploração daquele elemento desconhecido e novo, pro repertório deles, né? Hã, à noite, sentado na beira da fogueira, a gente faz a releitura do que foi aquela vivência toda, aí sim, trazendo a teoria daquilo, né, da cooperação, da comunicação, da questão da liderança, da questão das relações humanas, da solidariedade, da competitividade, hã, da iniciativa, do medo, hã, a, enfim, aí pega a situação que eles vivenciaram que está muito presente neles, né, e encima disso é feito uma releitura e aí sim, passado conceitos técnicos, né, e aí esses conceitos vão sendo transmutados pra realidade deles pra dentro da empresa, um ambiente conhecido, bonitinho, controlado, tal, que eles conhecem, né. Então, nesse trabalho, a gente lida com a criatividade nas duas pontas: a nossa,

na medida em que cada grupo é diferente, embora a gente esteja entrando pela, na mesma caverna pela décima oitava vez, nós estamos entrando naquele dia com aquele grupo, numa situação totalmente diferente, tá, então, é um ambiente conhecido e controlado, mas nem tanto, porque o grupo vai preci, vai reagir de forma diferente e a caverna é dinâmica também, um dia ela está mais cheia de água, noutro dia ela está mais vazia, um dia tem morcego, noutro dia tem abelha, enfim, né, mas aí, essas situações todas, embora você tenha um roteiro, ela impõe à equipe que está fazendo o treinamento, né, também uma capacidade de buscar formas de, de alternativas muito interessantes. E pra quem está lá dentro, né, sendo submetidos à situações novas, né, buscar formas de resolver as situações que vão surgindo: bom, ok, eu preciso descobrir como é que eu volto daqui de dentro, né, pra porta da caverna no escuro absoluto, né, então, como é que eu vou fazer? Aí, o outro vai falar: agora, eu tenho que lidar com a minha raiva de eu não ter conseguido chegar na tal cachoeira que me falaram que tinha aqui dentro da caverna, que é uma situação que a gente sempre coloca, né, que a gente vai pra uma caverna que tem uma cachoeira num salão dentro da caverna. Você imagina, o que é que deve ser bonito, uma cachoeira dentro de um salão e tal. E tem realmente um salão, mas a gente faz um caminho, né, que o acesso ao salão parece não existir, você tem que entrar por um sifão, fazer uma curva e de repente, você está aqui debaixo do salão, mas hã, quem não tem experiência, olha, olha, olha, fala: meu, não tem como ir! Então, aí, a gente lida com a frustração, tudo, a gente trabalha cada reação, cada comportamento daquela pessoa, e coisa assim, como é que cada um reagiu a isso? Buscou uma alternativa nova? “Bom, a gente não vai conseguir ver a cachoeira, mas, puxa, olha, como é que a gente está se divertindo, aquela piscina que a gente passou antes, será que não tem outro acesso, tal e tal”. Então, são maneiras de estar lidando com isso e ir buscar nas relações e nas formas de lidar com a vida, né, a, a, o uso, né, da capacidade criativa, mas esse é um outro seguimento pra falar da criatividade. Um outro trabalho que a gente desenvolve, depois eu posso

até te reportar ao líder da, do projeto, que é um indivíduo muito legal, um amigo muito querido, é o trabalho de fotos com as crianças, né, que por enquanto ele está sendo chamado ‘projeto da lata’, a gente fez um piloto há dois anos atrás, com a molecada da zona rural de São Tomé das Letras, molecada que trabalhava na roça e trabalhava nas pedreiras, né? Este projeto consiste na gente fazer uma releitura, hã, da relação da criança com o espaço e o ambiente dela, através da fotografia, né? Só que a fotografia, ela entra como um meio e não como um fim, mas como um agente estimulador. Então, as crianças, elas, hã, fazem, fotografia de uma criança que trabalha numa zona rural, que negócio complicado, a máquina e tal, isso eles fazem, a máquina, a máquina é confeccionada com uma latinha de leite, né, é uma técnica antiga, não sei se você conhece, né? Hã, hã, você pode usar qualquer lata, né, latas pequenas evidentemente para fotos pequenas e latão de tiner, de tinta para fotos grandes, mas enfim, você pega uma latinha dessas de leite e reveste esta latinha internamente com papel carbono ou pinta de preto, né, hã, faz um furinho no fundo da lata com uma agulhinha, tá, e põe uma tampinha de papelão colada com uma fita crepe. Do outro lado, onde é a tampa da lata, né, numa câmara escura que é um saco preto, né, você coloca o papel foto sensível, lá, que é o filme, né, e fecha. Aí, apoia a latinha, né, mirando pra onde você quer fotografar, levanta a tampinha de papel, que faz o papel da obturadora, a luz entra, sensibiliza o papel e depois, a foto revela, né, vai lá passa no revelador, no fixador, tal, e a criança tem a foto da coisa que ela queria, tá, assim com um custo baixíssimo, né, e, e, a criança, ela faz tudo, né, desde a confecção da máquina, à escolha do que ela vai fotografar, a fotografia, a revelação, a ampliação, né, e assim, o que a gente tem como objetivo: dar pra criança através daquilo que ela fez, porque ela fez tudo aquilo, ela fez aquela foto, ela não tirou um retrato, ela fez uma foto, tá, hã, um elemento novo pra ela poder fazer uma releitura daquilo que ela vê todo dia, com outros olhos, tá? Então, a gente teve uma experiência muito gostosa, no piloto do projeto, né, que foi a molecada começar a questionar o ambiente que elas viviam e a

deteriorização desse ambiente, né, hã, teve um menino, esse projeto foi um projeto de três meses que a gente ficou lá e tal, e assim, fechando, foi feito uma exposição das fotos deles, num feriado prolongado que tinha bastante gente na cidade, a prefeitura cedeu o ginásio de esportes, a gente fez uma coisa arrumadinha, tudo, o André, que é o diretor do projeto, publicou o livro com fotos de São Tomé, então, ele fez a exposição do livro dele, das fotos dele, que é uma exposição que teve aqui no MIS e no centro, a exposição das crianças, né? Então, era um chamariz a exposição, o livro, não sei o que, mas então, o objetivo era que o pessoal visse as fotos das crianças, e foi legal, porque assim, quando o pessoal chegava, realmente assim, as fotos do André era meio cenário, né, sabe, pra o material das crianças e aí, tinha a explicação do trabalho, como é que era a máquina fotográfica, eles ficavam lá explicando como é que eles tiravam, tal, e colocaram inclusive, as fotos pra vender, muita gente comprou as fotos deles, que reverteu pro clube de fotografia deles e tal, e fizemos lá um concurso, dentre os visitantes, pras melhores fotos e tal. E foi muito interessante, porque o menino era um menino de treze anos, é, o, Aldebaran, olha, a foto que ganhou, ele fez várias fotos mas a foto que ganhou, é uma foto do que tem na frente da casa dele no meio do mato, uma cachoeira, tá? Que até, sei lá, um mês antes dele fazer esta foto, ele gostar muito dessa foto, era assim, pelo menos na área que eles, ele e a família, tal, faziam, era um depósito de lixo, porque era beira de rio, eles jogavam todas as coisas lá e tal, na hora que ele fez essa foto, que ele viu essa cachoeira com outros olhos e que depois, mais do que isso, a cachoeira ‘dele’, olha só, né, foi premiada, né, ele se tornou o guardião dessa região, né. Não só ele, mas isso, é, influenciou também a família, a cuidar de uma forma diferente, né? Então, hoje por exemplo, se você vai lá, visitar e tal, e você vê, tem uma exposição de fotos lá e tudo, você olhar em torno dessa cachoeira e falar: ah, eu quero ir nessa cachoeira! Eles vão dizer, “essa cachoeira é do Aldebaran”, né, eles vão lá e te levam e fazem questão de te mostrar e tal, e se interessaram assim, em como preservar, como não poluir, como

usar isso de uma outra forma, né, e isso tudo foi reforçado na leitura, então, o que que se faz, né, a foto, aquilo que se fotografa e tal, é o instrumento pra se discutir a relação da criança com o meio em que ela vive, tá, quer dizer, pode tanto ser a cachoeira como pode ser a janela da casa dela, tá, ou pode ser, sei lá, o cachorro desfocado porque ele não ficou parado o tempo suficiente pra a máquina gravar, a latinha captar a foto, né? Hã, então, a idéia desse projeto é a gente usar à parte desses recursos, né, uma forma de você poder sensibilizar a criança e a partir da criança, a família, né, a uma reestruturação da sua relação com o seu próprio meio, né, isso também tem relação à vida, e assim, como é um projeto, como a gente está trabalhando com criança carente, de zona rural e tudo, a idéia que partiu até dessa experiência de São Tomé é de estar desenvolvendo esse projeto, agora, a gente está até numa fase relativamente avançada, hã, com um ônibus, que vai estar saindo do Rio Grande do Sul, durante dois anos, percorrendo o Brasil inteiro, né, e passando em várias localidades de, que são áreas, hã, próximas ou dentro de preservação ambiental. Tá, porque os parques nacionais têm, alguns parques nacionais você tem cidades dentro do parque, ou lugarejos ou fazendas ou, enfim, pequenas comunidades e tudo, então já foram selecionadas aí, dezesseis localidades do Brasil inteiro, né, onde o ônibus vai estar passando e pra, a equipe vai estar ficando um mês, com essa molecada e nas localidades que tiverem, com os professores das escolas rurais, tal, pra desenvolver esse trabalho, né, e criar a partir daí, um, uma gama grande de planejamentos, né, a gente tem por exemplo, um dos objetivos finais desse projeto é o de estar publicando um livro com as fotos dessas crianças, que a APMA, que é a Associação de Proteção do Meio Ambiente, vai estar patrocinando e divulgando no mundo inteiro, né, o outro objetivo é começar a estimular essas crianças a fazerem pelas fotografias, um intercâmbio com as outras crianças, então, sabe, você mandar uma fotografia do pampa gaúcho pra um menino que mora numa palafita na Amazônia, que por sua vez, manda a foto da palafita pra um garoto do cerrado, que vai uma foto pro jangadeiro, né, e com isso criar

um intercâmbio e aí, dependendo do que a gente conseguir em termos de apoio e patrocínio e tal, poder até promover um encontro dessas crianças e tudo mais, né? Então, é um outro projeto que a gente está fazendo, já tem aí, alguns apoios de instituições que gostaram da idéia e tudo, e a gente está tentando viabilizar o projeto agora, financeiramente, a gente já está bem adiantado, o, uma equipe da FAU projetou o ônibus pra gente, assim, entende, atualmente, a gente até pensa que poderia ter tido idéias melhores, mas tem cinquenta e oito pessoas envolvidas no projeto, entre arquiteto, advogado, psicólogo, pedagogo, fotógrafo, médico, “Nossa!”, tem tudo quanto é área aí, que gostaram da idéia, que compraram a idéia, tal, e, e estão tentando fazer com que ela se viabilize, né? Tem um enrosco em Brasília, tentando aprovar o projeto pela lei ‘Manet’(?!?), porque a lei não permite que se produza bens materiais e o ônibus é um bem material, embora o ônibus seja um objeto, né, ele é um bem material, não pode, né, está no fim do projeto. Então, a gente está tentando ver, já foi feito uma, doar para atendimentos até o fim do projeto, o ônibus é doado para os médicos sem fronteira, é doado pra Unicef, tal, mas burocracia, mas não conseguiu entender assim, ainda, então, a gente está vendo formas de viabilizar o projeto, tudo, mas enfim, onde a gente está usando a criatividade de diversas formas, né, através da arte, da fotografia, né, através do trabalho em grupo, com a leitura dessa, dessa expressão artística, e a própria idéia, né, de criar isso e de tentar isso, né, como, como, como proposta de educação ambiental, como proposta de, de, hã, releitura, né, socio-antropológica ambiental, mas usando primeiro uma linguagem de recursos muito simples, tá, e depois com a criança, que eu acho, puramente tem algum caminho, possível de modificação das coisas, né? O adulto, ele tende a ser mais refratário, ele está mais fossilizado, ele está mais viciado, né, então, enfim, esse é um outro segmento onde, né, pelo menos na minha forma de ver a criatividade tem entrado aí, agora, a criatividade está sendo usada pra gente achar recurso pra viabilizar o projeto, recurso financeiro, propriamente, pra viabilizar o projeto, aí tem que virar é, artista, mesmo,

mas acho que tá, tá saindo, eu acho que, a gente vai conseguir, ainda, viabilizar, mesmo que seja no ano 2000.

E: Você falou bastante, né, R., é, sobre criatividade, como adaptação. A sua idéia de criatividade é que a criatividade é uma adaptação do indivíduo? Como que é isso?

S: Não, não, a criatividade é um instrumento pra possibilitar as adaptações, ela, ela é muito mais do que isso, tá? Mas ela é, ela é o principal recurso necessário, né, para que o indivíduo seja capaz de se adaptar ao adverso, tá? E isso em qualquer circunstância, desde sei lá, uma situação concreta, estamos subindo de elevador e acaba a luz e você fica presa no elevador e aí, você vai ter que arrumar uma forma de livrar daquela situação, né, normal, vou que ter fazer isso, isso aquilo outro e tal, até situações de, de longo prazo na relação com a vida, tá. A gente está sempre sendo solicitado a se adaptar às coisas que estão acontecendo a nossa volta, tá, crescer, e, a principal força que a gente tem que evocar pra que haja efetivamente adaptação, é a criatividade, né, porque assim, se você não cria, você não se adapta, tá, e assim, se adaptar de outra forma, não é exatamente se adaptar, porque quando a gente fala de adaptação, tecnicamente, a gente está falando de uma forma saudável, né, de equacionamento daqui, do adverso, tá, ou seja, eu consegui arrumar uma forma de não sofrer mais por aquilo que estava de alguma maneira me ameaçando, me incomodando e tal, né, você pode ter acomodações e conformismos, tá, normalmente esses dois são absolutamente não criativos, tá, na adaptação você tem a criatividade como elemento que gerou a possibilidade de você superar aquele obstáculo sem sofrimento e muito provavelmente com aprendizado e com crescimento, né. Então, assim, se a gente fosse escalonar isso, eu te colocaria assim, que a criatividade, ela é uma, uma entidade que está acima, tá, porque ela vai estar aparecendo em outras expressões, né, da vida do indivíduo, mas na questão da adaptação, que foi o gancho que eu peguei nessa nossa conversa, né, ela é o, o instrumento absolutamente

necessário, né, pra que haja a, a possibilidade de resolução saudável, do conflito que existe no indivíduo, ou do stress, no caso.

E: Quando você fala em instrumento, recurso, você está querendo dizer exatamente em que termos?

S: Eu estou querendo dizer basicamente em termos psicológicos, ou psico ... vamos usar um termo vai, biopsicosociais, tá. Mas assim, eu não eu estou falando de um instrumento, de uma máquina, de um aparelho, de nada disso, mas de todo aquele repertório vivencial que o indivíduo tem, né, e que é evocado, tá, para ser utilizado naquela hora para que ele supere, um obstáculo, tá, então, hã, é a cognição, é a memória, tá, são todas as vivências, as experiências que estão impregnadas, né, em mim, hã, não só mentalmente mas até fisicamente, sabe? O fato de eu ter por exemplo uma habilidade manual 'x', né, e que numa difícil eu estou, sei lá, né, eu estou num barco, estou atravessando uma correnteza muito forte, né, e de repente, a, sai a cupila da hélice do motor, e eu percebo isso, levanto o motor e a maré começa a me levar, sabe? Naquele momento, às vezes, a habilidade motora que eu tenho automaticamente desenvolvida, né, que possibilita achar o araminho na caixa de ferramenta e enfiar naquele buraco, sem enxergar, né, colocar o motor de volta no, na água, ligar o motor e 'ptim', sair de novo, tá? Quer dizer, eu usei uma destreza, eu usei um repertório da minha habilidade motora, né, pra resolver um problema, né, criei alternativa porque eu não fui buscar uma cupila igual, mas eu peguei um araminho do chaveiro, enfiei no buraco pra poder resolver a coisa, né, hã, mas eu estou usando aqui uma experiência que é uma memória, né, motora, e ao mesmo tempo é uma habilidade que já está automatizada em mim, mas que ela foi dirigida, né, pra alguma coisa, isso é o instrumento, né, respondendo à tua pergunta. Mas o instrumento também pode ser físico, corporal, ele pode ser um instrumento mental, né, uma atividade mental superior, pensamento, memória e tal, né, ou ele pode fazer a partir de uma coisa maior que é o repertório vivencial, poxa, hoje a gente tem tudo isso dentro da nossa própria história, né, de vida, esses são os instrumentos

adaptativos e, né, e são os instrumentos que são evocados e a, e a, desde que a gente está conversando, eu diria que a criatividade é o maestro, tá, que rege esta orquestra, tá, se cada um desses recursos, hã, funcionar isoladamente, né, por mais maravilhosos, por mais, hã, exuberantes que eles possam ser, muito provavelmente eles não vão ajudar esse indivíduo a superar o problema, tá, a criatividade ela chega aí, né, e rege a orquestra, afina tudo, faz o violino entrar na hora certa, né, sabe, enfim, tem uma lenda Sufi que conta isso, não sei se você conhece, é uma lenda bonita, ela conta a estória de uma princesa de um reino de artesãos, né, e esse reino era um reino muito respeitado por todo, por toda civilização em torno tal, porque eles eram exímios artífices na, na confecção de mastros pra navios. Então, todos os reinos que queriam ter as melhores armadas e tal, buscavam, né, montar seus barcos com os mastros daquele, confeccionados pelos artesãos daquele reino. Daí, um belo dia, esse país é invadido por um outro, né, entra em guerra e perde a guerra e é anexado a esse novo reino e todos os habitantes desse país são feitos escravos, inclusive a princesa, e ela como escrava é obrigada a trabalhar, né, na confecção de, hã, velas de barcos, né. E passaram anos ali, tecendo, fiando, costurando, tal, velas e tal, até que este país extremamente belicoso entra em guerra com outro e perde a guerra e ele é dominado por esse outro e os escravos desse país, perdedor agora, desse reino perdedor, são libertados. E a princesa não tinha mais para onde ir, porque o reino dela simplesmente tinha deixado de existir, né, então, ela fi, continuou trabalhando naquele, naquele reino como artesã, né. Até que com o passar dos anos o país é assolado por uma seca muito grande, né, o rio seca, a pesca se escasseia, a agricultura vai mal, os animais começam a morrer, os sábios do reino se reúnem e chegam a conclusão de que se continuassem aquilo, eles não iriam sobreviver, então, vão buscar uma alternativa pra poder salvar o reino. Qual é a alternativa que eles encontram, mais viável, é que se eles fossem pro outro lado, do reino, né, centenas de quilômetros adiante, lá eles teriam uma área fértil, com água e tudo e eles poderiam começar a reconstrução

do reino que eles tinham condições de sobreviver. Só que eles tinham um obstáculo, um deserto que os separava, donde eles estavam pra essa outra área fértil. Daí, o pessoal: bom, pra gente mudar com toda a população, os animais e tal, pra esse outro lado, nós vamos levar meses, atravessando o deserto, nós precisamos ter recursos pra isso, tendas que sejam capazes de aguentar as tempestades, as ventanias, nos abrigar do sol, nos abrigar do frio à noite e tal, onde nós vamos arrumar essas tendas? Eles se reúnem na praça, colocando o problema e aí, a princesa se levanta e fala: olha, eu não sei construir tendas, mas eu sei construir mastros e eu sei construir velas, talvez esse conhecimento seja capaz de nos ajudar a construir as tendas. E assim ela faz e eles são capazes de construir tendas, fortíssimas, né, muito bem montadas que possibilitam a travessia do reino no deserto pra chegar do outro lado, né. Ou seja, o que é que a gente teve aí, teve essa estória da, de, do regente da orquestra funcionando, né? Ela foi capaz de pegar dois conhecimentos isolados, de uma outra arte, que era a arte naval, né, e transformar esses dois conhecimentos numa terceira coisa, que naquele momento salvou a população do país, né? É, quem regeu isso? A criatividade! Ela foi, né, a maestra, né, da coisa, então, a, a, a idéia que eu tenho, dentro da composição meio simbólica, que a gente está discutindo aqui é essa, né?

E: Agora, você fala muito em alternativa, né? Que a criatividade traz alternativa, dá alternativa, que através da criatividade se chega a uma alternativa, né? De quê, pra quê, ou, se a criatividade é uma alternativa, né, onde que está o ponto de partida, o que é que o ponto de partida, como é essa idéia tua?

S: É, ela não é uma alternativa, mas ela gera esses recursos, na verdade ela, ela possibilita você achar uma alternativa para uma coisa que está te ameaçando e que você não, nas suas condições normais não tem como enfrentar, né. Vamos pegar o exemplo da lenda Sufi, né, eles não poderiam simplesmente, né, colocar a sacola nas costas, e sair pelo deserto, né, não deu. Isso seria o mais simples, né, ou seja, eu preciso de uma alternativa viável pra que eu possa superar esse obstáculo, tá? E as

tendas, pra me abrigar ao longo de uma travessia complicada e arriscada e tudo, então, veja, eu precisei criar alguma coisa, porque os recursos normais que eu tenho não foram suficientes, não são suficientes pra superar o desafio ou a ameaça, ou o problema, né, que está aparecendo ali. Então, veja, dentro dos recursos naturais, eu vou tentar apertar o piloto automático, mas eu não resolvo, tá, ou seja, você chegou na sua casa, enfiou a mão no bolso, pegou a chave da porta, girou e abriu, tudo bem, você não precisou de alternativa nenhuma, você chegou na tua casa, enfiou a mão no bolso e se deu conta que você perdeu a chave em algum lugar, dos quinhentos que você passou durante o dia, né, você vai ter que achar uma alternativa pra entrar na tua casa, não vai?

E: Então, a alternativa para o que já existe! Ah, bom, ...

S: Alternativa para o que já existe, mas que de alguma forma está obstaculizado, por algum evento novo: você ter perdido a chave, a seca que possibilita continuar vivendo naquele lugar, né, a cupila que saiu do eixo do hélice, tá, e que está fazendo com que você fique com o barco à deriva no meio de uma corrente muito forte, tá, o macacão molhado à vinte e cinco graus abaixo de zero, né, e ‘geladaço’ e endurecido e tudo, e você precisando se aquecer e a, aí, a frigideira servindo de ferro de passar roupa pra secar, enfim, hã, né, você tem uma, a idéia é ela aparecer no momento em que há uma situação que está lhe sendo imposta, te impossibilita de reagir a ela com recursos que naturalmente você usa, né. Naturalmente a gente está resolvendo coisas que passam pela gente e a gente não está fazendo esforço nenhum, né, não está sendo necessariamente criativo, né, está simplesmente reproduzindo coisas que está dentro do meu piloto automático, a gente tem um repertório que já é suficiente pra gente se virar, em noventa por cento das situações que o nosso dia a dia nos impõe, tá, mas tem dez por cento que são coisas novas, que é o inusitado, é o inesperado, tá, ué, até aquilo que eu vou buscar de novo até pra tornar a minha vida mais colorida, sabe, então, né, eu quero fazer, sei lá, um curso de ‘cannoy’n’, né. Bom, mas eu nunca se quer, entrei embaixo de uma cachoeira, quem dirá escalar essa cachoeira

e descer. Bom, mas você está colocando uma coisa nova na sua vida, que vai ser um desafio, como é que você vai lidar com isso na hora que você chegar lá, e olhar a cachoeira despencando e você vai rolar em uma cordinha, né, na beira dela lá, pra descer e tal, você vai ter que usar um monte de coisas, aí, né. Sabe, então, é, é, a idéia é essa, quer dizer, um, um, eu acho que, falar que a criatividade daria um alternativa é, não é correto, ela é o elemento que entra pra que eu busque esta alternativa, frente ao adverso, né, sabe, e, ela pode aparecer em outros sentidos como uma maneira de expressar meu próprio ser, né, e aí, a gente vai estar falando de um outro segmento, né, se a gente fala por exemplo, de um pintor, né, sabe, que cria, expõe suas coisas lá, numa tela por exemplo, né, ele está expressando alguma coisa, não necessariamente a partir de uma situação adversa, como a gente está colocando até agora, não buscando uma adaptação, tá, mas ele está, está externalizando uma coisa de uma outra forma, né, e aí, ele está criando, né, sabe, a, se não me engano é o Michelangelo, que falava que ele não esculpia, simplesmente ele tirava a pedra que existia em torno da imagem que ele enxergava, né, essa imagem estava criada na cabeça dele, né, sabe, e ele objetivava isso, quer dizer, ele, nessa forma interessante de descrever a coisa, né, ele ia limpando a pedra que estava em torno daquela figura, que ele já enxergava na pedra, antes mesmo da figura ser vista pelos outros, né, quer dizer, você tem uma força criadora aí, sem dúvida que você tem, fortíssima, mas esta força criadora não está sendo mobilizada por uma situação adversa, mas por uma outra energia, vou usar um termo, não sei se é um pouco forçado, mas assim, por uma outra necessidade, do indivíduo, sabe, aí, eu acho que a gente está entrando por um outro viés, assim, que é, o viés da necessidade ou do desejo, tá. O desejo é uma coisa que também precisa muito da criatividade, como companheira, né, se ele não tem a criatividade como companheira, ele simplesmente não se realiza, se perde no meio do caminho, pode até ser que com a criatividade ele não consiga se realizar, mas sem ela com certeza não vai ser possível, né, hã, e a alma humana, ela tem muito isso, na minha

forma de ver, né, ela já é inquieta por natureza, né, então, assim, essa inquietação, essa, essa necessidade de ver o que tem, fora da caverna, o que tem atrás da montanha, o que tem no fundo do mar, o que tem na lua, explicar as coisas, de entender as coisas, de experimentar as coisas, quer dizer, isso, desde que você começa a ter vestígios de, da, da, da, do movimento humano no mundo, né, essa inquietação, essa necessidade, ela aparece, né, e junto com ela a criatividade, quer dizer, como a gente foi ao longo do tempo, desenvolvendo as coisas pra que essa inquietação, pra que esse desejo pudesse ser satisfeito, né, desde o desejo básico e de uma necessidade básica, como comer, né, nós acabamos criando, lanças, tacapes, machados e tal, né, para poder com isso abater o animal e comê-lo, né, em vez de, se você for imaginar numa época mais primitiva, a, a, a relação do homem com o animal é uma relação, em muitos sentidos desvantajosa, a maior parte do tempo a gente era presa e não o caçador, né, sabe, a capacidade de criar objetos, instrumentos, utensílios e tal, e de transformar as coisas, né, é o que nos deu uma supremacia sobre o ambiente hostil, né, a criatividade está presente aí pra sobrevivência, né, pra busca da resolução de uma necessidade, tá, e de uma forma mais sofisticada, ela começa aparecer como a busca da realização dos desejos, né, sabe, então, é, eu tenho, eu sinto a necessidade, o impulso de expressar, hã, o que eu estou vendo aqui, pra alguém, né, e aí, eu percebo que se eu molhar um graveto na lama que está no chão e riscar uma parede, eu posso fazer um desenho, de repente eu posso fazer a imagem daquele antílope que eu estou enxergando, aquele jacaré que eu vi no rio, né, eu posso desenhar uma figura humana que representa a mim mesmo, ou ao meu par, e eu estou ali expressando coisas do meu cotidiano, coisas do meu sentimento, né. Você vai por exemplo, na Serra da Capivara, lá, na, no Piauí, né, tem painéis, escritas com peças belíssimas, né, dos nossos antepassados, é, de várias épocas, e você vê ali, uma história sendo contada por aquelas pinturas todas, né, que são belíssimas, né, pintadas com óxido de ferro e é assim, elas são sobrepostas, então você vê a evolução, né, da necessidade de se expressar ali, né, e está ali

sobreposto, e aquele sobreposto está ali há quatro, cinco mil anos, né, de pinturas sobrepostas, então você vê aquelas pinturas que são absolutamente primitivas, né, elas não são ainda pictóricas, elas são é, é, expressões estáticas, né, pontos, linhas, retas, linhas quebradas e tal, e depois você vê a evolução dessas figuras, né, figuras estampadas, estáticas, mas figuras, né, de um ser, de uma figura humana, depois você vê figuras dinâmicas, pernas dobradas, a sensação de movimento e tal, e depois você vê imagens complexas, cenas de um ritual, por exemplo, pessoas dançando em torno de uma fogueira, quer dizer, não é mais, uma imagem isolada, ou um grupo de sinais desconectados ou uma figura imóvel, ou uma figura móvel, mas várias figuras compondo um arranjo, quer dizer, o que é que está acontecendo aí, né, você está expressando coisas com isso, pra poder expressar isso você teve que usar algum recurso, tá, quer dizer, e, e, e, donde vem esse recurso, ele vem da capacidade de eu poder criar essas condições, né, sabe, de descobrir que um graveto esfarelado, molhado, (pausa da mudança da fita de gravação), se eu amarrar um cipó neste pedaço de pau, né, o meu poder, a minha força se triplica e eu vou ser capaz de derrubar um animal, com o meu braço, né, quer dizer, então, o que é que está acontecendo, eu estou descobrindo coisas, eu estou criando coisas, eu estou ampliando, né, todo o meu repertório, e estou saciando de alguma forma, a necessidade e o desejo, saciando essa tentação que é própria da natureza humana, né, então, assim, quer dizer, esse é um outro viés de onde ela se expressa, né, e ela vai se expressar de diversas formas, né do mais sublime ao mais bizarro, né, tem gente que é bizarramente criativo, né, é capaz de coisas, hediondas, aí, né, sabe, assim como você tem gente que é sublime, ente criativa, ela é uma energia, que não é nem boa nem ruim, né, mas vai depender daquela pessoa que a tem e do canal que essa pessoa propicia, dessa energia, que ela se torne uma coisa boa ou ruim, né.

E: E você acha que existem pessoas mais criativas, menos criativas ...

S: Essa, essa é uma pergunta que eu me faço muito, né, hã, com a exceção das patologias, tá, porque aí, tem situações muito especiais, tanto pra mais do que pra menos, tá, hã, a minha impressão, é de que, hã, a criatividade enquanto uma energia potencial do indivíduo, ela é igual pra todo mundo, tá, porque ela vai ser mais ou menos estimulada, de acordo com aquilo que é apresentado para o indivíduo ao longo da vida e de acordo com aquilo que ele é, hã, afetivamente, hã, estimulado também, né. Sabe, você vê por exemplo, a gente trabalha com uma criança, no hospital, né, que está lá na pediatria, tal, hã, os hospitais que a gente trabalha são hospitais públicos, então, são normalmente extremamente carentes, e às vezes, você chegar para uma criança com giz de cera e um papel, e você está apresentando pra ela, pela primeira vez aquele objeto, ela nunca viu na vida aquilo, né, hã, eu me lembro de uma, de uma imagem, de muito tempo atrás, de uns vinte e tanto anos atrás que eu tive, eu era recém-formado, ou estava no último ano da faculdade, não me lembro, mas eu fui num lugar, que era, eu conheci crianças que nunca tinham visto televisão, né, e eu fiquei esp, eu, né, tinha o que, dezoito anos, dezenove anos, eu fiquei espantado, como pode existir no mundo, uma criança que nunca viu televisão, nunca viu, não tinha a menor idéia daquilo, e foi, foi numa época que existia o projeto Rondon ainda, né, hã, e foi muito interessante, né, foi impactante pra nós urbanóides, né, descobrirmos aquele tipo de coisa, tal, e aí, você vê, quando você dá alternativas pra criança, ela mesmo nunca tendo visto televisão, ela cria as coisas, né, agora, se você não dá instrumental nenhum, ela vai poder criar se ela tiver outros tipos de estímulos, ou não, né, então, né, quando eu estive lá no, no, no, na Ilha do Bananal, lá divisa com o Pará, né, e nós estávamos numa tribo Carajás e tinham uns meninos tal, né, índios e tal, esculpindo, né, animais em madeira e tal, fantás, com uma habilidade na faca, crianças de sei lá, quatro, cinco anos de idade, que eu não tenho, tá, eu provavelmente iria me suicidar ali, naquela, se eu fosse fazer, o que eles estavam fazendo, com a velocidade e com a habilidade que eles estavam fazendo, até talvez conseguisse

fazer, em cinco ou seis dias o que eles faziam em vinte minutos, né, não sem muitos cortes na mão e tudo mais, né, ou seja, foi apresentado um instrumental pra eles e eles desenvolveram uma mestria deles ali, tá, sabe, e aí, se você pega uma criança de cinco anos aqui, né e dá uma lâmina pra ela e um toco de madeira, vai ser um desastre, tá, agora assim, né, pega um, sei lá, um jogo de tintas sofisticado aí, né, ou crayon mesmo que eu falei, né, tal, e dá pro indiozinho, talvez ele, a primeira vez que ele faça, seja dar uma mordida, naquilo, né, bonito, vermelho, tal, interessante, né, então, quer dizer, você tem criatividade dos dois lados, mas você teve uma sendo estimulada por um lado, em função dos recursos que você teve e outra você teve, mas você pode ter tido isso também, reprimido, né. Tem uma estória interessante do Portinari, né, o Portinari, hã, ele, quando ele era menino, ele era engraxate, lá em Brodósque, né, e ele pintava nas paredes do, da casa que ele morava, e do outro lugar que ele ficava e tal, com a graxa de sapato, né, e se eu não me engano, a mãe dele o reprimia muito, batia muito, né, e um comerciante, um senhor que tinha um armazém ali, tal, achou que ele pintava muito bem e começou providenciar papel e lápis pra ele, né, hã, ou seja, se fosse pela mãe, provavelmente o Portinari seria outra coisa, tá, tá, e esse senhor que viu e que falou: puxa, esse menino tem um dom, ele está, sabe, né, tentando expressar e tal, e deu, né, o, o primeiro caderno e o primeiro lápis, o primeiro carvão, né, pra fazer esboço e tal, sabe, e, apertou um botão ali, tá, que poderia não ter sido apertado, ao longo da vida toda, né. E isso é assim, eu acho que a, enquanto energia potencial, tá aí, né, pra ser acessada a qualquer momento. Eu não acredito como muitos, é, cientistas do desenvolvimento, ainda preconizam, né, que o ser humano tem um processo de desenvolvimento em forma de um 'U' invertido, né, que você tem um crescimento, um apogeu e depois uma decadência, eu não acredito nisso. Eu acredito que o potencial humano, ele vai ter, né, uma, uma perspectiva de desenvolvimento sempre crescente e dinâmica, né, sabe, eu posso até perder alguns potenciais, mas eu estou adquirindo outros, ou eu estou

começando a ser capaz de acessar outros, que eu até já tinha mas, não tinha as condições para acessá-los, né, então, são coisas que assim, de repente, esse botãozinho que foi apertado no Portinari, quando ele era menino e pintava parede com graxa, né, hã, pode ser apertado em uma pessoa de sessenta ou setenta anos, né, eu acho, a Cora Coralina, eu acho que é um exemplo desse, né, sabe, que, que descobriu o potencial poético, artístico dela e tal, acho que depois dos sessenta, se eu não me engano, né, é, sabe, por que não? Tem um colega nosso, esse, que trabalha com idosos aqui, e, e, e, uma das coisas que ele se preocupa muito e é uma pesquisa que ele está desenvolvendo agora, sabe, é em, em resgatar isso na própria consciência do idoso, né, porque muitos dos idosos, que ele, que ele atende, tudo, né, já estão condicionados a se considerar, né, não mais ‘entes criativos’, sabe, quer dizer, eu já fiz o que eu tinha que fazer, daqui pra frente eu estou no lucro, né, sabe, então, eu não sou capaz mais, de ter diversões novas, de ter interesses novos, de aprender, ensinar, hã, enfim, a cultura da gente meio que reforça isso mesmo, né, aquela idéia do ‘U’ invertido, ela é vendida pra gente, até que a gente passa a acreditar nela e a defendê-la, né, e o trabalho dele tem sido assim, em parte, com o pessoal da terceira idade, de desmistificar isso, e de tentar propor uma leitura diferente, né, buscando muito essa questão do potencial criativo, no idoso também, quer dizer, pô, sabe, porque que não agora, tá ok, você não vai poder fazer tá, o exemplo que eu dei, canoagem, tá, você tem setenta anos, você tem artrose, tal, não vai dar pra descer, né, uma cachoeira ... e as outras alternativas, né, e todo esse repertório que com certeza, está subutilizado, né, e que você carrega, o que é que pode ser extraído daí pra que o novo continue acontecendo na tua vida, né, pra que essa motivação, pra que essa vontade de continuar e tal, continue colorindo, né, o sentido da tua existência, tal, então, eu acho que é o potencial que está aí, presente, ele não é nem maior, nem menor pra ninguém, mas aí, sim, o meio, as condições em que o indivíduo vai estar inserido, vão estar sendo mais ou menos estimuladores, né, disso tudo, tirando

obviamente as condições especiais que eu te falei, né, você pega por exemplo, uma criança com Síndrome de Dawn, normalmente as crianças com Síndrome de Dawn, tem potencial artístico acima da média, uma sensibilidade fantástica, né, ao passo que racionalmente, né, elas têm limitações extremamente complexas, né, e difícil poder ver o mundo que é predominantemente racional, é predominantemente cartesiano, etc., né, mas o potencial, né, a sensibilidade, a expressão artística mesmo, né, de desenho, cultura, dança e tal, é acima de qualquer mortal e tal, né.

E: Então, você diria assim, que em termos de potencial, não haveria diferença, não teria pessoas mais criativas e menos, mas em termos de manifestação, sim?

S: Em termos de manifestação, sim, dependendo das condições que a pessoa tem pra manifestar isso, tá. Sabe, se a gente for pegar uma coisa, eu vou fazer um parênteses um pouco mais científico agora, vou botar uma idéia mais acadêmica aqui e fazer um parênteses um pouco mais científico, se a gente for considerar, hã, a, o, um viés mais acadêmico, aí você vê a coisa daquela simetria do cérebro, tá, a criatividade a gente sabe hoje, dentro da visão psicológica mais atual, que ela é uma atividade muito mais pertencente ao hemisfério direito do que ao hemisfério esquerdo do cérebro, tá, hã, e a gente sabe que tem pessoas uma capacidade por fatores ainda não sabidos, né, de utilizar mais o hemisfério direito do que a outras, tá, quer dizer, isso não é só estimulação, a gente vive num meio que estimula muito mais potenciais de hemisfério esquerdo, do que de hemisférios direito, tá, mas você tem, talvez aquilo que possa ser chamado de dom, tá, que se manifesta mais em algumas pessoas e menos em outras, independente talvez até, da questão do estímulo, tá. Mesmo psicologicamente falando, talvez isso possa estar associada a essa questão da simetria funcional, né, e desses dois cérebros, né, como a gente fala, né, hã, funcionarem de uma forma diferente, numa assimetria diferente, tá, tanto é que hoje, você vê muitos trabalhos onde o pessoal desenvolve, né, treino para o hemisfério direito, né, você já deve ter visto isso, não sei nem se você faz alguma coisa

assim e tal, hã, e tem isso, né, o, essa área a mais subjetiva, mais artística, mais de imagens mentais e tal, ela hoje, a gente sabe que ela pertence ao hemisfério direito, né, se você dá condições de estimular pela central, você vai ter um indivíduo mais criativo também, e esses programas mostram isso, né, e de repente a pessoa se dá conta que tem uma criatividade, que jamais ela imaginou que teria, né, mesmo sendo uma pessoa com recursos e que teve até estímulos, mas não conseguiu ir adiante, mas você tem esse lado também que deve ser considerado, eu acho que é um tema que, bom, você está pesquisando isso, ele tem quinhentas ramificações e encima disso você vai estar vendo muitas coisas e tal. Eu acho que potencialmente todo mundo tem, né, uma energia criativa, se ela é maior ou menor, nesse ou naquele indivíduo, eu não sei te dizer, agora, o que eu sei te dizer, é o seguinte, com certeza, pela minha prática clínica e pela minha prática como educador e tal, é que é assim, hã, é, se você estimula o indivíduo, se você dá pra ele recursos, tá, isso flui muito mais facilmente, né, se você não der esses recursos, pode até fluir mas com muito mais dificuldades e muitas vezes, você pode até reprimir isso e impedir que estas manifestações aconteçam, né, agora, você tem exemplos, né, que é a exceção que confirma a regra, né?

E: Agora, este dom, né, você está, o que é que seria este Dom, R.?

S: Eu acho que são potenciais, né, que a nossa configuração, né, bio-psico-socio-espiritual, né, sabe, nos dá, o, o ser humano é igual e diferente a todos os outros, né, é um paradoxo, que não é, não é antagônico em nenhum momento, quando a gente fala isso, né, somos é, singulares e somos genéricos ao mesmo tempo, né, e isso faz com que a natureza humana tenha essa coisa tão rica e tão bonita, né. Então, assim, naquilo que é genérico, então, você me fala assim: a criatividade genericamente falando, é inerente a todo ser humano? Sim, a todo ser humano. Agora, como cada um é diferente um do outro, embora seja igual, né, sabe, isso também se manifesta assim, né, sabe, então, né, você pode ter a criatividade, você pode ter um dom e a criatividade vazando

determinados segmentos, sabe, então, às vezes você pega uma pessoa que é absolutamente, hã, genial, hã, sei lá, em atividades manuais, então, ela faz, tudo que é manual, ela faz, qualquer tipo de enfeite, ela faz escultura, ela pinta, ela não sei o que, e tal, mas não é aquela que posta numa outra situação, ela é um zero à esquerda, né, enquanto sei lá, pra fazer uma conta, ela é horrível, enquanto que você tem uma outra pessoa que é absolutamente fantástica, faz raiz cúbica de cabeça, né, em três segundos e não sei o que e tal, e é incapaz de, sabe, de segurar um copo cheio de guaraná e não derramar, né, sabe? O primeiro é mais criativo que o segundo, o segundo é mais criativo que o primeiro, as coisas vazaram cada uma pro seu lado, né, isso, sei lá, os geneticistas vão falar que é a composição genética de um, é mais, né, sei lá, o cromossomo quarenta e cinco do 'G' vinte seis com o ADN, não sei o que tal, e né, os filósofos vão falar outra coisa, os psicólogos vão falar outra coisa, os sociólogos vão falar outra coisa, os espíritas vão falar outra, enfim, tá, mas é isso, né, a natureza humana é assim, coletiva e singular ao mesmo tempo, né, é o potencial, agora assim, como é que ele se manifesta, né, dentre essas diversas formas e tal, porque é que uma é de uma forma e outra é de outra, não sei, é! Isso sem dúvida é, está sendo mostrado por aí, não conseguimos responder isso aí, mas não sei vamos conseguir, mas ...

E: Você falou ... (Pausa, devido à interrupção da secretária) Então, R., você estava falando, talvez elementos que facilitem, favoreçam a criatividade, a necessidade, o desejo, os estímulos oferecidos às pessoas, né, você acha que teriam mais coisas, é, coisas especiais, que estariam, vamos dizer assim, determinando, né, este, essa manifestação criativa, este potencial criativo no ser humano?

S: Quando você fala em coisas especiais, você está pensando em que?

E: Não sei, eu queria saber se você considera isso?

S: Olha, uma coisa especial que eu não falei, ou falei indiretamente, acho que é fundamental em tudo isso, porque ele é uma coisa, (riso) materialmente falando, é o afeto. Né? Quer dizer, sem afetividade, sem

uma carga afetiva, né, o importante na relação do indivíduo com aquilo que está acontecendo, ou com aquilo que vai acontecer, ou com aquilo que ele está experimentando, sei lá, tá, eu acho muito difícil que haja, a expressão criativa, tá, quer dizer, então, essa, esse, vou falar de criatividade como uma energia, superior aí, tá, eu te diria que acima da criatividade, tá, como uma energia inclusive determinante da manifestação dela está o afeto, tá. Claro que talvez seja uma das energias mais poderosas, de manutenção da vida, tá, e ela, se a gente puder estabelecer cartesianamente uma hierarquia aqui de coisas tão subjetivas e tal, eu te diria isto, né.

E: Quando você fala em energia, seria energia de vida, energia psíquica ...

S: Energia de vida, eu prefiro colocar assim, tá, energia de vida, é uma força de múltiplos vetores, né, claro, a energia psíquica, ela é um vetor, né, mas eu acho que você tem vários vetores, né, que determinam a manifestação da vida mesmo, né, tudo, desde o componente biológico, as situações físicas e tal, até aquilo que a gente chama de alma, né?

E: Então, a criatividade pra você seria uma força de vida, como você disse, uma energia de vida.

S: Uma força de vida, uma energia de vida, ela é, na minha concepção, né, ela é uma energia de vida, eu diria até um pouco diferente, ela é uma energia, pra vida, tá, porque ela é um possibilitador importante, pra vida com sentido, pra vida com qualidade, né, não para a subsistência, mas para a vida com 'V' maiúsculo, com, né, com prazer, com crescimento, com aprendizado, com criação. (Riso) Não se cria nada, se não se faz.

E: Nesta nossa conversa aqui, né, você, te ocorreu alguma coisa, algum fato, é, sei lá, algum assunto relacionado, que você acharia importante abordar nessa conversa sobre criatividade?

S: Em que sentido, abordar o meu trabalho, abordar ...

E: Não, nessa conversa aqui, você se lembrou, ou existem ...

S: Ah, eu acho, eu, eu, eu dei uma viajada aqui, que você nem imagina! Tem eu acho que tem várias coisas que a gente pode estar conversando,

né, quer dizer, na coisa da criatividade como instrumento, né? Eu falei por exemplo, da criatividade como instrumento lá, no ‘projeto da lata’, né, hã, mas ela como instrumento, em ‘n’ segmentos da, da, da vida cotidiana, da vida profissional e tal, ela é uma coisa interessantíssima de se explorar isso, né, sabe, a criatividade como elemento terapêutico, né, aí que começa o trabalho específico de arte terapia, né, onde a expressão artística e o criar e tal, são uma força importante, né, da ação terapêutica na busca de, ou de cura ou de melhora, qualitativa, da vida do indivíduo e tal, por aí, a gente tem coisas pra conversar séculos (risos), né, hã, sabe, na área de artes, uma área que sou um apreciador, né, acho que a gente tem muita coisa pra discutir sobre a genialidade do artista, seja ele famoso ou seja ele, está batalhando aí, vendendo suas coisas na noite paulista, quer dizer, como é que está isso aí, nessa pessoa, acho que são coisas muito legais de se conversar ...

E: É, falando nisso, isso é uma coisa muito interessante, o gênio, como é que você entende o gênio? Você falou de Michelangelo, Portinari ...

S: Hã, ah, essas figuras aí, você tem o gênio, você tem o gênio que deu certo, você tem o gênio que não deu certo, né, você tem o gênio que só descobriu que era gênio depois que ele não era mais, né, depois que ele morreu, né, tem figuras interessantes como Van Gogh, né, o Bosch, o Luis Bosch, na minha forma de ver é o precursor do surrealismo, né, tem uma leitura, né, embora absolutamente esquizóide, tem uma leitura extremamente, hã, bruta, né, que era a época dele a idade média e ele retrata essa bizarria toda nas obras dele, daí, morreu, absolutamente abandonado, o Toulouse Lautrec, né, enfim, o quadro de pintores e tal, então, você tem a genialidade que é interessante, você tem um monte de gênios andando pela rua aí, né, você conversa com eles, e não sabe, né, sábios, não gênios, mas sábios, né, sábios, nessas andanças que eu faço aí, pelo mundo, a gente encontra muito, um jovem ou um velho sábio, que te ensina coisas ...

E: E você acha que este, indivíduo sábio, é um indivíduo bastante criativo? Não?

S: De alguma forma sim, tá, a sabedoria, ela, ela anda de mão dada, não a erudição, a sabedoria, né, hã, ela anda de mão dada com a criatividade, até pra poder buscar o, a, aquele conhecimento, aquela concepção, aquela visão de mundo, de alguma forma ele precisou se dar recursos pra isso, criar, recursos pra isso, e isso é muito interessante porque, né, às vezes você não conhece direito, fala umas coisas que você cai, cai da cadeira, tal, né, você fala: donde é que vem essa, essa sabedoria, essa coisa toda, né.

E: Eu estou preocupada com o teu horário, né, então, eu gostaria de te falar assim: como é que você gostaria de terminar aqui, essa nossa conversa, falando o que, ou não falando ...

S: Eu gostaria muito de poder depois, ter uma noção mais ampla do, do, do teu trabalho, que você está criando aí, né, hã, esse, eu acho que é um tema fascinante, é um tema que, eu gosto muito de lidar, eu acho que a criatividade, é uma coisa que dentro da minha vida, ela tem uma força muito importante, eu gosto de me ver, estimulado por ela, né, eu fico muito 'p...', né, quando eu me vejo tolhido, tendo que fazer coisas automáticas, normais, padronizadas, burocratizadas e tal e isso me faz, me faz meio que adoecer, né, então, eu gostaria muito que o seu trabalho pudesse de alguma forma ser uma contribuição pra acordar isso nas pessoas, né, sabe, e poder ajudar o mundo a ser um pouquinho melhor, né, e, está bravo a coisa por aí, tá, é isso aí. Ter uma idéia do curso, saber o tamanho da minha gotinha e a que oceano ela pertence! (Risos)

E: Tá bom, obrigada!

Entrevista com Joana

Então, J., como você sabe, eu estou fazendo um trabalho sobre criatividade, então eu estou ouvindo as pessoas e pedindo que elas contem a sua experiência, o que que pensam, o que que acham, como é que isso entra na vida ... está bom?

S: Certo! Você quer em relação às crianças, como que é?

E: É, eu gostaria que você me contasse o que é que você pensa à respeito, como é que isso entra no teu trabalho, né, que você ficasse à vontade pra me contar a tua experiência em relação à criatividade.

S: Então, criatividade ... é tão engraçado, quando eu me formei, né, sempre tem um senso, né, do que é criatividade e tudo, né, quando eu me formei no magistério, eu tinha uma professora de Didática, muito assim, uma ótima professora e ela dava muito valor à criatividade, então, ela ensinou a gente assim, a descobrir e respeitar a criatividade da, das crianças, né. Então, quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a dar aula no Estado, então, você não tem muita noção de criatividade, porque eles não são tão criativos, eles até são muito criativos, mas eles pulam uma fase assim, que eles já entram na escola, assim, às vezes com sete anos eles não entram na escola, então o nível de alfabetização às vezes começa, é, muito tarde, você não percebe tanto o desenvolvimento da criatividade deles. Depois, eu já comecei a trabalhar na escola particular e foi, já, onde eu comecei no mesmo ano, a fazer faculdade, né. Então, você percebe, eu tive assim, a sorte de começar na escola particular na fase que eu acho assim, a mais criativa da criança, que é com quatro anos de idade, que é quando a criança sai da fase da garatuja e entra pra fase assim, que é uma fase onde eles, eles acham que sabem tudo, né, então, você vai ensinar as coisas, eles falam: “eu sei, eu já sei”, né, então, você percebe que, aí eu senti o que era a criatividade, então, eles não são criativos simplesmente no, no, no ato assim, de fazer uma lição, eles são criativos em tudo, você dá uma massinha pra criança, eles formam um

mundo e eles dão vida àquele mundo, né, então, é uma coisa, “Nossa”, é uma coisa, é a idade que eu mais gostei de trabalhar. Hoje eu trabalho com alfabetização, porque eu sempre gostei de alfabetização e tenho muita facilidade, mas a fase assim, da criatividade, eu acho assim, que na criança, onde mais desenvolve é a fase de quatro anos, então, você percebe assim, às vezes você não dá nada, você dá assim, um pedaço de massinha, eles criam um mundo e eles te contam aquele mundo, se eles fazem um desenho, eles fazem questão de mostrar como ele foi criativo naquele desenho, tanto que na fase de quatro anos, a instrução para as professoras que nem eu que coordeno, é escrever tudo que a criança fala, então, por exemplo, eles fazem um desenho, ela vai perguntando, o que é que você fez, então, a criança conta a estória do que ele fez. Outro dia, um menininho, ele desenhou vários círculos, eu falei: “Nossa, que lindo, eu adorei ...”, né, mas você não fala o que é. “Nossa, eu achei lindo o seu desenho, maravilhoso!” Ele falou: “Você viu? Este disco voador pousou sobre este, sobre este, sobre este, sobre este e este daqui de cima, tem um homem, lá, ele estava descobrindo o segredo de todos os outros discos voadores!” Na verdade, ele fez o quê? Ele fez assim, como se fosse um caracol, entendeu? Na hora, eu falei assim: “Nossa, que lindo!” Eu poderia falar: “Você fez um caracol?”, né, eu falei: “Nossa, que lindo!” Eu falei: “Mas eu achei maravilhoso, mas é muito bonito esse desenho, muito criativo!” “Você viu? Então, o disco voador ...” Aí, ele foi falando e ele falou: “E este homem que está aqui dentro”, que era um rabisco, né, assim, (gesto), está lá para descobrir o segredo de todos os outros!” É muito, né? É uma coisa! Então, aí depois, eu fiz o curso de psicopedagogia, né, e uma parte de especialização e dentro do Desenvolvimento Psicomotor teve um estudo sobre criatividade e foi onde eu fiz um estágio numa clínica, lá, dentro, mas onde eu atendi assim, crianças que tinham problemas, né, geralmente, assim, ou um desenvolvimento psicomotor estava atrasado, né, ou a parte psicológica assim, afetada, né, mas, e você pegava criança de todo jeito, mas você vê, que mesmo as crianças que não tem um convívio é, cultural, bom,

eles têm um nível de criatividade muito grande. Às vezes, não têm assim, um desenvolvimento intelectual tão avançado, mas você vê que a parte criativa, você dá umas coisas ‘pras’ crianças, assim, tem aquela parte de ludo, você não acredita, o tanto que eles desenvolvem, eles não só não são incentivados, a, né, a desenvolver, né, a criatividade. Então, assim, ó, a criatividade, ela é uma coisa nata, a criança é muito criativa, né, infelizmente hoje, essa parte é muito ..., se você for ver, as escolas hoje, eles estão assim, bitolando a criatividade das crianças, porque desde pequeno, né, graças a Deus, a escola que eu trabalho, ela dá assim, uma liberdade pra você trabalhar, mas, é raro. Hoje, aos cinco anos, já quase se exige uma pré-alfabetização, então, a parte criativa da criança fica de lado e eles dão, é, margem, é, assim, o, eles só dão aquele, a ênfase para a parte de alfabetização. Então, quer dizer, se você tem quatro aulas num dia, às vezes tem uma atividade de Educação Física e três aulas são só de parte, é, de, desenvolvimento da coordenação motora fina, né, é instrução, então, deixa-se de lado a parte de criatividade, então, quer dizer, então, por exemplo, eu acho muito importante a estória, porque através da estória, que nem na escola é assim, dois dias na semana tem-se aula de estória, então, o que eles fazem na aula de estória, eles trabalham o teatro, fantoche, eles são os personagens da estória, eles vão trabalhar junto com a, tem uma menina que é, ela só conta estória, uma contadora de estória, então, eles vão trabalhar através da estória, eles vão desenvolver, a parte que às vezes, eles teriam muita vergonha de desenvolver ao, num ambiente onde eles não têm nenhum, né, nenhuma afinidade, então, você percebe como eles são criativos. Isso, ontem, é assim, lá na escola tudo funciona por projeto, né, então, o projeto deste mês é a Páscoa, então, o projeto pedagógico deste mês é a Páscoa, então, a menina que é responsável pelo projeto pedagógico, ela foi ontem na sala e eu não posso estar na sala, então, ele foi ontem na sala e ela conversou com eles e falou: “Olha, eu gostaria que o pré-III, como é uma sala assim, de mocinhos, tudo, eu gostaria que vocês fizessem uma atividade pra apresentar “pros” pequenos, né, e vocês pedissem pra

professora de vocês, o que vocês queiram fazer e ela vai dar idéia, vai ajudar vocês, tudo, né. E eu não fiquei na sala, quando eu cheguei na sala, eu falei: “E aí, que que aconteceu?” Eles falaram: “Você não sabe, a Tia É. veio aqui e ela deu uma aula pra gente sobre a Páscoa. E agora, nós queremos que você ajude a gente, que nós queremos fazer um teatro, de fantoche.” Eu falei: “Nossa, mas a Tia É. que falou?” “Não, não, ela só falou que a gente tinha que dar vida, porque você sabe que Páscoa é vida?” Olha pra você vê! Aí, eu falei assim pra eles: “Ah, eu não acredito, é?” “É, o coelho é o símbolo da Páscoa porque eles traz muitos filhos ... aí, e você sabia, Tia, que a Páscoa a gente conta quarenta dias depois do Carnaval e aí é a Páscoa!” Aí, eu falei: “Eu não acredito” e eles falam, e é tão engraçado, que eles são tão assim, que eles contaram do jeito deles, uma coisa assim, que a É. passou de uma maneira formal e eles me passaram de uma maneira informal, mas eles não deixaram nada, pelo que eu conversei com a É. depois, ...

E: Não esqueceram nada.

S: Não deixaram passar nada, então, a criança é muito criativa, sabe, hoje em dia a gente questiona muito com os pais, que infelizmente os pais hoje, eles se empolgam muito e eles querem, é, ver no filho, o que ele não foi, entendeu? Eles projetam todas as frustrações deles, no filho. E é onde, ele, o que é que ele deixa de, ele tira do filho a parte criativa, que na fase, a fase da criatividade da criança, infelizmente, hoje em dia, a criança de hoje, ela num, ela vai fazer uma bagunça, ... “Não pode! Você vai cair! E não sei o que que tem!”, sabe, então, muita coisa da criança deixa de ser desenvolvida por isso. Nós sentimos muito isso na escola, por exemplo, quando você está conversando com um pai que o filho é de outubro, novembro, ele fala: “mas meu filho não vai atrasado pra escola”, às vezes, ele não tem maturidade nenhuma, é uma criança super criativa que deveria ficar mais um ano, na sua, idade correta, entendeu? Vai fazer sete anos em novembro, aí vai pra, pra turma da primeira série, né, ou que vá fazer seis anos e coisa e aí que vai ‘pro’ Pré, mas o pai fala “não, eu vou atrasar um ano na vida do meu filho?”

Infelizmente, essa parte criativa, às vezes é muito, é, frustrada, é, justamente porque os pais não deixam e é a fase mais gostosa da criança. Eles estão assim, você percebe que, uma criança que não tem maturidade e ela é forçada a adquirir, é uma maturidade forçada, que a gente fala, dentro da alfabetização, o que que afeta? A parte criativa. Você pode ver, ele faz tudo, o que tem que ser feito, só que ele não gosta mais de desenhar, ele não gosta mais de pintar, ele não gosta de fazer trabalhos manuais, porque ele, porque a fase dele, porque essa fase foi cortada ele foi impedido de ...

E: E não é, valorizada, né, pela família!

S: Não é, ... e você assim, você faz os trabalhos assim, criativos e a mãe fala: “Nossa, mas, diminuiu tanto a lição, né?” Porque o que é que elas querem? Elas querem ver lição, lição, lição, lição, lição, “e”, é “c”, “d”, “Nossa, você não sabe?, a gente tava na rua e ele leu ‘pare’”. Se é uma criança madura, você fica muito feliz, mas se é uma criança imatura, você já força, tanto, você vê o tanto que eles estão forçando aquela criança, o pai chega pra você e fala: “eu acho um absurdo, meu filho não estar lendo”, aí, você fala assim, um dia eu estava conversando com um pai, ele falou pra mim: “você sabe, é, eu não sei, eu não sei se eu não tenho noção, mas, eu acho que o meu filho está atrasadíssimo”, aí eu falei pra ele assim: “se eu começar a falar com você em inglês, agora, você vai entender?”, ele falou: “não, porque eu não sei inglês”, então, você se coloque no lugar do seu filho, porque hoje, ele não sabe ler, porque ele não tem maturidade pra ler, entendeu? Ele não tem maturidade pra aprender a ler. Com certeza, quando chegar na fase dele de prontidão, ele vai ler, entendeu? Então, você imagina, esses pais, o, o, eles já influenciam demais, então, eu acho assim, as crianças são muito criativas, muito, hoje em dia, muito mais do que, no nosso tempo, eu acho, nós éramos criativos de maneira diferente, por exemplo, pra, pra brincar, a gente não tinha brinquedo, então, o que é que a gente fazia? Usava a criatividade, a gente criava brinquedos, eu, eu confeccionava vestidos, com folhas de, de, coisa e bico de pato, aquele espinho, a gente

ia emendando aquilo e fazia as fazendas pra fazer as roupas, então é muito assim, é uma coisa muito ... Hoje em dia, as crianças se você for ver, é, vão muito ao teatro, ao cinema, né, passeiam em parque, então, o nível de criatividade deles é muito grande. Você vê quando você dá um Lego pra uma criança, “Nossa”, eles trabalham muito, muito, muito, muito, então, eles são muito, então, eu acho assim, dentro da, da Educação, a criatividade deveria ser muito valorizada porque através da criatividade você consegue fazer todas as outras coisas, todas. Você pode usar de atividades criativas pra fazer, ensinar conceitos, ensinar matemática, português, tudo, tudo você pode usar, uma parte de criatividade, mas e, se você for ver, né, eu fui fazer um trabalho agora nas férias, eu fiz um projeto, né, é um curso de projeto pedagógico, então, dentro assim, de um grupo de oito, professores, né, que a maioria todos têm faculdade, todos são pós-graduados, né, você encontra três, que dão valor à criatividade, os outros não, quando você começa assim, a explicar, sabe, que todos, tinha uma mestre, lá, que é a mestre G., ela até é uma professora, é, é uma mestre em Educação, tudo, né, e ela é uma graça, sabe, então, ela falando, sobre as fases, o que era mais importante, aí ela falou da criatividade. Aí, ela falou que infelizmente hoje, muitos professores bloqueiam essa criatividade, né, muitas escolas, quem fala: “aquela escola é fortíssima !” Tem, então, você já viu, três professores, eu e mais duas meninas, falamos que, eu acho que é, aí tem uma que falou: “eu não acho que é tão importante, que hoje em dia a vida é tão difícil, você já tem que ensinar pra criança, você tem que começar pela alfabetização. Tem uma moça daquele colégio alemão XXXXXXXXXX, que tem, sabe, acho que não sei se é no bairro YYYY, onde é, é um colégio que ensina alemão desde pequenininho, né, então, se você vê a concepção deles, você fica pasma, eu, eu fiquei pasma, de ver ela falando, eu falei: “Nossa!” Uma coisa assim, que, sabe, então, é, você fala assim: “Meu Deus, do céu!” Hoje em dia, os, na verdade, a, os pais, bloqueiam muito essa parte e a escola, dependendo da escola, demais, demais, demais, e é uma fase muito importante, Nossa, eles são

tão criativos, é uma coisa linda você ver eles criando as coisas, sai de dentro, você vê, é de uma pureza, tem aquele ditado que uma criança nasce pura e a sociedade que o corrompe, né, mas é muito, eles são, de uma pureza, sabe, a criatividade é uma coisa que vem quando tem três, quatro anos, é muito bonito, aflora, assim, você vê que está aflorando na criança, então, depende de você incentivar essa criatividade, né, desenvolver, porque não só incentivar como também ajudar a criança desenvolver, porque tem criança que ela é muito tímida, ela tem, ela é muito criativa, mas ela é tão tímida que ela não sabe expressar essa ...

E: Quando você diz que uma criança é criativa, como assim? Me explica?

S: Criativa assim, é, por exemplo, você, dentro da sala de aula, você percebe, você passa um tema pra criança, você passa, que nem, uma vez na semana, é, tem o dia da, de Artes, a parte de Artes, então, eles têm de tudo, eles tem tudo pra trabalhar, então, o que é que é colocado, sucatas, tudo, né, então, tem crianças que eles são preguiçosas, eles têm preguiça de usar a criatividade e têm crianças que já não, tem criança que simplesmente pegam aquele modelo, hã, uma coisa que ele viu, e ele faz igual e tem crianças, ele pega aquele mesmo material e ele cria, um quadro, ele cria um mundo e ele conta o que ele o que ele criou, então, eu acho assim, a criança que ela é criativa, ela, ela trabalha, com, com uma coisa que uma criança às vezes faz um triângulo, ela consegue fazer um monte de coisas, entendeu? Ela, ela pensa, muito, ela raciocina, ela tem vontade de criar, nasce, vai nascendo coisas da criança e têm crianças que já pega coisa pronta, ela pensa numa coisa que ela viu, então, ela não vai criar uma coisa dela ...

E: Ela reproduz.

S: Isso, ela reproduz uma imagem, uma coisa que ela viu e têm crianças que já não, têm crianças que não gostam de reproduzir, né? Você sabe aquela estorinha da, duma criancinha que chegou na escola e a professora falou: “gente, vocês vão fazer uma florzinha, com cabinho verde e uma rosinha vermelha, né. Ela pediu uma flor: “quero que vocês

façam uma flor. Aí ela foi na lousa e desenhou um chãozinho verde com um matinho, cabinho, folhinha e uma florzinha vermelha. E um dos meni..., um dos, uma das crianças, ela fez um jardim lindo e encheu de flores e aí, a professora quando estava passando, ela pegou e falou pra ele assim: “quem mandou você fazer isso?” Aí, ele falou: “você pediu pra fazer flores!” Mas, eu, mostrei na lousa o que eu queria. “Eu queria uma florzinha, verde, eu fiz na lousa ... por que é que você não copiou?” “Foi porque eu não gostei da sua flor!” Aí, ela falou: “a sua lição está errada! Você vai fazer de novo e vai copiar aquela flor que eu fiz na lousa” Ela arrancou a folha, ele copiou tudo de novo e fez a florzinha. Aí, um dia, né, passou muito tempo, né, ele mudou de escola, foi para uma escola, estilo construtivista, que não sei quê, e aí, ele só desenhava, quando falava assim de flor, ele desenhava uma plantinha, com um cabinho e uma florzinha vermelha e é muito, é muito pôr aí. Tem professores que o que eles querem é um modelo. É uma árvore? É um tronquinho marrom, com uma, sabe? Então, é, eu acho assim, que a criança, é, nem sempre uma árvore que é verde pra você, pra ela é verde. Ela usa a criatividade dela e ela tem muitas coisas, que nem você conversa com a criança, então você fala: “olha, eu vou dar um desenho e vocês podem fazer o que vocês quiserem com o desenho e, ela nem sempre a nuvem dela vai ser azul ou o sol dela vai ser amarelo, entendeu? Naquele momento as cores pra criança, é uma coisa muito assim, e se você perguntar, ele fala! Às vezes, outro dia, um menininho pintou o sol de preto, aí eu falei pra ele: “Nossa, seu desenho tá lindo ...” Aí eu falei: “Nossa, mas esse tempo tá de chuva?” Ele falou: “Tá de chuva, você viu, o sol tá preto, é que tem uma nuvem carregada que está passando na frente dele.” Então, você imagina ... então, pra eles, nem sempre a mesma cor, num, não tem, eu acho que a criança criativa, ela é aquela criança que ela trabalha, ela tem a, se você perguntar, ela, tudo que ela fez, ela tem uma razão pra ter feito aquilo. Você vê o sol? Ele pintou de preto, porque tinha uma nuvem de chuva passando na frente do sol. Então, eu acho assim, eu acho que, é essa parte, de, de criatividade, é

uma coisa que é nata da criança e tende ao professor dentro da sala de aula, aos pais, tudo, incentivar. Você vê, a, a, a fala, a criança, ela, desenvolve a fala, né, ouvindo, sendo incentivada. Falei que uma amiga que adotou duas crianças de dois anos que não sabem falar! Por que? Porque elas não eram motivadas, elas não, ninguém brincava, ninguém falava perto, que eu acho, que lá, simplesmente dava comida, né? Então, você imagina, como ela falou pra mim: “ô, J., elas não têm criatividade nenhuma”. Você dá um brinquedo pra eles, eles não têm resposta. Ela disse que comprou aquele de, da casinha? Imagina, lá na escola, criança de um ano e pouco já sabe fazer. Hoje eles estão com três anos, eles não sabem encaixar, vendo a forma, eles não sabem encaixar, entendeu? Então, é muito assim, é desenvolvida, é, vo..., uma coisa que já, a criança que é, já nasce muito criativa e cabe a gente a incentivar essa criatividade.

E: Você estava dizendo que com três anos desabrocha, né? Como, como assim? Como é que você explica isso?

S: Eu acho assim: até três anos, a criança, ela não tem ainda, a forma de expressão, do, correta, de, ela quer falar pra gente, mas você muitas vezes, não entende, né? Ela não tem assim, a linguagem, ainda, né, totalmente formada, os conceitos não estão totalmente formados, então, quando passa da fase de três para quatro anos, então começa a fase de tudo, começa aquela fase oral bem desenvolvida, a fase do toque, tudo começa, quando está saindo dos três anos, tanto que você vê, quando ela já sai da fase da garatuja, que são só rabiscos, tudo pra ela é um rabisco ... quando ela tem três anos, se você perguntar, ela não tem uma noção ainda do que ela fez. Às vezes, você fala: “olha que lindo, o que você fez?” Aí ela fala. Daí uma hora, você pergunta pra ela, ela repete outra coisa, ela não tem, agora uma criança de quatro anos, não, você pergunta, dali a uma hora você já faz essa pergunta de novo, então ela fala de novo. Então, eu acho assim, que, nessa fase, ela está aflorando, porque a criança, ela já sa ..., porque ela começa, ela desenvolve, ela está muito desenvolvida a parte, oral, já está bem desenvolvida, onde ela tem

mais, facilidade de expressão, pra mostrar a criatividade, sendo que com três anos ainda não.

E: Como, como é que você definiria Criatividade?

S: Criatividade ...

E: É. O que é que é criatividade?

S: Ah, eu acho que criatividade ... é difícil, que é um, é uma, assim, é um ato de criar, tudo, eu acho que tudo, é, é, é a forma de falar, a, a, de expressão, de, sabe, de sentimentos, até nos sentimentos a criança é criativa, sabe, então, é, assim, é um desenvolvimento do, do Eu, de forma criativa, por exemplo, tem crianças, que, que, você vê o P.. O P. é uma criança que, em casa se você não vê, ele é difícil, com os irmãos, ele chama mais a atenção, mas ele tem uma criatividade assim, de sentimento, que você não acredita. Essa semana, passou uma situação assim, que tem um amiguinho que os pais estão separados e ele está passando uma fase muito difícil, de, revoltado, sabe, então, ele bate, não sei o que tem, então, eu não sei o que é que aconteceu lá e chamou o negócio de “gordo”, então, eles, todo mundo crucificando o menininho, sabe? E ele é terrível, de vez em quando tenho que dar umas cortadas nele, sabe, que ele tem um linguajar muito pesado, sabe? Então, ele, todo mundo pichando, pichando e ele, foi ficando triste, o olho dele foi ficando cheio de lágrima, ele estava comendo, você via que ele engolia, mas ele engolia com a lágrima junto, sabe? Então, ele olhou assim ‘pro’ P. e o P. assim, sem querer, o P. falou assim pra ele, falou: “sabe, na hora você não falou que o G. era gordo, você falou que ele era um pouco ‘fofo’, (risos), mas ele ficou muito triste, se você pedir desculpas a ele, ele vai achar que ele não é gordo, então, aí, todo mundo vai ficar contente”. Olha, pra você vê, aí, ele não pedia desculpas, os amigos falaram, falaram, falaram, falaram e eu cheguei, né, e ele ficou lá, sabe assim, aí ele falou ‘pro’ G.: “desculpa, G., na hora, eu não falei que você era gordo, né, eu achei que você era ‘fofo’”. Aí, olha pra você vê que engraçado, aí o G. falou pra ele: “ah, então está bom, então, eu não vou ficar mais triste”. Olha pra você vê, se fosse um adulto, chegasse e

falasse: “pede desculpas, eu não sei o que tem”. Eu num, eu já não sou muito desse processo, eu converso mais, a criança tem que entender porque ele está pedindo desculpas, então, não é um simples fato, então, quer dizer, você vê, ele é criativo até com a parte sentimental, é aquela coisa de, se ele não fosse tão criativo, não, ele é um pouco, sabe, e na hora, sabe, eu nem dei ênfase, aquilo passou, a mãe do, do G., ontem estava conversando comigo, o P. ouviu, simplesmente, ele não falou nada, sabe? Então, pra ele, naquela hora, ele resolveu a situação, mas pra ele foi uma coisa tão normal, então é muito assim, sabe, eles se ajudam, né, eu tenho um menininho, uma menininha que mudou de manhã pra turma da tarde, e ... no começo, eu falei: “Nossa, vai ser tão difícil ela se adaptar, né?” Porque é uma criança muito sensível e geralmente nessa idade eles fecham grupinhos, então, eu conversei com uma das meninhas que é assim, mais maleável, então eu falei: “olha, então, ela veio da manhã, então, você vê, ela está tristonha, ela não pede pra brincar ...” “É, mas ah, Tia, ela não pede pra brincar”. Aí, eu falei: “olha, às vezes, a gente vai numa festa e a gente vê, às vezes, a gente está com uma roupa diferente, então, a gente fica meio triste e a gente senta num lugar e se ninguém vem conversar com a gente, a gente fica mais triste ainda e a gente vai embora da festa, né? Então, às vezes, ela está se sentindo assim, diferente ...” “Mas não, Tia, ela é igual a gente”. “Mas eu acho que ela não, ela está achando que não”. Aí, o que que aconteceu? A, ela estava brincando com as outras e ela falou: “Vamos chamar a M. pra brincar?” Aí, elas começaram: “Ah, a M. ...” “Ah, então, eu também não vou brincar mais.” Aí que começou a todo mundo chamá-la. Hoje, foi o aniversário da M., quinta-feira, você precisa ver que graça! Todo mundo brincando com a M., então quer dizer, de uma maneira, de um jeito dela, ela provocou aquela socialização, ela foi criativa porque, então, quando alguém batia o pé, ela de uma maneira bem criativa ela contornava, né, e, então, eu acho assim, que a criatividade é uma coisa nata da criança, né, e ela não é assim, um ato de criar de desenho, um ato de tudo, a criatividade ela influencia em tudo. A criança cri ... que é

criativa, ela usa a criatividade até pra fazer coisa errada, você pode ver que geralmente as crianças que fazem muita coisa errada, é usando a criatividade, então, você, é por isso que você tem que direcionar essa criatividade, que ela pode ser usada pra desenvolver um lado muito bom, mas também pra desenvolver um lado muito ruim, que a cri ..., toda criança se você for ver, eles têm um lado assim, que tem que ser podado, tem criança que com três, quatro anos de idade, bate no pai, na mãe, em tudo, então, quer dizer, não pode também deixar fazer tudo, né, direcionar essa, esse, esse lado, tá? Então, que mais, você quer saber? ...

E: Eu quero que você vá contando, aí, né? O que é que você vê, como é que é a sua experiência, essas coisas ...

S: Então, eu, é muito assim, né, no, na dentro da sala de aula, né, hoje, então, você vai passando, você vai ficando mais experiente e ... no começo, é, eu trabalhava assim, numa linha, eu sempre fui assim, de conversar bastante, tudo, mas, às vezes você não percebe, você comete assim, muitas falhas, né, principalmente eu, na parte de alfabetização, então, você acha assim, que alfabetização realmente é uma coisa séria da vida da criança, alfabetização é uma coisa que, você tem que, ela tem que nascer, a criança tem que atingir a pronti ..., prontidão, mas sem traumas. Por que? Pode, pode ocasionar coisas na leitura, desenvolvimento da leitura, né, então, você tem que, por exemplo, nós ensinamos através do processo de sílabas, né? É o processo silábico, né, então, a criança ela começa pré-silábico, depois ela se torna silábica, depois que ela co... ela se auto-alfabetiza, né, ela vai buscando a alfabetização através da união das sílabas, então, é, se você for ver, no começo, eu acho assim, você falha muito, por exemplo, eu fui alfabetizada por uma profissional (...) é, infelizmente por uma prima, que ela achava que eu tinha que ser uma aluna 'zen' como diz hoje os que gostam ... então, eu tinha que ser a melhor na sala de aula, tudo né, então, eu tive traumas assim, a minha parte de matemática, foi muito bloqueada, porque eu não tinha liberdade de, de ser criativa na sala de aula. Às vezes, eu sentia uma coisa assim, que todo mundo fazia e eu

achava muito bom e eu queria fazer também, né, às vezes, era até coisa errada, né, mas eu não podia, porque eu era prima. “Você fazendo isso!” Sabe? Então, o que é que eu fiz? Então, quando eu cheguei na terceira série, eu tive um bloqueio de matemática terrível, eu falava assim: “eu odeio matemática, eu não gosto de matemática!” Mas minha mãe falava: “filha, mas você nunca teve dificuldade de matemática, você nunca teve dificuldade de raciocínio, eu não entendo, você sabe, você não decorou a tabuada, você entendeu a tabuada, como que pode ser isso?” Eu ia fazer conta de dividir, eu falava: “mãe, eu não sei fazer conta de dividir.” Minha mãe falava: “filha, se você entendeu a, a matemática, se você entendeu a tabuada, você sabe fazer!” Que, minha mãe, ela, ela era muito simples, mas ela sempre teve muita facilidade na escola, então, ela era muito inteligente assim, pra explicar, então, ela acompanhava a lição da gente, ela sentava junto, sabe, então, eu, eu falava: “eu não sei, eu não quero fazer, sabe?” Então, é uma, é uma fa... assim, dentro da, da alfabetização, eu acho assim, você tem que se preocupar muito, com a parte, por exemplo, a matemática. Você usa assim, por exemplo, aquele Ábaco. É uma coisa assim, que você fala: “ôôô, isso é do, do, do tempo da vovó, né?” As meninas hoje dizem: “‘putz’ isso é do tempo do Zagaio!” Mas não é! Você sabe que eles adoram aquilo? Então, quer dizer, eles começam: “eu tenho nove”, então, eles colocam nove, aí eles fala: “olha, eu divido nove por três”, aí, então, eles vão ver quantos grupinhos deram. “Tia, olha, dá pra ver os conjuntos!” Então, se você for ver, de uma maneira criativa, eles estão dividindo, né? Outro dia, um falou pra mim: “seis, olha, eu divido três pra cada lado, então, se eu dividir seis por três, dá dois?” Eu falei: “por que você acha que dá dois?” Ele falou: “porque eu posso fazer dois grupos.” Então, no pré, você imagina, ele está usando, ele ainda não está usando aquilo, seis dividido por três, é dois, né, então, você vai fazer, né? E têm uns que usam o dedo, que eles falam que é uma coisa, né, eu falei três, ele fez tudo aquilo. Ele falou: “olha, eu tenho três dedos de cada lado e duas vezes, né?” Então, quer dizer, a criança, é, você pode usar essa criatividade, em

vogais, através de estórias, de tudo, então, não é porque você está alfabetizando que você não, não, não precisa ser criativo, não perde essa criatividade, acha que tem que ter.

E: Vamos voltar um pouco nessa coisa que você falou, que o que é que é essa criatividade: “é um ato de?”

S: É assim ...

E: “De tudo” - você falou, “ato de tudo!”

S: Eu falei uma palavra, agora eu não lembro. Eu acho é um ato de, é uma forma assim, de criar, é, usando todo o Eu da criança, a parte sentimental, né, a parte intelectual, a parte, toda parte, a parte motora, ele pode ser criativo usando todos os seus ‘eus’, assim, né, dentro do ...

E: Todos os aspectos ...

S: Isso, todos os aspectos, os aspectos de conceitos, né, os aspectos motores, né, na parte de Educação Física, eles são muito criativos, por exemplo, dentro da Educação Física, outro dia eu estava conversando com a professora de Educação Física, ela é uma professora muito assim, legal e ela estuda a parte de criatividade, ela está fazendo até Pós no, pro, pra ver a criatividade através de jogos. Então, o que que, ela é muito criativa, ela é demais, ela é uma pessoa pra ser, porque ela é uma pessoa que ela trabalha muito com a criatividade, então, ela, ela usa assim, pra fazer os jogos, ela, ela faz assim, por exemplo, ela vai dar um jogo de boliche, então, o que que ela faz, ela fala: “e aí, gente, o que que vocês acham de nós confeccionarmos o boliche?” O que que ela fez com as crianças? Ela pegou tudo garrafa de refrigerante, eles fizeram os boliches, né, fizeram bolas e eles jogavam o boliche que eles fizeram. Então, pra eles, aquele boliche era especial, entendeu? Porque foram eles que fizeram, né? Então, ela faz assim, ela pede pra gente passar qual é a atividade motora que eu vou desenvolver naquele mês, então eu mostro pra ela, eu falo: “eu vou desenvolver isto, isto, isto, isto”, né; ela desenvolve através da Educação Física, dando assim, jogos, atividades criativas e dentro daquele, dentro da Educação Física, ela trabalha tudo aquilo que eu estou trabalhando na sala de aula, mas de uma maneira

assim, gostosa deles trabalharem, então, se você for ver, a criatividade ela entra em todos os aspectos da criança, desde, acho que não sei, ah, é, eu nunca tive contato com bebê, você que está tendo, mas se você for ver, eles começam assim, a demonstrar, às vezes, você dá um brinquedo, você brinca de uma maneira, mas eles brincam de uma maneira diferente ...

E: Ah, então, ‘peraí’, tem a criati..., tem a coisa que existe ...

S: Isso ...

E: e tem a coisa que aparece.

S: Isso, que vai aparecendo, que você vê que eles vão desenvolvendo.

E: Ah, então, alguma coisa que é desenvolvida?

S: É, que é desenvolvida, também, então, isto que eu te falei, o professor, ele é um mediador do desenvolvimento da criatividade, porque tem criança que é muito criativo, mas ele não sabe expressar essa criatividade, né, é, é, eu, é uma coisa assim, em crianças que apresentam assim, alguns probleminhas, é mais difícil, eles são criativos, mas eles têm tanto medo de mostrar que eles são criativos que você fica assim, “meu Deus, como que eu vou fazer, pra ele demonstra, essa ...”, porque eles têm medo, eles têm tanto medo de errar, eles acham que eles são diferentes, então, eles têm mais medo de errar do que os outros.

E: Então, é um, algo que sai da pessoa, né?

S: Acho que sim, é, aflora, parece que é uma coisa que ...

E: Que aflora! Mas o que é que é?

S: O que é que é a criatividade?

E: É.

S: Ai, deixa eu ver, como que eu defino ... ah, eu não sei, em palavras ...

E: Eu acho que é difícil mesmo, né.

S: Eu acho que é um ... deixa eu ver ... é um, pode até ser um ato, dele mostrar, o que ele tem de melhor, né, a criança mesmo. Ele mostra o que ele tem, eu acho que ele expressa o que ele tem de, de melhor, através da criatividade. Você pode ver, uma criança que é criativa na parte de, de esportes, né, você pode ver, ele, dentro do esporte, ele não faz só o

trivial, ele mostra, a criança que ela, que ele se, a criança que ele se mostra que ele tem mais habilidade na pintura, ele mostra isso através da criatividade. Você percebe, entendeu? Você per ..., quando ele faz, é perceptível o desenvolvimento dele, então, é assim, eu acho que a criatividade, o que é assim, eu acho que ele mostra, eu acho que é um ato de, de mostrar até o que ele tem de melhor ...

E: Em relação ao desenvolvimento dele?

S: No geral, eu acho.

E: E ... tem uma diferença da criança com o adulto?

S: Eu acho que a criança é bem mais criativa que o adulto, porque o adulto, o adulto ele se torna mais assim, encabulado, ele tem muito medo de errar, ele se torna mais crítico, né, pôr isso que eu falo, ele já está corrompido, né, ele, os medos, o adulto é cheio de medos, né? Às vezes, você vai numa festa, todo mundo está dançando, você morre de, você morre de vontade de ir lá no meio, mas o que que não deixa, o teu senso de ridículo, você fala: “ah, não, eu não vou me expor ao ridículo!” Às vezes, não, às vezes você vai lá e vai dar um ‘show’, mas não, o adulto, ele não é tão, a criança é muito mais criativa que o adulto, tanto que numa, se você for assim, na, nós fomos num acampamento, tinham adolescentes e pré-adolescentes. Você sabe quem ganhou o jogo?

E: Os pré-adolescentes.

S: Com certeza! Por que? Porque quase todas as brincadeiras usaram criatividade. Os adolescentes falaram: “eu vou fazer essa coisa babaquinha? Ah, eu isso daqui, não sei quê!” Mas eles faziam, eles faziam e tentavam, mas eles não, eles não superavam em hipótese nenhuma! Às vezes, tinham os pequenos, eles falavam: “pô, mas eles são muito ruins, sabe?” Os pequenos, falando, então você vê, não é que eles, eles tinham aquilo dentro deles, mas já começa aquele senso de, de ‘ah, não ...’ Ser criativo, parece que passa a ser uma coisa ridícula, tanto que você vê, eu acho assim, é, professor de teatro lá da escola, eu acho ele muito criativo, eu acho ele demais, assim, um cutuca o outro e fala: “pô, ele exagera, né?” Um professor, no dia da festa, um professor: “ele

exagera, né!” Não é que ele exagera, ele não tem vergonha, de mostrar a criatividade dele e todo mundo percebe, que os pais falam: “pô, mas que legal que é ele ...” Então, quer dizer, se você for ver, o, a, o adulto, ele não, ele não deixa aflorar a criatividade dele, ele passa a, ele saiu da criança, ele acha que ele não tem que ser mais criativo.

E: E essa crítica: “pô, ele exagera”, tem a ver com, com o ser diferente, será?

S: É, é, uma coisa assim, é porque ele não tem vergonha de mostrar, que ele é criativo. Ele pode nem ser, é, às vezes eles falam: “ah, pô, ele se torna até ridículo! Vão pensar que ele é todo assim!” Não é! Não é! É que ele não tem vergonha de mostrar que ele é criativo e a maioria das pessoas morre de vergonha.

E: Mas esse ser criativo, tem assim, um colorido de diferente? Ou não?

S: Nem sempre. Às vezes é uma pessoa muito igual a gente, né, é ...

E: Não, por que é que a criatividade é criticada, você acha?

S: É porque o adulto tem vergonha de ser criativo, então se alguém tem coragem de ser criativo, ele é motivo de ser criticado, por que? Porque ele é diferente, entendeu? Ele, por exemplo, eu e você, se a gente for numa festa, tem três mu..., eu não sou de ficar criticando, mas eu às vezes tenho vergonha de ir lá e dançar, se eu vejo que, se tiver só criança, não. Se tiver só criança, imagina, eu vou no Buffet, eu me mato de dançar, agora outro dia eu fui no mesmo Buffet com um monte adulto, com o mesmo da coisa, imagina que eu fui, as crianças: “mas, Tia, hoje você não vai dançar?” Então, eu já tenho vergonha, porque você vai, “ai, a outra!” Você vê? Então, você tem medo do, da, da crítica.

E: Então, você acha que a criatividade está ligada à liberdade?

S: Eu, com certeza, ela, ... Pra, pra, acontecer a criatividade tem que ter uma liberdade de expressão, por exemplo eu pego você e falo assim: “eu quero que você me faça uma peça de teatro, mas você não pode pular, você não pode picar nada aqui, você não pode sujar o chão, entendeu? Então, quer dizer, se eu, eu não posso limitar você, a tua criatividade não

tem limite, então, quer dizer, a partir do momento que eu estou te limitando, eu estou cortando a tua criatividade. A mesma coisa, eu chego pra professora de teatro e falo: “olha, eu quero que você faça um trabalho com as mãos, mas por favor, não se exalte, não fique dando uns pulinhos, não quero que dance, não quero que não sei que tem, que criatividade que vai ter? Nenhuma.

E: E isso tem a ver, por ter alguma coisa ligada ao desenvolvimento, é isso?

S: Com certeza. O desenvolvimento está ligado a isso.

E: Como você falou, que a criatividade se desenvolve, a criança com três anos, com quatro anos, depois o adulto, tããã ... né? Então, como você estava falando que a criatividade tem a ver com o desenvolvimento, hã, então, é por isso que não tem limite?

S: Não tem limite, porque o desenvolvimento é uma coisa que vai, mesmo nós se você for ver, nosso desenvolvimento não tem, cada dia você aprende uma coisa nova, não é? Com a criatividade é assim, você pode se tornar cada vez mais criativo, por e..., eu hoje, eu sou muito mais criativa hoje, do que quando eu era pequena, então, porque você tem mais assim, é, você convive com outras coisas, né, você vê novos horizontes, né, e às vezes, não, você vive assim, num, num, num, como fala assim, num habitat, onde as coisas são sempre as mesmas, né, então, num, você não tem tanta, é, não desenvolve tanto.

E: Então, criatividade tem a ver com possibilidade?

S: Com certeza.

E: Com diversidade?

S: Isso! Você, eu acho que quanto mais você, vai aprendendo, você vai ampliando, você vai podendo, é, adaptar, é, como fala, outras atividades criativas, né?

E: Mas, isso que desenvolve, é o Eu? Como você falou ... o que é que desenvolve?

S: Eu acho que é sempre o Eu, em relação às coisas ...

E: Certo ... Então, esse é ... o sujeito tem um Eu e esse Eu se desenvolve, aí, automaticamente a criatividade se desenvolve junto ...

S: Junto ...

E: Seria isto?

S: É, eu acho que sim ...

(...)

S: Ah, meu Deus ...

E: E você tem algum fato curioso, questões que às vezes te pintam, coisas, né, que te chamam a atenção ... como que é?

S: Você sabe uma coisa que me marcou, até hoje acho que é uma das ... é, eu fiz um trabalho na, na faculdade, na minha, pra apresentar o trabalho, o fechamento de um trabalho, né, você faz tipo assim, estilo uma tese, sobre o que, eu fiz sobre o desenvolvimento psicomotor, né? E eu fiz, eu fiz com uma menininha, que tinha, muitas limitações, né? Então, ela, ela nasceu, ela só andou com quatro anos de idade, ela sofreu uma cirurgia cardíaca que abriu toda a frente dela, então, as, ela tem um probleminha muito sério nas pernas, que quando ela estava operada, parou de desenvolver, as pernas, cresceram e elas foram afinando, então teve que por um aparelho de sustentação nas pernas, né, então, ela, eu comecei a estudar e a trabalhar com ela. Como ela tinha esse, essa limitação, é, nos meus dois primeiros anos que eu fiz a Pós, ela, começou a ficar comigo o tempo inteiro, porque ela entrou na sala do Pré, ela já tinha sete anos, não, ela já tinha oito anos e estava na sala de seis. Ela foi demorando dois anos cada sala, dois de maternal, dois de Pré I, dois de Pré II e aí ela chegou no Pré III com oito anos. E, então, eu comecei a estudar, eu pedi permissão pra mãe, ‘pros’ pais, fiz um levantamento de toda vida dela e, aí, ela, eu comecei a estudar, não só a parte, é, psicomotora, mas também a parte criativa, o lado, o que ela gostava de fazer pra ver se eu conseguia desenvolver, né, nela, a alfabetização, através assim, de coisas criativas, que aflorasse dela, né, e eu fui, fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo e ela, parece que ela não dava resposta, sabe? Então, ela foi ficando muito apegada afetivamente,

demaís, sabe assim, uma coisa que era, que parecia que ela vivia em função de estar perto de mim, sabe? Então, o que é que desenvolveu? O lado, afetivo dela. Mas aí, eu fui percebendo, que às vezes, eu não falava e ela lia, sabe? Ela associava, ela começou a associar, né, e eu não percebia, depois no outro ano que eu fui perceber. Ela só associava palavras com desenhos. Ela lembrava da forma do desenho e ela associava a letra, com a forma do desenho. Então, se eu fizesse na lousa uma abelha, né, e colocasse no corpo da abelha um ‘a’, ela saberia ler o ‘a’, entendeu? Então, o que que eu comecei a fazer? Eu comecei a dar forma ‘pras’ letras. A barriga, eu desenhava um menino e fazia uma barriga do menino, ah, do, com a abelha, né, então eu falava: “‘ba’, ‘barriga’”, só que então, eu tinha que fazer o ‘ba’, porque ela só associava o ‘ba’ com ‘barriga’, né, e, tudo, eu tinha que ir fazendo uma associação, então, ela desenvolveu a parte da leitura, vendo, a ...

E: A imagem ...

S: Símbolos ... se criaram símbolos, ou um símbolo, ou uma imagem ou uma coisa que lembrasse aquilo, né, por exemplo ‘ca’, eu fazia uma ‘cabeça’, então, eu fazia o ‘c’ assim, da ‘cabeça’ na ‘cabeça’ e eu fazia o ‘a’ que eu também fazia uma ‘cabeça’, então pra ela aquilo era ‘ca’, então, você, ela falava: ‘ca’ da ‘cabeça’. Então, na hora de ler, um dia, foi uma coisa muito, daí, eu percebi, até esse dia, então tá, eu fiz uma estória não sei o quê, e tinha uma ‘cabeça’, então, eu não sei porque eu fiz o ‘ca’ da ‘cabeça’ e o ‘ba’ da ‘barriga’, ‘barriga’ – ‘ba’ e aí, ela nunca lia, nunca lia, nunca lia, isso já fazia três anos que estava comigo, a gente estava no terceiro, no último, um dia, foi no dia do índio e eu desenhei uma oca na lousa e as crianças falaram : ‘Tia, você não vai escrever o que você desenhou?’ Aí, eu dese... eu escrevi e eu não li. Aí, ela falou pra mim: “oca”. Aí, eu fiquei arrepiada, sabe, eu levei um choque na hora, “meu Deus, alguém falou pra ela!”, mas os outros não liam porque foi no começo do ano, foi em abril, né? Aí, eu fiquei tão assim, falei: “meu Deus, será que ela leu?” Aí, eu falei assim: “Na, o que você falou?” Aí, ela falou pra mim: “você escreveu ‘oca’”. Aí eu falei: “mas

como você sabe?” “Porque você fez o ‘o’ do ‘ovo’ e o ‘ca’ da ‘cabeça’”. Aí eu percebi que ela lia pôr associação. Então, foi onde eu comecei a trabalhar a associação. Aí, a mãe dela veio conversar comigo e falou: “você não sabe que a gente passa nos lugares, ela está começando a ler!” A mãe ficou, sabe, a mãe levou um choque, diz que um dia foi no supermercado e ela leu um negócio, né, e a mãe diz que, ela, ela, ela não leu ‘maçã’, mas ela viu uma maçã e ela viu uma placa e ela leu ‘maca’. A mãe olhou e falou: “meu Deus! Acho que ela está lendo, né?” Então, ela, então, ela, aí a mãe disse que ela falou, daí a mãe falou: “mas ela falou duas coisas, parece que ela falou dois bichos”, “não sei o que ela falou, ‘ma’ não sei do quê, ‘ca’ da ‘cabeça’”, a mãe disse que falou, lembrou naquela hora, né, aí, sabe, aquilo, parece que me, foi uma coisa que parece que, você vê, olha, você descobre, ela usou, né, da criatividade dela, você vê, ela só conseguiu ler, né, o campo da alfabetização dela só foi aberto, se não descobrisse nunca, eu acho que ela nunca se alfabetizaria. Até, é uma coisa que, pra mim, sabe, quando você, às vezes eu vejo assim, um trabalho, eu fiz Pós fazem ... eu terminei fazer, dois anos e pouco, então, eu fiz assim, eu fiz, né, então, eu terminei, né, eu fiz um estudo, que era até dentro da USP que fazia, e, fomos até impedidos de continuar lá porque envolvia fenômenos espirituais, eu fiz Psico-bio-física, no final. Depois que eu terminei eu fiz um ano de Psico-bio-física e, terminou até dentro do Instituto Biológico, então, é muito assim, você vê, é o lado, aí você vê que a criança usou a criatividade, é uma percepção que às vezes você vê assim, que você só percebe pôr afinidade assim, de, sei lá, até é uma coisa, acho que, espiritual, que eu fui perceber, muito depois, você imagina, se eu tivesse percebido às vezes logo no começo, né, mas é uma maturidade, eu acho que você, a criatividade vai até sendo, é, vai amadurecendo, né, você vai, mesmo eu, né, naquela hora, né, acho que teve um amadurecimento da minha parte criativa, né, porque você tem que, eu pensei, falei: “meu Deus, por que será que eu não vi isso ...” mas, não, porque antes, não tinha maturidade pra ver, né, aquele lado daquela criança.

E: Então, a criatividade está ligado a ... o que do ser humano?

S: Eu acho que se você for ver, que, Cleusa, a criatividade está ligada a tudo, ao desenvolvimento geral do ser humano, porque se você for ver, ele é criativo pra tudo, quer dizer, a, outro dia, olha, eu estou agora, dentro da, você vê assim, a parte da, não só a parte da, a parte até, alimentar da criança, você sabe que, outro dia, nós, a gente tem agora uma cozinha, a gente dá aula 'pras' crianças, um dia a gente faz bolo, outro dia a gente faz gelatina e isso você trabalha as cores, um monte de coisas através da culinária, então, o, o, o, o projeto assim, a gente tinha que fazer um lanche e ... aí, "eu não como", "eu não como", "eu não como" e ... eles desenharam um bichinho no lanche, eles puseram os olhinhos e do jeito que eles queriam, podiam usar azeitona, o que eles queriam pra fazer o lanche, aí, eles comeram todo o lanche; quem não gostava do lanche, eles falavam: "é uma delícia esse lanche, eu estou comendo um urso", entendeu? Então, você imagina, você fala: "meu Deus, como pode?" Se você desse pão pra ele com aquela mesma, ele não comeria nunca, "eu estou comendo um urso", você, eu fiz um bolo pra eles no ano passado, um bolo de chocolate e eles resolveram desenhar em cima do bolo, então a E. fez uma cobertura, aí ela fez um brigadeiro e eles me ajudaram a desenhar em cima do bolo. Você precisa de ver eles comerem! Uma mãe chegou pra mim e falou: "como que você conseguiu fazer o meu filho comer bolo? Ele não come bolo!" Diz que ele falou assim pra mãe: "você sabe, né, minha Tia sabe fazer um bolo que é uma delícia!" Aí, é, porque eu terminei o bolo e falei: "ô, este bolo tem sabor de infância, viu, olha a cara dele, sabe?" E por, por coincidência, o bolo ficou delicioso, sabe aquele bolo que cresce, é, que fica molhadinho, que fica uma delícia? Diz que ele chegou e ela falou: "mas o que que tinha de diferente?" Ele falou: "tinha sabor de infância!" Olha pra você vê! Ela falou: "J., eu acho que ele vai levar isso pro resto da vida!" Porque é uma coisa muito, então, você vê, dentro da, da parte alimentar, eles usando a criatividade eles comem mais? Eu acho que é tudo! Então a parte criativa envolve tudo, né, todo lado assim, se você

for ver uma criança, “Nossa”, o que você pode tirar daquela criança, é uma coisa que ... você tem que tomar muito cuidado, porque a criança é uma coisa, é o que eu falei, eles nascem criativos, então, você tem que tomar muito cuidado pra não bloquear essa criatividade da criança.

E: Mas, é algo que eles têm?

S: É, é, eles já, mas você pode desenvolver, é isso que eu estou falando. Além deles terem, você pode ajudar a eles desenvolverem a criatividade.

E: E esse algo que eles têm, como é que você diria assim, é do ser humano ... sabe? Está ligado ao desenvolvimento global, você falou, mas, sabe, assim, né, esse, esse algo, que é ...

S: Mais!

E: Ah, é algo a mais?

S: Eu acho que é algo mais.

E: Algo mais?

S: Porque é assim, ó, eu acho que, por exemplo nem sempre a minha parte criativa desenvolvida, é igual a sua. Às vezes a minha habilidade criativa é mais, na parte, motora, que eu vou passar desenhando, que eu vou passar, às vezes, você, é na parte intelectual, então, você vai passar o que? Conversando. Então, você vai desenvolver a sua habilidade criativa, através do Dom, do processo intelectual da fala e às vezes, eu vou desenvolver isso numa parte motora, entendeu?

E: Então, é uma habilidade?

S: Eu acho que chega a ser uma habilidade.

E: É uma habilidade, né, do ser humano ...

S: Eu acho que é ...

E: Inata ...

S: É inata, que já, que já nasce, e, nem sempre, todo mundo é criativo, ninguém é criativo da mesma maneira. Se você definir, eu acho que é uma coisa inata, um ato de, de desenvolver alguma coisa, né?

E: Mas é uma habilidade?

S: Mas eu acho que já, é, é uma habilidade porque cada um desenvolve de uma maneira, né?

E: Certo ...

S: Eu acho que é assim.

E: “Tá jóia!” E, você acha que tem alguma coisa que dentro da conversa, você lembrou e você não falou?

S: Não, eu acho que não.

E: Não?

S: O que eu lembrei, eu falei.

E: Você acha que tem mais alguma coisa que você acha legal estar falando?

S: Sobre criatividade?

E: É.

S: Olha, eu acho assim, a única coisa que eu estava falando assim, sobre os adolescentes, né? Uma parte gostosa assim, que eu vi lá, né, e achei assim, tão interessante, é, nesse acampamento, eles falando assim, desenvolvendo até a parte sexual, através de, de coisas criativas, sabe, assim, que nem um, um bate papo, jogos, assim, de quem se desenvolvia mais, quem falava, aí, os adolescentes se sobressaíram muito, porque a parte que aflora deles, é a parte, eles tinham necessidade de falar, de saber, né?

E: Que talvez tenha a ver com uma, um interesse do momento?

S: Do, de lá, quer dizer, um desenvolvimento momentâneo, vamos dizer, eles se sobressaíram em coisas que eles acharam que era de criancinha, mas a parte assim, de afetividade, a parte sexual que é o que aflorava ali, que você via que era, né, então, não deixava de ser, um momento criativo deles, eles estavam mostrando, né, a parte que eles tinham, é, que interessava na hora, né, através da, da criatividade daquele momento, né. Acho que só isso.

E: Só isso?

S: O resto eu acho que já falei.

E: Então, vamos ...

S: A gente fica um pouco tímida ... (risos).

E: Então, será que está bom?

S: Acho que sim.

E: É? Então, está bom.

Entrevista com Juca

E: Como eu te falei, eu estou estudando a criatividade, né, então, eu te convidei para um bate-papo, para conhecer um pouco da sua experiência com este tema, né ... Você que trabalha com consultoria, queria que você me contasse o que você acha que é criatividade, é, como é a criatividade na sua vida ...

S: Você quer saber da minha criatividade ou à nível assim, das pessoas assim, que eu ...

E: Não, não, da sua.

S: Da minha?

E: Da tua experiência, tá. Você até pode falar das pessoas, tal, né. Mas, eu gostaria, basicamente que você me falasse, o que é que você pensa do assunto, né?

S: Eu acho bacana este assunto, criatividade, apesar que é uma coisa bem pessoal, né, têm seres humanos com, digamos, índices maiores de criatividade, outros, menores, têm alguns que tem até bloqueios e não conseguem por isso para fora. Eu, no meu ver assim, acho que tenho criatividade, tanto é que eu me identifiquei muito com a área que eu estou trabalhando, que é consultoria em qualidade, à nível de criar documentos. Eu crio, tanto é que eu ganho o meu dia a dia com a criação de documentos, à nível de textos e formulários. Então, eu crio bastante formulários, então, eu, desde que eu fazia colegial, quando existia aquela área de O&M, antigamente, existia aquela área de organizações e métodos dentro da empresa, eu já achava bacana, aquele negócio do pessoal pegar uma área e já criar um formulário, criar um tipo de documento, de controle, alguma coisa assim; então, essa, assim, se eu crio um documento hoje, que faz parte do meu serviço, então, não foi uma coisa de, a gente falar assim, nova, que surgiu assim, de, eu começar despertar isso aí. Eu desde a minha adolescência eu já comecei a perceber que eu já tinha uma certa assim, facilidade para criar este tipo de documento; criatividade assim, que se desenvolveu, que a gente fala

hoje, que o cliente fala, hoje: eu quero um tipo de um controle ... eu vou lá, bolo aquilo e só vai adaptando ... então, hoje, a minha criatividade que eu vejo mesmo assim, é voltada à nível assim, de, sabe, à nível assim de documentação, mesmo, de empresas, de controle. Agora ... não sei se você quer saber que tipo de criatividade assim, você ...

E: É, eu queria assim, que você me falasse ... se você fosse colocar uma definição de criatividade, como é que você falaria?

S: Ah, eu acho que seria ... uma imaginação pessoal.

E: Você pode falar mais disso?

S: Dessa imaginação pessoal? ... Bom, essa imaginação pessoal, eu vejo da seguinte maneira, às vezes, é, surge de uma hora para outra, mas às vezes, com um toque de alguém, com a palavra de alguém que toca o assunto, você desperta encima daquilo e desenvolve até mais sobre aquilo que você pescou, né, de uma outra pessoa ... Agora, eu vejo na área, levando um pouco de onde eu acho, daquele treinamento de qualidade, às vezes, eu até jogo para diversas áreas: ó, me faz isso aqui, um tipo de um controle, vê o que é que eles têm ... para sentir a força dessa criatividade do departamento, à nível assim, até, de ver se ele têm alguma visão daquilo que, na área que ele atua, então, esse pessoal às vezes, eu digo, não tem até cultura para saber o pouco que as pessoas conseguem mostrar, a gente sabe que existem pessoas que tem um potencial mas à nível de colocar aquilo que ele quer dizer, não consegue passar. Mas, eu vejo assim, que a criatividade está, olha, tantas áreas assim, que é considerado nível baixo como alto ... eu tenho um cliente que tem um pessoal que tem o primeiro grau completo só, que é um pessoal só de almoxarifado, que me deram sugestões excelentes para o departamento deles. Criatividade assim, de até, curso superior, à nível de gerentes, que fica assim até um negócio meio fechado, eles não falam muito, sabe, já querem que eu leve feito, nem buscam saber, não participam muito. Então, eu não sei se nele está faltando a criatividade, ou se na minha pessoa de consultor, ele colocou um nível próximo ao

meu, ele fica meio inibido, né, já o outro não, já sabendo que já há uma diferença à nível de classe, ele já fala mesmo.

E: Mas como é que é isso: imaginação pessoal, né?

S: Essa imaginação pessoal que eu falo, seria, digamos assim, já existe algo numa empresa algo de controle na parte de sistemas, digamos. Aí, sem querer eu estou lendo uma revista, sei lá, ou estou até no toilette, ou alguma coisa assim, vem aquele negócio, sabe, vem na minha cabeça o que tem que ser aperfeiçoado, vem aquela imaginação, em cima daquilo eu começo a trabalhar à nível de aperfeiçoamento, apesar de muitas vezes, já tem o primeiro passo, né, tem até aquele ditado: nada se cria, tudo se copia ... à nível de aperfeiçoamento. Essa imaginação pessoal, que eu falo, seria isso.

E: Então, seria, é, como é que surgem as suas idéias criativas. É isso?

S: Isso! Às vezes partem de alguma coisa que eu peguei no ar, pesquei no ar assim, que eu ouvi alguém falar e tento melhorar encima daquilo e às vezes eu tento criar alguma coisa que nunca existiu, isso à nível de documentação, onde eu exploro mais.

E: Certo, como é que é essa idéia “nada se cria, tudo se copia”, como é que é?

S: Não, no mercado hoje, capitalista, o pessoal fala muito isso – nada se cria, tudo se copia, então, tudo que se fala: ah, isso é novo ... mas já tinha algo semelhante, que foi aperfeiçoado com ...

E: E o que é que você acha disso, J.? Qual é a sua opinião, você concorda com isso, não concorda ...

S: Ah, olha, eu concordo, viu, eu concordo. Eu acho que hoje, está mais à nível assim, de aperfeiçoamento do que de criar algo novo, se a gente pegar, você pode tentar dar um exemplo de uma coisa que é nova, que não existia, se nós formos levar isso para o bem profundo, já existia uma coisa que era semelhante, que é uma modificação daquilo que foi aperfeiçoado.

E: Então, de onde que vem as primeiras inovações?

S: Isso eu digo hoje, no mundo capitalista. Agora, se for para o passado, com certeza, foi criado.

E: E aí, como é que você entende isso? Isso que veio assim, como uma coisa muito nova, que não existia, como é que você entende isso?

S: Ah, eu levo pra volta da ... criatividade do ser humano está à nível assim, da curiosidade dele, a necessidade dele, busca esse desenvolvimento, principalmente a necessidade. Eu acho que tudo que nós temos hoje, é devido a nós termos tido uma necessidade.

E: E, você tem assim, alguma experiência de criar dentro do seu trabalho, de criar os seus documentos, de criar as suas soluções para as empresas, não é isso?

S: Isso.

E: Você tem alguma rotina, algum modelo de modo de ser que se repete, como é que é?

S: Olha, no meu dia a dia, é, o que eu faço, é voltado para as normas ditadas pela ABNT, que é a ISO 9000. Então, encima disso daí, eu pego o que a literatura das normas falam e tento, com a cultura da empresa juntar e colocar isso na prática. Então, junta a cultura da empresa junto com a teoria e o que a prática manda que seja seguido aquilo, de acordo com a cultura da empresa, com que ele executou o serviço da empresa, eu junto isso daí e faço o texto, né, e, crio este sistema da qualidade.

E: Cada empresa você faz de um jeito?

S: Olha, a escrita é diferente, tá, devido o produto ou serviço é, ser diferente. Mas o sentido, é único, só. Então, digamos, um cliente meu de telecomunicações que constrói só cabos telefônicos, sabe, estação telefônica, outro é fabricante de cadeira, mas os processos que eles têm, à nível da, da inspeção, são os mesmos, tanto é que os vinte requisitos da norma praticamente aplicam a mesma para uma empresa e para outra, só que com um enfoque diferente, você tem uma sistemática de trabalho diferente.

E: Mas a sua produção criativa, né, segue algum ... sei lá ...

S: Ah, não, eu não tenho, eu sigo o que a norma exige mas, eu tenho assim, se eu tenho um trabalho para desenvolver numa empresa de telecomunicações e se eu pego uma da, de fabricante de cadeira, eu já vou ter que buscar o que o cara faz realmente, tentar juntar com a norma e eu criar aquele documento pra ele, que vai ser diferente, o conteúdo daquele documento daquela empresa, porém com a mesma filosofia da norma, mas com atividades diferentes, com planejamento diferente de execução. Então, nisso daí, entra a minha criatividade ... Bom, pra este serviço aqui, eu vou criar uma sistemática de compras, que tem uns itens de um exemplo de compra, mas a sistemática de compras de um fabricante de cadeira é diferente de uma sistemática de compras do sistema Telebrás.

E: E o seu jeito assim, de lidar, não é, com essa atividade criativa é diferente à cada vez, não é, tem coisas comuns ...

S: Olha, tem coisas diferentes, tem comuns, é bem, sabe, é bem genérico, tem coisas comuns, tem coisas que vão ser bem semelhantes, que só vai mudar assim, o tipo de serviço ou produto, mas com o mesmo enfoque.

E: E você identifica a repetição de algumas, de alguns acontecimentos, neste seu processo?

S: Meu ou de clientes?

E: Seu.

S: Meu?

E: Seu. Você poderia falar que coisas?

S: No caso quando eu vou aplicar, aplicar treinamento, tá, à nível até de palestras, assim. Então, é muito comum, o pessoal se sente assim, que, a maioria fica inibido de fazer pergunta, por ser um, até um assunto novo ou não domina direito, tem medo de falar besteira para quem está próximo ... Então, aonde eu dou palestra de ISO 9000, de treinamento, eu chego numa empresa com cinquenta, outra com cem funcionários, é proporcional, eles, sabe, eu tenho que perguntar se têm alguma pergunta e geralmente, quem faz alguma pergunta são diretores e gerentes, o

peçoal de coordenadoria já começa a, mesmo, eu volto àquilo, né, do grau de cultura, tanto é que a gente procura até separar, dependendo do cliente, em nível de tempo da empresa, só para o peçoal da diretoria uma palestra, outra para o reto do peçoal, eles ficam mais à vontade, eles ficam meio inibidos quando tem um diretor da empresa, se eles falam alguma besteira, ficam achando que, mas, isso aí acontece muito, é praticamente sempre, sabe, quando eu vou dar alguma palestra numa empresa, geralmente com a diretoria, os gerentes e outros cargos, fica esse problema do peçoal, ter vergonha, treinamento nas áreas também, tem muitos que as coordenadorias ficam com medo de falar, quando está com os seus subordinados presentes e, tipo assim, ele tem uma certa credibilidade, mas com a minha peçoal, ele fica meio inibido ou tem medo de falar uma besteira ou uma coisa que não tem muito a ver e perder assim, a moral que ele tem perante os subordinados.

E: Então, assim, na sua atividade, né, de treinamento, se repetem acontecimentos por parte das peçoas.

S: Isso.

E: E, você, considerando que esta atividade é uma atividade criativa, né, você sente que estas palestras, estes treinamentos, seguem alguns parâmetros, repetem algumas coisas em você, no seu processo, ou não, cada um é diferente ...

S: Não, tem umas que repetem, outras não. Às vezes, eu estou numa linha daquelas palestras preparadas, sei lá, dependendo do dia, você fala e entram umas perguntas assim, quando acontece e você, eu já até mudo aquilo que eu planejei falar. Na maioria das vezes são repetitivas, mas às vezes, você, eu mudo no decorrer do que tem as perguntas na sala. Mesmo à nível de conhecimento, quando eu vejo que alguém tem um conhecimento mais profundo, eu já procuro, já mudar, para atender mais ou menos aquilo que ele quer, está pretendendo ouvir.

E: E aí, você acha que entra a sua imaginação.

S: Aí eu acho que entra, entra a minha imaginação, tá, mas é lógico, tudo, nessa imaginação entram os meus conhecimentos que eu vejo

acontecer no mercado à nível de jornais, revistas, livros, literaturas em geral. Então, eu começo a fazer, é lógico, que isso tudo é momentâneo, né, fazer um apanhado e tentar ...

E: Como é que você definiria uma pessoa criativa, o é que seria uma pessoa criativa ...

S: Olha, eu acho que a pessoa criativa é aquela que já existe alguma coisa e há uma necessidade no mercado, ou no nosso planeta, tá, e ele faz uma mudança bem radical daquilo.

E: E como é que você acha que isso acontece, como é que isso se dá, né?

S: Eu acho que isso é pessoal, tá, mas sempre está voltado para uma necessidade, porque quando vem uma imaginação pra ele, já passou uma necessidade que ele julga que a sociedade já, talvez ele nem perceba isso, mas ele acha que há uma necessidade e de repente vem essa criatividade, essa imaginação.

E: Quando você fala que é pessoal, J., me explica melhor, porque eu preciso entender bem o pensamento de cada pessoa com quem eu estou falando.

S: O pessoal que eu falo, é uma coisa que, só ele pensa daquele jeito aquela, aquela coisa.

E: Ah, tá, tá, tá. Certo ...

S: Então ...

E: É uma coisa individualizada, muito própria da pessoa.

S: Isso.

E: Ah, tá. E este assunto, é um assunto no qual você faz reflexões, você ... você pára para pensar o que é criatividade ou, sabe?

S: Olha, eu não paro muito para pensar não. Às vezes eu faço uma coisa, só depois que, uma empresa sofreu auditoria que o próprio cliente, que sofreu, o auditor da empresa lá, do meu cliente, ele fala: Nossa, que negócio bacana, eu nunca tinha visto isso aí antes na vida, deveria ter investido até mais ... quando surge isso daí. Aí, só depois que eu vou, fiz um negócio tão diferente e achei que era até comum e não é. Isso eu falo,

que aconteceu em novembro comigo com uma auditoria da Telebrás de um cliente meu. Eu montei uma sistemática de inspeção na empresa, em campo, né, da instalação dos cabos, lá, e a diretoria da Telebrás fez um elogio, elogiou quem fez o trabalho, quem fez a consultoria, né, e o meu próprio cliente relatou isso para mim.

E: Você tinha feito, bolado um negócio bem diferente.

S: Isso. E ele, o cliente, como, ele está ali para, que a gente joga ele, praticamente o que ele tem dúvida ele pergunta, o que ele não tem dúvida ele deixa acontecer para ver o resultado, não conhece também. Então, o que eu fiz, até eu boleei isso daí, eu achava que era bem semelhante aos outros, do ramo, né, e veio a auditoria da Telebrás e falou para o cliente que o negócio estava bacana, diferente, sabe, à nível de, se não, pessoal faz relatório de inspeção em campo, de cabos ópticos subterrâneos, com relatórios de quatro folhas e eu fiz em uma folha o que praticamente atendia tudo isso, então, isso aí, não falaram para mim a Telebrás, falou para o meu cliente e ele relatou isso para mim. Só que aí eu achei que, foi uma criatividade que eu fiz e nem percebi.

E: Você disse assim, que as pessoas têm níveis diferentes de criatividade, né, como assim, né, o que é que você quer dizer com isso?

S: Eu digo assim, há pessoas com níveis sociais e culturais diferentes, né, e às vezes esse que é considerado com nível baixo, tem uma criatividade assim, que, pela cultura dele, dá para considerar assim, que ele tem um potencial, porém não teve oportunidade ou tem algum bloqueio encima dele que inibe.

E: Ah, tá, espera aí, então, você está falando que a criatividade não tem a ver com nível socio-econômico, cultural, etc.

S: Tem e não tem.

E: Tá. Como assim?

S: Porque eu já de acordo com a minha experiência da minha prática profissional, eu já cheguei em certas áreas de empresas, onde não saia nada e uma mesma área de uma outra empresa, do pessoal praticamente do mesmo nível, gera, sabe, a criatividade daquela área era ...

E: Como é que você explica isso.

S: Eu explico à nível, assim, de você, quando está investigando as áreas, você joga uma idéia e eles te dão um feedback, você joga e eles te devolvem aquilo.

E: E isso depende de que, será?

S: Eu acho que isso, eu acho que isso é bem pessoal, viu. Ou às vezes, da, de quem está tentando fazer, é fazer, que tem esse retorno, esse feedback, como jogar isso daí, para ver o que é que houve, ou às vezes, aquele profissional daquela área não teve oportunidade de colocar nada, de repente surge, ele consegue.

E: Pegando um pouco este caminho aí, a gente poderia, você acredita que têm fatores que facilitam a criatividade, ou não, como é que é?

S: Olha, fatores que facilitam a criatividade ... olha, não te afirmo, mas eu acho que existe sim, que deve ter.

E: Quando você diz assim: não te afirmo ...como assim, por que?

S: Porque como a criatividade que eu acho que é pessoal, então, às vezes você pode até deixar uma pessoa, tentar que ela fique bem solta, para ver se sai alguma coisa, mas, porém, sei lá, ela não consegue.

E: Mas, sei lá, você supõe então, que pode ser que esta condição da pessoa ficar mais solta, pode ajudar a criatividade?

S: É, eu acho que, não é que vai fazer, ela, ela coloca aquela criatividade para fora, às vezes ela já tinha aquilo e não expressava achando que era banal e a gente dá oportunidade e ela relata aquilo que ela já ...

E: Você acha que todo mundo tem criatividade ou não?

S: Eu acho que todo mundo tem criatividade.

E: É? Você fala até em potencial, como assim, como é que você diria ...

S: É porque, eu vejo assim, eu acho que todo mundo tem a criatividade, porém uma criatividade que uma pessoa acha que é uma coisa fenomenal, para mim já não é uma criatividade fenomenal, mas pra ela já é, ou pra uma outra pessoa já é.

E: Você tem um exemplo, assim? Te ocorre, um exemplo?

S: Um exemplo?

E: É, isso.

S: Olha, eu tenho sim, tipo assim, coordenador de qualidade que eu treino bastante, gerentes de qualidade para coordenar as empresas à nível de sistemas de qualidade. Têm, têm profissionais, que eu falo “a”, ele já vem com o “a, b, c, d”, tá, e porém, quando ele estava só, tentando fazer as coisas sozinho, com a aju ... sem a consultoria externa, no caso a minha, né, ele não colocava, mas se dava tipo um empurrãozinho, dava, sabe, jogava no ar, ele já vinha com o “a, b, c, d” ... já outro, você joga o “a”, o “b”, o “c” e não vem, você precisa estar todo o tempo ali. E de uma hora para outra, esse que está com bloqueio, no decorrer, nas implantações que são em média de quinze meses, de doze meses e, de repente, você assim, no decorrer de uns seis meses, há um certo, a pessoa desperta, não sei, parece que pega assim, no tranco e começa a colocar, sabe, começa a participar mais, a dar idéias.

E: Então, você está dizendo assim: todo mundo tem um potencial.

S: Isso.

E: Que às vezes se manifesta e às vezes não.

S: Isso.

E: Mas, que você não sabe o que é que ajuda ...

S: Eu não sei o que realmente, sabe?

E: E em você, você sabe, o que ajuda por exemplo, a criar uma coisa diferente...

S: Olha, eu, eu vejo que quando eu estou trabalhando em equipe, sabe, o tempo para chegar naquele objetivo é mais rápido. Porque eu tenho aquela idéia de três, duas cabeças pensando, são três, tá? Mas isso comigo, mas já dá para perceber que têm pessoas que usam melhor o seu conhecimento se estão pensando com outra.

E: Então, pra você, o trabalho em equipe ajuda.

S: Ajuda.

E: Ajuda mais.

S: Só que por experiência própria, na prática, eu vejo que têm gerências que não sabem trabalhar em equipe, não rende em equipe e hoje, o

mercado está voltado para o trabalho em equipe, porque a maioria trabalha melhor em equipe e a minoria trabalha, trabalha só.

E: Então, quando você diz assim: quando eu trabalho em equipe, a tua criatividade flui?

S: Flui mais rápido. Eu chego mais rápido naquele objetivo.

E: Isso, você chega mais rápido.

S: E isso no geral, porque às vezes, não. No geral eu acho que a probabilidade maior quando está em equipe, você chega mais rápido no objetivo.

E: O que é que te leva a falar isso? Na tua experiência, o que é que acontece, que você diz assim: ó, quando eu estou trabalhando em equipe, eu chego mais rápido no meu objetivo. Eu crio mais rápido, os meus formulários, sei lá, as minhas soluções ...

S: É porque ...

E: O que é que acontece?

S: Porque quando eu estou em equipe, quando eu começo a fazer os jogos de perguntas, qual que ele acha que é o problema, de um e de outro, dá pra fazer uma análise ali, praticamente ao mesmo tempo, tá, e com as pessoas que participam do problema que ele jogou pra você, que às vezes nem é problema, mas eles acham que é problema. Então, como está este contato direto ali, já, a gente chega no objetivo mais rápido.

E: Então, a interação, né, com o seu cliente é um fator que você considera facilitador da sua criatividade.

S: Sim, inclusive, eu, cada vez que eu, quanto mais eu dou conselhos a mais, eu estou aprendendo.

E: E o que é que você chama “aprender mais”?

S: Olha, porque às vezes eu ia para uma linha, tá, digamos assim, eu pego um item da norma que eu ia seguindo ali, passo à passo, de repente eu já pego uma idéia numa empresa, onde eu já sei: vou por aqui, na outra empresa eu já nem vou, já vou por esse caminho porque eu já sei que vai ser mais fácil. Isso muda no mesmo seguimento e daí que eu falo que eu estou aprendendo.

E: Então, aplicando isso para o nosso tema aqui, dá para dizer que a criatividade também depende de um conhecimento?

S: Eu acho que ajuda bastante, eu acho que ajuda bastante.

E: Agora, tem alguma coisa especial na criatividade, você acha?

S: Se tem alguma coisa especial na criatividade ...

E: É.

S: Ah, eu acho de especial, é você ter essa imaginação, na criatividade, que você julga ser criatividade.

E: A imaginação ...

S: Às vezes também, você acha que está criando alguma coisa, mas nem está criando, você está criando pra você, mas, pra sociedade já foi criado e você não conhecia.

E: E aí, é criatividade, ou não?

S: Eu acho que, pra pessoa que não conhecia, é, mas depois que ela passa a ver que já existia, pra sociedade não é mas pra ela é, era.

E: E pensando assim, o seu trabalho, ele é criativo ou não é?

S: Parte é e parte não é.

E: Como assim?

S: Porque parte já, eu já sei como funciona, então, sabe? Se está funcionando, eu vou tentar melhorar aquele que não está ainda, para depois vir o que, ou seja, tem um que funciona bem, um está regular, eu vou primeiro melhorar este regular, dependendo da área mais interessante da empresa, à nível de, à nível de ter a haver com os custos, né, então, eu vou tentar deixar boa aquela área, depois eu vou ver a melhoria contínua, no geral.

E: Então, eu vou pegar uma palavrinha lá do começo da nossa conversa, você falou de adaptar, aperfeiçoar, alguma coisa assim.

S: Isso.

E: Então, considerando que, vamos dizer, que a maior parte do seu trabalho é isso, você considera que tem alguma parte que é especial, que é mais que isso, ou não?

S: Que é mais que criatividade?

E: Não, mais do que aperfeiçoar. Talvez, uma criatividade no sentido de uma coisa mais original.

S: Sim, acho que sim.

E: Tem? Você tem um exemplo para dar? Que parte do teu trabalho tem essa coisa, original.

S: Quer ver? É, a formalidade. Tem requisitos da norma que, a INMETRO, a ABNT dão essa abertura, que não precisa ser tão formal. Eu já procuro formalizar mais e isso no início do sistema, para passar a idéia pra empresa que o negócio é sério.

E: Como assim, é que eu não entendo.

S: Seria assim, ó, formalizar na prática seria tudo que, assim, as coisas importantes terem assinatura, da gerência. Ou seja, este meu trabalho, a gente vende muita a idéia que tem que ter um comprometimento e não só envolvimento. Então, no comprometimento, já que eu estou comprometido eu tenho que provar que eu estou, então tudo aquilo que eu faço, que é considerado de importância pela direção da empresa, então que cada um assume aquilo e o único meio de provar é por meio de rubrica, de assinatura. Então, tem requisitos da norma que meu trabalho é todo voltado para a normatização da ISO 9000, eu gosto de formalizar.

E: Isso é original?

S: Isso é, porque tem outras consultorias que abrem mão disso daí. Eu vejo que quando, quando tem certos pontos da norma que a gente formaliza, a estrutura fica mais consistente, dá um sistema mais sólido, mais firme.

E: Então, você está considerando original, o que tem uma marca mais tua?

S: Isso.

E: Ahhh. E de um modo geral, J., o que é que você consideraria original. O que é uma criação completamente original?

S: Seria uma coisa que até o meu conhecimento atual, eu faço dessa maneira, não conheço outra pessoa que faz, outro ser que faz aquilo.

E: E você tem exemplos disso?

S: Tenho documentos, né. Isso aí eu julgo que seja original. Enquanto eu não conheço alguém que faça daquela maneira e eu acho que eu criei, eu acho aquilo ali original, uma coisa minha, sabe.

E: E qual que seria a importância da criatividade na vida do ser humano?

S: Eu vejo à nível de resultados, se atingir a neces, sabe, se eu crio alguma coisa à nível de atingir alguma necessidade, se ele está satisfeito, eu acho que atendi a criatividade ... a criatividade foi válida. Pelo menos até aquele momento, até que surja uma outra.

E: Você pode atender necessidades sem ser criativo?

S: Eu acho que pode.

E: E aí, tem uma diferença em ser criativo e não ser criativo ao atender uma necessidade?

S: Olha, eu acho que tem, tá, hoje eu li até uma reportagem da Exame sobre criatividade, que hoje, os profissionais de hoje estão mais assim, com mais assim, intensidade para conseguir empregos são os mais criativos.

E: Então, mas ...

S: E aqueles que ... quem é criativo, quem, na maioria do que eu vejo, que venho acompanhando, é aperfeiçoamento, aqueles que buscam aperfeiçoar aquilo que já existe dentro da empresa, tem outros não, tem gerentes que está o feijão com arroz, deixa ali o feijão com arroz e se acomoda, outros não, e geralmente, são profissionais mais novos. Os profissionais mais novos tem mais garra, sei lá, buscam a melhoria, não que eu dizem, digo na maioria, tá. Os mais antigos geralmente são mais acomodados, isso eu vejo até quando eu aplico treinamento nas empresas, o retorno quando eu trabalho com gerentes mais jovens é bem maior e mais rápido, no geral, tem outros antigos que dão um resultado excelente, mas no geral, o pessoal mais jovem dão um retorno maior. Viu, não sei se a nível de curiosidade também ...

E: Curiosidade? Como assim?

S: Eu acho que ele, querer mostrar, bom se isso daqui dá, vou tentar trabalhar, todo mundo trabalha desse jeito, vou tentar, sabe, curioso, estar mexendo, ver o que ele pode melhorar.

E: Isso você relaciona com a idade, no sentido de ...

S: É, não que o pessoal mais velho não tenha criatividade.

E: Sei.

S: Eu acho que como os mais jovens são mais curiosos, às vezes ajudam um aperfeiçoamento que eu julgo ser criatividade também, tá? Então, eu acho que o jovem, sei lá, devido à curiosidade dele ajuda isso daí. Mas não que os mais velhos não são criativos.

E: Sim. ... E aí, você acha que a criatividade, então, nasce com a pessoa, é, desabrocha, como é que é, o que é que você acha?

S: Olha, eu acho assim, a criatividade oficialmente não tem hora, não tem data, não tem nada, é de uma hora para outra, até quando bate uma necessidade, você busca tentar melhorar aquilo, criar aquilo, sabe. E no meu ver, do jeito que está no meu ver, é mais aperfeiçoamento.

E: Você está ...

S: No mundo hoje em dia, está mais aperfeiçoamento.

E: Hoje, você tem um trabalho que entra, que inclui, vamos dizer essa criatividade, mas e antes deste trabalho, né, você acha que a tua, você acha que a criatividade participava da tua vida, como é que é?

S: Eu acho que participava, podia ser um aperfeiçoamento que eu julgava ser criatividade, tá? É, você vê, o trabalho que eu faço hoje em dia, inclusive lá onde eu faço, eu até falo: é a O&M aperfeiçoado, é a Organizações e Métodos aperfeiçoado, é que, como, criou-se, surgiu na Inglaterra, tudo, na Europa, isso aí foi expandindo, mas, se você pegar, sabe, oitenta por cento é O&M, isso.

E: Que inclusive é um seguimento da ...

S: Então, por isso que eu digo, criou essa sigla ISO 9000, criou essas normas, mas a idéia, tudo, o controle realmente, se você pegar, tanto é que, os consultores antigos de mais idade, considerados assim, de qualidade, eram todos gerentes de O&M.

E: Que é um seguimento da Administração, da Economia, não é isso?

S: É, é uma ferramenta da empresa, né, que atinge todas as áreas que seria a qualidade, né. Então, hoje você pega uma empresa com qualidade, que tem ISO 9000, ela é como se tivesse um departamento da garantia da qualidade, um gerente da qualidade, como eles chamam, é o antigo O&M de uma empresa, seria o Organizações e Métodos.

E: Olha, como você falou que a criatividade tem a ver com uma curiosidade, com uma abertura para uma necessidade, você acha que você sempre foi assim, não é, vamos dizer assim, sensível à isto, você já era uma criança assim curiosa, não é, criativa ... como que é?

S: Eu vejo assim, olha, na minha área profissional de qualidade, os profissionais que são considerados consultores de qualidade mesmo, que são aceitos pelo mercado, é, são pessoas que desde pequenos são organizados, metódicos. Eu vejo pelos colegas que eu tenho, também, sempre são organizados, gostam de fazer a coisa bem feita, sabe. Pessoas que não têm paciência, que são desorganizados, não servem para atuar na área de qualidade. Então, eu acho que tem, esse pessoal do ramo de qualidade aí, tem muito a ver, eles mesmos se sentem disciplinados.

E: Então, me fala um pouco, dessa idéia assim, eu não estou entendendo muito bem, a relação entre organização, qualidade e criatividade.

S: Eu acho assim, a criatividade, ela surge, geralmente para melhorar, pode até você criar uma coisa que vai fazer mal para o ser humano, tá, mas a idéia geralmente não foi essa, foi pensando na sua auto-defesa, mas sem pensar que ia machucar o outro. Mas a criatividade, sabe, sempre vem para sanar uma necessidade, alguma coisa que haja necessidade na sociedade. E a qualidade, vem para, ajuda, para inteirar isso daí, para que faça aquilo melhor, para que atenda aquilo, aquela necessidade, assim, digamos assim, então, se eu tenho um carro, hoje, que me leva até um lugar, mas hoje, sabe, eu vou por um ar condicionado, vou por tudo que me leve a um maior conforto, mas vou chegar a um mesmo objetivo.

E: Então, espera aí, a qualidade é para atender um, vamos dizer, alguma coisa...

S: Para atender melhor, cada vez me, atender melhor cada vez mais.

E: Certo. A criatividade, digo, a qualidade. E a criatividade?

S: A criatividade está dentro, eu acho que estão juntos.

E: Então, não existe criatividade sem qualidade?

S: Existe, tá, mas eu acho que o que puxa a qualidade, vem da necessidade.

E: E a organização, como é que entra nessa estória?

S: Eu acho que para ocorrer a qualidade, tem que ter organização, se não tiver organização, não dá pra você implantar uma qualidade. Se eu vou fabricar esse carro com qualidade, se não tiver organização, ali, para que ele seja montado à nível do que foi planejado, é porque aquela qualidade não existe.

E: Então, dá pra dizer que na criatividade também, precisa organização?

S: Quando você vai por em prática, sim. Eu posso ter a criatividade, imagino, eu criei isso daqui, agora, eu vou colocar isso em prática, eu vou constituir isso daí, eu preciso de uma organização, que automaticamente vai ter que entrar a qualidade.

E: Então, espera aí, você divide a criatividade em dois seguimentos? Um que é pura imaginação e outra que é imaginação aplicada?

S: É, assim, às vezes uma coisa não atende a minha necessidade e eu julgo não ter qualidade, mas com outra classe, atende e ele acha que está bom e para ele tem qualidade. Tanto é que a gente define qualidade, atender a necessidade do cliente, quando eu atendo a necessidade do meu cliente eu estou atendendo com qualidade. De repente eu atendo o cliente com qualidade, aquele mesmo que vai ser jogado pra você, você vai achar que, aquilo que, você é mais exigente, já está com aquele, não está com qualidade.

E: Então, uma coisa que pode ser ...

S: Boa para um pode não ser boa para outro.

E: Portanto, na mesma linha ...

S: Pode atender as mesmas necessidades, momentâneas, mas, um esperava mais e para o outro, o nível está bom.

E: E em termos de criatividade, dá para dizer o mesmo? Uma coisa que é criativa para um, pode não ser para o outro?

S: Eu acho que pode. Se ele não tiver aquele conhecimento, que às vezes, é aquilo que eu falei, de repente, eu achei que criei uma coisa e só depois de seis meses eu vou descobrir que já existia aquilo lá e, até aquele momento eu achava que eu tinha criado aquilo. E pode ocorrer isso, com a criatividade minha, porém alguém, criou antes, porém, eu não sabia.

E: Então, tem níveis, do pessoal, do social, do cultural ...

S: Eu acho que tem assim, à nível de você, divulgar, colocar em prática, eu acho que por aí, entram as classes sociais.

E: Agora, retomando aquela idéia que você falou de que nada é criado, tudo é copiado ...

S: Ah, eu digo isso, que o pessoal fala isso aí.

E: Ah, tá, tá, tá.

S: Ah, principalmente, é comum a gente falar em consultoria: nada é criado, tudo se copia, tudo é aperfeiçoado. Ah, é lógico, que criatividade, sabe, eu digo, hoje em dia, no mundo capitalista hoje, eu acho que criatividade, estar surgindo hoje, o que não existia, acho que é mínimo, tá? A maioria é tudo aperfeiçoamento. Você vê o seguimento do automobilismo, você não tem mais o que inventar num carro, você pode ver. Eles ficam mudando de “design” de carro, “design” de qualquer coisa, é mudar o combustível ... vai querer água, o outro ...

E: Então, o carro, foi uma coisa original ...

S: Hoje, hoje, eu acho que a criatividade do carro está parada, estão só aperfeiçoando.

E: E isso não é criatividade para você?

S: Olha, é um aperfeiçoamento que o pessoal vê como criatividade, que não deixa de ser também. Eu acho que, é muito difícil definir isso, mas eu acho que é.

E: Pra você é, mas é um tipo de criatividade, mais na linha do aperfeiçoamento.

S: Isso.

E: Não é aquela coisa original.

S: É, nunca existiu, surgiu agora.

E: A criação do carro, é? Agora, de lá para cá, nunca mais ...

S: Você pega, antes, o carro era aquele: era boi puxando aquilo lá, ao invés de ser um motor, era um ser vivo puxando aquilo lá. Trocou o ser vivo, colocou um motor, então, é, ...

E: Isso é original?

S: Você vê, você vê, a idéia. O boi ia chegar no mesmo lugar puxando aquele carro lá, com as quatro rodas, tudo, o objetivo que era transportar, ele faria o mesmo, o carro, porém, ele vai chegar mais rápido, devido a ter uma tecnologia, então, foi um aperfeiçoamento, mas houve a criatividade de você colocar o motor, então, mas, na verdade, já existia o carro, carro de boi no caso. Então, eu acho, é, eu confundo isso, para você definir assim, a criatividade do aperfeiçoamento.

E: E o carro de boi? Suponhamos, foi algo criativo, então, porque antes não existia um carro, um veículo.

S: Talvez, aí, talvez se dava, eu acho que seria uma criatividade.

E: Agora, do carro ...

S: No caso do avião: não voava nada, começou a voar e foi uma criatividade, depois do momento que começou a voar. Aí, depois que mudou, sabe, de hélice pra, pra turbina e tudo isso daí, isso já é aperfeiçoamento. Então, quando não tinha avião, fez o primeiro decolar, eu acho que aí foi a criatividade, a partir do momento que tinha aquilo, foi aperfeiçoamento.

E: Você falou bastante em chegar mais rápido no objetivo ... você considera o tempo, o que é que é o tempo na estória da criatividade, nessa questão da criatividade aí?

S: O tempo, é você atender aquela necessidade que a sociedade precisa, mais rápido que alguém, chegar na frente de alguém.

E: Então, o tempo é um fator importante na criatividade?

S: Com certeza. Olha, tem, eu creio que sim. No mundo capitalista é. Aquele que criar ou aperfeiçoar, que não está definido se a criatividade é aperfeiçoar aquilo mais rápido que o outro, com certeza ...

E: Mas, como assim? É, então, será que eu estou entendendo bem? Você está considerando que a sociedade capitalista tem uma urgência de tempo, ela procura diminuir o tempo?

S: Sim. No mundo, hoje em dia nosso, eu creio que sim. Aquele que aperfeiçoar ou criar aí, mais rápido, com certeza, ele ...

E: Mas isso é por causa da sociedade capitalista? Então, por causa da competitividade ...

S: Porque eu acho assim, olha, é, competitividade, também, lógico, e, você que vive nesse mundo sabe que se você aperfeiçoa uma coisa mais rápido do que o outro, então, o interesse, a ganância do ser humano leva a aperfeiçoar ou criar mais rápido alguma coisa.

E: Mas, para quê?

S: Acho que um próprio interesse, um certo destaque pessoal, ou mesmo grana ...

E: Para tirar um proveito pessoal ...

S: Com certeza!

E: E, nesta conversa aqui, surgiu alguma idéia para você que você, sei lá, acha interessante para a discussão desse tema.

S: Eu acho legal, ter participado dessa entrevista sobre criatividade e aperfeiçoamento, porque eu vejo hoje, tem mais aperfeiçoamento que criatividade, eu não sei, eu sei lá, não vejo nada assim, de tão novo que tem que, que dá para diferenciar dentro de um aperfeiçoamento.

E: Agora, quando você associa isto, né, com algo pessoal, porque você disse que algo muito próprio da pessoa, como é que, você, será, ...

S: Porque às vezes, tem pessoas que não conseguem, sabe, às vezes, tem até, pensam aquele negócio, nem percebem que está ligado à alguma coisa e deixam passar despercebido.

E: Então, você acha que o ser humano, tem esse potencial para desenvolver alguma coisa nova, diferente.

S: Eu acho que tem.

E: Que não existia (...) Do quanto o ser humano cria algo, sem saber que aquilo é original, não é isso?

S: Isso. Às vezes ele cria e não sabe disso.

E: Então, as coisas originais que acabam sendo conhecidas, né, por um grupo, por uma sociedade, são as coisas que são divulgadas ...

S: Sim.

E: Ou que são promovidas, como você disse: às vezes, a pessoa faz para buscar uma promoção pessoal.

S: Isso. Eu acho muito, que às vezes, a criatividade é, não vem só para atender a tua necessidade, às vezes, nem sempre é só uma necessidade tua, mas como o mundo é capitalista, você já faz pensando pra tirar um proveito. Na verdade vai atender a minha necessidade financeira e não àquilo que eu estou julgando ser que é o invento.

E: Ah, tá, então, espera aí, você está dizendo que às vezes, as pessoas são criativas, para atender a uma necessidade ...

S: Financeira, o de dela, ou um estágio especial de conseguir status, porém, para uma outra pessoa é um outro atendimento, vai atender a uma outra necessidade até, específica, daquela classe social, por exemplo.

E: Então, a gente poderia dizer que a criatividade pode estar à serviço de vários objetivos.

S: Isso.

E: Culturais, sociais, é, filantrópicos, assistenciais, pessoais ... egoístas ...

S: Com certeza. Eu vejo muito este pessoal assim, sabe, que descobre vacina. Laboratório não está interessado em inventar aquilo porque ele quer pegar aquele conheci ... para se proteger, ele está mais interessado em ganhar dinheiro com aquilo, ele vai atender a necessidade que é o bolso dele, porém para a sociedade é sanar, sei lá, sanar o, um algo, uma doença.

E: E você acha que dentro da sociedade mais ampla, a gente poderia dizer que existem grupos mais criativos do que outros? Grupos de pessoas? Grupos profissionais?

S: Eu creio que sim, tá? Eu sei, eu creio que sim, se você consegue reunir pessoas que sejam criativas, que têm mais facilidade de expor aquilo ...

E: E aí, assim, em termos profissionais, né, ou, que grupos se destacariam na criatividade?

S: Olha, aí, depende muito do momento que vai expor isso daí, tá.

E: Como assim?

S: Eu acho que tem, é, a criatividade pode existir em qualquer classe cultural, tá, mas, eu acho assim, que se for tratar uma criatividade voltada mais para um aperfeiçoamento, aqueles que têm conhecimentos científicos, têm a probabilidade bem maior, agora, aquilo que não existe, seria uma criatividade, mesmo, de uma coisa que não existe mesmo, sabe?

E: Original?

S: É, uma coisa que a gente pudesse chamar de original, pode partir de uma pessoa de uma classe social até baixa, mas eu acho que a probabilidade maior é de uma parte de uma sociedade que tem um, sei lá, um ...

E: Mais cultura,...

S: É isso, mais cultura,...

E: Educação ...

S: Mais contribuições científicas, mas a criatividade eu acho ocorre em todas as classes.

E: Mas, assim, assim como você disse, que a, a criatividade no sentido de aperfeiçoamento, estaria mais, hã, favorecida para o grupo científico, teria um grupo, sei lá, profissional ...

S: Eu creio ...

E: Social ...

S: Que sim, tá? Devido, se ele tem uma cultura a mais, eu acho que, as ferramentas que ele vai ter, tá, ou, como ele buscar aquelas ferramentas que vai ajudar com que ele aperfeiçoe aquilo, ele está mais próximo disso daí.

E: Bom, vou falar um exemplo qualquer, para te inspirar aí, né, porque eu queria saber se você considera algum grupo, em especial mais criativo, por exemplo, os políticos. Você acha que os políticos são mais criativos, os marceneiros, sabe? Você considera que tem algum grupo, né, de pessoas, por causa de um tipo de atividade, que possa ser considerada mais criativa que outra?

S: Olha, eu acho assim, deve ser, se é, assim como você falou, um grupo político, dependendo do objetivo do que eles querem criar, de repente, ele está mais voltado, se é um problema assim, sei lá, social, ele pode até, ter aquela visão, mais fácil que um grupo de marceneiros, mas de repente, pode este grupo de marceneiros ter uma visão, pegar o que é deles mas não tem como expor isso daí.

E: Então, J., tem algum grupo que você considera, assim, sei lá, mais propensos para serem mais criativos?

S: Olha, eu acho que, depende do que ele quer criar.

E: Depende da área, então?

S: Depende da área. De repente, se existe um grupo de marceneiros, eles querem bolar novos “design”, novos, sabe, que é da área dele, eu acho que a probabilidade dele criar aquilo, vai ser mais fácil do que um, tipo um grupo de, sabe, assim, de, de mecânicos, vai. Porém, de repente esse grupo de mecânicos, se ele já imagina, ele tem uma criatividade do que ele imagina aquele móvel, ele quer aquele móvel assim, talvez, ele já, sabe, tenha aquilo antes do marceneiro. Por isso que, às vezes eu acho que, a criatividade vem muito da necessidade, você trabalhar encima da necessidade.

E: Então, a gente poderia dizer que pessoas que tem, tiveram uma história de vida muito difícil, com limitações, sei lá, né, às vezes sociais,

muito grandes, poderiam ser pessoas mais criativas? ... Pessoas, sei lá, que vem de uma origem muito humilde ...

S: Acho que não! Por isso que eu falo, às vezes, de repente, esta outra classe pode ter essa criatividade, mas de repente, sabe?

E: Então, esta necessidade, como é que você ...

S: Esta nece, eu digo, eu imagino assim, a necessidade, né, então, digamos que nós temos hoje, tá, no caso, tá, um carro que anda com quatro rodas, hoje, que a gente hoje, até o momento, a indústria automobilística não tem mais o que inventar no carro, mas de repente, começam a inventar, sabe, sei lá, uma coisa diferente, um carro que ao mesmo tempo ele consegue decolar, voe tranquilo e todo mundo fique educado a pilotar tanto terrestre quanto ... uma coisa assim, aí no caso, “pô, foi uma criatividade”, mas se você for analisar à fundo, não é, porque já existia o que voava e já existia o que andava terrestre, você juntou e fez, o que faz a mesma função. É como tem aquele, tem aquele carro lancha que chama, que tanto anda no mar, como, como ... mas não, não, colocou isso daí. Então, isso aí, eu não vi como uma criatividade, eu posso estar pensando errado, outra pode ter visto como criatividade, mas o cara juntou o que? Uma idéia do barco com uma idéia do automóvel, fez uma dupla função.

E: Então, mas eu quero entender melhor, esta tua idéia da necessidade, como, como o motor da criatividade.

S: Então, eu acho assim, quando você, digamos assim, ó, eu estou interessado em ganhar dinheiro, então, eu vou procurar inventar ou aperfeiçoar uma coisa que eu vejo que é necessidade minha e mais ainda, de alguém, então, encima disso eu vou tentar buscar melhorias, tentar, sabe, aperfeiçoar, sei lá, se você vai chamar de criatividade ou não, esse aperfeiçoamento ... (toca o telefone celular de J. e ele atende)

E: Então, continuando, né, J., a gente estava falando do, de grupos mais criativos, né?

S: Isso.

E: E depois, da estória da necessidade ... essa idéia que você colocou, de que é a necessidade que gera a criatividade, né.

S: Eu acho que muitas vezes, sim, que parte da necessidade.

E: Às vezes, não? Você acha que às vezes, não?

S: Não, porque às vezes acho que pode surgir a criatividade, sem querer você põe uma coisa que o mercado necessitava.

E: Então, essa ...

S: E você pode até às vezes colocar como uma necessidade, que às vezes, nem, pode até não ser uma necessidade que você coloca como uma necessidade.

E: Ahhh, tá, não surgiu como uma necessidade ...

S: Você jogou como uma necessidade que você criou.

E: Ah, tá. Depois você associou, a idéia de necessidade?

S: Isso!

E: Então, ...

S: E eu acho, que ocorre isso daí, tá?

E: Então, espera aí, agora você está falando uma outra idéia que é assim: a criatividade como algo ...

S: Pra suprir necessidades.

E: Pra suprir necessidades ...

S: E às vezes, uma criatividade que vai criar, a criatividade vai criar uma necessidade.

E: Ah, tá. Então, uma criatividade que é gerada pela necessidade e a outra ...

S: O contrário.

E: E a outra que gera necessidade.

S: Isso.

E: Ah! Então, tá, aquela que é gerada pela necessidade, tem a ver às vezes, com, é, questões pessoais, como você falou, sociais, não é?

S: Isso.

E: E a criatividade que gera uma necessidade, como é que seria isso?

S: Digamos assim, um invento, tá? Aí seria um invento mesmo, tá? Você pegar um invento, tipo o caso do avião. Antes você andava sem avião, sem nada, você levava não sei quantos meses, mas ia, de repente você criou o avião, hoje, o cara já acha necessário andar de avião. Eu não vou pra, sei lá, pra Europa de navio, se eu tenho, se eu vou à negocio, eu vou de avião. Então, uma necessidade à nível de tempo. Você criou o avião, coloquei, colocou uma necessidade, tá, criou essa necessidade: eu vou andar de avião porque é mais rápido ... e realmente, tem a ver.

E: Então, essa seria a criatividade original? O invento?

S: É, eu acho que o invento é aquilo como, não existe nada similar, parecido, tá, bem radical, mesmo.

E: Você teria ...

S: Apesar de que não é tão fácil medir isso daí, separar isso daí.

E: Então, é, pensando um pouco por aí, me ocorre te perguntar assim: que exemplos você daria desse tipo de criatividade?

S: Desse exemplo, radical?

E: É.

S: O homem ter ido à lua.

E: O homem ter ido à lua?

S: Isso!

E: A invenção do foguete?

S: Sim, do foguete.

E: Que mais?

S: Você quer ver uma outra? Ah, o computador.

E: A invenção do computador?

S: Porque você vê, ó, antes o pessoal fazia tudo que a gente tem com máquina de datilografar, tá? Foi totalmente pra um negócio eletrônico, tá? Máquina de escrever, depois do computador, que veio a máquina elétrica, já existiam os PCs da vida que era a máquina elétrica.

E: Ah, é? A máquina elétrica veio depois do computador?

S: É. Que antes, é, isso já foi a máquina elétrica, pra não perder o mercado de máquinas criaram a elétrica, só que isso não colou, né, o computador, sim.

E: Mas se a gente considerar que o computador, ele, não sei se a palavra, não sei se a melhor palavra é essa, mas ele, copia alguns processos, de pensamento, de execução, que já existiam ... ele é uma invenção? Ou ele é um aperfeiçoamento?

S: Eu acho, a máquina, a máquina computador, eu acho que é uma invenção, agora, atender necessidades, já é um aperfeiçoamento.

E: Ah, tá.

S: Eu escrevia um texto na máquina de escrever, porém, ficava uma escrita que não tinha opção de diversas escritas, meu computador não, eu tenho possibilidade de quarenta, cinquenta tipos de letras que eu posso mudar, só no apertar de um botão, mas, porém, eu vou ter um objetivo, se o teu objetivo é escrever, um texto somente, não importa com que letra, os dois vão fazer a mesma coisa, porém com um ganho de tempo diferente.

E: Que mais, J., você acha que seria ...

S: Um invento?

E: É ...

S: Ah, o combustível.

E: O combustível que você diz, seria ...

S: Tipo a gasolina.

E: A gasolina?

S: A gasolina.

E: O uso da gasolina?

S: Não, o próprio combustível da gasolina, que faz a queima, a combustão ... que antes você não, fosse pegar, assim, você não tinha um líquido que movia o motor, alguma coisa assim, isso foi um, ... já estes derivados, já acha que aí, já é, alguém copiou a idéia da gasolina e foi pegando os derivados, sabe, assim, a gasolina azul já é aperfeiçoamento da gasolina básica, a aditivada e por aí a fora ... o telégrafo, também, já o

telefone, já, acho que foi um, falam que é invento, mas eu já penso, um pouco de aperfeiçoamento encima do telex, pegou aquela idéia para trabalhar encima, envia um sinal e vai um som também.

E: E você acha que a criatividade é essencial para a vida?

S: Eu acho que sim.

E: Por que?

S: Eu acho que você supre as necessidades, tá? ... Ou você cria as necessidades que vai suprir.

E: Então, a criatividade está associada à vida, não dá para dissociar da vida?

S: Está. Eu acho que está bem associada.

E: Teria alguma vantagem de uma pessoa ser mais criativa, né, do que se ela fosse menos criativa?

S: Olha, depende, porque às vezes, a gente fala assim: aquela pessoa não é criativa ... não é criativa para colocar produtos novos, serviços novos, mas porém ela tem uma habilidade de exercer o que é bom para todo mundo, que faz com que ela ganhe dinheiro com aquilo, porém ela não é criativa e viva até melhor que uma pessoa criativa. Ela não é criativa para colocar serviço, produtos novos para suprir necessidades, porém, ela tem uma excelente cabeça para gerenciar aquilo que ela faz dia à dia, tá, e isso é, sabe? Talvez, ela tenha uma criatividade que ela não perceba, à nível de ter esse domínio, de como fazer as coisas, controlar, gerenciar, porém, não está colocando nada de novo, mas o que existe, ela sabe controlar muito bem.

E: Tá, então, seria um outro tipo de criatividade, uma atividade de ...

S: É, que poderia ser chamada de criatividade, que porém não é vista como criatividade

E: De manutenção ...

S: É, de manusear aquele teu dia à dia. ...Como a gente fala: pô, pessoa sem estudo, estão ganhando dinheiro, não sei como, estão ganhando dinheiro com alguma coisa que montou, sei lá, não sabe nem, falar o português correto, mas, sei lá, eles devem ter uma criatividade, que eles

nem sabem o que é criatividade, que faz com que ele gerencie aquilo muito bem, que é o mesmo segmento de vários, porém ele lucra mais, aí fala: é sorte que ele tem? Não sei, de repente ...

E: Será que tem a ver com aquele tal 'toque pessoal', a tal marca pessoal, que você falava agora pouco?

S: Talvez, sim.

E: Depois de tudo que nós conversamos aqui, se você fosse formular um conceito de criatividade, como é que você colocaria, agora? Criatividade é: ... o que?

S: Eu acho que a criatividade, ela está sempre voltada para atender necessidade e essa necessidade, ou ela já é existente ou você faz da criatividade e cria uma necessidade pra ... e eu acho que ela ocorre em todas as classes, porém, em classes culturais, sei lá, assim, conseguem mostrar melhor isso daí.

E: Então, a criatividade está ligada ao progresso?

S: Com certeza.

E: À mudança.

S: Com certeza, à mudança, que pode até não ser progresso, que a gente pode até achar que é um progresso, porém, é um, sabe, é um, que pode até te destruir depois, não é nem progresso.

E: Tá, tá. Mas é uma mudança?

S: É uma mudança, eu diria que seria uma mudança.

E: Certo, se atende uma necessidade, então, muda? Muda, ou aquela situação ... ou então, gera uma necessidade, então muda a situação?

S: Às vezes, eu vou falar, é uma criatividade para uma classe social e para uma outra nem é aquilo. Mas para aquela classe que julga ser, vai fazer alguma mudança, vai causar alguma mudança.

E: Então, se a criatividade tem a ver com julgamento, é que coisas podem estar ligadas, aí, a, vamos dizer assim, ao status de criar, de algo criativo, de algo ser denominado criativo, né? O que é que está em jogo, o que é que implica, né?

S: Você fala assim, eu queria definir, mostrar é, o que é criativo para uma classe, para outra não é ...

E: É, você falou, assim, depende da classe considerar ...

S: É, eu penso assim, ó: tem muitas classes sociais, tá, até saindo de país de primeiro, de segundo, de terceiro mundo, você pega uma classe de país de primeiro mundo eles têm conhecimento da vida que está vindo ali pela frente, que pega um país de terceiro mundo, ele pensa que, não sabe que, não foi nem inventado, não foi nem criado ainda. Então, quando surgir aquilo ali para ele, aquilo ali: “pô”, vai atender as suas necessidades e, para um outro, aquilo ali já é uma coisa ultrapassada, está até com pouco aperfeiçoamento.

E: Tá, então a criatividade está ligada ao grau de desenvolvimento, à cultura, de um certo seguimento ...

S: Ela colocada em prática.

E: Certo.

S: Por causa que a prática, a criatividade colocada em prática, eu acho que à nível assim, financeiro, culturais, assim, envolve, implica bastante. Você tem condições de fazer um experimento daquilo.

E: Mas só imaginação, também, você acha que é criatividade?

S: Eu acho que uma imaginação, é uma criatividade, porém, às vezes, você não consegue colocar em prática aquilo, por problemas financeiros, sei lá.

E: Então, J., que mais você falaria pra mim ... te surgir, sei lá, você lembrou de alguma coisa ...

S: Eu ter me lembrado ... Olha, até o momento, assim, ...

E: Então, eu estava achando que, né, talvez, a gente comece a repetir, né, a conversa ...

S: Ahhh, mas isso é, eu acho que isso é normal, de repente você vai, você volta mas, volta a explorar lá na frente, mas já pega uma outra linha, mas pega uma outra ramificação ...

E: Eu não sei, o que é que você acha, paramos por aqui ...

S: Você quem sabe, tá, eu não sei, eu gosto de falar ...

E: Então, por isso que eu te perguntei, às vezes te ocorre alguma coisa, que, sei lá, que não pintou aqui, eu te perguntar ... Você tem alguma coisa curiosa, diferente da tua experiência, para falar de criatividade?

S: Como assim?

E: Um acontecimento, sei lá, uma passagem, diferente, curiosa ...

S: Sei lá, olha, eu tenho assim, uma curiosidade que é essa tele-viagem: eu estou aqui e agora quero estar lá no Japão. Eu não, eu não trabalho encima, eu não penso em criar isso daí, como vai ser, mas eu espero estar vivo pra poder, sabe, ...

E: Como assim, esta tele-viagem?

S: É que hoje, é muito, assim, estudado aí fora, nos Estados Unidos, esse negócio da tele-viagem ...

E: Ahhh, tá, da possibilidade de você ...

S: É, eu estou aqui, nesse momento, eu me desloco eu vou lá para o Japão, eu acho que, o pessoal fala que é meio impossível, eu não acho que é impossível, eu acho que a cabeça do ser humano tem potencial para coisas que a gente sabe que é impossível, mas não é, impossível.

E: Você acredita em quê, assim ...

S: Eu acho que o ser humano, tem potencial para isso, para criar algo que faça, que leve o meu corpo num determinado lugar que eu queira, num nível de segundos, assim ...

E: Que supere, o transporte aéreo ... E, você acredita que isso seria criado, com que bases, né?

S: Então, eu acho que isso aí, já seria uma criação, à nível assim, até de curiosidade, também, ou você já pode ver, à nível de, sabe, de comercio, sei lá, visando ganho, dinheiro mesmo ... e outro, sei lá, para fazer com prazer, também.

E: Então, você acha que em termos sociais, o que mais move a criatividade, é o interesse financeiro? Em termos sociais?

S: Olha, em termos sociais, eu acho que, não todos, mas na maioria eu acho que sim.

E: Em termos pessoais, seria o prazer?

S: Sim.

E: A satisfação de, de aperfeiçoar, de desenvolver alguma coisa nova?

S: Sim.

E: Então, a criatividade teria motivações, essas necessidades gerariam, motivos ...

S: Eu acho que a criatividade ela pode ser, tanto assim, do interesse financeiro, sabe, do emotivo, sabe, da curiosidade ...

E: Menos essa coisa original, né, que parece que vem assim, como algo, inesperado, inusitado, não vem de algum, ...

S: Sim, essa coisa que é espon, surge, de uma hora para outra.

E: Espontânea, que você fala?

S: É.

E: E isso seria motivado, provocado, por que?

S: Olha, esse que brota de uma hora para outra, assim, esse, eu não saberia te explicar. Porque às vezes, sem querer, sei lá, pinta aquela luz, aquele negócio. Eu acho que isso aí, vem até, sabe, do ser humano mesmo, uma coisa espontânea que surgiu de uma hora para outra.

E: Então, vem da espontaneidade do ser humano?

S: Isso.

E: De alguma qualidade do ser humano ...

S: Seria da natureza, mesmo.

E: Da natureza do ser humano, ahhh ... Então, a gente poderia até aproveitar estas palavras para dizer assim, que para você tem a criatividade aperfeiçoada, pensada, trabalhada ...

S: Isso. A outra, espontânea, da natureza.

E: Certo, ... da natureza ...

S: É do ser humano, ter esse ...

E: Certo ...

S: Seria dom, né, mas, ter esse ... ter essa coisa, de uma hora para outra, bate aquela luz, espontaneamente ...

E: Não seria um dom, você diz?

S: É, não seria um dom, seria da natureza, mesmo.

E: Um potencial?

S: Mas da natureza.

E: Tá, da natureza do ser humano?

S: Eu acho que num, eu acho que todo ser humano é criativo. Então, para uma classe que ele atua, para aquela classe, é criativo, para uma outra não é, mas para aquela ...

E: E você já teve experiência com este tipo de criatividade, J.? De repente, surgiu uma coisa do nada, espontânea ... completamente diferente ...

S: Olha, assim, já tenho uma coisa, de eu querer inventar um documento, assim, mas é o que eu falo, pra mim foi feito e para aquele cliente e tudo, mas de repente, eu chego amanhã numa empresa e vejo uma coisa de três anos atrás, que eu criei no passado, então, até aquele momento, ali, pra mim foi uma criação, para o meu cliente foi uma criação, porém para o outro, ele pode até julgar que aquilo é uma cópia, achar que você viu em algum lugar e copiou aí.

E: Ok, acho que é isso, então, né?

S: Você quem sabe!

E: Então, está jóia, obrigada!

ANEXO B

ELEIÇÃO DE INDICADORES PARA ANÁLISE INTERPRETATIVA ATRAVÉS DA SELEÇÃO DE PASSAGENS DAS ENTREVISTAS

I. DA ENTREVISTA COM O ARQUITETO (ROGÉRIO) OU UMA VISÃO QUE DERIVA DO DESENHO DE OBSERVAÇÃO:

O Entrevistado que é arquiteto e professor de desenho, apresenta em seu relato, desde o próprio conceito dado para criatividade, até a menção de exemplos, uma crítica bastante apurada, própria e necessária para a prática do desenho de observação. E, não deixa de mencioná-la (a crítica), relacionando-a à criatividade. Neste sentido, eu poderia considerar que o seu “estilo” ou modo próprio de ser e ser criativo, passa pelo crivo da observação apurada ou crítica no modo de viver e de considerar os fatos e de interpretar as ações humanas.

O CONCEITO DADO:

“... a criatividade é você saber, a partir dos dados que estão na mesa de todo mundo, claro que você deve buscar quantos mais dados possível, tá certo, porque isso significa também, aprender, avançar, mas trabalhar esses dados e tirar muito mais proveito muitas vezes desses dados, do que outros tiram. (...) Acho que a criatividade está ligada à essa idéia, quer dizer, à idéia de você saber com os meios que você dispõe, conseguir os resultados melhores (...) criatividade ... está na sociedade e está no indivíduo (...) eu acho que cada situação cultural, social, tal, ela é mais ou menos propícia, né, pra que essa criatividade desabroche (...) mas o que eu quero dizer é que a criatividade não está

obrigatoriamente ligada aos meios que você dispõe, está ligada a uma atitude, então, uma atitude individual e coletiva, não é, no sentido de pessoas que sempre conseguem dar um passo além, elas têm os cinco elementos e conseguem criar o sexto. (...) é você saber, com os recursos que você tem, conseguir o máximo de proveito e não imaginar porque você tem poucos recursos ou não tem todos os recursos, significa que você seja menos criativo ... a criatividade não é a, a mola, o, a salvação da lavoura eterna, acho que é uma postura, só”.

ELEMENTOS RELACIONADOS À CRIATIVIDADE:

CRIATIVIDADE É AÇÃO E ESTÁ LIGADA À PRAZER:

“... não existe criatividade passiva (...) ninguém pode ser criativo sem prazer, você tem que ter prazer naquilo que está fazendo, por isso você inventa, você aprofunda, você gasta sua cabeça ali, té certo? (...) a criatividade está ligada à ação, se você não tem ação, você não tem resultado dessa ação, que poderia ser uma postura mais criativa, um desenvolvimento, algum tipo, então, essas duas coisas estão sempre ligadas, quer dizer, fazer com prazer, mas fazer”.

AS MULHERES SÃO MAIS CRIATIVAS QUE OS HOMENS:

“Geralmente ... as mulheres são, têm uma postura mais aberta ... acho que isso é uma coisa da sociedade, mesmo ... porque o homem é o lado esquerdo da sociedade, né, cabeça lógica, racional, não pode chorar, também não pode se dar o luxo de bobagens como desenhar, dançar ... as mulheres, são mais, se permitem mais (...) os homens ficam tentando, permanecer à tona ... a cabeça dele continua ainda sintonizada naquela idéia de chefe de família, que é uma postura não criativa, né, porque aí,

é, é, a manutenção do status quo, do sistema anterior ... ele não se propôs a fazer nenhuma revolução, fizeram (risos)”.

NÃO EXISTEM GRUPOS PROFISSIONAIS MAIS CRIATIVOS:

“Acho que os artistas não são mais criativos que os médicos, mas os artistas, existem grupos com, ...que valorizam mais a criatividade, ... a atividade por exemplo do arquiteto ... eles valorizam, conversam, enfocam muito ... pessoal de publicidade pôr exemplo, faz questão de enfatizar, de valorizar o lado criativo, etc., talvez, os médicos, pôr exemplo, isso é uma crítica aos médicos, têm um pouco daquela noção de que os conhecimentos técnicos, quando na verdade, precisa ser criativo para desenvolver os conhecimentos técnicos ... são grupos profissionais que não falam muito sobre aquilo, como se isso fosse uma questão que não permeasse o trabalho deles, o que não é verdade. Médico tem que ser criativo, o bom médico tem que ser, o bom médico é criativo, o bom advogado é criativo, o bom economista é criativo, o bom político é criativo, tá certo? ... porque o criativo o que é que é? É o cara que faz avançar, de novo aquela idéia de, é o que projeta, que avança, que faz as pessoas avançarem juntas”.

A FUNÇÃO DA CRIATIVIDADE É GERAR MUDANÇAS:

“Criatividade só tem uma função, gerar mudanças. (...) é avançar ou individualmente ou coletivamente ... a criatividade é parte fundamental desses mecanismos de mudança, não é, quer dizer, sem, a, o esforço físico, sem o esforço intelectual, sem gastar dinheiro, tempo, sem se preparar, sem, né, você também não vai fazer as coisas avançarem mais, tem que fazer isso com muita criatividade ... esses avanços não estão, não são feitos só a partir de mecanismos lógicos, né, mas de

mecanismos intuitivos ... que são importantíssimos (...) tenho a impressão que (a criatividade tem relação) com a construção do próprio indivíduo, né, da individualidade, da sua personalidade, em todos os sentidos, eu acho, né, eu acho que a criatividade permeia, né, ela faz bem melhor o mundo, faz se relacionar melhor com as coisas (...) estar bem com a vida significa também ter que ter uma postura positiva, né, e criativa, né?”.

A CRIATIVIDADE DERIVA DA CRÍTICA:

“... eu colabora com as pessoas para que elas enxerguem, no mínimo, a realidade física que tem em volta delas (...) posso colaborar no sentido de que as pessoas possam ver aquilo (referindo uma exposição do MASP – Museu de Arte de São Paulo) de uma maneira mais crítica, né, e ... de maneira mais criativa também, né, olha, vê, critica, analisa, vê como é que você poderia refazer, como é que aquilo poderia também de repente ser utilizado em parte em alguma coisa que você está fazendo (...) enxergar significa uma postura crítica (...) enxergar é você se aprofundar naquilo que você vê, né? Ver é um ato físico, só (...) a criatividade e a crítica estão muito ligadas, né, você só faz críticas das coisas, no sentido positivo delas, para ver como é que elas poderiam deixar de ser para ser de uma outra maneira. O sentido da crítica é esse, né? E você faz a crítica pra se apropriar daquele, daquele objeto criticado e tranfor ... e re, retrabalhar, quer dizer, se apropriar dele, digerir e devolver de outra maneira, então, a postura crítica está ligada à postura criativa, tem, são coisas interligadas.

A INTUIÇÃO E A NOÇÃO DE EQUILÍBRIO NA CRIATIVIDADE:

“Posso pensar, pensar, logicamente, durante muito tempo, mas a

hora de fazer o projeto, é uma, quase que uma faísca instantânea ... “É esse o caminho!” Eu não sei porque que é, aquele, é o caminho, mas é o caminho e depois eu vou analisando aquele caminho, aquela idéia e tal e vou vendo que aquela idéia realmente (pausa) ... portanto o processo criativo não está ligado à lógicas exclusivamente, quer dizer, você tem que ter a quantidade de informações ... então, você saber, trabalhar esses elementos ... criar condições para que eles, de repente, para que todo esse monte de informações e necessidades e situações, de repente, aflore num objeto ... criativo, ele é criativo porque isso não vem de um processo lógico, dedutivo: esse tal que tem que ser assim, tal, tal, tal, portanto assim. (...) como dizia o, o livro do, eu preciso achar esse livro porque, daqui uns dias eu vou aparecer na televisão ... vou falar exatamente desse negócio, criatividade, desenho e tal ... é muito interessante, é uma fábula, né, em que ele, “o homem visconde, partido ao meio” – é o nome ... numa batalha da idade média o sujeito foi partido por uma espadada ao meio ... ficou dividido em dois, então, uma hora ele é profundamente amável, maravilhoso, tal, outra hora ele é um horror ... ele é o lado direito e o lado esquerdo do cérebro, separado ... não sei como seria um sujeito absolutamente racional, só pensa logicamente, (risos), só tem a metade do corpo dele, quer dizer, é a própria idéia do desequilíbrio, só anda com uma perna e um braço, assim, impossível, um braço e uma perna, dois braços e duas pernas significam equilíbrio, equilíbrio do lado esquerdo e lado direito de você ... a noção de equilíbrio é essencial (...) avanços não estão, não são feitos só a partir de mecanismos lógicos, né, mas de mecanismos intuitivos ... importantíssimos dentro da gente, né? Que são aqueles mecanismos que me fazem dar um salto, o “eureka”, o, a descoberta, o avanço instantâneo e tal, e que é importante, porque pode até ser controlado, analisado, estudado, esmiuçado pelo, pelo teu lado lógico, racional e tal, mas você não chega pelo teu lado lógico, racional. Então, é isso, quer dizer, uma coisa de um equilíbrio entre esses dois lados (...) tem uma coisa ligada a essa coisa da intuição que a gente estava falando ... intuição é um conhecimento funda..., ... intuição é uma

forma de conhecimento instantâneo (...) intuição é um conhecimento que não é ligado à sensibilidade, é ligado, na verdade a todos estes processos (...) é um conhecimento instantâneo e que muitas vezes, a gente desacredita nele, né, vai ver você usa o dia inteiro, pra gostar ou desgostar das pessoas, bom, vai pôr aí, sentir que não é pôr aqui, que é pôr ali ...de qualquer maneira estava guardado o conhecimento ... que aflora de maneira não racional”.

II. DA ENTREVISTA COM A ARTISTA PLÁSTICA (INÊS) OU UMA VISÃO QUE DERIVA DO REALISMO:

A entrevistada é artista plástica e dá aulas de Aquarela – técnica de pintura em papel, com o uso da água que veicula os pigmentos de tinta. Seu relato bastante realista, considera com severidade tudo que é considerado criativo. Ela ressalta que a criatividade genuína é específica e rara.

O CONCEITO DADO:

“ ... quando você se emociona, a tua criatividade aflora, facilita a criatividade, então, o silêncio às vezes, facilita, fazer uso da criatividade, é, a música, você se deixar levar pela música, talvez a música não deixe naquela hora, exprimir, né, você se expressar, mas vai fazendo um trabalho com você ... vai fazendo aquela coisa que depois você vai ... a gente não se dá tempo para fazer uso dela (criatividade) ... acho que a criatividade está, está aí, sei lá, um arranjo de flor, alguma coisa que você faça, aí você dá um toque ... aí, isso daí é teu, é o seu toque, você está criando ou recriando em cima daquilo ... eu gosto da pintura ... às vezes saem coisas interessantes ... outras vezes, não saem ... talvez tenham pessoas que num simples gesto sai alguma coisa, então, eu falo: mas é vocação ou é persistência ou é estudo, horas de trabalho que você dedica àquilo ... porque se você se dedica muito, as coisas podem surgir até do desespero ... tem muitas pessoas na área de Artes Plásticas ... eles criaram uma receita, que o que eles fazem é bom, que eles passam a fazer uso daquilo ... conhecidos na mídia e tudo o que ele fizer, é bom ... eles têm que pintar alguma coisa ... comercial, ou que choca, porque é importante que falem de mim ... tudo um equívoco, é máscara ... chamar a atenção do público, que é o primordial do artista ... o próprio Van Gogh só fazia estudos e o irmão falava: Por que você só faz estudos, faça

uma coisa sua ... os estudos ele estava copiando os mestres superiores a ele ... depois ele criou uma maneira de trabalhar ... ele foi indo pra o gestual dele que é todo de tracinho, tudo compridinho, que é uma característica dele ... ele achou aquilo de uma maneira, no fazer, que a gente não sabe. (...) a criatividade abrange um leque muito grande ... A criatividade pra mim nunca é genuína. É claro que ela pode por uma emoção encima de uma pintura ... a pessoa elabora o seu trabalho, ela se encanta, ela joga toda a sua poesia, mas aquilo está baseado encima de alguma coisa e essa alguma coisa, geralmente é isso, no mínimo ... é uma lembrança, de algo que já existe ... Sem memória, eu não sei se certas posturas se pode dizer que são criatividade ... Postura, o ato de você recriar ... você está criando entre aspas, alguma coisa que já existe, é uma postura sua ... Bem, o imprevisto ... só se tivesse com os olhos vendados ... porque se você trabalhar com uma mancha, você molha o papel, prepara a sua tinta de aquarela, no caso, e, trabalha com uma mancha, na hora que você for procurar cor, o teu olho foi procurar uma cor que você tem afinidade ... teu gestual está trabalhando junto com a água, que a água também leva, você tem metade do seu potencial jogado lá, a outra metade, é o imprevisto, porque a água não deixa você mandar muito nela, conforme a quantidade de água que você coloca ... um pouco de responsabilidade é o que acontece no momento, porque a água está levando, é muito poético ... a água levou o meu pigmento ou a água continuou o meu traço ... então, metade é o teu gesto, outra metade é o imprevisto ... E o teu gesto ... sabe como o teu gesto é ditado, como o nosso gesto é ditado? Pela cultura que a gente tem ... você não nasceu com ela, você foi adquirindo ao longo dos anos, então, conforme a educação que você recebeu ou a tua postura de vida, porque às vezes a educação não é nem do berço, é uma vontade própria, né, que a gente vai adquirindo através dos livros e através do convívio que você tem com as pessoas, né, então, você vai adquirindo uma cultura, tudo ... que a gente não se dá conta, mas é da nossa maneira de viver ... uma pessoa do campo ... tem uma maneira de se colocar ... tem um gesto peculiar, pelo

costume dele ... as pessoas ... sem perceber ... pela necessidade, se colocam atrás de uma máscara, que são gestos medidos, você vê isso ... no teu cotidiano, ela tem postura falsa ... Então, muitas coisas que a gente faz, a gente usa, não sei se se encaixa a palavra criatividade ... você começa criando o seu gestual, você cria, cria entre aspas, porque aquilo também é um maneirismo ... você está colocando um sinal, a água levou o teu sinal, então a água está criando um imprevisto ... O gesto seria o seu trabalho espontâneo, é o seu ato espontâneo ... vamos dizer, o seu genuíno ... Do gesto, pode vir o imprevisto, através do elemento água. Porque se você coloca vamos dizer, uma pincelada à óleo, você tem o seu gesto e acaba. Você tem que trabalhar outra vez, para que o seu gesto continue, porque se não ... estagnou ... se a pessoa está elaborando algo inusitado, é muito, a somatória da vivência ... se a gente for lá pra trás ... (a invenção da cadeira) surgiu de uma necessidade ... pode ser uma criatividade genuína, pela força da necessidade ... inventa o tronquinho, o banquinho, que é aquele pedaço de lenha, de madeira, e dali no passar dos anos, porque cada um só inventou um pouquinho ... a criatividade, ela vem de lembranças ... A criatividade é uma somatória ... de lembranças, conscientes e inconscientes ... tudo o que a gente recria é uma somatória ... é uma somatória da vivência do indivíduo e uma somatória dos indivíduos ... cultura ... pessoal e aquela ... a tradição ... você viu como a criatividade ... vamos dizer ... ela tem pouco peso ... ela não tem um trono pra sentar, ela é ... necessária, tá, ... porque ela dá continuidade à vida, mas ela é apenas, uma ferramenta de trabalho ... você vai dizer: eu criei, ... Você adaptou o que já existia, né, então, a palavra criatividade, você não precisa ter muito medo dela ... Ela é tão importante como é importante o alimento ... eu acho que a criatividade é nobre, mas ... não precisa enaltecer tanto, é uma peça num encaixe, de um jogo, né? Ela é uma peça.”

ELEMENTOS RELACIONADOS À CRIATIVIDADE:

A APROPRIAÇÃO DO TEMPO:

“... eu não gosto de levantar cedo ... Eu posso levantar cedo e eu vou ficar zanzando, até esquentar os motores, pra depois eu começar a trabalhar. Tanto é que, as minhas coisas eu vou pintando, da tarde para a noite ... Eu acho que não é nem pelo biorritmo ... acho que é mais pelo, ... porque durante o dia representa o trabalho da casa e conforme vai terminando o dia, o tempo vai ficando meu ... E quando o tempo vai ficando meu, eu vou podendo usar este tempo de uma maneira mais gostosa. Aí, eu vou para o ateliê e quando eu vou eu me entrego (...) a gente não tem tempo ou não faz o tempo, pra gente fazer uso do potencial, da cabeça da gente (...) a gente não se dá tempo pra fazer uso dela (criatividade) ... eu acho que ela está à nossa volta e a gente não sabe fazer uso dela, porque a gente não se motiva (...) imagina se você pudesse ficar fazendo só aquilo que gosta ... não pode, né, não pode ... até esta conversa que a gente está tendo, está ótima ... porque eu estou podendo conversar com você, eu estou sendo eu mesma, sabe? Eu estou sendo eu, eu não eu não sei se eu falasse com você há dez anos atrás, se teria condições, tá? Eu acho que eu estaria sentindo a mesma coisa, mas por falta de elaboração, até, de trabalhar, eu não ia conseguir me expressar, tá? Porque é uma dificuldade que a gente tem ... (o tempo) Que facilita, aliás, esta palavra veio muito espontânea e até me assombrei, porque ela se encaixou direitinho ... ela te proporciona, ela te facilita mesmo, não é que o tempo, o seu tempo, né, o tempo verdadeiro, nosso, mesmo, ... é mais uma, um complemento, uma peça no seu jogo de encaixe, tá. Se você não tem tempo, dizem que a gente tem o ateliê na cabeça ... mas você precisa de um tempo, ainda que seja para pensar. E você não consegue pensar ... estando com outras coisas. Posso por exemplo, trabalhar com uma coisa mecânica e ao mesmo tempo pensar. Você pode, só que não é puro, não é teu. Você dividiu, você se dividiu ...

“você está dividida, não foi o seu tempo. Então, o tempo da gente, é o tempo que a gente se dedica a si mesma a se elaborar e aí, a criatividade é a palavra que você usa pra mais uma peça de encaixe, podem surgir coisas ... ressurgir”.

III. DA ENTREVISTA COM O PSICÓLOGO (REINALDO) OU UMA VISÃO QUE DERIVA DO HUMANISMO:

O Entrevistado é psicoterapeuta e atua também na área de ensino e pesquisa e do treinamento em empresas. Apresenta em seu relato uma visão de desenvolvimento humano que permeia o próprio conceito de criatividade, assim como fatos e situações a ela relacionados. Sua ótica humanista, ressalta o crescimento do ser humano num contínuo e crescente processo.

O CONCEITO DADO:

“... a criatividade eu considero como uma força motriz primordial do ser humano ... da existência humana, ... a utilização do potencial criativo ... eu consideraria até como um elemento de sobrevivência e, de, possibilitadora do crescimento ... a criatividade, no sentido mais cognitivo, mais imaginativo do termo, quanto a criatividade no sentido mais, até biológico, né, ela é fundamental, para que a gente possa estar mantendo, né, na relação com a vida, um parâmetro saudável. (...) a criatividade é um instrumento pra possibilitar as adaptações, ela, ela é muito mais do que isso ... ela é o principal recurso necessário, né, para que o indivíduo seja capaz de se adaptar ao adverso ... A gente está sempre sendo solicitado a se adaptar às coisas que estão acontecendo a nossa volta ... a principal força que a gente tem que evocar pra que haja efetivamente adaptação, é a criatividade ... você pode ter acomodações e conformismos ... esses dois são absolutamente não criativos ... na adaptação você tem a criatividade como elemento que gerou a possibilidade de você superar aquele obstáculo sem sofrimento e muito provavelmente com aprendizado e com crescimento ... a gente tem tudo isso ... são os instrumentos adaptativos ... são os instrumentos que são evocados ... eu diria que a criatividade é o maestro, tá, que rege esta orquestra, tá, se cada um desses recursos, hã, funcionar isoladamente, né,

... muito provavelmente eles não vão ajudar esse indivíduo a superar o problema, tá, a criatividade ela chega aí, né, e rege a orquestra, afina tudo, faz o violino entrar na hora certa (...) dentro dos recursos naturais, eu vou tentar apertar o piloto automático, mas eu não resolvo ... você vai ter que achar uma alternativa ... ela (criatividade) não é uma alternativa, mas ela gera estes recursos, na verdade, ela, ela possibilita você achar uma alternativa para uma coisa que está te ameaçando e que você não, nas suas condições normais não tem como enfrentar ... porque os recursos normais que eu tenho não foram suficientes, não são suficientes pra enfrentar o desafio ou a ameaça ou o problema, né, que está aparecendo ali ... a gente tem um repertório que já é suficiente pra gente se virar, em noventa por cento das situações que o nosso dia a dia nos impõe, tá, mas tem dez por cento que são coisas novas, que é o inusitado, é o inesperado, tá, ué, até aquilo que eu vou buscar de novo até pra tornar a minha vida mais colorida ... falar que a criatividade daria uma alternativa é, não é correto, ela é o elemento que entra pra que eu busque esta alternativa, frente ao adverso, né, sabe, e, ela pode aparecer em outros sentidos como uma maneira de expressar meu próprio ser ... por exemplo ... um pintor ... ele está expressando alguma coisa, não necessariamente a partir de uma situação adversa ... não buscando uma adaptação ... está externalizando uma coisa de uma outra forma ... se não me engano é o Michelangelo, que falava que ele não esculpia, simplesmente ele tirava a pedra que existia em torno da imagem que ele enxergava, né. Essa imagem estava criada na cabeça dele ... você tem uma força criadora aí, ... mas esta força criadora não está sendo mobilizada por uma situação adversa ... mas sim, por uma outra necessidade.”

ELEMENTOS RELACIONADOS À CRIATIVIDADE:

A RELAÇÃO CRIATIVIDADE E NECESSIDADE OU DESEJO:

“O desejo é uma coisa que também precisa muito da criatividade, como companheira, né, se ele não tem a criatividade como companheira, ele simplesmente não se realiza ... pode até ser que com a criatividade ele não consiga se realizar, mas sem ela com certeza não vai ser possível ... a alma humana ... é inquieta por natureza ... essa necessidade de ver o que tem, fora da caverna, o que tem atrás da montanha, o que tem no fundo do mar, o que tem na lua, explicar as coisas, de entender as coisas, de experimentar as coisas, quer dizer, isso, desde que você começa a ter vestígios ... do movimento humano no mundo, né, essa inquietação, essa necessidade, ela aparece, né, e junto com ela a criatividade, quer dizer, como a gente foi ao longo do tempo, desenvolvendo as coisas pra que essa inquietação, pra que esse desejo pudesse ser satisfeito, né, desde o desejo básico e de uma necessidade básica, como comer, né, nós acabamos criando, lanças, tacapes, machados e tal, né, ... numa época mais primitiva ... a maior parte do tempo a gente era presa e não caçador ... a capacidade de criar objetos, instrumentos, utensílios e tal, e de transformar as coisa, né, é o que nos deu uma supremacia sobre o ambiente hostil, né, pra busca da solução de uma necessidade, tá, e de uma forma mais sofisticada, ela começa aparecer como a busca da realização dos desejos”.

O POTENCIAL DA CRIATIVIDADE E A SUA MANIFESTAÇÃO AO LONGO DA VIDA:

“A criatividade enquanto uma energia potencial do indivíduo, ela é igual pra todo mundo, tá, porque ela vai ser mais ou menos estimulada, de acordo com aquilo que é apresentado para o indivíduo ao longo da

vida e de acordo com aquilo que ele é, hã, afetivamente ... tem uma história interessante do Portinari ... quando ele era menino, ele era engraxate, lá em Brodósque ... ele pintava nas paredes ... da casa que ele morava ... com a graxa de sapato ... a mãe dele o reprimia muito, batia muito, né, e um, comerciante, um senhor eu que tinha um armazém ali, tal, achou que ele pintava muito bem e começou providenciar papel e lápis pra ele ... ou seja, se fosse pela mãe, provavelmente o Portinari seria outra coisa ... enquanto energia potencial, tá aí, né, pra ser acessada a qualquer momento. Eu não acredito como muitos, é, cientistas do Desenvolvimento, ainda preconizam, né, que o ser humano tem um processo de desenvolvimento em forma de um ‘U’ invertido, né, que você tem um crescimento, um apogeu e depois uma decadência, eu não acredito nisso. Eu acredito que o potencial humano, ele vai ter, né, uma, uma perspectiva de desenvolvimento sempre crescente e dinâmica ... a Cora Coralina, acho que é um bom exemplo desse ... descobriu o potencial poético ... depois dos sessenta, se eu não me engano ... muitos dos idosos ... estão condicionados a se considerar, né, não mais ‘entes criativos’, sabe, quer dizer, ‘eu já fiz o que eu tinha que fazer, daqui pra frente eu estou no lucro’, né, sabe, então, ‘eu não sou mais capaz mais, de ter diversões novas, de ter interesses novos, de aprender, ensinar’, hã, enfim, a cultura da gente meio que reforça isso mesmo, né, aquela idéia do ‘U’ invertido, ela é vendida pra gente, até que a gente passa a acreditar nela e a defendê-la ... o potencial que está aí, presente, ela não é nem maior, nem menor pra ninguém, mas aí, sim, o meio, as condições em que o indivíduo vai estar inserido, vão estar sendo mais ou menos estimuladores ... eu acho que potencialmente todo mundo tem, né, uma energia criativa, se ela é maior ou menor nesse ou naquele indivíduo, eu não sei dizer, agora, o que eu sei dizer, é o seguinte, com certeza pela minha prática clínica e pela minha prática como educador ... se você estimula o indivíduo, se você dá pra ele recursos, tá, isso flui muito mais facilmente ... e muitas vezes, você pode até reprimir isso e impedir que estas manifestações aconteçam”.

A CRIATIVIDADE ESTÁ RELACIONADA AO HEMISFÉRIO CEREBRAL DIREITO:

“ A criatividade a gente sabe hoje, dentro da visão psicológica mais atual, que ela é uma atividade mais pertencente ao hemisfério direito do que ao hemisfério esquerdo do cérebro ... tem pessoas uma capacidade por motivos ainda não sabidos, né, de utilizar mais o hemisfério direito do que outras, tá, quer dizer, isso não é só estimulação. A gente vive num meio que estimula muito mais potenciais do hemisfério esquerdo, do que do hemisfério direito, tá, mas você tem, talvez aquilo que possa ser chamado de Dom, tá, que se manifesta mais em algumas pessoas e menos em outras, independente talvez até, da questão do estímulo, tá. Mesmo psicologicamente falando, talvez isso possa estar associada a essa questão da simetria funcional, né, e desses dois cérebros, né, como a gente fala, né, hã, funcionarem de uma forma diferente, numa assimetria diferente, tá, tanto é que hoje, você vê muitos trabalhos onde o pessoal desenvolve, né, treino para o hemisfério direito ... essa área a mais subjetiva, mais artística, mais de imagens mentais e tal, ela hoje, a gente sabe que ela pertence ao hemisfério direito ... de repente a gente se dá conta que tem uma criatividade, que jamais ela imaginou que teria”.

A GENERALIDADE E A ESPECIFICIDADE DA CRIATIVIDADE:

(o Dom seria) “Eu acho que são potenciais, né, que a nossa configuração, né, bio-psico-socio-espiritual ... nos dá ... o ser humano é igual e diferente a todos os outros ... é um paradoxo ... somos é, singulares e somos genéricos ao mesmo tempo, né, e isso faz com que a natureza humana tenha essa coisa tão rica e tão bonita, né, então, assim, naquilo que é genérico, então, você me fala assim: a criatividade genericamente falando, é inerente a todo ser humano? Sim, a todo ser

humano. Agora, como cada um é diferente um do outro, embora seja igual, ... você pode ter a criatividade, você pode ter um dom e a criatividade vazando determinados segmentos ... às vezes você pega uma pessoa que é absolutamente, hã, genial ... em atividades manuais ... mas ... que posta numa outra situação, ela é um zero à esquerda ... pra fazer uma conta, ela é horrível, enquanto que você tem uma outra pessoa que é absolutamente fantástica, faz raiz cúbica de cabeça ... e é incapaz de, sabe, de segurar um copo de guaraná e não derramar ... O primeiro é mais criativo que o segundo, o segundo é mais criativo que o primeiro, as coisas vazaram cada um pro seu lado ... os geneticistas vão falar que é a composição genética de um, é mais, né, sei lá, o cromossomo quarenta e cinco ... os filósofos vão falar outra coisa, os psicólogos vão falar outra coisa, os sociólogos vão falar outra coisa, os espíritas vão falar outra, enfim ... a natureza humana é assim, coletiva e singular ao mesmo tempo”.

O AFETO DETERMINA A MANIFESTAÇÃO CRIATIVA:

“... uma coisa especial que eu não falei ... que é fundamental em tudo isso ... é o afeto ... sem afetividade, sem uma carga afetiva ... eu acho muito difícil que haja, a expressão criativa ... ou falar de criatividade como uma energia, superior aí, tá, eu te diria que acima da criatividade, tá, como uma energia inclusive determinante da manifestação dela está o afeto ... talvez seja uma das energias mais poderosas, de manutenção da vida ... se a gente puder estabelecer cartesianamente uma hierarquia aqui de coisas tão subjetivas ... eu te diria isto ... energia de vida, é uma força de múltiplos vetores, né, claro, a energia psíquica, ela é um vetor ... eu acho que você tem vários vetores, né, que determinam a manifestação da vida ... desde o componente biológico ... até aquilo que a gente chama ‘alma’ ... (a criatividade é) uma força de vida, uma energia de vida ... eu diria até um pouco

diferente, ela é uma energia, pra vida ... ela é um possibilitador importante, pra vida com sentido, pra vida com qualidade, né, não pra subsistência, mas pra vida com ‘V’ maiúsculo ... com prazer, com crescimento, com aprendizado ... Não se cria nada, se não se faz ... quando eu me vejo tolhido, tendo que fazer coisas automáticas, normais, padronizadas ... isso me faz ... meio que adoecer”.

IV. DA ENTREVISTA COM A PEDAGOGA (JOANA) OU UMA VISÃO QUE DERIVA DO RELACIONAMENTO COM CRIANÇAS:

A Entrevistada é Pedagoga que trabalha como professora alfabetizadora e orientadora pedagógica das áreas de português e matemática, de uma escola particular. Seu relato traz a sua experiência do relacionamento com crianças pré-escolares.

O CONCEITO DADO:

“... a criatividade, ela é uma coisa nata (...) que vem quando tem três, quatro anos ... aflora ... depende de você incentivar essa criatividade, né, desenvolver ... ajudar a criança desenvolver, porque tem criança que ela é muito tímida ... que ela não sabe expressar (...) até três anos, a criança, ela não tem ainda, a forma de expressão, do, correta, de, ela quer falar pra gente, mas você muitas vezes, não entende, né? Ela não tem assim, a linguagem, ainda, né, totalmente formada, os conceitos não estão totalmente formados, então, quando passa da fase de três para quatro anos, então começa a fase de tudo, começa aquela fase oral bem desenvolvida, a fase do toque, tudo começa, quando está saindo dos três anos, tanto que você vê, quando ela já sai da fase da garatuja, que são só rabiscos, tudo pra ela é um rabisco ... quando ela tem três anos, se você perguntar, ela não tem uma noção ainda do que ela fez. Às vezes, você fala: “olha que lindo, o que você fez?” Aí ela fala. Daí uma hora, você pergunta pra ela, ela repete outra coisa, ela não tem, agora uma criança de quatro anos, não, você pergunta, dali a uma hora você já faz essa pergunta de novo, então ela fala de novo. Então, eu acho assim, que, nessa fase, ela está aflorando, porque a criança, ela já sa ..., porque ela começa, ela desenvolve, ela está muito desenvolvida a parte, oral, já está bem desenvolvida, onde ela tem mais, facilidade de expressão, pra mostrar a criatividade, sendo que com três anos ainda não. (...) dentro da

sala de aula ... você passa um tema ... tem criança que simplesmente pega aquele modelo, hã, uma coisa que ele viu e, ele faz igual e têm crianças, ele pega aquele mesmo material e ele cria, um quadro, ele cria um mundo e ele conta ... o que ele criou ... a criança que ela é criativa ... ela pensa, muito, ela raciocina, ela tem vontade de criar, nasce, vai nascendo coisas da criança e têm crianças que já pega coisa pronta, ela pensa numa coisa que ela viu, então, ela não vai criar uma coisa dela (...) Têm professores que o que eles querem é um modelo. É uma árvore? É um tronquinho marrom, com uma, sabe? ... a criança, é, nem sempre uma árvore que é verde pra você, pra ela é verde. Ela usa a criatividade dela ...nem sempre a nuvem dela vai ser azul ou o sol dela vai ser amarelo, entendeu? Naquele momento as cores pra criança ... outro dia, um menininho pintou o sol de preto ... Ele falou: “Tá de chuva, você viu, o sol está preto, é que tem uma nuvem carregada que está passando na frente dele.” ... eu acho que a criança criativa, ela é aquela criança que ela trabalha ... tudo que ela fez, ela tem uma razão pra ter feito aquilo (...) eu acho que criatividade ... é um ato de criar, tudo ... é a forma de falar ... de expressão ... até nos sentimentos a criança é criativa ... é um desenvolvimento ... do Eu, de forma criativa (...) a criatividade ... ela não é assim, um ato de criar de desenho ... a criatividade ela influencia em tudo. A criança ... que é criativa, ela usa a criatividade até pra fazer coisa errada, você pode ver que geralmente as crianças que fazem muita coisa errada, é usando a criatividade ... por isso que você tem que direcionar essa criatividade, que ela pode ser usada pra desenvolver um lado muito bom, mas também pra desenvolver um lado muito ruim ... é um ato de, é uma forma assim, de criar , é, usando todo o Eu da criança, a parte sentimental, né, a parte intelectual ... a parte motora, ele pode ser criativo usando todos os seus ‘eus’ ... todos os aspectos ... pode até ser um ato, dele mostrar, o que ele tem de melhor ... eu acho que ele expressa o que ele tem ... de melhor, através da criatividade . Você pode ver, uma criança que é criativa na parte ... de esportes ... ele, dentro do esporte, ele não faz só o trivial ... a criatividade está ligada a tudo, ao

desenvolvimento geral do ser humano, porque se você for ver, ele é criativo pra tudo (...) você tem que tomar cuidado pra não bloquear essa criatividade da criança ... Eu acho que chega a ser uma habilidade ... e, ... ninguém é criativo da mesma maneira ... por exemplo, nem sempre a minha parte criativa desenvolvida, é igual à sua. Às vezes a minha habilidade criativa é mais , na parte, motora, que eu vou passar desenhando ... às vezes, você, é na parte intelectual, então, você vai passar o que? Conversando, então, você vai desenvolver a sua habilidade criativa, através do dom, do processo intelectual da fala ... eu vou desenvolver isso numa parte motora, entendeu?”.

ELEMENTOS RELACIONADOS À CRIATIVIDADE:

A FASE MAIS CRIATIVA DA CRIANÇA:

“... eu tive ... a sorte de começar na escola particular na fase que eu acho assim, a mais criativa da criança, que é com quatro anos de idade, que é quando a criança sai da fase da garatuja e entra pra fase ... onde eles, eles acham que sabem tudo ... você vai ensinar as coisas, eles falam: “eu sei, eu já sei” ... eles não são criativos simplesmente ... no ato assim, de fazer uma lição, eles são criativos em tudo, você dá uma massinha pra criança, eles formam um mundo e eles dão vida àquele mundo ... tanto que na fase de quatro anos, a instrução para as professoras ... eu que coordeno, é escrever tudo que a criança fala ... Outro dia, um menininho, ele desenhava vários círculos, eu falei: “Nossa, que lindo, eu adorei ...”, né, mas você não fala o que é. “Nossa, eu achei lindo o seu desenho, maravilhoso!” Ele falou: “Você viu? Este disco voador pousou sobre este, sobre este, sobre este, sobre este e este daqui de cima, tem um homem, lá, ele estava descobrindo o segredo de todos os outros discos voadores!” Na verdade, ele fez o que? Ele fez assim,

como se fosse um caracol ... Eu poderia falar: “Você fez um caracol?”, né, eu falei: “Nossa, que lindo!”.

A CRIATIVIDADE DEVERIA SER MAIS VALORIZADA NA EDUCAÇÃO:

“Hoje, aos cinco anos, já quase se exige uma pré-alfabetização, então, a parte criativa da criança fica de lado ... quer dizer, se você tem quatro aulas num dia, às vezes tem uma atividade de Educação Física e três aulas são ... desenvolvimento da coordenação motora fina, né, é instrução ... deixa-se de lado a parte da criatividade (...) dentro ... da Educação, a criatividade deveria ser muito valorizada porque através da criatividade você consegue fazer todas as outras coisas, todas. Você pode usar de atividades criativas pra ... ensinar conceitos, ensinar matemática, português, tudo, tudo você pode usar ... mas ... se você for ver ... agora nas férias, eu fiz um ... curso de projeto pedagógico ... de um grupo de oito, professores ... todos são pós-graduados, né, você encontra três, que dão valor à criatividade, os outros não ... infelizmente hoje, professores bloqueiam essa criatividade, né, muitas escolas, quem fala: “aquela escola é fortíssima!” ... então, você já viu, três professores, eu e mais duas meninas, falamos que, eu acho que é, aí tem uma que falou: “eu não acho que é tão importante, que hoje em dia a vida é tão difícil, você já tem que ensinar pra criança, você tem que começar pela alfabetização ... hoje em dia, ... os pais bloqueiam muito essa parte e a escola, dependendo da escola, demais, demais, demais, demais (...) o professor, ele é um mediador do desenvolvimento da criatividade, porque tem criança que é muito criativo, mas ele não sabe expressar essa criatividade ... em crianças que apresentam ... alguns probleminhas ... eles são criativos, mas ... eles têm, tanto medo de errar, eles acham que eles são diferentes ... eles têm mais medo de errar do que os outros”.

PAIS BLOQUEIAM A CRIATIVIDADE DA CRIANÇA:

“... hoje em dia a gente questiona muito com os pais, que infelizmente os pais hoje, eles se empolgam muito e eles querem, é ver no filho, o que ele não foi ... Eles projetam todas as frustrações deles, no filho e é onde ... ele tira do filho a parte criativa ... hoje em dia, a criança ... ela vai fazer uma bagunça ... “Não pode! Você vai cair! E não sei o que que tem!”, sabe, então, muita coisa da criança deixa de ser desenvolvida por isso. Nós sentimos muito isso na escola, por exemplo, quando você está conversando com um pai que o filho é de outubro, novembro, ele fala: “Mas meu filho não vai atrasado pra escola”, às vezes, ele não tem maturidade nenhuma, é uma criança super criativa que deveria ficar mais um ano, na sua, idade correta ... mas o pai fala: “Não, eu vou atrasar um ano na vida do meu filho?”... uma criança que não tem maturidade e ela é forçada a adquirir, é uma maturidade forçada, que a gente fala, dentro da alfabetização, o que que afeta? A parte criativa. Você pode ver, ele faz tudo, o que tem que ser feito, só que ele não gosta mais de desenhar, ele não gosta mais de pintar, ele não gosta mais de trabalhos manuais ... porque essa fase foi cortada, ele foi impedido ...”.

EM ÉPOCAS DIFERENTES, CRIANÇAS SÃO CRIATIVAS DE MANEIRA DIFERENTE:

“... hoje em dia, muito mais do que no nosso tempo, eu acho, nós éramos criativos de maneira diferente, por exemplo, ... pra brincar, a gente não tinha brinquedo, então, o que é que a gente fazia? Usava a criatividade, a gente criava brinquedos ... eu confeccionava vestidos, com folhas ... e bico de pato, aquele espinho e fazia fazendas pra fazer as roupas ... Hoje em dia, as crianças ... vão muito ao teatro, ao cinema, né, passeiam em parques, então, o nível de criatividade deles é muito

grande. Você vê quando dá um 'Lego' pra uma criança, “Nossa!”, eles trabalham muito, muito, muito, muito.”

A CRIANÇA É BEM MAIS CRIATIVA QUE O ADULTO:

“... a criança é bem mais criativa que o adulto, porque o adulto ... ele se torna mais assim, encabulado, ele tem muito medo de errar, ele se torna mais crítico ... o adulto é cheio de medos, né? Às vezes, você vai numa festa, todo mundo está dançando ... você morre de vontade de ir lá no meio, mas o que que não deixa, o teu senso de ridículo, você fala: “ah, não, eu não vou me expor ao ridículo!” Às vezes, não, às vezes você vai lá e vai dar um ‘show’, mas não ... a criança é muito mais criativa que o adulto ... o adulto ... ele não deixa aflorar a criatividade dele ... ele saiu da criança, ele acha que ele não tem que ser mais criativo”.

PRA ACONTECER A CRIATIVIDADE TEM QUE TER LIBERDADE DE EXPRESSÃO:

“Pra ... acontecer a criatividade tem que ter uma liberdade de expressão, por exemplo eu pego você e falo assim: “Eu quero que você me faça uma peça de teatro, mas você não pode pular, você não pode picar nada aqui, você não pode sujar o chão, entendeu?” Então, quer dizer ... eu não posso limitar você, a tua criatividade não tem limite, então, quer dizer, a partir do momento que eu estou te limitando, eu estou cortando a tua criatividade. A mesma coisa, eu chego pra professora de teatro e falo: “Olha, eu quero que você faça um trabalho com as mães, mas pôr favor, não se exalte, não fique dando pulinhos, não quero que dance, não quero que não sei que tem, que criatividade que vai ter? Nenhuma. (...) a criatividade é assim, você pode se tornar cada vez mais criativo ... eu hoje, eu sou muito mais criativa hoje, do que

quando eu era pequena, então, porque ... é, você convive com outras coisas, né, você vê novos horizontes, né, e às vezes, não, você vive assim, ... como fala assim, num habitat, onde as coisas são sempre as mesmas ... você não tem tanta, é, não desenvolve tanto.”

V. DA ENTREVISTA COM O ADMINISTRADOR DE EMPRESAS (JUCA) OU UMA VISÃO QUE DERIVA DO CONTEXTO EMPRESARIAL:

O Entrevistado é Administrador de Empresas e trabalha como Consultor de Qualidade. Daí procurar no seu modo de ser e expressão, uma relação mais prática e objetiva. Refere uma abordagem da realidade que respeita muito os limites existentes e mantém a incógnita sobre a criatividade inovadora.

O CONCEITO DADO:

“ ... (criatividade) eu acho que seria ... uma imaginação pessoal ... essa imaginação pessoal, eu vejo da seguinte maneira, às vezes é, surge de uma hora para outra, mas às vezes, com um toque de alguém, com a palavra de alguém que toca o assunto, você desperta encima daquilo e desenvolve até mais ... O pessoal que eu falo, é uma coisa que, só ele pensa daquele jeito aquela, aquela coisa ... É uma coisa individualizada, muito própria da pessoa ... Essa imaginação pessoal que eu falo, seria, digamos assim, já existe algo numa empresa ... na parte de sistemas, digamos, aí, sem querer eu estou lendo uma revista, sei lá, ... vem aquele negócio, sabe, vem na minha cabeça o que tem que ser aperfeiçoado, vem aquela imaginação, encima daquilo eu começo a trabalhar à nível de aperfeiçoamento, apesar de muitas vezes, já vem o primeiro passo, né, tem aquele ditado: “nada se cria tudo se copia” ...no mercado hoje, capitalista, o pessoal fala muito isso ... tudo que se fala: “ah, isso é novo” ... mas já tinha algo semelhante, que foi aperfeiçoado ... eu concordo. Acho que hoje, está mais à nível assim, de aperfeiçoamento do que de criar algo novo. Se a gente pegar, você pode tentar dar um exemplo de uma coisa que é nova, que não existia, se nós formos levar isso para o bem profundo, já existia uma coisa que era semelhante, que é uma modificação daquilo que foi aperfeiçoado ... agora, se for para o passado,

com certeza foi criado ... mas é lógico, nessa imaginação entram os meus conhecimentos que eu vejo acontecer no mercado à nível de jornais, revistas, livros, literatura em geral ... eu acho que isso é pessoal, tá, mas sempre está voltado para uma necessidade, porque quando vem uma imaginação pra ele, já passou uma necessidade que ele julga que a sociedade já, talvez nem perceba isso, mas ele acha que há uma necessidade ... criatividade do ser humano está à nível assim, da curiosidade dele, a necessidade dele, busca esse desenvolvimento, principalmente a necessidade. Eu acho que tudo que nós temos hoje, é devido a nós termos tido uma necessidade. (...) a criatividade oficialmente não tem hora, não tem data, não tem nada, é de uma hora para outra, até quando bate uma necessidade, você busca tentar melhorar aquilo, sabe, e no meu ver, do jeito que está no meu ver, é mais aperfeiçoamento. No mundo hoje em dia, está mais aperfeiçoamento ... você vê, o trabalho que eu faço hoje em dia ... eu até falo: “é a O&M aperfeiçoado, é a Organização e Métodos aperfeiçoado”, é que surgiu na Inglaterra ... foi expandindo, mas ... oitenta pôr cento é O&M, isso ... os consultores antigos de mais idade, considerados assim, de Qualidade, eram todos gerentes de O&M. (...) eu acho que a criatividade ela pode ser, tanto assim, do interesse financeiro, sabe, do emotivo, sabe, da curiosidade ... essa coisa que é espon..., surge de uma hora para outra ... eu não saberia te explicar, porque às vezes, sem querer, sei lá, pinta aquela luz, aquele negócio, eu acho que isso aí, vem até, sabe, do ser humano mesmo, uma coisa espontânea que surgiu de uma hora para outra ... seria da natureza, mesmo.”

ELEMENTOS RELACIONADOS À CRIATIVIDADE:

TODO MUNDO TEM CRIATIVIDADE:

“Eu acho que todo mundo tem criatividade ... porém uma criatividade que uma pessoa acha que é uma coisa fenomenal, para mim

já não é uma criatividade fenomenal ... pra ela já é, ou pra uma outra pessoa já é ...há pessoas com níveis sociais e culturais diferentes ... às vezes esse que é considerado com nível baixo, tem uma criatividade assim, ... ele tem um potencial, porém não teve oportunidade ou tem algum bloqueio encima dele que inibe ... às vezes você pode até deixar uma pessoa, tentar que ela fique bem solta, para ver se sai alguma coisa, mas, porém, sei lá, ela não consegue ... não é que vai fazer, ... ela coloca aquela criatividade para fora, às vezes ela já tinha aquilo e não expressava achando que era banal e a gente dá oportunidade e ela relata aquilo ... (todo mundo tem um potencial) Que às vezes se manifesta e às vezes não ... a criatividade pode existir em qualquer classe cultural, tá, mas ... se for tratar uma criatividade voltada mais para um aperfeiçoamento, aqueles que têm conhecimentos científicos têm a probabilidade bem maior ... seria uma criatividade, mesmo, de uma coisa que não existe mesmo ... que a gente pudesse chamar de original”.

O TRABALHO EM GRUPO FAVORECE A CRIATIVIDADE:

“... eu vejo que quando eu estou trabalhando em equipe, sabe, o tempo para chegar naquele objetivo é mais rápido. Porque eu tenho aquela idéia de três, duas cabeças pensando, são três, tá? ... têm pessoas que usam melhor o seu conhecimento se estão pensando com outra ... Porque quando eu estou em equipe, quando eu começo a fazer os jogos de perguntas, qual que ele acha que é o problema, de um e de outro, dá pra fazer uma análise ali, praticamente ao mesmo tempo, tá, e com as pessoas que participam do problema que ele jogou pra você, que às vezes nem é problema, mas eles acham que é problema”.

PROFISSIONAIS NÃO ACOMODADOS E CURIOSOS PROMOVEM MAIS O APERFEIÇOAMENTO:

“... aqueles que buscam aperfeiçoar aquilo que já existe dentro da empresa, tem outros não, tem gerentes que está o feijão com arroz, deixa ali o feijão com arroz e se acomoda, outros não, e geralmente, são profissionais mais novos. Os profissionais mais novos têm garra, sei lá, buscam a melhoria ... digo a maioria, tá. Os mais antigos geralmente são mais acomodados, isso eu vejo quando eu aplico treinamento nas empresas. O retorno quando eu trabalho com gerentes mais jovens é bem maior e mais rápido, no geral. Tem outros antigos que dão um resultado excelente, mas no geral, o pessoal mais jovem dão um retorno maior, viu, não sei se à nível de curiosidade também ... Eu acho que ele, querer mostrar, “bom, se isso daí dá, vou tentar trabalhar”, todo mundo trabalha desse jeito, vou tentar, sabe, curioso, estar mexendo, ver o que ele pode melhorar ... não que o pessoal mais velho não tenha criatividade. Eu acho que como os jovens são mais curiosos, às vezes ajudam um aperfeiçoamento que eu julgo ser criatividade também, tá? ... o jovem, sei lá, devido à curiosidade dele ajuda”.

A RELAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E DA QUALIDADE NA CRIATIVIDADE:

“Eu acho assim, a criatividade, ela surge, geralmente para melhorar, pode até você criar uma coisa que vai fazer mal para o ser humano, tá, mas a idéia geralmente não foi essa, foi pensando na sua auto-defesa, mas sem pensar que ia machucar o outro. Mas a criatividade, sabe, sempre vem para sanar uma necessidade, alguma coisa que haja necessidade na sociedade. E a qualidade, vem para, ajuda, para inteirar isso daí, para que faça aquilo melhor, para que atenda

aquilo, aquela necessidade, assim, digamos ... se eu tenho um carro, hoje, que me leva até um lugar ... eu vou pôr um ar condicionado, vou pôr tudo que me leve a um maior conforto, mas vou chegar a um mesmo objetivo ... a criatividade está dentro, eu acho que estão juntos ... (a organização) ... para ocorrer a qualidade, tem que ter organização, se não tiver organização, não dá pra você implantar uma qualidade. Se eu vou fabricar esse carro com qualidade, se não tiver organização, ali, para que ele seja montado à nível do que foi planejado, é porque aquela qualidade não existe ... Eu posso ter a criatividade, imagino, eu criei isso daqui, agora, eu vou colocar isso em prática, eu vou constituir isso daí, eu preciso de uma organização, que automaticamente vai ter que entrar a qualidade”.

A URGÊNCIA DO TEMPO NA CRIATIVIDADE:

“O tempo, é você atender aquela necessidade que a sociedade precisa, mais rápido que alguém, chegar na frente de alguém ... (o tempo é importante) No mundo capitalista ... Aquele que aperfeiçoar ou criar ... mais rápido ... porque ... é, competitividade ... então, o interesse, a ganância do ser humano leva a aperfeiçoar ou criar mais rápido alguma coisa. Acho que (para) um próprio interesse, um certo destaque pessoal, ou mesmo grana ... você já faz pensando pra tirar um proveito. Na verdade vai atender a minha necessidade financeira e não aquilo que eu estou julgando ser que é o invento ... eu vejo muito pessoal assim, sabe, que descobre vacina. Laboratório não está interessado em inventar aquilo porque ele quer pegar aquele conheci... para se proteger, ele está mais interessado em ganhar dinheiro com aquilo ...”.

ANEXO C

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA “O Processo Criativo Polifônico – Experiências com Artistas e Escritores” de Diane T. Marsh e Judith Vollmer, 1991.

“Os sujeitos foram solicitados a responder por escrito as seguintes questões:

- 1- Como você descreveria seu próprio processo criativo? Por exemplo, o que motiva você a criar e quais são suas experiências durante e após a atividade criativa?
- 2- Quais das suas próprias necessidades psicológicas são encontradas durante o processo criativo? Por exemplo, o processo permite a você retratar um mundo interior, impedindo a depressão, ou atingindo um grau de condição e controle não possível no mundo exterior?
- 3- Tem sido sugerido que uma função central da atividade criativa é aumentar a compreensão e domínio de artistas sobre a realidade. Até que ponto isto tem sido sua experiência?
- 4- Muitos escritores têm notado a similaridade entre atividade criativa e jogo imaginativo. Ambos lidam com um mundo de fantasia que é coberto de energia e emoção e é levado muito à sério. Até que ponto você sente que sua atividade criativa é similar ao jogo imaginativo?
- 5- Tem sido sugerido que a atividade criativa permite aos artistas construir uma ponte entre o “autístico”, mundo subjetivo do indivíduo isolado e o “realístico”, compartilhado, mundo exterior. Esta esfera “transicional” entre realidade interior e exterior tem sido chamada o mundo “ilusionístico” do artista, caracterizado pelos processos imaginativos que são compartilháveis. Até que ponto você sente que ocupa este território transicional ou ilusionístico quando

você cria, ou que seus trabalhos cumprem tal como uma ponte entre a realidade interior e exterior?

- 6- Trabalhos de arte frequentemente levam uma marca de individualidade. Até que ponto seus próprios trabalhos refletem sua singularidade e senso de identidade e quão importante tem sido isso para você?
- 7- Muitos artistas têm descrito a criatividade como uma jornada de auto-descoberta. Por exemplo, T.S. Eliot escreveu que “o poeta não sabe como o que ele tem para dizer até que ele o tenha dito”. E Vincent van Gogh escreveu para seu irmão, “ ‘Eu sou um artista’ ... significa ‘Eu estou buscando’.” Até que ponto seu próprio trabalho criativo tem representado uma busca de auto-descoberta?
- 8- Psicólogos têm apontado a presença de ambos processo de pensamento “primário” e “secundário” na criatividade. O processo primário é emocional, intuitivo, primitivo e holístico, enquanto o processo secundário é intelectual, lógico, racional e analítico. Até que ponto você sente suas próprias emoções e/ou intelecto serem importantes em seu trabalho criativo? Você sente que eles operam separadamente ou de uma maneira integrada?
- 9- Até que ponto você prefere criar e até que ponto você sente compelido a criar?
- 10- Muito tem sido feito do sofrimento, esgotamento e bloqueios que acompanham o processo criativo. Até que ponto sua própria atividade criativa é acompanhada por frustração e angústia?
- 11- O ponto de vista de Freud era que a criatividade seria essencialmente “sublimação”, um esforço para satisfazer os impulsos instintivos inconscientes (ex. sexual e agressivo). Ele considerava ser a atividade artística uma forma de “satisfação de desejo” semelhante ao sonho. Até que ponto esta visão é consistente com sua própria experiência?

- 12- Langer afirmou que trabalhos de arte são representações simbólicas da vida emocional de seres humanos. Até que ponto você sente que esta é uma descrição precisa de seu trabalho?
- 13- May escreveu que o artista e o neurótico compartilham uma sensibilidade e consciência incrementadas. Entretanto, o artista é capaz de canalizar o conhecimento produtivamente para a arte, enquanto o neurótico não. Esta visão é compatível com sua própria experiência?
- 14- Têm sido dito que nós somos todos “egoss divididos”. Por exemplo, Jung enfatizou a diferenciação de muitos componentes de personalidade que devem preceder a realização da integração verdadeira. Até que ponto sua criatividade promove diferenciação e integração?
- 15- Por favor, sinta-se à vontade para acrescentar qualquer coisa que possa nos ajudar a entender seu processo criativo, incluindo algum trabalho completo ou incompleto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.S. **Psicologia da Criatividade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

_____ (1990) **Como Desenvolver o Potencial Criador: Um guia para a liberação da criatividade em sala de aula**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1992.

BARDIN, L. (1977) **Análise de Conteúdo**. Trad. Augusto Pinheiro e Luís Antero Reto, Lisboa, Edições 70, 1995.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Toward a Psychology of optimal experience. **Annual Review of Psychology and Social Psychology**. vol.3, p.13-36, 1982.

CROCKFORD, M.; KENT, G.; STEWART, N. Play Friendily and Safe: A therapeutic group model for young children (5-8 years old) who have witnessed wife assault. **Journal of Children and Youth Care**, vol.8, n.3, p.77-86, 1993.

DE LA TORRE, S. **Creatividad y Formación: Identificación, Diseño y Evaluación**. México, Editorial Trillas, 1997.

FAUTEUX, K. Beyond unity: Religious experience, creativity, and psychology. **Journal of the American Academy of Psychoanalysis**, vol.23, n.4, p.619-634, 1995.

_____ Beyond unity: Religious experience, creativity and psychology. **Journal of Psychology and Christianity**, vol.14, n.1, p.58-65, 1995.

_____ Regression and reparation in religious experience and creativity. **Psychoanalysis and Contemporary Thought**, vol.18, n.1, p.33-52, 1995.

GARDNER, H. **Mentes que Criam: Uma anatomia da Criatividade Observada Através das Vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi** (1993). Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1996.

GOODWIN, A. Authentic movement: From embryonic curl to cretive thrust. **Journal of Creative Behavior**, vol.26, n.4, p.273-281, 1992.

- GRUBER, E.J.; MCNINCH, G.W. Young children's interpretations of coloring activities. **Journal of Instructional Psychology**, vol.21, n.4, p.347-350, 1994.
- GUILFORD, J.P. (1960) **The nature of human intelligence**. Nova Iorque, McGraw-Hill, 1967.
- KNELLER, G.F. (1965) **Arte e Ciência da Criatividade**. Trad. José Reis, São Paulo, Ibrasa, 1987.
- KUHNS, R. Loss and creativity: Notes on Winnicott and nineteenth-century American poets. Special Issue: Illusion and culture: A tribute to Winnicott. **Psychoanalytic Review**, vol.79, n.2, p.197-208, 1992.
- LUZ, R. O Espaço Potencial: Winnicott. São Paulo. **Percurso – Revista de Psicanálise**, vol.2, n.3-2, p.25-32, 1989.
- _____. Winnicott e a Experiência Artística. São Paulo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol.24, n.2, p.179-190, 1990.
- MACKINNON, D.W. The nature and nurture of creative talent. In: Pipple, R.E. **Learning and Human Abilities: Educacional Psychology**. Nova Iorque, Harper & Row, 1964.
- MARSH, D.; VOLLMER, J. The Polyphonic Creative Process: Experiences of Artists and Writers. Pittsburgh University, Greenburg. **The Journal of Creative Behavior**, vol.25, n.2, p.106-115, 1991.
- MEYER, L. O que faz fracassar uma formação? **Percurso – Revista de Psicanálise**, vol.7, n.12-1, p.83-88, 1994.
- MILLER, M.C. Winnicott unbound: The fiction of Philip Roth and the sharing of potential space. **International Review of Psycho Analysis**, vol.19, n.4, p.445-456, 1992.
- MINAYO, M.C.deS. (1992) **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, São Paulo-Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 1996.
- MINSKY, R. Reaching beyond denial sigh and in sigh a way forward? **Free-Associations Journal**, vol.5, n.35-3, p.326-351, 1994.

- NOVAES, M.H. **Psicologia da Criatividade**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- OSBORN, A.F. **O poder criador da mente: princípios e processos do pensamento criador e do Brainstorming**. Trad. E. Jacy Monteiro. São Paulo, Ibrasa, 1987.
- ROSSEEL, E.; VAN-ENGELAND, E. Stuck to one's self: Self-constructive and self-destructive aspects of self-observation: With a comment on Pessoa and Rilke. **Communication and Cognition Journal**, vol.24, n.3-4, p.359-387, 1991.
- SHALLCROSS, D.J. (1981) **Teaching creative Behavior**. Nova Iorque, Bearly Limited, 1985.
- SHAW, M.P. The eureka process: A structure for the creative experience in science and engineering. **Creativity Research Journal**, vol.2, n.4, p.286-298, 1989.
- TAYLOR, C.W., org. **Criatividade: progresso e potencial**. Trad. José Reis. São Paulo, Ibrasa / EDUSP, 1964.
- TREDER-WOLFF, J. Affecting attitudes: Music therapy in addictions treatment. **Music Therapy Perspectives Journal**. vol.8, p.67-71, 1990.
- TORRANCE, E.P. **Criatividade**. Trad. Aydano Arruda. São Paulo, Ibrasa, 1976.
- WECHSLER, S.M. **Criatividade: Descobrindo e Encorajando**. Campinas, Editorial Psy, 1993.
- WEISBERG, I. The facilitating or inhibiting environment, maternal and psychoanalytic: D. W. Winnicott. **International Journal of Communicative Psychoanalysis & Psychotherapy**, vol.9, n.4, p.113-119, 1994.
- WINNICOTT, D.W. (1965) **A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo**. Trad. Jane Corrêa. Belo Horizonte, Ineterlivros Editora, 1980.

(1988) **Natureza Humana.** Trad. Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1990.

(1971) **O Brincar e a Realidade.** Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise. Trad. Russo, J. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1993.

(1986) **Tudo Começa em Casa.** Trad. Cavaleiro, M.E.H. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1989.